

No Mundo do *PÚBLICO*
A comunicação de política internacional em tradução

Ana Raquel da Silva Grilo

Relatório de Estágio de Mestrado em Tradução

Área de Especialização em Inglês

No Mundo do PÚBLICO – A
comunicação de política internacional
em tradução, Ana Raquel da Silva
Grilo, 2019

Maio de 2019

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Tradução realizado sob a orientação científica da Prof^a
Doutora Iolanda Ramos e da Prof.^a Doutora Susana Valdez.

Aos meus Pais

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus Pais por tornarem possível a concretização deste objetivo. Por todo o apoio, ajuda incondicional e pelo investimento financeiro na minha educação. Agradeço por todos os esforços mesmo quando os dias estavam cinzentos, por toda a ajuda que me deram ao longo desta fase e em todo o meu percurso académico. Agradeço também pelas palavras de força e incentivo para a conclusão deste Mestrado que visa terminar o ciclo de todo o meu percurso académico e por todo o tempo que disponibilizaram para me ajudar na concretização deste objetivo de vida. É a eles que dedico o meu maior agradecimento e a minha gratidão.

À minha pequena fiel companheira Bianca, pela companhia de todas as horas e em especial pelas diretas.

Agradeço a todos os meus familiares pelo apoio, compreensão das ausências e pelo mau humor que suportaram durante os meses de estágio e elaboração deste relatório. Um obrigado em especial aos meus Avós: Conceição, Alice e António que me apoiaram financeiramente e permitiram que este objetivo se concretizasse.

Agradeço aos meus Tios: Carla, Tita, Célia e João e à minha madrinha Paula que desde sempre fizeram questão de acompanhar de perto todo o meu percurso académico e que de uma forma ou de outra contribuíram na realização dos meus objetivos pessoais e académicos.

Aos meus restantes familiares e amigos, agradeço por nunca me terem deixado desistir. Por me ajudarem a concretizar este objetivo, caminharem sempre a meu lado nesta aventura e permitirem que chegasse até aqui, a todos eles um grande obrigado: Catarina, Joana, Flávio, Renato, Débora, Susana, Sofia, Ana, Flávio Reis, Luís, Mila, Tó, Bia, Zé, Teresa, Mónica, Lete, Ventura e a todos os outros que indireta ou indiretamente fizeram parte deste percurso.

Agradeço ao meu namorado pela compreensão das ausências, por ter suportado todo o *stress* e por nunca me ter deixado desistir, deste que foi o meu maior objetivo académico. Por toda a força, incentivo, por acreditar em mim e nas minhas capacidades, pela ajuda e tempo que disponibilizou durante a realização deste relatório. Por tudo isto, obrigada.

Agradeço também às minhas colegas de Mestrado a quem hoje posso chamar de amigas. Por todos os momentos difíceis em que nos apoiámos, por todas as risadas e partilhas de alegria nos bons momentos: à Sara por toda a ajuda e amizade, à Gi pela energia positiva e por todas as palavras de conforto.

Agradeço à professora Iolanda Ramos e à professora Susana Valdez por terem aceite orientar este relatório, por toda a ajuda, tempo, dedicação que me deram e por todos os conhecimentos que me transmitiram sobre a profissão que escolhi. Agradeço também a todos os outros docentes de Mestrado em Tradução da Universidade Nova de Lisboa.

Agradeço ao PÚBLICO por ter permitido que estagiasse no jornal, à Ana Gomes Ferreira por ter aceite ser a minha orientadora de estágio, por todos os ensinamentos e ajuda que me deu. Agradeço também à Clara Barata; António Lima; Maria João Guimarães; Manuel Louro, Alexandre Martins; Sofia Lorena e João Ruela, Catarina Moura e Isabel Anselmo, à Daniela pela companhia ao almoço, à Ana pelas dicas que me deu e a todos os restantes colegas e profissionais com quem me cruzei na redação.

A todos vocês, Obrigado.

**NO MUNDO DO *PÚBLICO* — A COMUNICAÇÃO DE POLÍTICA
INTERNACIONAL EM TRADUÇÃO**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO EM TRADUÇÃO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO EM INGLÊS**

ANA RAQUEL DA SILVA GRILO

RESUMO

Este relatório visa responder à premissa de que um tradutor, além de ser um mediador de línguas e culturas, é um mediador de comunicação política na área das Relações Internacionais.

Foram analisados os títulos e temas gerais de 31 traduções levadas a cabo durante o estágio. Essa análise permitiu ter a percepção da tipologia dos assuntos políticos traduzidos no jornal PÚBLICO durante os três meses de estágio.

Concluiu-se que o tradutor jornalístico trabalha com assuntos de vários tipos de política. O trabalho de um tradutor jornalístico permite-lhe mediar a informação recebida além de lhe possibilitar informar, alterar percepções, opiniões e perspectivas do público de chegada sobre assuntos internos e internacionais, que vão provocar tomadas de posição da sociedade alusivas à cooperação e convivência entre Estados.

PALAVRAS-CHAVE: tradução jornalística, comunicação jornalística, texto político, política internacional, teoria funcionalista.

**IN THE WORLD OF THE *PUBLIC* — COMMUNICATION OF
INTERNATIONAL POLITICS IN TRANSLATION**

**REPORT OF MASTER'S DEGREE IN TRANSLATION
SPECIALIZATION AREA IN ENGLISH**

ANA RAQUEL DA SILVA GRILO

ABSTRACT

This report aims to argue that a journalistic translator, not only is a mediator of languages and cultures, but also a mediator of political communication in the field of International Relations.

The titles and general themes of 31 translations carried out during the internship were analyzed to understand what type of political issues are translated at the newspaper PÚBLICO. It was concluded that the journalistic translator works with subjects of different types of politics. The work of a journalistic translator beyond solely the mediation of information received by a ST to a TT, as it enables the translator to inform and change perceptions, opinions and perspectives of the target public on internal and international subjects, which will allow the societies to take a position in cooperation and coexistence between states. Communication and international politics have a major impact on how societies correlate. The information that circulates between countries around the world is given by the journalists and journalistic translators as well.

KEYWORDS: journalistic translation, journalistic communication, political text, international politics, functionalist approach.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

ASEAN: Associação de Nações do Sudeste Asiático

ATM: Caixa eletrónica

TAC: Tradução Assistida por Computador

CC: Cultura de chegada

CENI: Comissão Eleitoral Nacional Independente

CIA: Agência Central de Inteligência

CP: Cultura de partida

CRG: Grupo de pesquisa do Congo

DEA: Administração de Controlo de Drogas

ECIDE: Compromisso pela Cidadania e o Desenvolvimento.

FBI: Agência Federal de Investigação

FMI: Fundo Monetário Internacional

ILGA: Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero

IMA: Associação Médica de Israel

LC: Língua de chegada

LGBTI: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais ou Transgéneros e Intersexuais

LP: Língua de partida

NATO: Organização do Tratado do Atlântico Norte

NSHR: Sociedade Nacional pelos Direitos Humanos

OI: Organizações Internacionais

OIG: Organização Intergovernamental

OIM: Organização Internacional para as Migrações

ONG: Organizações não Governamentais

ONU: Organização das Nações Unidas

PPRD: Partido Popular pela Reconstrução e Democracia

RPMC: Real Polícia Montada do Canadá

FDS: Forças Democráticas da Síria

TC: Texto de chegada

TIC: Tecnologias da informação e comunicação

TP: Texto de partida

UDPS: União para a Democracia e Progresso Social

UE: União Europeia

UNC: União para a Nação Congolesa

VPN: Rede Particular Virtual

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Capa da primeira edição do jornal PÚBLICO de 1990	4
Figura 2: Perguntas do modelo pré-translativo de Nord de 1997.....	29
Figura 3: Proposta de exigências base da tradução jornalística	47
Figura 4: Notícia número 1 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.....	83
Figura 5: Notícia número 7 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.....	84
Figura 6: Notícia número 3 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.....	85
Figura 7: Notícia número 6 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.....	86
Figura 8: Continuação da notícia número 7	87
Figura 9: Notícia número 20 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.....	88
Figura 10: Continuação da notícia número 20	89
Figura 11: Notícia número 2 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.....	90
Figura 12: Notícia número 28 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.....	91

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Organização das secções na versão online.....	7
Tabela 2: Organização dos Suplementos na versão online	8
Tabela 3: Caraterísticas do tipo de tradução documental.....	27
Tabela 4: Caraterísticas do tipo de tradução instrumental	27
Tabela 5: Número de textos traduzidos para cada secção.....	36
Tabela 6: Título do TP e explicitação do tema geral.	43
Tabela 7: Apresentação dos textos traduzidos ao longo do estágio, respetivas secções e hiperligação direta aos TC.....	74
Tabela 8: Título dos TP e dos TC com respetivo número de palavras.	80
Tabela 9: Sugestões de tradução da estagiária com hiperligação direta.	82

ÍNDICE

Lista de Siglas e Abreviaturas	i
Lista de Figuras.....	iii
Lista de de Tabelas.....	iv
Introdução.....	1
Capítulo 1: O jornal PÚBLICO e a tradução em contexto jornalístico	4
1.1. O jornal PÚBLICO	4
1.1.1. As edições do PÚBLICO	4
1.1.2. Os formatos do PÚBLICO: as secções e os suplementos.....	5
1.1.3. A dinâmica diária na redação do PÚBLICO	8
1.1.4. O Livro de Estilo e o Estatuto Editorial do PÚBLICO.....	9
1.2. A tradução em contexto jornalístico	10
1.2.1. O <i>Modus operandi</i> do tradutor em contexto jornalístico	15
1.2.2. Apresentação das tipologias de texto trabalhadas	17
1.2.3. Principais problemas de tradução dos textos jornalísticos traduzidos ao longo do estágio e as suas soluções	19
Capítulo 2: Princípios teóricos e abordagens concetuais aplicados à tradução jornalística	24
2.1. A teoria de Skopos de Hans Vermeer e Katharina Reiss (1984), aplicada à tradução jornalística.....	24
2.2. A teoria funcionalista de Christiane Nord (1988-1991, 1997) aplicada à tradução jornalística.....	26
2.3 A comunicação do texto político	29
Capítulo 3: Análise da influência da análise da tradução jornalística nas Relações Internacionais.....	36

3.1 A responsabilidade do tradutor enquanto mediador de textos noticiosos no contexto internacional.....	36
3.2. Considerações Finais	46
Conclusão	48
Referências Bibliográficas	52
Anexos.....	60
Anexo A: Estatuto Editorial.....	60
Anexo B: Ficha Técnica do PÚBLICO	62
Anexo C: Apresentação da Tabela número 7	67
Anexo D: Apresentação da Tabela número 8	75
Anexo E: Apresentação da Tabela número 9.....	81
Anexo F: Figuras de Traduções de Notícias Publicadas na Versão Impressa	83
Anexo G: Textos de Partida.....	92
Anexo H: Textos de Chegada (Editados)	167

INTRODUÇÃO

O presente relatório versa sobre o estágio curricular como proposta para a conclusão do Mestrado em Tradução, área de especialização em Inglês, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O estágio decorreu no jornal PÚBLICO e teve a duração total de 400 horas, num período de 3 meses com início a 5 de novembro de 2018 e fim a 5 de fevereiro de 2019.

Este relatório debruça-se sobre a comunicação de política internacional na tradução e visa responder à premissa de que o tradutor jornalístico encarna o papel de mediador político.

É importante abordar o papel do tradutor jornalístico enquanto mediador de política pela necessidade da existência de mais estudos teóricos e práticos nesse sentido, que se comprovou serem escassos durante as pesquisas para elaboração deste relatório. O tradutor jornalístico é dotado de novas técnicas e metodologias neste tipo de tradução que ainda são pouco abordadas a nível teórico, além de desempenhar um papel quase invisível numa redação, como se comprovou através do estágio no PÚBLICO. É imperativo dar maior visibilidade ao papel do tradutor na sociedade e compreender que o seu trabalho de forma alguma pretende substituir o dos jornalistas. O tradutor jornalístico possui competências tradutórias que lhe permitem, em conjunto com o jornalista, construir um melhor produto final.

Os estudos sobre esta área carecem de abordagens técnicas e metodológicas que acompanhem as inovações tecnológicas inseridas nas sociedades contemporâneas. É pertinente tratar um tema que está inserido na tradução jornalística quando existe uma demanda acentuada de traduções desencadeada pela globalização (Pym, 2006, s.p.). Cabe ao tradutor jornalístico mediar a informação que recebe de uma língua e cultura de partida para uma língua e cultura de chegada. Os meios de comunicação possuem o poder de modificar a perceção que as sociedades têm sobre os distintos Estados à escala global. O tradutor jornalístico acaba por ser, do mesmo modo, tão poderoso quanto os meios de comunicação.

O presente relatório é composto por três capítulos. O capítulo 1 procura caracterizar o jornal PÚBLICO como local de estágio e analisa a tradução em contexto jornalístico.

Fazem parte deste primeiro capítulo 9 subcapítulos, entre os quais: o 1.1. que descreve o local de estágio, o subcapítulo 1.1.1. debruça-se sobre as edições do PÚBLICO, o 1.1.2., aborda os formatos do PÚBLICO, as secções e os suplementos, o 1.1.3. analisa a dinâmica diária na redação do PÚBLICO, no 1.1.4. faz-se referência ao Livro de Estilo e ao Estatuto Editorial do PÚBLICO, o ponto 1.2. trata a tradução jornalística, o 1.2.1. foca-se no *Modus operandi* do tradutor em contexto jornalístico, o 1.2.2. apresenta as tipologias de texto trabalhadas ao longo do estágio. Por fim, o subcapítulo 1.2.3. debruça-se sobre os principais problemas¹ de tradução dos textos jornalísticos trabalhados ao longo do estágio e as suas soluções.

O capítulo 2 centra-se na aplicação da teoria funcionalista à tradução jornalística. Este capítulo é composto pelos subcapítulos 2.1. A teoria de *skopos* de Hans Vermeer e Katharina Reiss (1984), aplicada à tradução jornalística; 2.2. A teoria funcionalista de Christiane Nord (1989-1991, 1997) aplicada à tradução jornalística e 2.3. A comunicação do texto político.

O capítulo 3 versa sobre o objetivo principal deste relatório, intitulado “No Mundo do PÚBLICO — a comunicação de política internacional em tradução”, procurando responder à premissa do título deste relatório de estágio, justificado pela experiência dos três meses de trabalho na redação do jornal PÚBLICO. O capítulo 3. é composto por uma introdução que resume os objetivos deste último capítulo, pelo subcapítulo 3.1. A responsabilidade do tradutor enquanto mediador de textos noticiosos no contexto internacional e pelo 3.2., composto pelas considerações finais deste capítulo.

Um tradutor é um mediador quer de línguas, quer de culturas e na qualidade de comunicador de política encara desafios de tradução associados às temáticas na esfera das Relações Internacionais. Estes desafios foram provocados sobretudo pela evolução das novas tecnologias e da Internet que, por sua vez, estão relacionados com a globalização como supramencionado (Costa, 2013, pp. 14-18).

A globalização e as suas aparentes repercussões negativas, como a possível redução da necessidade das traduções devido à existência de uma língua comum (o inglês como

¹ Problema é uma questão objetiva que mesmo sendo indetificada e ultrapassada não deixa de ser um problema. Por outro lado, uma dificuldade é uma questão subjetiva passível de resolução absoluta (Nord, 1994, p.100).

língua franca), não deve inquietar os tradutores, na medida em que não devem colocar em causa uma possível ausência da necessidade do seu trabalho como tradutor (Pym, 2006, s.p.). Os tradutores devem adaptar-se à nova conjuntura e necessidades mundiais, além de criarem novas perspectivas e metodologias de trabalho para se tornarem mais visíveis. Esta nova conjuntura fez com que os tradutores desenvolvessem novas teorias que se adaptam ao desenvolvimento interno e externo do local onde produzem os seus textos.

Nos anexos deste relatório encontram-se os textos de partida e os textos publicados durante o período de estágio além do estatuto editorial, ficha técnica e figuras alusivas à publicação das traduções na versão impressa do jornal PÚBLICO.

Por último, este relatório visa continuar a desenvolver o trabalho realizado nos relatórios e dissertações de colegas das áreas de tradução e jornalismo, como, por exemplo, Ferreira, J. (2013), Ferreira, F. (2015), Cruz (2018), Robert (2018) entre outros.

CAPÍTULO 1: O JORNAL PÚBLICO E A TRADUÇÃO EM CONTEXTO JORNALÍSTICO

Este capítulo versa fazer uma descrição do jornal PÚBLICO como local de estágio. Inclui uma breve contextualização histórica, uma explicitação das edições e formatos do jornal. Neste primeiro capítulo aborda-se também a dinâmica diária na redação o PÚBLICO observada ao longo do período de estágio, o Livro de Estilo e o Estatuto Editorial². Por fim, o capítulo 1 retrata a tradução em contexto jornalístico, o trabalho do tradutor inserido numa redação e a apresentam-se as tipologias de texto tratadas no decorrer do estágio assim como os problemas e soluções encontrados.

1.1. O jornal PÚBLICO

O PÚBLICO é um jornal diário generalista português de referência. Afirmar-se como um projeto que procura acompanhar as alterações a nível tecnológico e civilizacional presentes na sociedade atual (PÚBLICO, 2005, p.21). Com o slogan “A verdade é um bem Público”, este jornal generalista pretende chegar a todo o tipo de leitores. (Site do PÚBLICO, 2019, s.p.) O PÚBLICO inclui informação de várias áreas dedicada a todas as idades como forma de corresponder às expectativas dos seus leitores conforme descrito no Estatuto Editorial (PÚBLICO, 2005, p.21).

As primeiras idealizações sobre a criação de um jornal diário de referência tiveram início em 1988 com um grupo de jornalistas do semanário Expresso. Numa ideia encabeçada por Vicente Jorge Silva que inicialmente procurou colaboração com o jornal Expresso, mas como este não mostrou interesse, procurou outro parceiro que se juntasse a este grupo de jornalistas. Mais tarde, este grupo acabou por formar o primeiro editorial do PÚBLICO constituído por: Jorge Weamans; Augusto M. Seabra, Henrique Cayatte; Joaquim Fidalgo; José Manuel Fernandes; José Queirós; José Vítor Malheiros e Nuno Pacheco.

² O Estatuto Editorial do jornal PÚBLICO encontra-se no anexo A.

Após os contactos entre Vicente Jorge Silva e Belmiro de Azevedo, ex-presidente do grupo empresarial SONAE, Belmiro de Azevedo deu o seu consentimento para avançar com este projeto levado a cabo por Vicente Jorge Silva e o grupo de jornalistas do Expresso. A 28 de março de 1989 foi anunciado numa conferência de imprensa no Porto a criação de um jornal intitulado PÚBLICO. Mais tarde, foi a vez de Lisboa, durante uma conferência de imprensa do Grémio Literário, onde o primeiro diretor do jornal PÚBLICO Jorge Vicente Silva e o ex-presidente do grupo empresarial SONAE, Belmiro de Azevedo, apresentaram a “Magna Carta”. Esta carta consistiu num pacto com a assinatura entre o grupo de jornalistas e Belmiro de Azevedo, na qual estavam expostas as motivações para a criação do PÚBLICO. Como descrito na carta assinada por Silva e Azevedo (1989), o maior objetivo do PÚBLICO passava pela “criação em Portugal de um jornal diário que, através de uma aposta inovadora no plano editorial e tecnológico, reúna as energias necessárias para responder ao desafio de uma informação moderna e de qualidade no espaço europeu” (Pacheco, 2018, s.p.). No dia 1 de setembro, o PÚBLICO acomodou-se nas suas instalações em Lisboa e no Porto. A constituição da empresa PÚBLICO Comunicação Social S. A. deu-se a 31 de outubro de 1989 e o primeiro número do jornal PÚBLICO saiu no dia 5 de março de 1990 sob a direção de Vicente Jorge Silva. Após alguns números zero do jornal que serviram para testar como iria funcionar tudo da melhor forma antes de sair para as bancas, chegou o dia em que o PÚBLICO decidiu lançar o seu primeiro número, contudo, devido a questões técnicas viu-se impedido de ser lançado nas bancas, por esse motivo o seu lançamento foi adiado e foram feitos mais alguns números zero até tudo estar a funcionar corretamente de forma a ser possível estar nas bancas sem quaisquer entraves, tanto na edição de Lisboa como no Porto. No dia 5 de março de 1990 saiu então para as bancas o primeiro número do PÚBLICO com uma manchete sobre Álvaro Cunhal, com uma tiragem de 120 mil exemplares que vieram a esgotar (Pacheco, 2018, s.p.).

Em 1991, o PÚBLICO juntou-se à *World Media Network*, uma associação de diversos jornais de referência no mundo (Kalsing, 2010, p. 34). Em 1995, o PÚBLICO foi um dos primeiros jornais portugueses a lançar-se na plataforma online, com a criação do site do jornal e foi a 22 de setembro do mesmo ano que o PÚBLICO começou a publicar a edição impressa na íntegra na versão online (PÚBLICO, 2005, p.81). Em maio de 1999, o PÚBLICO começou a publicar notícias autónomas da versão impressa, uma medida que

tem vindo a adotar até aos dias de hoje com a preocupação de a aperfeiçoarem ao longo do tempo num caminho paralelo ao desenvolvimento tecnológico. Na página do jornal encontram-se suplementos disponíveis exclusivamente online que não fazem parte da versão impressa. Em março do ano 2000, o jornal generalista lançou o Estatuto Editorial do Publico.pt (PÚBLICO, 2005, p.82).

Atualmente, o jornal PÚBLICO pertence à Público Comunicação Social S. A. detida pelo grupo empresarial multinacional SONAE.COM, uma sub-holding do grupo SONAE (Ribeiro, 2017, s.p.). O PÚBLICO já contou com vários diretores, mas atualmente está sob a liderança de Manuel Carvalho na direção e conta com Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes e Tiago Luz Pedro como diretores adjuntos. O PÚBLICO tem um vasto conjunto de colaboradores em diversas áreas conforme se encontra no Estatuto Editorial (Estatuto Editorial, site do PÚBLICO, 2019, s.p.).

O PÚBLICO nasceu com o desejo de se tornar um jornal de cariz exigente com o objetivo de contrapor a realidade da imprensa controlada pelo Estado (PÚBLICO, 2005, p. 5). O PÚBLICO tinha a ambição de se tornar um jornal moderno e de atingir a liderança na imprensa portuguesa. O jornal PÚBLICO procurou desde sempre juntar o rigor que o jornalismo deve transpor na criação de textos noticiosos com uma pretensão de o fazer de forma criativa e inovadora (Fernandes, 2005, pp. 5-6).

O PÚBLICO assume-se com um estilo e uma linha editorial próprios. Como prova da sua diferença, o jornal criou o Livro de Estilo aquando do nascimento do jornal. Este livro assenta no “conjunto de regras técnicas e deontológicas” que devem ser seguidas pelos jornalistas e por todos os colaboradores do PÚBLICO (Silva, 1989, p. 15). O Livro de Estilo já sofreu algumas reedições em relação ao original, escrito pela primeira vez em 1989 por Vicente Jorge Silva (PÚBLICO, 2005, s.p.). O livro vai ser abordado de forma mais completa no subcapítulo 1.1.4, dando-lhe toda a relevância que merece.



Figura 1: Capa da primeira edição do jornal PÚBLICO de 1990 (Pacheco, s.p. 2018).

1.1.1. As edições do PÚBLICO

O jornal PÚBLICO é composto pela edição impressa desde a sua primeira edição de 5 de março de 1990 e pela versão online lançada a 22 de setembro de 1995 através do site <https://www.publico.pt/> (Pacheco, 2018, s.p., Gomes, 2005, s.p.). A presença do jornal em versão online permite aos consumidores lerem o PÚBLICO através das plataformas digitais.

O PÚBLICO tem aplicações para *Smartphone* (versão para *iPhone* e *Android*), *Tablets* (versão para *iPad* e *Android*), *Kindle*, *Smartwatch* (versão para Samsung Galaxy Gear S) e TV (versão Samsung *Smart TV*). Derivado ao esforço que o jornal dedica em acompanhar as inovações tecnológicas, o PÚBLICO foi pioneiro ao criar uma aplicação para as *Smart TV* da Samsung (<https://www.publico.pt/apps/samsung-smarttv>) (Aplicações, site do PÚBLICO, 2019, s.p.).

O PÚBLICO é um jornal pago e, durante o período de estágio, o preço do jornal sofreu algumas alterações. De segunda à quinta-feira o preço do jornal é de 1,30 €, (à quarta-feira engloba o suplemento Imobiliário), à sexta-feira o preço do jornal é de 1,70 €

(engloba os suplementos Ípsilon e Inimigo Público), ao sábado o preço é de 1,70 € (engloba o caderno Fugas) e ao domingo também com o preço de 1,70€ que engloba o P2. O PÚBLICO tem ainda várias Assinaturas à escolha do leitor, entre as quais: Assinatura Digital, que permite ao leitor ter acesso ao conteúdo no *Smartphone*, *Tablet* e computador com opção semestral ou anual. Tem a opção de Digital + Impresso com a opção mensal, trimestral ou anual com diversas modalidades. O jornal tem ainda uma Assinatura para estudantes e para empresas. Na página online do PÚBLICO, na secção de Assinaturas, o PÚBLICO explica que as vantagens em ser assinante passam pelo acesso livre aos conteúdos, sem publicidade, permitindo a leitura prévia do jornal diariamente em formato digital. A Assinatura oferece ainda o acesso a conteúdos exclusivos, descontos em eventos, estadias e espetáculos para quem possua o cartão do PÚBLICO, além de garantir 15% de desconto nas lojas PÚBLICO (Assinaturas, site do PÚBLICO, 2019, s.p.).

O facto de o PÚBLICO acompanhar as novas tecnologias é mais uma afirmação de que a modernidade desejada desde 1989 tem vindo a concretizar-se. O PÚBLICO está presente nas redes sociais como o *Facebook* (<https://www.facebook.com/Publico>); *Twitter* (<https://twitter.com/publico>); *Instagram* (<https://www.instagram.com/publico.pt/>); *Youtube* (<https://www.youtube.com/user/jornalpublicovideos>) e no *LinkedIn* (<https://www.linkedin.com/company/publico>). O PÚBLICO tem uma *hashtag* própria, a saber, #EstouAquiPúblico (Redes Sociais, site do PÚBLICO, 2019, s.p.). A presença nas redes sociais é mais uma das provas de que o PÚBLICO procura manter o equilíbrio dos padrões clássicos com a inovação que a conjuntura jornalística atual exige (Silva, 1989, p.16).

1.1.2. Os formatos do PÚBLICO: as secções e os suplementos

Tal como supramencionado no ponto 1.1.1, o jornal PÚBLICO é composto pela versão impressa e pela versão online. Estes dois formatos do PÚBLICO implicam que ambos os formatos estejam organizados e sejam compostos de forma distinta de maneira a adaptarem-se às características dos formatos em que se inserem. Durante o período de

estágio, a versão impressa do jornal era composta pelos Destaques; Política; Sociedade; Local (Lisboa ou Porto consoante a redação); Economia; Mundo; Ciência; Cultura e Desporto. Faziam ainda parte outros elementos que completavam esta versão como os Classificados; Sair e Ficar; Jogos; Espaço Público e Bartoon. Às quartas-feiras a versão impressa englobava o suplemento Imobiliário. Às sextas-feiras incluía os suplementos Inimigo Público e Ípsilon. Aos sábados, o jornal era acompanhado pelo suplemento Fugas sobre lazer e viagens e ao domingo englobava o P2. Desde 2016 que o PÚBLICO também edita o suplemento Culto dedicado a *Lifestyle* (Dias, 2017, p.4). Por vezes, a versão impressa incluía uma secção dedicada à Tecnologia, Iniciativas e um espaço dedicado às Crianças. A versão impressa do PÚBLICO, por vezes, também era acompanhada por colecionáveis além dos suplementos, como livros, enciclopédias, CD, CD-ROM e DVD. Os colecionáveis fazem parte do jornal desde 1992, sendo que o PÚBLICO foi o pioneiro dos mesmos e permanecem uma tendência até aos dias de hoje (Oyama, 2013, p.27). A versão impressa está disponível de forma integral no site do jornal PÚBLICO para assinantes, os não assinantes têm direito apenas à capa do jornal e respetivos suplementos

A versão online do PÚBLICO na internet está organizada pelos Destaques do dia, que remetem para as notícias diárias com maior relevância. Pela Atualidade, que engloba as mesmas secções da versão impressa, embora esteja mais completa, com separadores para Tecnologia; Opinião Pública; Multimédia; Podcasts; Cidades; Bartoon e Inimigo Público sempre disponível. Está também disponível a secção Lazer que engloba o Cinecartaz; Guia do Lazer; Programação de TV, opção de Seguir o PÚBLICO através das *Newsletters* ou das Redes Sociais. Existem ainda as opções de Assinaturas, Serviços como Emprego, Imobiliário, Quiosque e uma secção intitulada “Sobre” que contém informações sobre o PÚBLICO, onde se encontra o Estatuto Editorial e Ficha Técnica entre outros. Na versão online, o PÚBLICO conta ainda com seis sites entre os quais: o Cinecartaz (<https://cinecartaz.publico.pt/>), Fugas (<https://publico.pt/fugas>), Guia do Lazer (<https://lazer.publico.pt>), Ípsilon (<https://publico.pt/ipsilon>), Culto (<https://publico.pt/culto>) e P3, exclusivo online (<https://p3.publico.pt>). (Site do PÚBLICO, 2019, s.p.).

Na redação existe um grupo de jornalistas que trabalham por turnos para alimentar a secção do Online que corresponde à produção de notícias constantes e de última hora. A página inicial do PÚBLICO está em constante atualização conforme os acontecimentos

noticiosos. Está também disponível um separador de procura e outro para a edição impressa (Site do PÚBLICO, 2019, s.p.)

Secções	Subcategorias
Política	PSD; PCP; PS; CDS-PP; BE
Sociedade	Educação; Saúde; Justiça e <i>Media</i> .
Local	Lisboa; Porto e Cidades
Economia	Mercados, Finanças Públicas; Internacional e Empreendedorismo
Mundo	Europa; América; África Ásia; Médio Oriente e Oceânia
Cultura	Música; Cinema; Teatro; Dança; Livros; Artes; Arquitetura; <i>Design</i> e TV
Desporto	SL Benfica; FC Porto; Sporting; Futebol Nacional futebol internacional Râguebi, Ténis, Motores, Golfe, <i>Running</i> e outras modalidades
Ciência	Espaço; Medicina e Ecosfera
Tecnologia	Redes Sociais; Privacidade; Inteligência artificial; Telemóveis; <i>Google</i> e <i>Facebook</i>
Opinião³	-

Tabela 1: Organização das secções na versão online (site do PÚBLICO, 2019, s.p.).

SUPLEMENTOS	SUB-CATEGORIAS
--------------------	-----------------------

³ A secção de Opinião está organizada pelo nome dos vários colunistas (Opinião, site do PÚBLICO, 2019, s.p.).

P2	-
Ípsilon	Música, Cinema, Teatro, Dança, Livros, Artes, Arquitetura, <i>Design</i> e TV
Culto	Beleza, Bem-estar, Família, Moda, Celebridades e Consumo
Fugas	Viagens, Passeios, Hotéis, Gastronomia, Bares, Protagonista
P3	Atualidade, Cultura, Vícios, Multimédia, Causas, Megafone e PET
Cinecartaz	Estreias, Trailers, em breve, Críticas e Notícias

Tabela 2: Organização dos Suplementos na versão online (site do PÚBLICO, 2019, s.p.).

1.1.3. A dinâmica diária na redação do PÚBLICO

Ao longo dos três meses de estágio, a dinâmica diária do jornal PÚBLICO que se pôde observar e de forma mais genérica passou, fundamentalmente, pela reunião dos editores/subeditores na parte da manhã, em videoconferência, com os editores/subeditores da redação do Porto. A reunião realiza-se não só com os editores/subeditores da redação de Lisboa e Porto, mas também com o diretor do jornal, Manuel Carvalho. Nesta reunião foram decididas as notícias a abordar. De seguida, os editores e/ou subeditores conferenciaram com os jornalistas das respetivas secções, além de, ao longo do dia, conferenciarem entre as várias secções consoante os temas noticiosos que surgissem. Durante o passar do dia, os jornalistas escreveram as notícias consoante os temas de interesse e consoante os acontecimentos, depois colocaram-nas no *BackOffice* para serem editadas e serem postas no site. Conforme os temas a abordar na próxima edição impressa, eram selecionadas as de maior interesse para serem publicadas no jornal em formato papel. A dinâmica que se encontra num jornal diário é complexa, na medida em que, cada dia é um dia e as notícias não são algo que se possa programar. A ação dos jornalistas e restantes colaboradores do PÚBLICO é todos os dias “inesperada”, não existindo dois dias iguais. Embora exista um fio condutor diário desde a reunião no início do dia até à edição do editor de fecho, existem inúmeros fatores que tornam o trabalho do

jornalista desafiante como a incerteza dos assuntos a trabalhar diariamente, a espera de acontecimentos, o tempo escasso para a produção de notícias, os dias atarefados ou os dias calmos. Existem alguns dias em que surgem inúmeros acontecimentos de interesse jornalístico e outros em que os jornalistas têm de investigar com mais afinco e realizar um esforço extra para alimentar o jornal de forma a que o leitor não perca a vontade de o querer ler. Este é o esforço intrínseco ao trabalho do jornalista: tornar todas as notícias apelativas ao leitor sem se deixar cair no sensacionalismo dos acontecimentos ou da escassez dos mesmos. Ao longo dos três meses de estágio no PÚBLICO, por ser um período tão curto, não foi possível compreender tudo o que acontece dentro de uma redação ao pormenor. Contudo, foi possível entender que, para além dos jornalistas, uma redação é composta por outros colaboradores que são tão imprescindíveis quanto aqueles que escrevem os textos noticiosos. Entre estes colaboradores estão os responsáveis pela infografia marketing digital design digital, fotografia, paginação. A redação do PÚBLICO em Lisboa está organizada em várias ilhas e isto permite a todos os colaboradores trabalharem em conjunto como uma grande equipa de forma a obterem melhores resultados a que o seu público alvo está à espera.

1.1.4. O Livro de Estilo e o Estatuto Editorial do PÚBLICO

O PÚBLICO tem um Livro de Estilo onde podem ser consultadas algumas das normas éticas e deontológicas utilizadas na escrita de notícias. O Livro de Estilo é composto por duas grandes partes e cada uma é composta por subcategorias. A primeira diz respeito à ética e deontologia onde se insere o Estatuto Editorial, os princípios e normas de conduta profissional, os critérios, género e técnicas que englobam os factos e a opinião, regras de construção, o rigor da escrita e o estilo gráfico. A segunda parte é composta pelo alfabeto que engloba palavras, expressões e conceitos. Também inclui as normas e nomenclaturas onde estão inseridas a acentuação, verbos, maiúsculas e minúsculas, topónimos estrangeiros, siglas, fatores de conversão, distâncias, áreas e outros números de comparação, hierarquias (militares e policiais) e religiões. Além disto, contém ainda alguns anexos como as fichas de lei, ao projeto PÚBLICO na escola, o regulamento do Conselho de Redação do PÚBLICO, ao estatuto do provedor do leitor do PÚBLICO, ao código deontológico do Jornalista e por fim, os agradecimentos.

Desde 1989 o PÚBLICO ambiciona praticar um jornalismo rigoroso que equilibre a escrita rigorosa, clara e concisa de notícias, com a capacidade de manter a surpresa, a vivacidade e a intensidade nas suas abordagens noticiosas (Fernandes, 2005, p.6).

O PÚBLICO identifica-se perante os seus leitores com um estilo próprio. Esta característica assenta no estilo dos princípios fundadores do jornalismo moderno também adotados pelos jornais *The Washington Post*, *The New York Times*, *La Repubblica*, *El País*, *Le Monde*, *The Independent* ou *Libération*, que são jornais de referência no mundo inteiro (Silva, 1989, p.15).

Em suma, o Livro de Estilo foi desde 1989 escrito com o objetivo de criar um livro onde estejam referidas todas as normas, princípios, entre outros, que formam um conjunto de características que diferenciam o PÚBLICO dos demais jornais. O Livro de Estilo foi atualizado em 1997 e em 2005. Estas alterações justificam-se pela evolução na imprensa e no jornalismo nacional e internacional ao longo dos anos. O PÚBLICO afirma que tem como preocupação ser transparente com os seus leitores e divulga as revisões feitas ao Livro de Estilo que acompanham as exigências do jornalismo praticado na atualidade (Fernandes, 2005, p.8).

1.2. A tradução em contexto jornalístico

Antes de se abordar a tradução em contexto jornalístico propriamente dita, é necessário contextualizar o porquê da aproximação destas duas áreas: o jornalismo e a tradução. Os *media* são utilizados como um meio de transmissão de informação dirigido às massas desde o século XIX (Sousa, 2008, pp.100-107). O jornalismo moderno deve-se à globalização que tornou as notícias internacionais um interesse constante para o público-alvo, com o avanço das novas tecnologias e a chegada da internet provocou uma sede de interesse constante e imediata pela informação em torno do globo (Monteiro, 2016, p.5). A comunicação a nível internacional sofreu com todas estas alterações e evoluiu para uma realidade em que a tradução é necessária agora mais do que nunca. Existe uma necessidade permanente de compreender o que está à nossa volta, muita dessa informação está nas notícias, desse modo a tradução tornou-se parte integrante na escrita de uma notícia (Pym, 2006, pp.745-751). Com a necessidade de compreensão entre os

acontecimentos internacionais, a necessidade da tradução em áreas como o comércio à escala global, assuntos políticos, sociais, económicos entre muitos outros, provocou o crescimento da tradução e consequentemente os estudos sobre esta atividade profissional e levou a cabo novas conceções teóricas (Bassnett, 2014, p.125). O jornalismo mundial atualmente é dirigido às massas. Em Portugal, o jornalismo em formato de periódico apareceu no século XVIII dedicado em fazer propaganda política. Entre os séculos XVIII e XX a imprensa em Portugal sofreu várias alterações como consequência dos acontecimentos históricos. Após enfrentar guerras e censuras, o jornalismo em Portugal afirma-se hoje como um serviço público que encara não apenas assuntos internos, mas também assuntos de todo o mundo como um meio de comunicação livre dirigido às massas (Sousa, 2008, pp. 2- 82).

O papel da tradução no âmbito jornalístico teve início no século XVII devido ao seu tributo no nascimento do jornalismo. Contudo, foi apenas entre 1980 e 1990 que a tradução de notícias começou a despertar algum interesse nos Estudos de Tradução e no mundo académico. O maior desenvolvimento nos estudos desta área de tradução deu-se apenas no século XXI (Valdeón, 2015, s.p.).

Embora seja um assunto considerado recente, existem vários autores que ajudaram na conceção de ideias sobre este tipo de tradução. A grande parte dos autores que contribuíram para os estudos desta área da tradução insere-se na obra *Translation in Global News* editado por Kyle Conway e Susan Bassnett (2006). Esta obra resultou da conferência na Universidade de *Warwick* em Inglaterra (2006), e mais tarde a obra *Translation in Global News* (2009), editado por Esperança Bielsa e Susan Bassnett.

Ao longo do decorrer do estágio foi possível comprovar que as notícias que se traduzem no PÚBLICO são sobre assuntos bastante distintos. Estes assuntos são passíveis de causar polémica ou desconforto consoante a perceção que o público de chegada tem sobre os assuntos que são vistos e tratados de formas distintas, dependendo do local para o qual serão traduzidas. Devido à multiplicidade e complexidade da tradução de notícias não é possível chegar a uma simples definição daquilo que significa traduzir textos noticiosos. Contudo, alguns autores contribuíram para uma possível definição do que é a tradução jornalística, como por exemplo, Bani (2006), Gambier (2006), Bielsa e Bassnett (2009), Conway e Bassnett (2006), entre outros.

A tradução de notícias é um tipo de tradução que se direciona para as massas e acaba por ter influência na percepção que os recetores do texto de chegada têm sobre os assuntos que leem. O processo da tradução de notícias inicia-se durante a escolha de fontes que se utiliza, existem jornais que trabalham com fontes diferentes e outros que colaboram sempre com a mesma fonte. Neste tipo de tradução o nome do tradutor nem sempre faz parte dos textos de chegada e o leitor não tem a noção de que o que está a ler é um texto que passou por várias adaptações e estratégias intratextuais e extratextuais. A tradução de textos noticiosos exige que o tradutor aplique estratégias tradutórias que lhe permitam adaptar a informação do TP para o TC que têm como recetor diferentes culturas. Por fim, a característica mais fortemente presente neste tipo de tradução é o fator tempo/rapidez com que a tradução tem de ser realizada (Bani, 2006, pp. 34-44).

Não se traduzem nem se noticiam apenas assuntos políticos de um tipo, na medida em que são tratadas notícias sobre questões socioculturais (aborto, sexualidade, direitos humanos, etc.). Tanto a utilização da hipérbole como do eufemismo são ferramentas de discurso que provocam a manipulação de certa informação. Encaram-se estas duas estratégias de tradução como persuasivas, principalmente no que diz respeito à propaganda política. O enquadramento das informações presentes no TP também provoca alterações no TC. Os jornalistas criam um enquadramento/contexto em que salientam determinados aspetos dos factos presentes no TP e eliminam outros que não irão constar no TC. Deste modo, o enquadramento/contexto acaba por se tornar numa manipulação da informação com o objetivo de provocar determinadas reações quando o público-alvo/leitor lê as notícias (Gambier, 2006, pp.10-11).

Para escrever uma notícia de uma CP diferente da CC é necessário recorrer a algumas estratégias de tradução que permitem chegar a um produto final que envolveu todo um processo de tradução e edição. Com base em Hursti (2001, pp.14-15) e como referido em (Gambier, 2006, pp.13-14), abaixo encontram-se as quatro etapas de estratégias linguísticas de alteração ao TP entre as quais: Reorganização, Omissão, Adição e substituição.

- 1) **Reorganização:** consiste numa estratégia de avaliação da informação presente no TP assim como uma reestruturação da mesma de forma a que a informação

presente no TP seja adaptada ao TC para melhor facilidade de compreensão pelo público-alvo. (Gambier, 2006, p.14)

- 2) **Omissão:** assenta no processo de eliminação de certas frases e/ou parágrafos do texto de partida que não necessitam de estar presentes no TC (Gambier, 2006, p.14). A omissão é uma das estratégias mais utilizadas no processo do *gatekeeping*⁴. Recorreu-se à estratégia de omissão algumas vezes durante o estágio devido a certa informação presente no TP não fazer sentido para o público a quem se dirigia a tradução. No caso do TP conter informação irrelevante para a informação que se quer transmitir ao público de chegada também se recorre a esta estratégia.
- 3) **Adição:** consiste em adicionar informação ao TC que não se encontra no TP. (Gambier, 2006, p.14). Esta estratégia ocorre devido à preocupação em explicitar uma informação e oferecer uma contextualização de um determinado assunto ou acontecimento. Conforme descrito no ponto 1 e 2 deste capítulo “os factos e a opinião” do Livro de Estilo do PÚBLICO (2005), a construção de uma notícia passa por transmitir os factos de um certo acontecimento, contudo as notícias que chegam através das agências noticiosas através dos telexes devem ser complementadas, enquadradas e contextualizadas. Deve-se oferecer um contexto, um *background* dos acontecimentos, que esclareça os leitores da conjuntura dos acontecimentos. (PÚBLICO, 2005, pp.45-48).

Segundo o PÚBLICO (2005):

Background e incorporação própria da redação: o enquadramento noticioso e a interpretação dos factos apresentado em cada peça deverá incluir, sempre que possível, os respetivos antecedentes – o leitor não é obrigado a saber o que jornalista tem como adquirido; o público são muitos públicos, com interesse e níveis de conhecimento distintos (...) (PÚBLICO, 2005, p.48).

⁴ *Gatekeeping* é um conceito que explica a razão de determinadas informações serem abordadas e outras não, além de afirmar as desigualdades na receção da informação (Heinderyckx, 2016, p.32). No presente relatório encara-se *gatekeeping* como o processo de escolha das notícias a abordar e *gatekeeper* como o papel que o editor tem em escolher que traduções serão ou não realizadas.

- 4) **Substituição:** é uma estratégia que também faz parte do *gatekeeping* e envolve todas as operações supramencionadas, que podem passar pela despersonalização, alterar o foco da notícia, elaborar um resumo daquilo que é relevante para a CC (Gambier, 2006, p.14). Numa tradução em contexto jornalístico implica que o tradutor siga os processos de tradução de um jornalista na construção de uma notícia que deve obedecer a determinadas regras, entre as quais, a escolha de um título apelativo, optar por uma escrita que seja “simples, concisa, clara e precisa”, evitar repetições, ter atenção entre a voz ativa e passiva que difere entre o TP e o TC, utilizar a forma afirmativa, evitar frases na forma negativa, evitar o uso de expressões ambíguas e evitar os adjetivos em excesso (PÚBLICO, 2005, pp.65-66).

Pode-se afirmar que as estratégias supramencionadas foram estratégias utilizadas de forma recorrente na tradução dos textos noticiosos durante o estágio.

No caso do PÚBLICO, a maior parte das notícias são oriundas de um processo de reescrita⁵ das agências noticiosas, tais como a agência Lusa e a *Reuters*, entre outras. As traduções levadas a cabo durante o estágio tinham como fonte de maior recorrência a agência *Reuters*. Devido ao TP e ao TC deterem culturas díspares como recetoras, o processo de traduzir palavra por palavra não é aplicável. É necessário que o tradutor reescreva a informação do TP e por vezes, recorrer a mais do que um TP quando adiciona informação necessária para o TC. Recorre-se, neste sentido, à reescrita da informação contida no TP de forma a que o leitor do PÚBLICO compreenda o que está no texto. Como refere (Ferreira, 2013, p.55) a tradução em Portugal quando se insere no meio jornalístico, encarna a forma de reescrita e pode ainda conter mais do que um TP.

Em suma, este tipo de tradução pretende traduzir as notícias inseridas numa determinada CP para uma CC e cabe ao tradutor reescrevê-las de forma a adaptar a informação para o novo público de chegada. Pode-se afirmar que o maior objetivo da tradução dos textos noticiosos passa por adaptar a informação de uma língua, espaço e cultura diferentes,

⁵ A tradução como um processo de reescrita do TP foi abordado por Lefevere 1992, p.13.

reescrevendo as informações contidas nos textos de partida (Bielsa e Bassnett, 2009, p.94).

1.2.1. O *Modus operandi* do tradutor em contexto jornalístico

Um tradutor em contexto jornalístico traduz textos noticiosos. Contudo, o trabalho do profissional de tradução não é assim tão linear e pode também caber ao tradutor exercer o trabalho de revisão e edição do texto, ou mesmo até ter de encarar o papel de consultor linguístico (Cruz, 2016, p.8). Na redação do jornal PÚBLICO não existe nenhuma secção dedicada à tradução nem sequer estão presentes tradutores na própria redação. As traduções que acontecem no PÚBLICO são realizadas através dos próprios jornalistas, estagiários de tradução e jornalismo, ou encomendadas a tradutores *freelancer* que colaborem com o jornal. O *modus operandi*⁶ do tradutor numa redação não se distingue só pela tradução propriamente dita em relação a outros tipos de tradução, mas também pela conjuntura em que o tradutor se insere para efetuar o trabalho de tradução e essencialmente por ser movido pelo fator tempo como supramencionado no ponto 1.2.

O processo de tradução após a receção do texto através do email pessoal ou através do *webmail* do PÚBLICO assentou em várias etapas até chegar ao texto final. Após a concretização da tradução, os TC foram revistos e editados pelo editor da respetiva secção para serem posteriormente publicados no site do jornal e/ou na versão impressa. A primeira etapa passou pela cópia do texto para uma página do *Word*. Procedia-se à primeira leitura para saber de que tema se tratava, de seguida era feita uma segunda leitura em que se sublinhavam as palavras e/ou expressões que suscitavam dúvida e esclareciam-se através do motor de busca *Google*, dos dicionários online *Thesaurus*, *Linguee*, *Priberan*, *English Oxford Dictionaries*, *Cambridge Dictionary*, *Edict*, *Infopédia* e de bases terminológicas como o *EUR-lex*, *Iate*, *UNTERM*, entre outros. Além das pesquisas online, algumas dúvidas que surgiram ao longo do processo de tradução foram discutidas com os colegas da secção, com a editora ou subeditora da secção que pedia a tradução

⁶No presente relatório entende-se por *modus operandi* o processo de tradução que, engloba questões internas e externas ao texto como a conjuntura em que trabalha, levado a cabo pelo tradutor que está inserido numa redação.

que não correspondia somente ao Mundo. Através da partilha de ideias e sugestões entre a estagiária e os colegas tornou-se mais fácil chegar-se às respetivas soluções. Além de uma tentativa constante de consulta do Livro de Estilo, supramencionado no ponto 1.1.4 deste relatório. Após o esclarecimento das primeiras dúvidas iniciava-se a tradução propriamente dita. Terminada a tradução e aplicadas todas as estratégias de tradução e resolução de problemas, a mesma era deixada no *BackOffice* do PÚBLICO para que o editor ou subeditor editassem o texto para posterior publicação.

Um tradutor que trabalhe numa ou para uma redação tem de adotar certos métodos de trabalho que o dotem de competências tradutórias para textos de imprensa, além de ter um bom conhecimento da sua língua materna enquanto língua do TP e língua estrangeira da qual vai traduzir. O tradutor deve do mesmo modo ter conhecimento dos métodos de trabalho dos colegas jornalistas e da própria redação para a qual trabalha ou colabora visto que cada jornal tem as suas próprias características.

Conforme descrito no Livro de Estilo do PÚBLICO (2005), o jornal adotou determinadas regras de construção de notícias e possui características próprias que o distinguem dos outros jornais. A juntar às características supramencionadas que um tradutor jornalístico deve considerar ao traduzir notícias, cabe-lhe igualmente ter o cuidado de manter-se informado sobre os acontecimentos da atualidade sobre qualquer tema. O tradutor jornalístico deve estar a par das notícias de forma constante para uma melhor perceção dos temas que vai traduzir e abordar certas questões de forma equivalente aos colegas jornalistas para que dessa forma o trabalho de ambos seja coerente, e se complete.

O trabalho de um jornalista e o de um tradutor pode coincidir, na medida em que ambos trabalham com a mesma finalidade ainda que os processos de produção sejam distintos e cada um tenha distintas preocupações. O tradutor tem de adotar certas capacidades de um jornalista para conseguir redigir uma tradução adequada de um texto noticioso e o jornalista incorpora a tradução de texto durante o seu processo de construção de uma notícia internacional (Warrot, 2013, p.251). A tradução do TP tem como finalidade chegar a um público-alvo, neste caso, ao leitor do PÚBLICO.

Em suma, tanto os tradutores que trabalham para uma imprensa como os jornalistas têm como propósito fazer chegar ao público de chegada os factos presentes dos textos provenientes de um texto de partida. Os dois profissionais enfrentam um processo de construção de textos noticiosos influenciados tanto por fatores externos como internos ao

texto. O tradutor e o jornalista acabam por realizar um trabalho idêntico ao trabalharem com o mesmo objetivo final. Ainda que o trabalho de ambos coincida em vários aspetos, consegue-se diferenciar o trabalho dos dois por terem bases de conhecimentos em diferentes áreas (Aio e Zipser, 2011, p.16). Os profissionais destas duas áreas necessitam de trabalhar em conjunto para chegar ao produto final mais completo, pois os conhecimentos específicos em áreas distintas que têm deve servir para no fim, os processos de trabalho dos dois se tornam num só.

1.2.2. Apresentação das tipologias de texto trabalhadas

A tipologia dos textos trabalhados durante o decorrer do estágio assentou, na grande maioria, em texto informativo. Este tipo de texto tem uma funcionalidade bastante pragmática. Com base em Reiss (1976, p.20), tal como referido por Munday (2001, p.75), refere que o texto informativo tem como principal função a transmissão de informação sobre determinado assunto ao recetor/público de chegada /leitor do PÚBLICO. O jornalista descreve e/ou informa sobre os acontecimentos sem dar a sua opinião. O PÚBLICO defende que neste tipo de textos os jornalistas devem abster-se de fazer juízos de valor ou dar a sua opinião mesmo que de forma não explícita (PÚBLICO, 2005, p.35). No âmbito da tradução Reiss (1976, p.20), assim como referido por Munday (2001, p.75), debruçou-se sobre a tipologia textual, na qual diferencia quatro tipos de texto conforme a sua função. Para a autora, os textos podem ser caracterizados da seguinte forma:

- **Tipo de texto Informativo:** quando se traduz este tipo de texto o TC deve conter todos os factos presentes do TP. A escrita do texto informativo deve ser em prosa simples e deve-se recorrer à estratégia tradutória de explicitação sempre que for necessário adicionar explicações sobre determinadas informações que não estejam presentes no TP.
- **Tipo de texto Expressivo:** este tipo de texto exige que a forma presente no TP seja mantida no TC. O tradutor deve preocupar-se em identificar e manter o método que o autor do TP utilizou.

- **Tipo de texto Operativo:** este tipo de texto tem como objetivo apelar ou provocar determinados comportamentos ao leitor. O tradutor que trabalha o texto de tipo operativo deve manter o mesmo efeito que o TP causa ao público de partida no seu público de chegada.
- **Tipo de texto Áudio-medial:** que tem como objetivo principal suplementar os textos com imagens, vídeos, música entre outros. O tipo de texto áudio-medial, no âmbito do PÚBLICO, refere-se à questão da importância da imagem nomeadamente à fotografia (PÚBLICO, 2005, p.37). O PÚBLICO suporta sempre as suas notícias com imagens relativas aos assuntos da notícia conforme se encontra no anexo F⁷ do presente relatório.

Conforme a perspectiva de Reiss (1976) como referido em Nord (2001, p.75), os textos trabalhados ao longo do estágio podem ser caracterizados como informativos e operativos. O texto do tipo informativo passou pela tradução de acontecimentos e operativo pelos textos sobre a política interna, como as eleições no Congo⁸, o perfil dos candidatos⁹, entre outros. Além de sugerir que o tradutor adote determinados métodos de tradução para cada tipo de texto, Reiss (1971, pp.54-88) também sugere que o tradutor considere os aspetos intralinguísticos¹⁰ e extralinguísticos¹¹.

A tipologia textual supramencionada foi alvo de algumas críticas por Christiane Nord (1997, p.40) de acordo com Munday (2001, p.76). Nord (1997, 40), segue a mesma linha condutora funcionalista de Reiss, contudo posiciona-se com uma abordagem distinta em que a autora sugere adicionar um outro tipo de texto. Esse tipo de texto está relacionado com a função fática que Nord defende que para além da funcionalidade de texto referida por Reiss, os motivos socioculturais também podem definir qual a tipologia de um texto.

⁷ No anexo F do presente relatório encontram-se as figuras de algumas notícias traduzidas ao longo do estágio acompanhadas pelas respetivas figuras conforme indicam os textos áudio-mediais.

⁸ Este texto encontra-se no TC número 14 no anexo H.

⁹ Este texto encontra-se no TC número 15 no anexo H.

¹⁰ Os aspetos intralinguísticos estão relacionados à semântica, ao léxico, à gramática e ao estilo (Reiss, 1971, pp.54-88).

¹¹ Os aspetos extralinguísticos estão relacionados à situacionalidade, ao tempo, ao local, tema ou até questões relacionadas com as emoções (Reiss, 1971, pp.54-88).

1.2.3. Principais problemas de tradução dos textos jornalísticos traduzidos ao longo do estágio e as suas soluções

Ao longo do estágio, foram traduzidos um total de 31 textos para a secção Mundo, P3, Online e P2. Numa visão macro, os maiores problemas sentidos ao longo do estágio ao traduzir texto jornalístico foram a rapidez com que os textos têm de ser traduzidos pois não existe propriamente uma concessão de tempo alargado de trabalho quando se traduzem textos para serem publicados no próprio dia. Em alguns casos, o tradutor tem apenas algumas horas para concluir o seu trabalho. O tempo dedicado à pesquisa sobre os assuntos que estão a ser tratados não é muito vasto, o que pode causar desconforto ao tradutor. A linguagem existente em contexto jornalístico tem de ser o mais clara e concisa possível para que o texto não se torne maçador nem que o essencial do conteúdo da mensagem que se deseja transmitir se perca com detalhes irrelevantes.

Por vezes, o texto jornalístico não é coerente. No mesmo texto pode traduzir-se o nome de uma cidade e não o nome dos seus habitantes por ser deste modo mais fácil de identificar a mensagem da notícia pelo público de chegada. A questão da incoerência verificou-se por exemplo, na tradução do texto 3¹² “Crise dos rohingya: Suu Kyi sob pressão na cimeira do Sudeste Asiático”. O local Myanmar foi traduzido para Birmânia, mas os habitantes “rohingya” não se traduziram. Deste modo, a tradução torna-se incoerente e inconsistente no que diz respeito ao âmbito da tradução e acaba-se por recorrer tanto à estratégia pragmática de domesticação¹³ como de estranhamento/estrangeirização¹⁴. Muita da informação contida no texto de partida é cortada/omitida/eliminada no texto de chegada durante o processo de edição por ser pouco relevante ou repetitiva ou até mesmo por questões de espaço no jornal.

Os maiores problemas sentidos ao traduzir texto jornalístico foram:

¹² O texto número 3 encontra-se no anexo H.

¹³ A domesticação caracteriza-se por uma estratégia de tradução que tem por objetivo manter o texto fluente por erradicar as palavras ou expressões da LP (Shuttleworth e Cowie, 1997, p.59).

¹⁴ O estranhamento/estrangeirização caracteriza-se por uma estratégia de tradução que tem por objetivo manter a estranheza das palavras ou expressões da LP (Shuttleworth e Cowie, 1997, p.59).

- O tempo e a rapidez com que o texto tem de estar pronto para publicação online e posteriormente para a versão impressa. O tempo é um dos maiores inimigos da tradução no sentido em que o trabalho do tradutor pode comprometer-se a nível qualitativo.
- A tradução dos títulos que, na maioria das vezes, são alterados por completo no TC pelo editor. O jornalista deve escrever um título apelativo e que resuma o assunto da notícia sem revelar demasiado. Algo que chame à atenção do leitor para que este não perca o interesse ao ler um título aborrecido nem que pense que o título resume a notícia por completo e que, por essa razão, já não precisa de continuar a ler o texto.
- A adaptação de escrita pré-acordo: o PÚBLICO não adotou o novo acordo ortográfico na escrita das suas notícias, embora o *Word* esteja programado para escrita pré-acordo e pós-acordo, algumas palavras suscitam dúvida e tudo o que remete a dúvida torna-se em mais uma agravante na diminuição do tempo de tradução.
- O seguimento do estilo de escrita do PÚBLICO conforme o Livro de Estilo, nem sempre havia tempo suficiente para esclarecer algumas questões conforme descritas no livro de estilo do PÚBLICO.
- Ausência de ferramentas TAC: a ausência destes *softwares* informáticos como ferramenta de trabalho vem desafiar ainda mais a questão do tempo contra o trabalho do tradutor, sem a possibilidade de trabalhar com memórias de tradução, bases terminológicas, glossários, correções gramaticais automáticas e mais completas apenas no *Word*, informações sobre o trabalho de forma a orientar o tradutor, entre outras possibilidades que estas ferramentas fornecem e que funcionam como auxílio ao trabalho do tradutor e ajudam-no a traduzir de forma mais rápida e ágil tornou-se mais um entrave à prática tradutória.

Os seguintes fatores extratextuais apresentam-se no presente relatório conforme o modelo de análise pré-translativo de Nord¹⁵ (1988):

¹⁵ Análise com base na adaptação da tipologia de Nord de Margarida Vale de Gato e Isabel Oliveira Martins no âmbito do projeto Pen Pal in Translation (www.penpalintranslation.com).

1) Fatores Extratextuais

Autor ou emissor: O emissor dos TP trabalhados ao longo do estágio eram provenientes de agências noticiosas (em grande parte da *Reuters*) desse modo, as diferenças entre os emissores do texto e o produtor da tradução são fortemente identificáveis.

Público: O público-alvo difere entre o TP e o TC o que faz com que o tradutor tenha a preocupação de adequar a sua tradução conforme o seu público-alvo, neste caso, a tradução tinha de ir ao encontro das expectativas dos leitores do jornal PÚBLICO.

Intenção do emissor: A intenção do emissor é informar os seus leitores tal como na tradução, tanto no público do TP como no público do TC, pelo que o espaço e o meio em que é produzida a tradução também difere, o que consequentemente exige novamente uma apropriação por parte do tradutor de forma a reescrever o texto, adaptando-o às necessidades do seu leitor que está inserido num contexto social distinto do contexto social do TP.

Meio ou canal: O tipo de meio não difere muito do TP e do TC, já que continua a ser uma notícia escrita não sofre alterações de forma, contudo, o trabalho de uma agência de notícias e de um jornal têm algumas diferenças na produção de texto.

Local: O local onde é produzido o TP e o TC são diferentes visto que se tratam de notícias internacionais

Tempo: Por vezes, uma notícia não é logo publicada e isso pode interferir na produção de texto se no TP estiver algo como “esta manhã” e a tradução só chega aos leitores no dia seguinte, a expressão “esta manhã” acaba por se tornar uma falácia e, por essa razão, é necessário saber quando será publicada a tradução.

Motivo: A motivação de escrita entre o TP e o TC é a mesma, informar sobre determinado acontecimento, contudo pode acontecer que o público de chegada não tenha o mesmo interesse que o público de partida consoante os assuntos a serem tratados o que pode causar motivos distintos entre a produção do TP e do TC.

Função textual: Tal como supramencionado a função dos textos noticiosos é informar os leitores sobre determinado acontecimento e tanto o texto de partida como o texto de chegada encaram o tipo de texto informativo, o que os torna iguais na sua funcionalidade.

No âmbito das soluções levadas a cabo para resolução de problemas tradutórios note-se que, antes de se iniciar uma tradução propriamente dita, a tradutora pensou em tomar uma posição base de estratégia tradutória a nível pragmático: manter o estranhamento ou optar pela domesticação do texto. O que acontece na realidade é a utilização das duas estratégias em simultâneo, de forma a adaptar o texto com os conhecimentos do leitor e com a cultura de chegada de maneira a alcançar um equilíbrio de perceção para o recetor da notícia. Acontece que a tradução de textos jornalísticos é caracterizada por omissões de determinadas frases ou até parágrafos. Muita da informação é cortada, reduzida ou omitida, em grande parte, essas estratégias não passam pela escolha do tradutor, acontecem durante o processo de transedição que é realizado pelo editor. Deste modo, tal como acontece a omissão de informação, o contrário também é comum de acontecer. A adição de informação nas notícias do PÚBLICO é frequente. As notícias colocadas no site do jornal são complementadas com *links* ao longo do texto que redirecionam o leitor para outras páginas dedicadas a assuntos abordados dentro do texto principal. O leitor pode consultar essas páginas de informação adicional à notícia principal de forma a esclarecer algumas questões de que pode ter conhecimento prévio ou que procura complementar com mais informação.

Em suma, com a experiência vivida ao longo do período de estágio no PÚBLICO, conclui-se que não existe uma única estratégia de tradução para trabalhar textos noticiosos. O tradutor não é totalmente livre nem é obrigado a tomar determinados caminhos. A parte rica de trabalhar num jornal é a aprendizagem constante na medida em que cada texto é um texto e é trabalhado de forma individual e a cada um é lhe dedicado métodos e estratégias de acordo com a finalidade que o editor deseja obter com essa tradução. Por vezes, a tradução serve como apoio a uma notícia principal que é tratada pelos colegas jornalistas como é o caso da notícia 25¹⁶ “A aposta arriscada de Annie Loof, que antes dizia que preferia comer um sapato”. O papel do tradutor é recorrer àquilo que melhor se adequa e em conjunto com o editor que edita a tradução chegarem a um produto

¹⁶ A notícia número 25 encontra-se no anexo H.

final que sirva as expetativas da melhor forma do seu público de chegada, neste caso o leitor do PÚBLICO.

CAPÍTULO 2: PRINCÍPIOS TEÓRICOS E ABORDAGENS CONCETUAIS APLICADOS À TRADUÇÃO JORNALÍSTICA

De forma a enquadrar a teoria com a prática do estágio, recorreu-se às teorias funcionalistas da tradução abordadas pelos teóricos que mais se aproximam do pragmatismo característico da tradução jornalística.

Entre as décadas de 70 e 80, os Estudos de Tradução sofreram uma viragem nas teorias clássicas que assumiam a tradução como uma questão de linguística para uma preocupação com as questões interculturais no âmbito da comunicação. Para contrapor o clássico encargo da tradução emergiram novas teorias e abordagens concetuais numa visão funcionalista da tradução encabeçadas pelos teóricos Hans Vermeer e Katharina Reiss (1976), bem como, Christiane Nord (1997), entre outros. Ainda que estes autores partilhem do mesmo fio condutor, cada um deles contribuiu para a teoria de forma distinta (Munday, 2001, p.87).

2.1. A teoria de Skopos de Hans Vermeer e Katharina Reiss (1984), aplicada à tradução jornalística

A teoria de *skopos* emergiu nos Estudos de Tradução através do teórico Hans Vermeer (1970), este que visa ser o termo técnico para definir o “propósito” da tradução de um determinado texto. “*Skopos*” deriva do grego e tem como significado “propósito” ou “objetivo”. Esta teoria assenta no propósito da tradução, propósito esse que vai definir quais serão os métodos e estratégias levar a cabo pelo tradutor. A função do texto de chegada (que Vermeer define como *translatum*) vai levar o tradutor a produzir um texto consoante a funcionalidade que se encontra no texto. Uma das obras mais relevantes da teoria funcionalista é da autoria de Hans Vermeer e Katharina Reiss (1984), autores do livro intitulado *Groundwork for a General Theory of Translation*. Nesta obra os autores propuseram uma teoria que fosse abrangente para todos os tipos de texto. Esta teoria de ótica funcionalista que serviria de base a todos os tipos de tradução é composta por algumas regras implícitas à teoria de *skopos*, estabelecidas por Reiss e Vermeer (1984).

Essas regras defendem que o texto de chegada se define através do seu *skopos* (Munday, 2001, pp. 78-79).

Na perspectiva de Reiss e Vermeer (1984, p.119). como refere Munday (2001, p.79), é o texto de chegada, o *translatum*, que define o seu propósito consoante a finalidade que tem para o público de chegada. O texto de chegada tem como objetivo transmitir determinada informação para uma cultura de chegada. O TC é uma oferta de informação numa CC e a LC encara uma oferta de informação relativamente a uma CP e LP. permite chegar a informação a uma certa CC e a LC. O tradutor protagoniza um papel de relevo no processo e produção de comunicação intercultural, visto que esta teoria visa abordar a tradução como um processo comunicativo que acontece num certo espaço e tempo, esta regra enfatiza a relevância do texto de chegada e de partida. O texto de chegada não tem como propósito oferecer uma informação reversível. Significa que esta regra ressalta que a função do *translatum* na cultura de chegada pode não ser a mesma função que tem na cultura de partida. A nível interno o texto de chegada deve assentar na coerência. A tradução deve também ser coerente com a informação presente no texto de partida. Por fim, os autores afirmam que as regras supramencionadas se apresentam hierarquizadas. Deste modo, afirma-se que a principal regra nesta hierarquização é então o *skopos* que surge como essencial decisor de um *translatum*. Na continuação desta teoria os autores também destacam a importância da norma da fidelidade que defende que o texto de chegada deve ser coerente quando comparado com o texto de partida

A teoria de *skopos* permite que o mesmo texto seja traduzido de várias formas consoante a sua função, que deve ser explicado na *commission*¹⁷, esse processo de definição de *skopos* deve ser levado a cabo pelo tradutor em conjunto com o *commissioner* e desse modo definirem qual o propósito do TC. A tradução passa a ser uma adequação, ao invés da clássica equivalência entre o TP e o TC, se satisfazer o *skopos* definido durante a *commission* (Munday, 2001, pp.77-80).

Em suma, os métodos e as estratégias tradutórias que o tradutor deve adotar para realizar a sua tradução assentam no objetivo pelo qual existiu uma necessidade da própria tradução. Essas estratégias, como já supramencionado, contrapõem-se às clássicas e não

¹⁷ A *commission* encara-se como a *translation brief* que integra as informações e instruções recebidas pelo tradutor que este deve levar a cabo no seu trabalho de tradução. (Nord, 1997, p.46).

assentam na equivalência de palavra por palavra do texto de partida para o texto de chegada.

Estas teorias levadas a cabo por Vermeer e Reiss (1984, p.119) como referido por Munday (2001, pp. 80-81), foram alvo de inúmeras críticas por vários teóricos. Nos pontos abaixo encontram-se algumas dessas críticas feitas a esta teoria:

- Embora os autores Nord (1997, pp.109-122) e Shaffner (1997, pp.237-238), apelidem a sua contribuição como uma teoria geral aplicável a todo o tipo de texto, a mesma não se aplica a textos literários que são textos que não têm um *skopos* em específico, logo a questão da funcionalidade do TP e ou do TC não pode ser a regra principal que um tradutor deve preocupar-se em satisfazer.
- A tipologia textual de Katharina Reiss e a teoria de *skopos* de Hans Vermeer não distingue fatores diferentes em vários grupos. Os autores colocam todos os fatores num só grupo, o que não deve acontecer visto que existem fatores funcionais com efeitos distintos.
- Nord¹⁸ defende que a teoria de *skopos* não dá atenção suficiente aos fatores presentes no TP nem de fatores de estilo ou de semântica presentes no TC.

2.2. A teoria funcionalista de Christiane Nord (1988-1991, 1997) aplicada à tradução jornalística

A contribuição de Christiane Nord (1991, pp.71-73) como refere Munday (2001, p. 82), assenta principalmente em duas obras, a primeira de (1991) *Text Analysis in Translation* onde a autora faz a distinção entre dois tipos de tradução, a tradução documental que assenta tanto a forma e o conteúdo do TP estão presentes no TC, e a tradução instrumental onde é escrito um TC que reproduz o *skopos* do TP que é considerado um novo texto

¹⁸ O modelo levado a cabo por Nord para a teoria funcionalista foi abordada no ponto 2.2 do presente relatório.

Tipo de tradução documental	Caraterísticas da tradução documental
Tradução interlinear	Este tipo de tradução deve evidenciar os aspetos da morfologia, do léxico e o estilo presente na língua de chegada para a língua de partida.
Tradução literal ou gramatical	Deve reproduzir a linguística do TP além de adaptar a sintaxe e as expressões idiomáticas da LP para a LC.
Tradução filológica	Este tipo de tradução é mais literal. Contudo, adiciona ao longo do TC explicitações de questões a nível linguístico e cultural para esclarecer os leitores sobre singularidades que possam estar presentes no TP.

Tabela 3: Caraterísticas do tipo de tradução documental. (Nord, 1997, pp 47-50).

Tipo de tradução instrumental	Caraterísticas da tradução instrumental
Tradução equifuncional	Este tipo de tradução caracteriza-se pela função do TC ser igual à do TP.
Tradução heterofuncional	Carateriza-se pela diferença do TC em relação ao TP devido aos fatores culturais e/ou temporais.
Tradução homóloga	referente à tradução literária, permite uma adaptação total aos critérios culturais e temporais da cultura de chegada.

Tabela 4: Caraterísticas do tipo de tradução instrumental. (Nord, 1997, pp. 47-50).

O modelo de tradução que a autora apresenta nesta obra é um modelo que assenta na função do TP e, embora não discorde com a importância de outros fatores que implicam na escolha dos métodos e estratégias da tradução, defende a importância das características do TP, onde distingue os fatores intratextuais e extratextuais do TP.

Como afirma Munday (2001, pp.82-84), a obra *Translating as a Purposeful Activity* de Nord (1997, pp.59-67), a autora expressa outras preocupações de âmbito funcionalista referentes à relevância que deve ser dada à *translation brief*, à análise do TP, além da hierarquia funcional dos problemas tradutórios. A autora afirma que o *translation brief* deve fornecer ao tradutor informações sobre a função que se deseja alcançar através do TP para um TC, qual é o público alvo do TC. Também deve fazer parte do *brief* referências sobre a hora e o local da receção do texto, o meio pelo qual o texto é traduzido e o motivo da existência do TP e o motivo da sua tradução. Alusivo ao papel da análise do TP, que serve como decisor nos métodos e estratégias a escolher pelo tradutor, a autora evidencia os fatores intratextuais: assunto, conteúdo, proposições, composição, elementos não verbais, léxico, estrutura frásica e características suprasegmentais. A autora elaborou uma hierarquia funcional relativa à produção de uma tradução entre os quais: em primeiro lugar “o tradutor deve decidir se a tradução deve ser documental ou instrumental, de seguida, deve adaptar os elementos funcionais aos recetores do TC, o tipo de tradução decide o estilo de tradução o problema do texto pode então ser abordado linguisticamente mais básico.

Em suma, a autora supramencionada contribuiu para a teoria funcionalista exaltando a preocupação tanto como no TP como para o TC. Os TP e os TC devem ser analisados, sobretudo a função que cada um tem na cultura em que se insere (Pontes e Pereira, 2016, p. 348). O modelo de análise pré-translativo refere-se aos aspetos intratextuais e extratextuais. A autora defende que a função do texto vai depender do público a quem se dirige essa tradução num determinado espaço e tempo. O sentido de um texto assenta na interdependência entre o seu conteúdo e forma além de assentar em funções comunicacionais fáticas, referenciais, expressivas e apelativas. Essas funções assentam na função fática, referencial, expressiva e apelativa (Pontes e Pereira, 2017, pp.2129-2131).

<i>Who</i>	<i>On what subject matter</i>
is to transmit	is s/he to say
to whom	what
what for	(what not)
by which medium	in which order
where	using which non-verbal elements
when	in which words
why	in what kind of sentences
a text	in which tone
with what function?	to what effect?

Figura 2: Perguntas do modelo pré-translativo de Nord de 1997. (Nord, 2005, p. 158).

2.3 A comunicação do texto político¹⁹

De forma a contextualizar o papel da comunicação com a questão política tenta-se definir comunicação política separadamente devido à complexidade de ambos os termos. Inicia-se esta abordagem com a afirmação de que a comunicação é o meio que permite a prática da política (Silveirinha, s.d, p.2). R. Ferreira (comunicação pessoal, 2015), refere que na sociedade contemporânea surgem os *media* como atores políticos. Quando se associa a política aos *media*, o pensamento automaticamente remete-se para as eleições. As eleições são o acontecimento político que caracteriza o momento mais próximo que a população tem com as fontes de poder político que é realizado através dos *media* como o meio a comunicação entre poder político e cidadãos é concretizada. As eleições remetem também para outra questão a salientar, como as sondagens políticas. Ao invés de se focar no óbvio do que significa uma sondagem política relativa às intenções de voto, salienta-se que as sondagens têm um papel muito mais importante do que parece a uma primeira instância. Os meios de comunicação são o meio pelo qual a troca de mensagens entre atores políticos, governo e sociedade é exequível. São os *media* que informam sobre a

¹⁹ O subcapítulo 2.3 do presente relatório tem como referência comunicação pessoal da docente Rita Ferreira (2015) inserida no âmbito de notas de aulas da disciplina de Sistemas Políticos e *Media* como parte integrante da Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade da Beira Interior.

opinião pública aos governos e o meio pelo qual os detentores de poder político se dirigem à sociedade. Deste modo, o papel da comunicação existente entre os meios de comunicação, os atores políticos e os eleitores/ população passaram a ter um papel de destaque nas sociedades democráticas, visto que os *media* como meio de comunicação de massas é o mediador da mensagem política (Magalhães, 2011, pp. 88-102).

Como o jornalismo é a forma de comunicação política mais ativa e mais relevante é a que acaba por ter mais impacto, ainda que existam outros meios de comunicação política. Inicialmente em Portugal, o jornalismo assentava em assuntos meramente de cariz religioso, apenas mais tarde é que o jornalismo se desenvolveu como meio de comunicação de assuntos políticos, sociais e dedicado a propaganda política como supramencionado no ponto dedicado à tradução jornalística. A grande parte da população era analfabeta, o que torna um dos fatores de persuasão mais fortes, pois não é questionado nem contra-argumentado e em Portugal vivia-se num período em que as instituições eram controladas pelo próprio Estado, bem como as rádios, as estações televisivas e os jornais. Foi a partir do século XIX que o jornalismo passou a encarar a informação como algo mais do que apenas um meio de se fazer propaganda política, essa viragem na informação deve-se através da era de “liberdade” conseguida através da revolução que veio instaurar a democracia no País, existia agora um jornalismo dedicado à cultura de massas que informa sobre diversos assuntos e relata factos (Sousa, 2008, pp.2-82).

Conforme afirma R. Ferreira (comunicação pessoal, 2015), os próprios *media* tornaram-se um ator político na medida em que são os jornalistas que criam uma versão do que acontece na esfera política, através da interpretação pessoal dos factos políticos, tornam-se a voz pela qual os eleitores recebem as mensagens políticas, muitas das vezes através de colunas de opinião que vão influenciar os leitores/cidadãos. É principalmente o trabalho dos assessores de imprensa que fazem a mediação entre a informação política e os meios de comunicação, são as maiores fontes de informação política e nomeadamente em grande parte dos atores políticos, organizações, organismos políticos ou até grupos de pressão com objetivos de intervenção nas figuras que contêm poder. Como supramencionado, quando se pensa na relação entre jornalismo e política pensa-se em eleições, geradores de opinião pública ou decisões política que moldam as sociedades (Correia, 2005, p.2). Encara-se os *media* como o meio que tem o papel de influenciador

de atores políticos, os meios de comunicação são vistos de forma dupla, tanto são encarados como um meio positivo, visto que, são eles que permitem chegar a sua mensagem aos eleitores, como por outro lado, outros vêem o papel dos *media* como causadores de fazerem passar mensagens desfavoráveis ao produzirem representações políticas de forma “livre” que podem acabar por defraudar as mensagens política inseridas nos artigos de opinião (Serrano, 2006 pp.64-77). O jornalismo atua como um contrapoder, ou 4º poder, na medida em que protege os cidadãos, garante a liberdade e a democracia dos cidadãos contra opressões do governo como na época anterior à revolução. Segundo a opinião de Manuel Carvalho, diretor do jornal PÚBLICO, através da agência lusa “os jornalistas devem trabalhar como contrapoder” (*Diário de Notícias*, 2019, s.p.). Esta afirmação de Manuel Carvalho (2019) vai ao encontro do que se encontra presente nas seguintes frases no Livro de Estilo do PÚBLICO:

“PÚBLICO é responsável apenas perante os leitores, numa relação rigorosa e transparente, autónoma de poder político e independente de poderes particulares” (PÚBLICO, 2005, p.22),

“1. O jornalista do PÚBLICO defende a democracia, condição de base para o exercício normal da sua atividade, cujos pressupostos essenciais são a liberdade de expressão e o direito à informação (PÚBLICO, 2005, p.23).

“5. O jornalista do PÚBLICO rejeita quaisquer pressões ou diretivas de ordem institucional, política, militar, económica, cultural, desportiva, religiosa ou sindical que pretendam orientar, condicionar ou instrumentalizar o trabalho jornalístico” (PÚBLICO, 2005, p.23).

“113. O PÚBLICO não aceita publicidade eleitoral ou político-partidária, excetuando as situações previstas na lei quanto à convenção de comícios, manifestações e sessões de esclarecimento” (PÚBLICO, 2005, p.39).

De acordo com R. Ferreira (comunicação pessoal, 2015), os meios de comunicação podem influenciar a mensagem política e até terem um efeito persuasivo, porque o jornalista ao receber certa informação e através da influência da própria interpretação como já supramencionado, transforma a mensagem e acaba por adaptar a mensagem original mesmo sem a intencionalidade direta de alterar os factos ou os conteúdos das informações que recebe. Outro dos efeitos da comunicação como meio persuasivo passa

pela memorização, consoante os interesses e preferência, muitas das vezes, a mensagem política é aceite sem ser questionada devido às fontes serem fidedignas e de “confiança” do público/leitor, que pode provocar que o conteúdo da mensagem passe a ter um papel secundário, o que importa ao leitor e recetor da mensagem é quem a disse, porque confia na fonte. Os meios de comunicação têm a preocupação de adaptar a informação ao público de chegada. Utiliza-se um tipo de discurso para pessoas mais informadas e outro tipo de discurso para pessoas menos alfabetizadas, neste último tipo utiliza-se mais a retórica e apela-se à emoção dos recetores da mensagem e no primeiro tipo existe uma necessidade de se recorrer a explicitações e também que a mensagem seja suportada por argumentos fortes, claros e concisos. Acontece que existem teorias de comunicação que defendem que os *media* têm poder de influência e não de persuasão como defende Lazarsfield (1940). Esta teoria tem por nome “teoria dos efeitos limitados” que contrapõe a teoria de Lasswell, que defende que os *media* atuam como manipuladores da informação. Lazarsfield (1940), defende que embora os meios de comunicação tenham peso na construção de opinião pública não atuam como persuasores nem manipuladores comunicacionais, os recetores da mensagem política são influenciados pelos *media*, mas também pelos contactos e pelas relações interpessoais e sociais consoante o meio em que se movimentam e trocam ideias e mensagens. A mensagem recebida através dos meios de comunicação pode ser feita de maneira direta, seja pela televisão, rádios, jornais entre outros, ou de forma indireta através dos líderes de opinião. Através de estudos empíricos, Lazarsfield (1940) concluiu que a mensagem tem mais peso na formulação de opinião de determinadas mensagens recebidas do que pelos meios de comunicação sem intervenientes. A problemática levanta-se porque os líderes de opinião selecionam a informação das mensagens políticas conforme as próprias crenças, opiniões e valores e reinterpretam a mensagem. O autor da teoria defende que os recetores das mensagens políticas dão mais importância às opiniões que advêm dos líderes de opinião. Por fim, esta teoria defende que os meios mediáticos provocam dois efeitos nos recetores das mensagens entre os quais:

- **Efeito de conversão:** este tipo de efeito provoca a conversão de ideias que os recetores da mensagem possam ter antes de receber a mensagem tratada pelos *media*, (como por exemplo: um cidadão que discordava na legalização de adoção de casais do mesmo sexo até os meios de comunicação social exporem o assunto,

argumentarem e levarem esse cidadão a alterar a ideia pré-concebida que tinha sobre esse assunto).

- **Efeito de ativação:** este tipo de efeito ativa pensamentos que os recetores não tinham antes de receberem determinadas mensagens fornecidas pelos *media*, (como por exemplo: um cidadão que não tem opinião sobre a legalização do aborto e nunca refletiu sobre o assunto, ao ter contacto com esse assunto emitido pelos meios de comunicação passa a debruçar-se sobre esse tema e até pode acabar por formular uma opinião sobre essa questão (Wolf, 1987, pp.22-58).

A teoria do agendamento (*agenda-setting*) de McCombs e Shaw (1972) dita que Lazarsfield (1940) não está errado na conceção da sua teoria dos efeitos limitados, contudo, esta nova teoria vem dizer que os meios de comunicação social influenciam, sim, bastante a opinião dos recetores da mensagem e tal como os líderes de opinião são modeladores de opinião dos cidadãos. McCombs e Shaw (1972), desenvolvem o conceito de agendamento. Através de um artigo intitulado *The agenda-setting function of Mass Media* (1972) onde é referido que através de um estudo levado a cabo pelos dois autores, estes concluem que o agendamento assenta na influência que segundo os meios de comunicação virado para as massas tendem dar enfatizar determinado tema e pela possibilidade de os indivíduos incluírem esse tema na sua lista de prioridades após a influência recebida pelo meio de comunicação (Castro, 2014, pp. 197-201). R. Ferreira (comunicação pessoal, 2015), afirma que o efeito do agendamento ainda é discutível atualmente, mas já não é tão poderoso como defendido por estes dois autores. Outra das teorias da comunicação é a teoria crítica, desenvolvida por Adorno e Horkheimer (1970), visa defender que no sistema capitalista era a burguesia que influenciava a cultura, pois era a classe que detinha os meios de comunicação que expunham a informação. A próxima teoria abordada é a teoria de ação política que visa analisar a comunicação da mensagem política consoante as ideologias. Tal como afirma R. Ferreira (comunicação pessoal, 2015), existem duas vertentes ideológicas:

- **Vertente ideológica de direita:** os meios de comunicação utilizam as notícias como propaganda da visão capitalista e acreditam que são os jornalistas que detêm o controlo dos textos noticiosos e têm valores políticos estáveis.

- **Vertente ideológica de esquerda:** defende que é a economia da sociedade em que se insere que determina as notícias e não os jornalistas como defendido pela vertente ideológica de direita.

No âmbito do estágio, o jornal PÚBLICO afirma no seu livro de estilo complementando, o que já foi suprarreferido, que “54. O jornalista do PÚBLICO deve abster-se de tomadas de posição no espaço público não jornalístico de carácter político (...)” (PÚBLICO, 2005, p.30).

Atualmente, faz-se referência aos *gatekeepers* que são quem decide o que vai ser noticiado ou não, consoante o interesse do seu público-alvo e consoante a instituição onde esse *gatekeeper* presta o seu trabalho (Robert, 2018, p.18). Quanto à importância do papel dos *media* nas eleições justifica-se pela “comunicação política ser construída sobre o facto de haver eleições”. Numa sociedade democrática, a participação política dos cidadãos deve-se em grande parte pelo trabalho dos meios de comunicação, sendo que são eles que funcionam como meio, o que permite aos cidadãos obterem informações que condicionam as suas escolhas perante o voto. Além da possibilidade que os *media* oferecem aos que contêm poder político também permitem a comunicação entre os eleitores e as entidades que detêm o poder político. Esta comunicação entre os dois atores realiza-se essencialmente através das sondagens e da opinião pública que acontece devido ao papel dos *media* como o meio que permite a comunicação entre eles (Silva, 2014, p.17).

Em suma, segundo as afirmações supramencionadas concluiu-se que a comunicação política foi-se alterando ao longo do decorrer da história, desde aliada ao interesse propagandista político a ter uma posição de contrapoder. Em Portugal, os *media* surgem como método de persuasão político e com o passar do tempo, devido ao alcance de um sistema democrático, tornou-se num meio pelo qual as entidades de poder comunicam com os cidadãos e vice-versa. No entanto a comunicação política não assenta apenas em discursos políticos (eleições, sondagens, entre outros), encara também questões que, ainda que sejam de preocupação política, não são mensagens de discurso político e incluem temas como a economia, saúde, educação, questões no âmbito da justiça, assuntos de preocupação social, assuntos como o aborto, homossexualidade, igualdade de género, que foram passíveis de serem abordados ao longo do estágio na medida em que

foram traduzidos textos tanto sobre eleições como questões de gênero, como a transexualidade, entre outros.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA TRADUÇÃO JORNALÍSTICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Este último capítulo é visa responder à premissa principal deste relatório de como um tradutor jornalístico pode ser considerado um mediador de comunicação dos vários tipos de política, visto que, além de mediador cultural passa a encarnar o papel de mediador de informação do contexto internacional para a cultura na qual vai traduzir essa mesma informação.

3.1 A responsabilidade do tradutor enquanto mediador de textos noticiosos no contexto internacional

Tal como mencionado no ponto 1.2.3, ao longo do estágio foram traduzidos um total de 31 textos. Ainda que o estágio tenha sido realizado na secção Mundo sob a edição de Ana Gomes Ferreira e, como no PÚBLICO se trabalha em conjunto, não foram apenas traduzidos textos para esta secção. Foram também pedidas traduções para a secção do Online, P2 e P3.

Secção	Número de textos traduzidos
Mundo	25
Online	2
P2	1
P3	3

Tabela 5: Número de textos traduzidos para cada secção.

Os 31 textos²⁰ traduzidos para a secção Mundo, Online, P2 e P3, assentaram em vários temas, espaços geográficos e geopolíticos diferentes. A saber: as migrações na fronteira do México com os EUA, tensões políticas em Itália, cimeira Asiática sobre a crise dos rohingya, a poluição em Nova Deli (Índia), as tensões entre a Coreia do Norte e EUA, a morte de Khashoggi (Arábia Saudita), repressões na Turquia, a Patrulha de Fronteira Americana, os iranianos nos EUA, a morte de George HW Bush, o 11 de setembro, questões de orientação sexual e imigração em Berlim (Alemanha), eleições no Congo, curdos na Síria/DAESH, protestos no Sudão, governo de Trump, acordo do Brexit, abusos sexuais na Igreja (Polónia), terapia de reorientação sexual por médicos Israelitas, direitos humanos (direitos das mulheres) na Arábia Saudita, a caravana de migrantes de El Salvador para os EUA, questões de política Sueca, migrantes da Líbia e Marrocos, um transgénero espanhol, o orador do parlamento sobre o Brexit, narcotráfico mexicano, empresa de segurança (China), relações políticas entre China e Venezuela e também foram abordadas questões relativas à Roménia.

Constata-se que os textos trabalhados durante o decorrer do estágio assentaram em maior número sobre migrações e o local geográfico com mais referência é os EUA. Além do continente americano são abordados locais do continente europeu, asiático e africano. Quanto aos restantes temas abordados ao longo do estágio, assentaram em assuntos políticos externos e internos a nível de Relações Internacionais.

Para melhor compreensão do tipo de assuntos passa-se a distinguir:

- **Política interna:** diz respeito a assuntos de várias áreas de preocupação dos Estados dentro de fronteiras, tratam, portanto, de questões nacionais.
- **Política externa:** este tipo de política trata dos objetivos e das estratégias referentes às problemáticas que os Estados enfrentam internacionalmente.

Segundo Freire e Vinha (2011):

Entende-se por política externa o conjunto de objetivos, estratégias e instrumentos que decisores dotados de autoridade escolhem e aplicam a entidades externas à sua jurisdição política, bem como os resultados não intencionais dessas mesmas

²⁰ Os 31 textos encontram-se nos anexos G (TP) e H (TC).

ações. Ao concentrar-se nos diferentes atores e nos diferentes processos e dinâmicas de decisão, a análise de política externa permite uma abordagem complementar que enriquece o nosso entendimento da política internacional (Freire e Vinha, 2011, p.18).

- **Relações Internacionais:** As Relações Internacionais são o conjunto de relações e de comunicações com proporção política que acontecem fora dos Estados. As relações que acontecem entre os Estados podem ser sobre distintos temas como as questões económicas, financeiras, culturais, entre outras, essas relações podem ser bélicas ou pacíficas (Sousa, 2005, pp.159-162).
- **Política internacional:** este tipo de política delimita-se além do interesse nacional dos Estados, também se preocupa com o alcance do bem coletivo, interessa-se também pelos acontecimentos das Relações Internacionais. Este tipo de política tem como objetivo preocupar-se com os desenvolvimentos do sistema político, que digam respeito às relações entre Estados como o caso da manutenção da paz da segurança a nível internacional e relações entre os países (Sousa, 2005, pp.144-146).

Não é objetivo deste relatório definir e perceber o que cada tipo de política implica. O que importa compreender é que na tradução de notícias são abordados assuntos que têm implicações na política dos Estados, seja a nível interno, externo ou no âmbito internacional. Devido à conjuntura internacional atual quase todos os assuntos internos dos Estados têm implicações e são alvos de opinião pública fora das fronteiras, assuntos esses que acabam por se tornar globais. O que se retira desta premissa é o facto de que um assunto global como, por exemplo, a orientação sexual é uma problemática que tem repercussões em todo o Mundo, mas verifica-se diferenças extremas em cada ponto do globo. Um jornalista ou um tradutor quando trabalham textos com esta tipologia de temáticas têm de ter em consideração a cultura de cada público, compreender a conjuntura cultural do público de partida e do público de chegada de maneira a abordarem o assunto de forma adaptada e adequada à visão do seu público. Com isto, pretende-se dizer que falar da emigração não tem o mesmo peso ou contexto nem compreensão do público de chegada de Portugal como tem para os EUA. A questão do Brexit, que foi trabalhada algumas vezes durante o estágio, não tem a mesma implicação de um país para outro. No caso de se terem traduzido assuntos relacionados com o Brexit, foi necessário recorrer à

adição para explicar de forma mais completa ao leitor do PÚBLICO em que consistia o acordo, as possíveis implicações que poderia ter nas relações entre países e, como é obvio, em Portugal e com os emigrantes portugueses em Inglaterra.

Em suma, qualquer assunto que se aborde no jornal PÚBLICO é necessário que seja direcionado da melhor forma para o leitor e para a cultura portuguesa. Essa preocupação tanto cabe ao jornalista como ao tradutor e, como já foi mencionado neste relatório, ambos trabalham com o objetivo de produzir um melhor produto final, que tenha todos os cuidados de linguagem adequada ao seu público/leitor. O tradutor jornalístico assume um papel de mediador de assuntos internacionais e procura traduzir da forma mais compreensível as notícias para o leitor. O tradutor jornalístico encara um papel bastante relevante que, embora ainda não seja visível na maioria da imprensa portuguesa, o PÚBLICO dá, ainda que pouca, alguma visibilidade ao tradutor. Durante o decorrer do estágio o PÚBLICO teve a preocupação, na maioria das vezes, em dar essa visibilidade à tradutora estagiária. “Assinaturas de tradutores: os textos traduzidos de órgãos de imprensa estrangeira são assinados como tal e assinados no fim pelo respetivo tradutor” (PÚBLICO, 2005, p.186). Na versão online os textos aparecem com o nome da estagiária em algumas traduções. No formato em papel apenas uma tradução foi assinada com o nome da estagiária. A notícia na versão impressa encarou o formato de magnólia²¹. A maioria das notícias faziam apenas referência às agências noticiosas, ainda que os textos tenham sido traduzidos pela estagiária e posteriormente editados pelos editores. Esta invisibilidade constante de uma a notícia já enfrentou algumas modificações pode causar confusões aos leitores. Um exemplo prático deste acontecimento foi um leitor do PÚBLICO deduzir que a tradutora estagiária tinha uma determinada visão sobre um assunto, o que foi um erro e uma má perceção por parte do leitor, que acabou por ser inconveniente, visto que quem escreveu a notícia que o leitor comentou foi a tradutora que, embora transforme e reescreva o texto, não emitiu quaisquer opiniões sobre o assunto nem foi a *gatekeeper* da mesma. Neste caso em concreto o texto estava até assinado como uma tradução, o que torna ainda mais evidente que os leitores não têm a noção nem estão habituados de que os textos que leem são na maior parte das vezes traduções.

²¹ A magnólia traduzida corresponde ao texto número 20 e encontra-se na figura número 9 do anexo F e no anexo H.

Outra das questões relacionadas à tradução de temáticas internacionais complexas à escala global foi a tradução de textos sobre a orientação sexual e questões de género. São questões sociais que encaram inúmeros desafios e são vistas de forma distintas por vários países e até mesmo dentro do mesmo país as pessoas têm opiniões opostas e que podem ter repercussões positivas ou negativas. Por exemplo, abordou-se o caso de uma pessoa que nasceu biologicamente mulher e que passou pelo processo de transformação. Ao se tratar do tema da transexualidade, e para melhor compreensão do público-alvo, recorreu-se à adição de informação que não estava presente no TP, a saber: “Em Portugal, com a nova lei de identidade de género, para mudar o sexo e o nome no registo civil só os jovens "trans" entre os 16 e os 18 anos é que têm apresentar um atestado de um psicólogo ou médico que confirme a vontade, sem a carga patológica da disforia de género” notícia disponível em: <https://www.publico.pt/2019/01/23/p3/noticia/soy-trans-em-crianca-queria-ser-oscar-hoje-e-gabriel-1859092>. Também foram abordados textos sobre a terapia de reconversão sexual, a história de um emigrante e a liberdade sexual em Berlim. Falar sobre temas tão delicados exige que o tradutor investigue sobre a temática e deve ter cautela na construção de frases e clarificar o tema de forma a que o público de chegada compreenda as repercussões que esses assuntos têm na sociedade em que se inserem e talvez fazê-los pensar sobre assuntos sobre os quais não tenham o hábito de refletir.

Número de textos	Título do TP	Tema (ideias/palavras chave)
1	The caravan on the road in Mexico is the size of a small town. But it's a town under pressure.	Migrações, México-EUA
2	Italy government wins confidence vote amid coalition tensions	Política de Imigração de Itália

3	Rohingya crisis, Suu Kyi under the microscope at Southeast Asia summit	Crise do Rohingyas
4	European Commission calls on Romania to halt judicial overhaul	Questões políticas da Roménia face à União Europeia
5	N.Korea's Kim inspects newly developed 'tactical' weapon, releases U.S. prisoner	Armas nucleares, tensão entre Coreia do Norte e EUA
6	In India, people are fleeing Delhi because of the smoggy air	Refugiados Ambientais na Índia
7	After Khashoggi murder, some Saudi royals turn against king's favorite son	Relações entre Arábia Saudita e EUA
8	Turkey's long crackdown casts shadow over EU meeting	Discussão da adesão da Turquia à União Europeia
9	Border Patrol trainees prepare to enter one of the country's fiercest political battles	Migrações, México-EUA, patrulha de fronteira
10	Separated by travel ban, Iranian families reunite at border library	Impedimentos da presença muçulmana nos EUA
11	Family, former staff to accompany body of President Bush from Texas	Morte do ex-presidente Bush
12	Man who recruited the 9/11 hijackers is being held in Syria	Detenção do recrutador dos terroristas do 11 de Setembro na Síria
13	With clubs and churches Berlin becomes home for migrants	Imigrações na Alemanha – caso de um afegão, Liberdade sexual

14	Democratic Republic of Congo will vote on Dec. 23	Eleições no Congo
15	Candidates to succeed Kabila after Congo's presidential election	Perfil dos candidatos às eleições no Congo
16	Kurdish-led forces in Syria may not be able to contain IS prisoners	Relações entre DAESH- França- EUA
17	Sudanese police fire tear gas at crowds on third day of protests	Reação policial em manifestos provocados pela crise no Sudão
18	For Shanahan, a very public debut in Trump's cabinet	Política interna dos EUA – alterações no governo de Trump
19	UK plans rehearsals for no-deal Brexit amid fears of road, port chaos	Brexit
20	We are witches: Clerical abuse scandal divides parishes	Política Polaca – abusos sexuais na igreja
21	UK says will fight "inconvenient" plot to hobble no-deal Brexit	Brexit
22	Israeli doctors ban gay conversion therapy as risks 'mental damage'	Terapia de reorientação sexual por médicos israelitas
23	Saudi-backed organization denounces countries for 'inciting' women to flee	Direitos Humanos, Arábia saudita – o caso de Rahaf Mohammed al-Qunun, renúncia ao Islão
24	Migrants depart from El Salvador as new U.S.-bound caravan forms	Migrações, México- EUA

25	Braving outrage, Swedish liberal Loof dumps partners to block populists	Política Sueca
26	Some 170 migrants missing in two Mediterranean incidents	Incidentes com Migrantes
27	Gabriel's journey: A transgender Spaniard makes the change	Direitos LGBT em Espanha – O caso de uma pessoa Transgénero
28	Order! Order! The sharp-tongued speaker of the House of Commons is changing the rules - and maybe Brexit	Brexit
29	Even behind bars, El Chapo's 'Robin Hood' luster glows in Mexico drug capital	Narcotráfico mexicano
30	Blackwater founder Erik Prince's new company building training center in Xinjiang	Desradicalização de extremistas islâmicos na China
31	Venezuela's Guaidó wants China to see Maduro is bad for business	Relações entre China e Venezuela

Tabela 6: Título do TP e explicitação do tema geral.

Como se verifica na tabela acima, os temas traduzidos ao longo do estágio abordaram questões de todo o tipo, entre eles, assuntos internos e externos. A grande parte das traduções aborda assuntos direcionados às preocupações e desafios da política e nas Relações Internacionais. No Atlas das Relações Internacionais, Boniface (2009) desenvolveu temas que coincidem com os temas dos textos traduzidos ao longo do estágio, entre eles: as áreas regionais, que se verifica que a maioria das traduções dizem respeito aos EUA, seja de forma direta ou indireta. Os desafios à escala mundial como o terrorismo, o tráfico de droga, os movimentos migratórios, a geopolítica das migrações e os direitos do Homem, as crises e as guerras, os fatores de poder como as armas nucleares

e os atores de Relações Internacionais além dos Estados, as OIG e ONG (Boniface, 2009, s.p.).

O período de estágio iniciou em novembro de 2018 e terminou em fevereiro de 2019, e durante este período os temas que mais foram abordados na redação foram as questões migratórias²² relacionadas com a política de Donald Trump e o acordo do Brexit. Muitas das vezes, algumas notícias ficavam com um papel secundário ou nem sequer eram abordadas para dar lugar às publicações das notícias sobre desenvolvimentos do Brexit²³. Desta situação conclui-se que uma redação trabalha em prol do acontecimento imediato. Os meios de comunicação Com isto, verifica-se que o tradutor encara o papel de mediador cultural por traduzir assuntos que têm implicações distintas ao redor do Mundo, o facto do profissional de tradução trabalhar estes temas dá-lhe o papel de mediador de textos noticiosos no contexto internacional, pois é através do seu trabalho inserido na imprensa que se torna responsável pela comunicação dos assuntos supramencionados no contexto internacional. O tradutor reescreve o tema internacional do texto de partida, adapta-o à cultura de chegada portuguesa e à realidade política, social e cultural em que os leitores estão inseridos (Costa, 2013, p.15).

São os meios de comunicação social que dão visibilidade aos acontecimentos, que constroem a realidade a nível mundial e atualmente, com o desenvolvimento das tecnologias e a forte presença dos *media* nas plataformas online, permitem o acesso às notícias, divulgadas de forma quase imediata, deste modo, os *media* e quem trabalha neste meio têm o poder de influenciar as Relações Internacionais (Gonçalves, 2016, p. 1).

Como já referido neste relatório, o tradutor jornalístico vai tentar responder às necessidades de interesse do público de chegada e torna-se ele próprio o meio pela qual a mensagem é recebida através de uma notícia internacional e trabalha-a para a introduzir na realidade social em que vive. Desde há muito tempo que os *media* são considerados instrumentos poderosos face às massas e que funcionam como divulgadores das mensagens e cada vez mais mensagens com fonte de todo o território mundial (Gonçalves, 2016, p.25).

²² Ver os anexos G e H e respetivos TP e TC 1,3,6,9,10,13,24,26 e 32 que correspondem aos textos sobre migrações.

²³ Ver anexo E que corresponde à tabela número 9 que apresenta as sugestões de tradução pela estagiária.

O desenvolvimento das TIC aconteceu devido às necessidades que os militares enfrentaram desde o tempo da Guerra Fria. Estes novos *media* exigiram a adaptação dos meios a esta nova realidade internacional a nível comunicativo. Contudo, esta nova realidade é bastante desigual à volta do globo. Essas desigualdades estão interligadas ao desenvolvimento económico. Nos locais onde o acesso à internet ainda é muito limitado e regulado pelos próprios governos acontece que os mesmos filtram os conteúdos que os utilizadores da internet têm acesso (Tuaille, 2009, pp. 42-43). O emergir e o desenvolvimento das TIC promoveram a globalização e com ela a utilização do inglês como língua franca. (Pym, 2006, s.p.). Os EUA representam o maior, além de primeiro beneficiador do desenvolvimento da internet. Os sites que têm mais acessos por parte dos utilizadores de internet são norte-americanos como o *Google*, a *Microsoft*, o *Facebook* entre outros, deste modo 75% do conteúdo presente na internet está na língua inglesa. Pode-se afirmar que as presenças de notícias são igualmente desiguais os países mais poderosos e os menos poderosos (Tuaille, 2009, pp.42-43). Essa necessidade de uma língua franca originou o aumento da demanda da tradução. Esta premissa, embora pareça à primeira instância uma contradição, é justificada pelo aumento da comunicação além das fronteiras como resultado da globalização, o crescimento da proximidade entre os Estados traz à tradução um aumento significativo e torna-se numa exigência absoluta da tradução, deste modo, as relações entre estados caracterizam-se pela necessidade de compreensão nas áreas comerciais, políticas, sociais, culturais. É erróneo encarar a globalização como uma forma de homogeneização cultural ou linguística. Os tradutores não devem recriar os efeitos da globalização, ao invés disso, devem encará-la como um novo desafio de tradução e procurar encontrar métodos novos de tradução, adaptando-os aos desafios colocados pela globalização. Quanto ao papel da questão política inserida na globalização, afirma-se que os estudos de tradução ocupam um papel mais acentuado nas culturas menores e tende a ocupar um papel de menor intensidade em países mais poderosos como é o caso dos EUA. A presença da tradução e dos estudos de tradução é escassa onde existe mais concentração de poder político. Ao contrário do continente europeu, que encara a tradução como parte dos seus princípios, os EUA tendem a menosprezar a existência da tradução. (Pym, 2016, pp. 744-757).

Em suma, o progresso das TIC causou a globalização e como consequência o aumento da demanda de traduções. A globalização é a causadora da existência de uma língua franca

(o inglês) e cada vez mais existe uma necessidade de traduzir pela proximidade entre os Estados e o desvanecer de fronteiras físicas, mas que são caracteristicamente diferentes a nível linguístico e cultural (Pym 2006, pp.744-757). Deste modo cabe ao tradutor jornalístico mediar os vastos assuntos que dizem respeito não apenas internamente aos Estados como acabam por se tornar globais e de preocupação a nível de Relações Internacionais porque as notícias que o profissional de tradução vai traduzir vai causar efeitos no público de chegada que é parte integrante de uma sociedade que está também integrada num contexto de convivência entre os Estados.

3.2. Considerações Finais

O avanço das novas tecnologias e o crescimento da Internet no Mundo globalizado veio dar um novo sentido ao papel do tradutor, que passou de um profissional que se preocupa apenas com questões linguísticas para um profissional que enfrenta novos desafios pragmáticos. O tradutor jornalístico viu-se obrigado a evoluir como consequência da necessidade de transmitir mensagens de todo o Mundo de forma imediata. O desafio é adaptar todos os seus métodos e estratégias a esta nova era que passa pelo Mundo virtual e que, como tal, exige todo o rigor e qualidade no menor tempo possível. O tempo é a maior preocupação que existe na reprodução de uma notícia, o leitor atual é exigente na rapidez da informação que recebe e os produtores de notícias têm cada vez mais desafios nesse sentido sem descorar da qualidade desse trabalho. A notícia que importa ler neste minuto não vai ter importância no minuto a seguir. Esse vai ser sempre o maior desafio para quem trabalha na área da comunicação e por consequência o tradutor jornalístico que atua pelos mesmos vetores, partilha da necessidade de produzir um texto (traduzido) com qualidade com a máxima rapidez. Portanto, a tradução jornalística exige:

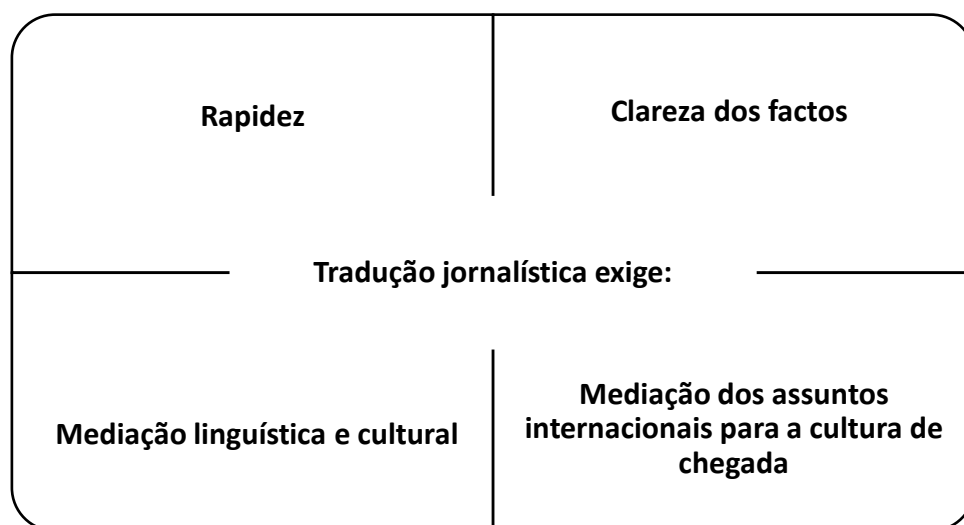


Figura 3: Proposta de exigências base da tradução jornalística.

CONCLUSÃO

O estágio curricular necessário para a conclusão de Mestrado de Tradução na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa como componente não letiva assentou numa experiência de três meses de trabalho no jornal PÚBLICO. O estágio possibilitou colocar em prática os conhecimentos desenvolvidos ao longo da componente letiva do Mestrado. O estágio permitiu transportar as bases teóricas para a prática da tradução inserida numa redação de renome como é o caso do PÚBLICO. Estagiar no PÚBLICO possibilitou à estagiária aprender com os colegas com quem trabalhou e adquirir uma melhor perceção do trabalho de um tradutor que se insere numa redação, além de compreender de que forma deve adaptar o seu trabalho ao contexto jornalístico. Foram adquiridas competências de trabalho que prepararam a estagiária para a entrada no mercado de trabalho na área da tradução.

O presente relatório foi dividido em três capítulos. No primeiro, procurou-se caracterizar o local de estágio através de uma descrição do jornal PÚBLICO. Abordaram-se as versões (online e impressa), as secções e os suplementos. Foi também analisada a dinâmica diária na redação, bem como o Livro de Estilo e o Estatuto editorial (ver anexo B). Ainda neste capítulo fizeram parte os subcapítulos dedicados à tradução em contexto jornalístico e o modo de trabalho de um tradutor que se insere no contexto de imprensa, as tipologias de texto trabalhadas, os problemas que surgiram durante as traduções e as suas soluções.

No segundo capítulo foram abordadas as teorias funcionalistas aplicadas ao tipo de tradução que se realizou durante o estágio no jornal. Fez-se referência às contribuições de Hans Vermeer e Katharina Reiss (1984), além de Christiane Nord (1988-1991, 1997). O segundo capítulo termina com a análise da comunicação do texto político.

O terceiro e último capítulo dedicou-se ao tema principal deste relatório, bem como à experiência dos três meses de estágio que consolidou a premissa de que um tradutor não é apenas linguista, mas também um mediador de cultura e política, ultrapassando assim o conceito clássico de que o seu trabalho de tradução passa por uma mera equivalência e tradução de palavra por palavra.

Ao longo do período de estágio foram levadas a cabo trinta e uma traduções. Foi possível averiguar que os temas que o jornal aborda são de facto heterogéneos e não tratam apenas

de um tipo de política. São vastos os assuntos trabalhados sobre política interna, externa ou internacional no campo das Relações Internacionais. Devido à globalização e aos tempos contemporâneos o papel dos meios de comunicação é cada vez mais forte. Por estarem inseridos numa sociedade onde a presença da internet é parte integrante do quotidiano dos leitores a rapidez da divulgação de informação é cada vez mais exigente para os *media*. A rapidez com que se informam os acontecimentos e assuntos é cada mais um objetivo a cumprir diariamente por parte da imprensa. A problematização relativa ao fator “tempo” que acontece entre a receção de uma notícia pelo jornal através das mais variadas formas, em grande parte através dos *telexes* de agências de notícias como a *Reuters*, cria no tradutor uma forte pressão na realização do seu trabalho.

A comunicação de política (interna, externa ou internacional) no campo das Relações Internacionais exige ao tradutor que este conheça as culturas e as individualidades da CP, LP, CC e LC. O desafio fundamental do tradutor jornalístico é o facto de numa redação não existir um tempo muito alargado para se dedicar à pesquisa dessas questões. O que o tradutor deve fazer quando trabalha com este tipo de tradução é tentar manter-se informado dos acontecimentos sobre a conjuntura mundial de forma prévia. Sempre que o possa fazer deve ter a preocupação de se manter atualizado sobre conflitos, assuntos sociais e conjunturas de políticas internas. O tradutor deve igualmente entender qual a linha condutora de trabalho do jornal em que se insere para que, quando traduz sobre essas questões, o faça de forma coerente em cumprimento com as regras do jornal. No caso do PÚBLICO, os tradutores que colaboram com o jornal têm de seguir as regras presentes no Livro de Estilo. Após compreenderem os métodos de trabalho do jornal, os tradutores devem adaptar os seus métodos e estratégias de tradução consoante as exigências do seu leitor/público-alvo. Numa tradução jornalística no âmbito internacional a exigência da tradução passa por saber quando introduzir a domesticação ou a estrangeirização. A maior ferramenta estratégica de um tradutor de comunicação política enquanto mediador de textos internacionais passa por adaptar o texto de partida à cultura de chegada de forma a não perder a identidade de nenhuma cultura. É a mediação que o tradutor faz entre a CP e a CC que o vai dotar de uma boa capacidade tradutória. É perceber o que deve manter, retirar, adicionar do texto de partida para o texto de chegada sem perder a identidade das duas culturas. O seu dever é informar o leitor sobre o que acontece fora do seu país de forma explícita aplicada à realidade em que o leitor de

chegada se insere de forma a, além de informar, gerar opiniões e moldá-las para o público de chegada. Os leitores, ao estarem informados sobre os assuntos de cariz internacional que afetem as sociedades além-fronteiras, podem tomar uma atitude e posicionamento perante esses desafios como o caso de conflitos mundiais, conflitos armados ou questões de Direitos Humanos. A comunicação é a base para a convivência e a entreaajuda entre Estados, além de possibilitarem a cooperação internacional a nível social, económico, político, entre outros.

O tradutor não substitui o jornalista nem o jornalista substitui um tradutor. Cada um é dotado de metodologias e conhecimentos em que, juntos, conseguem trabalhar em prol de chegarem a um produto final cada vez mais completo que responda às exigências da conjuntura mundial atual.

Concluiu-se também que no jornal PÚBLICO são traduzidas notícias de todo o Mundo, mas a maioria está relacionada com política norte-americana. Os EUA são uma hiperpotência mundial e assumem desde há muito um papel de destaque na conjuntura internacional. A América do Norte evidencia-se pelo seu poder económico desde o cessar da Guerra fria, e nem com a crise económica que se fez sentir após os ataques do 11 de setembro de 2001, deixou de ser a poderosa potência de grande influência cultural pelo inglês como língua franca (Kourliandsky, 2009, pp.116-117).

Através das traduções levadas a cabo no estágio, verifica-se que os EUA têm uma grande presença nas notícias do PÚBLICO. O tradutor trabalha com vários assuntos que de um modo direto ou indireto estão interligados à conjuntura americana e passaram por ser a maioria dos temas das traduções.

A comunicação da informação dos textos traduzidos sobre assuntos internacionais que é tratada no jornal PÚBLICO permite derrubar as barreiras linguísticas. Contrariamente ao que se pensava ser um entrave à comunicação entre culturas diferentes, a tradução vem permitir a troca de informação entre línguas diferentes. Como afirma Rémond (2011, pp.455- 460) desde o século XIX que através da Revolução dos Transportes uma barreira inultrapassável na comunicação entre línguas distintas, foi quebrada pelos *media* que difundem a informação para o Mundo inteiro. A partilha de informação gera a oportunidade de compreensão não só das línguas diferentes em quadros geográficos diferentes, como permite a compreensão dessas culturas diferentes através do papel de mediação do tradutor.

Em suma, é o tradutor jornalístico que, em conjunto com o jornalista, vai dar a oportunidade ao leitor de tomar conhecimento das informações sobre as conjunturas existentes à volta do globo e que o vai dotar de ferramentas que lhe permitem adotar perspetivas sobre os acontecimentos nacionais e internacionais.

Referências Bibliográficas

Bani, S. (2006). An Analysis of Press Translation Process. In K. Conway e S. Bassnet (Eds.), *Translation in Global News. Proceedings of the conference held at the University of Warwick 23 June 2006* (pp. 34-44). United Kingdom: The Centre for Translation and Comparative Cultural Studies.

Bassnet, S. (2014). *Translation*. London and New York: Routledge.

Bassnett, S. and Bielsa, E. (2009) *Translation in Global News*. London and New York: Routledge.

Boniface, P. (2009). *Atlas das Relações Internacionais* (I, Guerreiro, Trad.). Lisboa: Plátano Editora.

Castro, D. (2014). Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. *Intexto*, (31), 197-214.

Costa, P. (2013). Tradução, Cultura e Globalização: O papel do tradutor como mediador cultural. *E-REI*, 1, 5-18 Disponível em: <https://www.iscap.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/index.htm>

Correia, J. (2005). *Comunicação e Política*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Cruz, X. (2016). *A Ética Tradutória em Contexto Jornalístico: Um estudo de Caso no Observador*. (Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/19985>

Dias, A. (2017). *Análise da cobertura de música pelo jornal Público*. (Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/25009>.

Fernandes, J. (2005). Prefácio à 2ª Edição. Em PÚBLICO – Comunicação Social, SA, *Livro de Estilo* (pp.5-8). Lisboa: PÚBLICO – Comunicação Social, SA.

Ferreira, J. (2013). *Tradução e Jornalismo: Uma Conceção da Prática Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/11626>.

Ferreira, F. (2015). *O processo tradutório em contexto jornalístico: a tradução e a transedição na redação*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/15976>.

Freire, M. e Vinha, L. (2011). Política externa: modelos, actores e dinâmicas. Em M. R. Freire (Ed.), *Política Externa. As Relações Internacionais em Mudança* (pp.13-54). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Gambier, Y. (2006). Transformations in International News. Em K. Conway e S. Bassnett (Eds.), *Translation In: Global News. Proceedings of the conference held at the University of Warwick 23 June 2006* (pp. 9-14). Coventry, United Kingdom: The Centre for Translation and Comparative Cultural Studies.

Gato, M.V e Martins, I.O. (s.d). Pen Pal in Translation. Disponível em: <http://penpalintranslation.com/>.

Gomes, A. (2005, setembro, 22). PÚBLICO.PT: um jornal no ciberespaço desde 1995. *PÚBLICO*. Disponível em: https://www.publico.pt/2005/09/22/portugal/noticia/publicopt-um-jornal-no-ciberespaco-desde-1995-1233488?fbclid=IwAR1n0OWPvZ1oD_Miw35-Qhiagin22L3XIfkhTBrZ3UPhiQfUBd-k58Dn55g.

Gonçalves, D. (2016). *O papel dos media em tempos de crise. Visões sobre a Troika em Portugal e na Alemanha*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra). Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/32790?mode=full>.

Heinderyckx, F. e Vos, T. P. (2016). Reformed Gatekeeping. *CM: Communication and Media*, XI (36), 29–46.

Hurtado Albir, Amparo. (2001). Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología. Madrid: Cátedra.

Knupfer, M. (2016). *Um modelo de crítica de tradução: estratégias de tradução a partir de The Kite Runner de Khaled Hosseini*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa). Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/26396>.

Kourliandsky, J. (2009). A América do Norte. Em P. Boniface (Ed), *Atlas das Relações Internacionais* (Guerreiro, I. Trad.). (pp.116-119). Lisboa: Plátano Editora.

Lefevere, A. (1992). Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame. p.13. London and New York: Routledge.

Lusa. (2019, abril, 07). Diretores de informação consideram haver desprezo pelo código deontológico. *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/interior/diretores-de-informacao-consideram-haver-deprezo-pelo-codigo-deontologico-10771898.html>.

Magalhães, P. (2011). *Sondagens, Eleições e Opinião Pública*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Monteiro, P. (2016). *Imprensa regional: Globalização, localização e jornais de proximidade em Lisboa*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa). Disponível em: <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/2803>.

Munday, J. (Ed). (2001). Functional theories of translation. Em *Introducing Translation Studies* (pp.72-87). London and New York: Routledge.

Nord, C. (1997). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St Jerome.

--- (1994). Traduciendo funciones. Em: A. Hurtado Albir, (Ed.) *Estudis sobre a traducció: jornades sobre la traducció* (pp.97-112). Castelló de la Plana: Universitat Jaume I.

--- (2005). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application. of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. (2ª ed.). Amsterdam, New York: Rodopi.

--- (1988/91) *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Amsterdam, New York: Rodopi.

Oyama, R. (2011). *O Processo de Produção de Notícia, a Convergência Digital e a Integração entre os dois meios. Um estudo de caso do Jornal Público*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/10827>.

Pacheco, N. (2018, março, 5). No princípio eram zeros. E assim nasceu um jornal. *PÚBLICO*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/03/05/sociedade/noticia/no-principio-eram-zeros-e-assim-nasceu-um-jornal-1805157>.

Pontes, V. e Pereira, L. (2016). A tradução a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord: perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras. *TradTerm*. 28, 338-363. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26359>.

Pontes, V. e Pereira, L (2017). O modelo Funcionalista de Christiane Nord aliado ao dispositivo de Sequências Didáticas: norteamentos para o Ensino de Tradução. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, 25(4), 2127-2158.

PÚBLICO – Comunicação Social, S.A. (2005). Livro de Estilo (2ª edição). Lisboa.

PÚBLICO. (2019). Aplicações. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/apps>.

PÚBLICO. (2019). Assinaturas. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/jornal>

PÚBLICO. (2019). Cidades. Em Secções. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://cidades.publico.pt/>

PÚBLICO. (2019). Ciência. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/ciencia>

PÚBLICO. (2019). Cinecartaz. Em Lazer. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <http://cinecartaz.publico.pt/>

PÚBLICO. (2019). Culto. Em Secções. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/culto>

PÚBLICO. (2019). Cultura/Ípsilon. Em Secções. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/culturaipsilon>

PÚBLICO. (2019). Desporto. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/desporto>

PÚBLICO. (2019). Economia. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/economia>

PÚBLICO. (2019). Estatuto Editorial. Em Sobre. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>

PÚBLICO. (2019). Facebook. Em Redes Sociais. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.facebook.com/Publico>

PÚBLICO. (2019). Ficha Técnica. Em Sobre. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/nos/ficha-tecnica>

PÚBLICO. (2019). Fugas. Em Secções. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/fugas>

PÚBLICO. (2019). Guia TV. Em Lazer. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <http://lazer.publico.pt/GuiaTV>

PÚBLICO. (2019). Imobiliário. Em Serviços. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <http://imobiliario.publico.pt/>

PÚBLICO. (2019). Inimigo Público. Em Secções. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <http://inimigo.publico.pt/>

PÚBLICO. (2019). Instagram. Em Redes Sociais. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.instagram.com/publico.pt/>

PÚBLICO. (2019). Lazer. Em Lazer. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <http://lazer.publico.pt/>

PÚBLICO. (2019). LinkedIn. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Em Redes Sociais. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/31792>

PÚBLICO. (2019). Local. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/local>

PÚBLICO. (2019). Multimédia. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/multimedia>

PÚBLICO. (2019). Mundo. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/mundo>

PÚBLICO. (2019). Opinião. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/opiniao>

PÚBLICO. (2019). P2. Em Secções. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/p2>

PÚBLICO. (2019). P3. Em Secções. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <http://p3.publico.pt/>

PÚBLICO. (2019). Podcasts. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/podcasts-publico>

PÚBLICO. (2019). Política. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/politica>

PÚBLICO. (2019). Sociedade. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/sociedade>

PÚBLICO. (2019). Tecnologia. Em Atualidade. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://www.publico.pt/tecnologia>

PÚBLICO. (2019). Twitter. Em Redes Sociais. *PÚBLICO – Comunicação Social, SA*. Disponível em: <https://twitter.com/publico>

PÚBLICO. (2019). Youtube. Em Redes Sociais. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/jornalpublicovideos>

Pym, A. (2006). Globalization and the Politics of Translation Studies, *Meta*. 51, (4) 744-757.

Rémond, R. (2011). *Introdução à história do nosso tempo. Do antigo Regime aos nossos dias*. (4ª ed). (G. Valente, Ed. e T. Loureiro, Trad.) Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, S. (2017, novembro, 29). Sonae: O universo que se confunde com Belmiro de Azevedo. *Jornal de Negócios*. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/sonae-o-universo-que-se-confunde-com-belmiro-de-azevedo>

Robert, S. (2018) *O Jornalismo Cultural do PÚBLICO na Era Digital* (Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/51213>

Serrano, E. (2006). A dimensão política do jornalismo. *Comunicação & Cultura* (2), 63-81. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10371>

Silva, D. (2014). *Comunicação Política e a cobertura mediática do conflito na Ucrânia*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra). Disponível em: <https://estudogeral.ucp.pt/handle/10316/27403>

Silva, J. (2005). Introdução. Em PÚBLICO – Comunicação Social, S.A. *Livro de Estilo* (2ª ed). Lisboa.: PÚBLICO – Comunicação Social, SA.

Silveirinha, M. (s.d.). Comunicação Política. *Dicionário de Filosofia Moral e Política* Instituto de Filosofia da Linguagem.

Sousa, F. (2005). *Dicionário de Relações Internacionais*. Porto: Edições Afrontamento.

Sousa, J. (2008). *Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, Centro de Investigação Media & Jornalismo.

Sousa, J. (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, Centro de Investigação Media & Jornalismo.

Tuaillon, A. (2009). A batalha da Comunicação. Em P. Boniface, *Atlas das Relações Internacionais* (I. Guerreiro, Trad.). Lisboa: Plátano Editora.

Valdeón, R. A. (2015). *Translation and the Spanish Empire in the Americas*. John Benjamins Publishing Company.

Vermeer, H., Reiss, K. (1984). *Towards a General Theory of Translational Action*. New York: St Jerome.

Warrot, C. (2013). A tradução jornalística na sala de aula: relações entre a tradução e os media. *Redis: Revista de Estudos do Discurso* (2), 249-257.

Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas Novas tendências Efeitos a Longo Prazo O newsmaking*. (8ª ed). Lisboa: Editorial Presença

Zipser, M. e Aio, M. (2011). Tradutor jornalista ou jornalista tradutor? A atividade tradutória enquanto representação cultural. *Gragoatá*, 16 (31), 107-118.

ANEXOS

ANEXO A: ESTATUTO EDIORIAL DO PÚBLICO

Estatuto Editorial

Público é um projeto de informação em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo.

Público é um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica.

Público inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa.

Público aposta numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de atividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural.

Público entende que as novas possibilidades técnicas de informação implicam um jornalismo eficaz, atrativo e imaginativo na sua permanente comunicação com os leitores.

Público estabelece as suas opções editoriais sem hierarquias prévias entre os diversos sectores de atividade, numa constante disponibilidade para o estímulo dos acontecimentos e situações que, quotidianamente, são noticiados e comentados.

Público considera que a existência de uma opinião pública informada, ativa e interveniente é condição fundamental da democracia e da dinâmica de uma sociedade aberta, que não fixa fronteiras regionais, nacionais e culturais aos movimentos de comunicação e opinião.

Público participa no debate das grandes questões que se colocam à sociedade portuguesa na perspetiva da construção do espaço europeu e de um novo quadro internacional de relações.

Público é responsável apenas perante os leitores, numa relação rigorosa e transparente, autónoma do poder político e independente de poderes particulares.

Público reconhece como seu único limite o espaço privado dos cidadãos e tem como limiar de existência a sua credibilidade pública.

ANEXO B: FICHA TÉCNICA DO PÚBLICO

Ficha Técnica

Conselho de Administração

Presidente

Ângelo Paupério

Vogais

Cláudia Azevedo, Cristina Soares

Mesa da Assembleia Geral

Presidente

Célia Sá Miranda

Secretário

Ricardo Fraga Costa

Fiscal

Único

Efetivo

e Fiscal Único Suplente

Fiscal

Único

Efetivo

PricewaterhouseCoopers & Associados - SROC, Lda., representada por Hermínio António Paulos Afonso ou António Joaquim Brochado Correia

Fiscal

Único

Suplente

Joaquim Miguel de Azevedo Barroso

Conselho Consultivo

André Gonçalves Pereira, António Barreto, António Vitorino, Diogo Lucena, Isabel Mota, José Amaral, Manuela Melo, Rui Guimarães

Área Financeira e Circulação

Nuno Garcia

Recursos Humanos

Maria José Palmeirim

Direção Comercial

Mário Jorge Maia

Análise de Dados

Elisabeth Fernandes

Direção Editorial

Diretor

Manuel Carvalho

Diretores-adjuntos

Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro

Diretora

de

arte

Sónia Matos

Conselho Editorial

Jorge Almeida Fernandes, Manuel Carvalho, Nuno Pacheco, São José Almeida, Teresa de Sousa

Mesa de Edição

Sérgio B. Gomes (editor P2), Helena Pereira, Isabel Aveiro, José Mateus, Álvaro Vieira e Pedro Sales Dias (editores de fecho), Nuno Ribeiro

Online

Mariana Adam (editora), Pedro Rios (editor), Paula Barreiros (gestora homepage), Pedro Esteves (gestor homepage), Pedro Guerreiro (gestor de homepage), Cláudia Carvalho Silva (última hora), Inês Chaíça_ (última hora), Liliana Borges (última hora), Aline Flor (áudio), Ruben Martins (áudio), Carolina Pescada (vídeo), Teresa Abecassis (vídeo), Teresa Pacheco Miranda (vídeo), Vera Moutinho (vídeo), Ricardo Sampaio (responsável técnico), Lucas Freitas (gestor de redes sociais), João Pedro Pereira (tecnologia), Karla Pequenino (tecnologia)

Política

Sónia Sapage (editora), São José Almeida (redatora principal), Leonete Botelho (grande repórter), Liliana Valente, Luciano Alvarez (grande repórter), Margarida Gomes, Maria Lopes, Maria João Lopes, Sofia Rodrigues

Sociedade

Andreia Sanches (editora), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Joana Gorjão Henriques, Lurdes Ferreira (redatora principal), Mariana Oliveira, Natália Faria, Margarida David Cardoso, Rita Marques Costa, Samuel Silva

Local

Ana Fernandes (editora), Abel Coentrão, João Pedro Pincha, Patrícia Carvalho, Cristiana Moreira

Economia

Pedro Ferreira Esteves (editor), Luís Villalobos, Cristina Ferreira (grande repórter), Sérgio Aníbal (grande repórter), Ana Brito, Luísa Pinto, Pedro Crisóstomo, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira

Mundo

Ana Gomes Ferreira (editora), Rita Siza, Bárbara Reis (redatora principal), Jorge Almeida Fernandes (redator principal), Teresa de Sousa (redatora principal), Alexandre Martins, Clara Barata (subeditora), João Ruela, Manuel Louro, Maria João Guimarães, Sofia Lorena, António Saraiva Lima

Ciência

Teresa Firmino (editora), Andrea Cunha Freitas, Teresa Serafim

Cultura/Ípsilon

Isabel Coutinho (editora), Inês Nadais (editora), Vasco Câmara (editor Ípsilon), Nuno Pacheco (redator principal), Isabel Salema (grande repórter), Sérgio C. Andrade (grande repórter), Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mário Lopes, Vítor Belanciano

Desporto

Jorge Miguel Matias (editor), Nuno Sousa (editor), Augusto Bernardino, David Andrade, Marco Vaza, Paulo Curado, Tiago Pimentel

Paginação

José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Ana Fidalgo, Ivone Ralha, Joana Lima, José Soares, Sandra Silva

Copy-desks

Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Manuela Barreto, Rita Pimenta

Fotografia

Daniel Rocha (editor), Manuel Roberto (editor), Adriano Miranda, Nélson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingues (digitalização), Isabel Amorim (documentalista)

Design Digital

Dinis Correia (coordenador), Andrea Espadinha, David Mano, Miguel Cabral

Infografia

Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, José Alves, Francisco Lopes

Marketing Editorial

Joana Villas (coordenadora), João Mota

P3

Amanda Ribeiro, Ana Maria Henriques, Mariana Correia Pinto, Renata Monteiro, Nuno Costa (web designer)

Fugas

Sandra Silva Costa (editora), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Mara Gonçalves, Luís Octávio Costa

Culto

Bárbara Wong (editora), Catarina Lamelas Moura

Guia do Lazer

Sílvia Pereira, Cláudia Alpendre, Sílvia Gap Sousa

Secretariado

Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos

Centro de Documentação

Leonor Sousa

ANEXO C: APRESENTAÇÃO DA TABELA NÚMERO 7

Número	Título	Secção	Disponível em:
1	The caravan on the road in Mexico is the size of a small town. But it's a town under pressure.	Mundo	https://www.publico.pt/2018/11/06/mundo/noticia/caravana-estrada-mexico-tamanho-cidade-cidade-pressao-1850103
2	Italy government wins confidence vote amid coalition tensions	Mundo	https://www.publico.pt/2018/11/07/mundo/noticia/dia-historico-lei-seguranca-imigracao-italia-afirma-salvini-1850242
3	Rohingya crisis, Suu Kyi under the microscope at Southeast Asia summit	Mundo	https://www.publico.pt/2018/11/11/mundo/noticia/crise-arracao-suu-kyi-microscopio-cimeira-sudeste-asiatico-1850381
4	European Commission calls on Romania to halt judicial overhaul	Mundo	https://www.publico.pt/2018/11/13/mundo/noticia/vicepresidente-comissao-europeia-preocupado-alteracoes-no-sistema-judicial-socialdemocratas-poem-causa-estado-direito-1850973

5	N. Korea's Kim inspects newly developed 'tactical' weapon, releases U.S. prisoner	Mundo	https://www.publico.pt/2018/12/06/mundo/noticia/imagens-satelite-revelam-base-secreta-misseis-coreia-norte-1853733
6	In India, people are fleeing Delhi because of the smoggy air	Mundo	https://www.publico.pt/2018/11/29/mundo/noticia/habitantes-deli-estao-fugir-go-a-cao-poluicao-1852916
7	After Khashoggi murder, some Saudi royals turn against king's favorite son	Mundo	https://www.publico.pt/2018/11/21/mundo/noticia/apos-assassinato-khashoggi-membros-realeza-saudita-revoltamse-principe-herdeiro-1851792
8	Turkey's long crackdown casts shadow	Mundo	

	over EU meeting* ²⁴		
9	Border Patrol trainees prepare to enter one of the country's fiercest political battles*	P2	
10	Separated by travel ban, Iranian families reunite at border library	Online	https://www.publico.pt/2018/11/29/mundo/noticia/familias-separadas-trump-reunemse-biblioteca-atravesada-linha-fronteira-1852991
11	Family, former staff to accompany body of President Bush from Texas	Mundo	https://www.publico.pt/2018/12/03/mundo/noticia/familia-exfuncionarios-bush-juntamse-cerimonias-funebres-homenagem-expresidente-texas-1853343
12	Man who recruited the 9/11 hijackers	Mundo	https://www.publico.pt/2018/04/19/mundo/noticia/suspeito-dos-atentados-de-11-de-

²⁴ Os títulos das notícias dos TP que se encontram com um * não foram publicadas, desse modo não têm hiperligação disponível.

	is being held in Syria		<u>setembro-de-2001-nos-eua-detido-na-siria-1810928</u>
13	With clubs and churches berlin becomes home for migrants	P3	<u>https://www.publico.pt/2018/12/13/p3/noticia/entre-discotecas-e-igrejas-berlim-torna-se-casa-para-os-migrantes-1854492</u>
14	Sem título no TP	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2018/12/28/mundo/noticia/congo-procura-virar-pagina-meio-violencia-surto-ebola-1856048</u>
15	Candidates to succeed Kabila after Congo's presidential election	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2018/12/28/mundo/noticia/sera-sucessor-kabila-presidencia-congo-1856010</u>
16	Kurdish-led forces in Syria may not be able to contain IS prisoners	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2018/12/21/mundo/noticia/curdos-sirios-pedem-franca-substituam-eua-1855629</u>
17	Sudanese police fire tear gas at	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2018/12/21/mundo/noticia/policia-sudanesa-usa-gas-</u>

	crowds on third day of protests		<u>lacrimogeneo-multidoes-terceiro-dia-protestos-1855662</u>
18	For Shanahan, a very public debut in Trump's cabinet	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2019/01/03/mundo/noticia/pesada-heranca-novo-chefe-pentagono-1856597</u>
19	UK plans rehearsals for no-deal Brexit amid fears of road, port chaos	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2019/01/04/mundo/noticia/reino-unido-vai-simular-caos-fronteira-dover-causa-brexite-1856736</u>
20	We are witches: Clerical abuse scandal divides parishes	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2019/01/28/mundo/noticia/bruxas-escandalo-abuso-sexual-igreja-divide-paroquias-politica-polonia-1858764</u>
21	UK says will fight "inconvenient" plot to hobble no-deal Brexit	Mundo	<u>https://www.publico.pt/2019/01/08/mundo/noticia/governo-britanico-vai-lutar-plano-inconveniente-bloquear-brexite-acordo-1857052</u>

22	Israeli doctors ban gay conversion therapy as risks 'mental damage'*	P3	
23	Saudi-backed organization denounces countries for 'inciting' women to flee	Mundo	https://www.publico.pt/2019/01/14/mundo/noticia/organizacao-ha-incentive-sauditas-fugir-pais-1857832
24	Migrants depart from El Salvador as new U.S.-bound caravan forms	Mundo	https://www.publico.pt/2019/01/17/mundo/noticia/ha-nova-caravana-caminho-eua-formada-el-salvador-1858322
25	Braving outrage, Swedish liberal Loof dumps partners to	Mundo	https://www.publico.pt/2019/01/18/mundo/noticia/quatro-meses-impasse-suecia-governo-deixa-extremadireita-1858432

	block populists		
26	Some 170 migrants missing in two Mediterranean incidents	Mundo	https://www.publico.pt/2019/01/21/mundo/noticia/ha-170-imigrantes-desaparecidos-dois-naufragios-mediterraneo-1858798
27	Gabriel's journey: A transgender Spaniard makes the change	P3	https://www.publico.pt/2019/01/23/p3/noticia/soy-trans-em-crianca-queria-ser-oscar-hoje-e-gabriel-1859092
28	Order! Order! The sharp- tongued speaker of the House of Commons is changing the rules - and maybe Brexit	Mundo	https://www.publico.pt/2019/01/28/mundo/noticia/ordem-ordem-speaker-lingua-afiada-mudar-regras-brexit-1859760
29	Even behind bars, El Chapo's 'Robin Hood' luster glows	Online	https://www.publico.pt/2019/02/02/mundo/noticia/atras-grades-faceta-robin-hood-el-chapo-nao-deixa-brilhar-1860508

	in Mexico drug capital		
30	Blackwater founder Erik Prince's new company building training center in Xinjiang	Mundo	https://www.publico.pt/2019/02/01/mundo/noticia/fundador-blackwater-cria-centro-treino-xinjiang-1860436
31	Venezuela's Guaidó wants China to see Maduro is bad for business	Mundo	https://www.publico.pt/2019/02/05/mundo/noticia/guaido-quer-china-perceba-maduro-mau-negocios-1860780

Tabela 7: Apresentação dos textos traduzidos ao longo do estágio, respetivas secções e hiperligação direta aos TC.

ANEXO D: APRESENTAÇÃO DA TABELA NÚMERO 8

Título do TP	Número de palavras TP	Título do TC editado²⁵	Número de palavras TC editado
The caravan on the road in Mexico is the size of a small town. But it's a town under pressure.	1298	A caravana que atravessa o México rumo aos EUA é uma cidade sob pressão	1286
Italy government wins confidence vote amid coalition tensions	441	Salvini consegue aprovar a lei de segurança, mas adensa-se a tensão com o 5 Estrelas	496
Rohingya crisis, Suu Kyi under the microscope at Southeast Asia summit	885	Crise dos rohingya: Suu Kyi sob pressão na cimeira do Sudeste Asiático	945
European Commission calls on Romania to halt judicial overhaul	348	Comissão Europeia preocupada com alteração dos valores democráticos na Roménia	398

²⁵ Os títulos que se encontram com * são propostas de título que não foram editados ou publicados.

N.Korea's Kim inspects newly developed 'tactical' weapon, releases U.S. prisoner	726	Testes da nova arma nuclear da Coreia do Norte podem "abalar" as negociações com os EUA*	811
In India, people are fleeing Delhi because of the smoggy air	1232	Os habitantes de Nova Deli estão a fugir para Goa por causa da poluição	1315
After Khashoggi murder, some Saudi royals turn against king's favorite son	1442	Na Casa de Saud já se fala em substituir o príncipe herdeiro M.B.S.	1518
Turkey's long crackdown casts shadow over EU meeting	817	O clima de repressão na Turquia afasta a sua entrada na UE*	972
Border Patrol trainees prepare to enter one of the country's fiercest political battles	997	Agentes da Patrulha de Fronteira preparam-se para entrar numa das batalhas políticas mais violentas do país*	1197
Separated by travel ban, Iranian families reunite at border library	2060	Famílias separadas por Trump reúnem-se em biblioteca atravessada pela linha de fronteira	2252

Family, former staff to accompany body of President Bush from Texas	330	A última viagem de Bush para Washintgon	372
Man who recruited the 9/11 hijackers is being held in Syria	1952	Curdos dizem ter detido possível recrutador de atentados de 11 de Setembro	218
With clubs and churches berlin becomes home for migrants	684	Entre discotecas e igrejas, Berlim torna-se casa para os migrantes	801
Democratic Republic of Congo will vote on Dec. 23	720	Congo procura virar a página no meio da violência e de um surto de ébola	981
Candidates to succeed Kabila after Congo's presidential election	712	Quem será o sucessor de Kabila na presidência do Congo?	640
Kurdish-led forces in Syria may not be able to contain IS prisoners	240	Curdos sírios pedem a França que substituam os EUA	343
Sudanese police fire tear gas at crowds on third day of protests	368	Polícia sudanesa usa gás lacrimogéneo contra multidões no terceiro dia de protestos	434

For Shanahan, a very public debut in Trump's cabinet	806	A pesada herança do novo chefe do Pentágono	764
UK plans rehearsals for no-deal Brexit amid fears of road, port chaos	578	Reino Unido vai simular caos na fronteira de Dover por causa do "Brexit"	571
We are witches: Clerical abuse scandal divides parishes	1189	“Somos bruxas”: abuso sexual na Igreja divide paróquias e política na Polónia	1464
UK says will fight "inconvenient" plot to hobble no-deal Brexit	443		427
Israeli doctors ban gay conversion therapy as risks 'mental damage'	457	Médicos israelitas proíbem “terapia de conversão” para homossexuais por provocar danos psicológicos*	490
Saudi-backed organization denounces countries for 'inciting' women to flee	424	Organização diz que há quem incentive as sauditas a fugir do país	536
Migrants depart from El Salvador as new U.S.-bound caravan forms	350	Há uma nova caravana a caminho dos EUA formada em El Salvador	505

Braving outrage, Swedish liberal Loof dumps partners to block populists	645	A aposta arriscada de Annie Loof, que antes dizia que preferia comer um sapato	218
Some 170 migrants missing in two Mediterranean incidents	459	Há 170 imigrantes desaparecidos em dois naufrágios no Mediterrâneo	521
Gabriel's journey: A transgender Spaniard makes the change	361	<i>Soy trans</i> : em criança queria ser Óscar, hoje é Gabriel	458
Order! Order! The sharp-tongued speaker of the House of Commons is changing the rules - and maybe Brexit	1344	Ordem! Ordem! O speaker de língua afiada está a mudar as regras – e talvez o "Brexit"	1419
Even behind bars, El Chapo's 'Robin Hood' luster glows in Mexico drug capital	1076	Atrás das grades, "El Chapo" ainda é o “Robin Hood” de Sinaloa	1279
Blackwater founder Erik Prince's new company building training center in Xinjiang	778	Fundador da Blackwater cria centro de treino em Xinjiang... para quê?	886

Venezuela's Guaidó wants China to see Maduro is bad for business	1180	Guaidó quer que a China perceba que Maduro é mau para os negócios	1245
---	------	---	------

Tabela 8: Título dos TP e dos TC com respetivo número de palavras.

ANEXO E: APRESENTAÇÃO DA TABELA NÚMERO 9

Título do TP	Disponível em:
Hundreds of Rohingya families flee India after deportations	https://www.reuters.com/article/us-myanmar-rohingya-india/hundreds-of-rohingya-families-flee-india-after-deportations-idUSKCN1PB1GS
Saudi-backed organization denounces countries for 'inciting' women to flee	https://www.reuters.com/article/us-saudi-asylum/saudi-backed-organization-denounces-countries-for-inciting-women-to-flee-idUSKCN1P818Y
Exclusive: At U.N. climate talks, Trump team plans sideshow on coal	https://www.reuters.com/article/us-climate-change-accord-trump-exclusive/exclusive-at-u-n-climate-talks-trump-team-plans-sideshow-on-coal-idUSKCN1NK1MJ
Migrants depart from El Salvador as new U.S.-bound caravan forms	https://www.reuters.com/article/us-usa-immigration-caravan/migrants-depart-from-el-salvador-as-new-u-s-bound-caravan-forms-idUSKCN1PA2KB
Thailand signals major shift in refugee policy after Rahaf Mohammed case	https://www.theguardian.com/world/2019/jan/17/thailand-refugee-policy-shift-rahaf-saudi-arabia
Some 170 migrants missing in two Mediterranean incidents	https://www.reuters.com/article/us-italy-migrants-dinghy/some-170-migrants-missing-in-two-mediterranean-incidents-idUSKCN1PD0EW

Rohingya flee refugee camps in Bangladesh, as Myanmar prepares for first returnees	https://www.reuters.com/article/us-myanmar-rohingya/rohingya-flee-refugee-camps-in-bangladesh-as-myanmar-prepares-for-first-returnees-idUSKCN1NG0R2
Ebola spreads to high-risk area of Congo: WHO	https://www.reuters.com/article/us-health-ebola-congo/ebola-spreads-to-high-risk-area-of-congo-who-idUSKCN1PJ145
Italy pressures Dutch and French over storm-tossed migrant rescue ship	https://www.reuters.com/article/us-europe-migrants-italy/italy-pressure-dutch-and-french-over-storm-tossed-migrant-rescue-ship-idUSKCN1PJ18X
Desperate Mongolians send children into countryside to escape choking winter smog	https://www.reuters.com/article/us-mongolia-pollution/desperate-mongolians-send-children-into-countryside-to-escape-choking-winter-smog-idUSKCN1PT0GX

Tabela 9: Sugestões de tradução da estagiária com hiperligação direta.

Figura 4: Notícia número1 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.

83

Na Casa de Saud já se fala em substituir o príncipe Mohammed bin Salman

A família discute entre si se depois da morte do rei Salman não deve ser o seu irmão Ahmed bin Abdulaziz assumir o trono. Os EUA, o mais importante aliado saudita, podem ter uma palavra a dizer

Arábia Saudita

Por entre o aborrecimento internacional devido ao assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, vários membros da família que governa a Arábia Saudita estão a movimentar-se para evitar que o príncipe herdeiro, Mohammed bin Salman, se torne rei, dizendo que não tem a idade adequada para o cargo.

Dezenas de príncipes e príncipas de casas poderosas da família Saud querem mudar a linha de sucessão, mas não vão agir enquanto o rei Salman — o pai de 32 anos do príncipe herdeiro — estiver vivo, dizem as fontes. Recusam-se em especular que o rei se retire contra o filho predilecto, concluído pela APB.

Noém, a família discute entre si se depois da morte do rei o príncipe Ahmed bin Abdulaziz, de 76 anos, deve assumir o trono.

O príncipe Ahmed, o irmão que monta ao rei Salman (o pai de 65 anos) o reino iraquiano, não é apoiado pelos membros da família, das forças de segurança e de algumas potências ocidentais, disse uma das fontes.

Ahmed foi um dos três membros do Conselho da Aliança, formado pelos membros mais velhos da família, que em 2017 se opôs ao plano do rei Mohammed bin Salman de substituir o príncipe herdeiro, dizendo que não tem a idade adequada.

Não o príncipe Ahmed tem os seus representantes poderosos em contacto. As autoridades em Riad não responderam aos pedidos da Reuters para comentários.

A Casa de Saud tem centenas de príncipes. Ao contrário das monarquias europeias, não há sucessão automática do pai para o filho mais velho. As tradições tribais do reino dizem que o rei e os membros mais velhos de cada ramo da família escolhem o herdeiro que consideram mais apto à liderança.

Além dos membros da família, dezenas de conselheiros sauditas nos últimos meses que apoiaram o príncipe Ahmed, que durante quase 40 anos foi vice-ministro do Interior, têm potencial sucesso do rei, dizem fontes sauditas com conhecimento directo das reuniões.

As fontes sauditas dizem estar cientes de que Ahmed não vai aceitar ou reverter as reformas sociais e económicas de MBS e que lutará os interesses militares, além de que irá tentar a unificação da família.

Um alto funcionário americano disse que a Casa Branca não tem pressa em distanciar-se do príncipe herdeiro, apesar da pressão dos legisladores e da oposição da CIA de que MBS ordenou o assassinato de Khashoggi. O mesmo, o Presidente acabou um relatório de direitos dos serviços secretos e disse que não vai cortar laços com Riad.

As fontes sauditas dizem que as autoridades dos EUA estão relutantes a sua posição sobre MBS não apenas pela reputação do seu papel no assassinato de Khashoggi, mas também porque o príncipe herdeiro pediu recentemente ao Ministério da Defesa para procurar na Rússia alternativas para o fornecimento de armas. Numa carta do 11 de Maio, vista pela Reuters,

MBS pede ao Ministério para "se centrar na compra de sistemas de armamento", incluindo o sistema de mísseis terra-ar Javelin J-900.

O chamado assassinato de Khashoggi, crítico do príncipe herdeiro, provocou a condenação global, um de muitos políticos e responsáveis dos EUA.

O aborrecimento internacional pressionou uma corte já dividida sobre a rápida promoção do príncipe Mohammed, de 33 anos.

O príncipe governa o apoio popular com reformas sociais e económicas.

Príncipe herdeiro destruiu os pilares institucionais que sustentaram quase um século de governo da família

Mas as reformas foram acompanhadas da repressão de dissidentes, do afastamento de figuras de topo no hierarquia da família real e de conspirações acusadas de corrupção e de uma dispendiosa guerra no Iémen. Também marginalizou importantes membros da família real e assumiu o controlo da segurança e dos serviços secretos.

Em Junho de 2017 afastou o seu pai do poder o príncipe herdeiro e vice-ministro do Interior, Mohammed bin Nayef, de 89 anos. Depois tornou o chefe da Guarda Nacional o príncipe Mohammed bin Abdulaziz, de 58 anos, filho do anterior rei, Abdulaziz, e deu-lhe o papel de corregedor.

Entre 30 príncipes foram presos, banidos ou privados da sua riqueza, enquanto MBS estendeu o seu controlo sobre o aparelho de segurança e o aparelho de segurança. Tudo a Casa de Saud está fragilizada.

da corte e acção do príncipe.

Uma fonte saudita muito próxima da família real diz que muitos príncipes dos círculos mais poderosos da família saudita que uma mudança na linha de sucessão "não seria qual quer substituição nos legados de segurança que (MBS) construiu", porque são leais ao conjunto da família.

Os EUA, importante aliado da Arábia Saudita em termos económicos e de segurança, serão determinantes sobre o futuro, dizem as fontes sauditas e diplomáticas.

Trump e o seu grupo de conselheiros, Jared Kushner, criaram relações pessoais profundas com o príncipe herdeiro. Uma fonte saudita disse que MBS sente que ainda tem o apoio de Trump e Kushner e está disposto a "fazer qualquer coisa para agradar os Estados Unidos".

Os legisladores americanos estão entretidos a avançar com legislação para punir Riad pelo morte de Khashoggi, e senadores republicanos e democratas pediram a Trump para expulsar o rei do reino a MBS.

O rei Salman, de 82 anos, está cheio de problemas consequentes de um conflito com os EUA e da possibilidade de o Congresso congelar bens sauditas. Mas algumas pessoas que estiveram recentemente com o rei observam que Salman parece estar em transição sobre o sucessor da família real, o que, acreditando que há uma conspiração contra o rei.

Quando o rei morto se for incapaz de governar, o Conselho da Aliança, composto por 24 membros, um representante de cada um dos ramos da família real, de forma a legitimar as decisões sobre a sucessão, não é claro se automaticamente MBS ou não. Embora tenha ocorrido a indicação de MBS como herdeiro, o Conselho não o atribuiu automaticamente o cargo, acreditando depois de ter ouvido todos os lados.

As fontes sauditas dizem que MBS destruiu os pilares institucionais que sustentaram quase um século de governo da Casa de Saud, a família, os religiosos, os tribais e as famílias que se dedicam ao comércio. Dizem que para a família é um desastre total.



Mohammed bin Salman fragiliza toda a família real saudita, dizem as fontes

Reuters Investigative

Figura 5: Notícia número 7 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.

Crise dos rohingya: Suu Kyi sob pressão na cimeira do Sudeste Asiático

Vários líderes asiáticos perderam a confiança no Governo liderado pela prêmio Nobel da Paz na Birmânia. Reunião em Singapura expõe tensões no bloco regional, que pode dividir-se em termos religiosos

Ásia
John Geddie
e Thu Thu Aung

Esta semana, em Singapura, a habitual cordialidade sentida nas cimeiras do Sudeste Asiático pode estar comprometida quando os líderes regionais se encontrarem, relativamente às incompatibilidades sobre a Birmânia, onde os militares foram acusados de genocídio contra a minoria muçulmana rohingya.

A líder birmãesa, Aung San Suu Kyi, deve comparecer na cimeira de Singapura, realizada entre 11 e 15 de Novembro, e o primeiro-ministro da Malásia, Mahathir Mohamad, um célebre membro do grupo, já deixou o ar de quem perdeu a confiança na Suíça da Paz, devido à crise dos rohingya. "Deixámos bem claro que não a apoiamos mais", disse Mahathir, numa entrevista ao canal de notícias novo, NTV World, há pouco mais de um mês. "A política que praticamos na ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático) é de não interferência nos assuntos internos dos países, mas isso é totalmente injusto", disse Mahathir.

A crise dos rohingya é um dos maiores desastres a envolver um dos membros do bloco regional desde que a ASEAN foi fundada, em 1967, e é um dos assuntos mais delicados enfrentados por um grupo que, tradicionalmente, trabalha por consenso. Muitos diplomatas e activistas dos direitos humanos dizem que a credibilidade da ASEAN pode ser posta em causa, caso não consigam encontrar uma solução. Em Agosto, um relatório da ONU alertou para os imensos em massa e violações colectivas, com insensação genocida durante uma ofensiva militar que começou em 2017 e levou centenas de milhares de rohingya a fugirem para o Bangladesh.

A indignação face ao que as Nações Unidas definiram como "limpeza étnica" levou a que vários países exigissem que as responsáveis fossem acusadas judicialmente e sancionadas. "A credibilidade da ASEAN e a sua reputação internacional serão fortemente prejudicadas caso a associação permaneça indiferente à crise que se faz



Suu Kyi insiste que responsabilidade da crise é dos militares

serem em Rohingya", disse Karl Chan, gkhtavon, ex-assessor do secretário-geral da ASEAN e veterano jornalista tailandês que trabalhou na Birmânia.

A crise dos rohingya surge numa conjuntura política delicada numa região que tem lutado por uma maior integração económica face ao crescimento do proteccionismo e à disputa comercial entre os EUA e a China. Os Estados-membros maioritariamente muçulmanos da ASEAN, Malásia, Indonésia e Brunei, tendem a assumir a posição mais dura face à tragédia dos rohingya, mas a Birmânia conta com o Camboja, Laos e Vietnam como aliados. Sob o controlo militar nos últimos anos, o Governo de Niallândia também tem dado protecção à Birmânia.

Durante um encontro em Hanoi, em Setembro, o primeiro-ministro do Camboja, Hun Sen, disse que os países fora da Indochina são demasiado críticos com a política regional e não compreendem verdadeiramente o que se passa na Birmânia.

Escrutínio desconfortável

Richard Horsey, um ex-diplomata da ONU na Birmânia e analista político em Rangum, disse que os líderes estrangeiros presentes na cimeira de Singapura vão fazer algumas questões difíceis sobre a Birmânia. Ao longo da semana, espera-se que o vice-presidente dos EUA, Mike Pence, o Presidente russo, Vladimir Putin, o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, e o primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, estejam presentes na reunião com os membros da ASEAN. "Para além deste escrutínio desconfortável, e uma possível distorção de outras prioridades da ASEAN, alguns líderes também se preocupam com o risco de o grupo se dividir em termos religiosos", disse Horsey.

Singapura irá presidir à reunião e o seu papel quanto ao tom da cimeira será crucial. Uma fonte anónima próxima das discussões pré-cimeira afirmou que Singapura vai assumir um papel de destaque, sendo que é o membro com mais relações internacionais da ASEAN e está preocupado em manter a sua credibilidade.

O Ministério dos Negócios Estran-

geiros de Singapura disse esperar que os líderes da ASEAN discutam a crítica situação no estado de Rohingya.

"No entanto, a responsabilidade de alcançar uma solução política abrangente, viável e duradoura para a crise dos rohingya é do Governo da Birmânia e das partes interessadas", disse uma porta-voz, numa resposta enviada por email à Reuters.

No início do ano, o ministro dos Negócios Estrangeiros Vivian Balakrishnan disse que o grupo sobcritou à Birmânia que autorizasse uma comissão de inquérito para responsabilizar os causadores da crise no estado de Rohingya. Foi um recrudescimento da linguagem que anteriormente estava focada no repatriamento de pessoas deslocadas e na reconciliação entre comunidades. "A mudança na linguagem, especialmente os recentes apelos por mais responsabilidade, reflectem que a ASEAN vê a situação da Birmânia como um indicador da sua própria responsabilidade ao lidar com um membro desobediente", disse Mos Thawar, investigador especialista em assuntos da ASEAN e da Birmânia, do Instituto de Estudos do Sudeste Asiático de Singapura.

Uma fonte do Governo na Tailândia, que assume o secretariado da ASEAN no próximo ano, também afirmou que a credibilidade do grupo estava em risco, especialmente depois da denúncia da crise de Rohingya feita pela ONU. Uma terceira fonte próxima das discussões concordou que este assunto "é um problema, e há plena consciência de que é um problema".

Myo Nyunt, porta-voz da Liga Nacional pela Democracia de Suu Kyi, garantiu que a Birmânia não deixaria de abordar o assunto no futuro. "Aceitamos que existam pontos de vista diferentes, mas temos de tomar decisões para o futuro com base na situação real do nosso país. Queremos entender que existem algumas questões que não conseguimos resolver."

Suu Kyi disse antes que o seu governo não devia assumir a responsabilidade total pela crise face ao papel político influente que os militares mantêm ao abrigo da Constituição.

Figura 6: Notícia número 3 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.

Podem as cidades ser grandiosas, quando o ar que lá se respira leva os que o podem fazer a sair? Os migrantes da poluição ainda são uma pequena elite, mas há cada vez mais gente que quer fugir da nuvem espessa e escura que engole a capital da Índia.

Podem as cidades ser grandiosas, quando o ar que lá se respira leva os que o podem fazer a sair? Os migrantes da poluição ainda são uma pequena elite, mas há cada vez mais gente que quer fugir da nuvem espessa e escura que engole a capital da Índia.



Qualche volta, quando si parla di "città intelligenti", si intende una città che ha investito in tecnologia e in infrastrutture. Ma che cosa significa una città veramente intelligente? È una città che sa utilizzare al meglio le risorse disponibili, che sa comunicare e collaborare con i suoi cittadini, che sa essere aperta e trasparente. In altre parole, una città che sa essere "intelligente" nel senso più ampio del termine. E che sa essere "intelligente" anche nel senso più pratico, cioè nel senso di una città che sa essere efficiente e produttiva. In altre parole, una città che sa essere "intelligente" in tutto.

Como a demanda das organizações cresceu nos últimos anos, a expectativa por a obra ser lançada com o dobro de vez à vista. Depois de mais de 10 anos do Odebrecht em 2006, disse que que era difícil de agir. Agora, quando pensa em 2011, sente o mesmo. Ainda por ser muito de si.

"Torneo mai per me poter
esser l'ovella rubata così, senza
sacr", da Marsilio, in 13 anni,
addice al suo appartamento
luminoso-lux, in una villetta di
latta, a viale Vittorio di Roma-
li. "E con sentimento di perle
permanenti, come se un angelo
potesse con il suo alito".

Marcelino foi parte de um grupo pequeno mas não menos relevante no resgate das pessoas a quem se refere a história "religiosa do Brasil": pessoas que sofreram por a melhor resposta para a sua condição política do S. XIX e do S. XX. Apesar de não serem religiosos, tiveram a capital de volta por God, contra protestos Nacionais. Seus restos mortais estão aqui.

El desarrollo personal también es una
preocupación: como para cualquier
persona, como todos los seres vivos.

Alina Bălanescu a fost o pionieră de oportunități comerciale. Nu este vorba de oarecare activitate în comerț, ci de o activitate în comerț internațional, unde găsim pe lângă o activitate comercială, o activitate de distribuție, o activitate de distribuție de produse și servicii.

depende de determinadas condições de saúde. Um caso a se considerar é o caso de crianças com síndrome de Down. As causas são: - 1) no caso da síndrome de Down, - 2) da síndrome, a criança apresenta, ao contrário do normal, um cromossomo a mais (trisomia 21).

A "Wiederholungsstudie" (Repetition Study) was conducted by the author, who found that the results of the study were consistent with those of the original study. The author also found that the results of the study were consistent with those of the original study.

[illegible]

Os seus trabalhos foram sempre profundamente influenciados por uma inquietação e por uma curiosidade incessantes, e a sua obra evoluiu de um modo constante e progressivo, sempre para a procura de novas soluções para antigos problemas. O seu trabalho foi sempre profundamente influenciado por uma inquietação e por uma curiosidade incessantes, e a sua obra evoluiu de um modo constante e progressivo, sempre para a procura de novas soluções para antigos problemas.

¹⁴ *Id.* 1000 (emphasis added).

esse livro, portanto, não é apenas uma obra de um popular professor de ciência sobre divulgação que também é, como um livro, uma obra poética, cheia de beleza e lirismo. Quem está interessado, não deixe de ler. *Francisco*

Thomson recebeu uma resposta a 8 de Maio, quando lhe foi enviada uma carta de agradecimento. Nessa oportunidade, para explicar o que era o estudo e o tipo de trabalho que estava a desenvolver, foi-lhe dada uma carta de apresentação. No dia seguinte, quando chegou ao hotel, foi-lhe dada uma carta de boas-vindas e uma carta de apresentação para o trabalho que estava a desenvolver. No dia seguinte, quando chegou ao hotel, foi-lhe dada uma carta de boas-vindas e uma carta de apresentação para o trabalho que estava a desenvolver.

Chronic inflammation is a local response to persistent stimuli that, consequently, results in cellular and tissue injury, as well as in a variety of clinical disorders.

Figura 7: Notícia número 6 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.



traído. Agora, a família de Sharma vive numa rua tranquila da cidade goesa de Porvorim. A sua casa fica perto da floresta e debaixo as janelas abertas.

"Sentimo-nos como desertores", comentou Michelle Cormman, de 42 anos, que viveu uma década em Deli. Adiantou que o casal tenta não falar sobre a sua mudança de vida com as pessoas da sua antiga cidade. "É muito difícil dizer aos nossos amigos: 'Olhem, hoje esteve um dia lindo, fomos à praia.'"

Para Tracy Shilshi, o ponto de ruptura foi em Novembro do ano passado, depois do Diwali (a maior festa hindu). O feriado celebra-se com foguetes e fogo-de-artifício, o que acrescenta mais um elemento à mistura tóxica de poluição de Nova Deli. "O ar ficou tão mau que sentíamos a poluição na boca", contou Shilshi, de

37 anos. No Facebook, Tracy publicou uma queixa em forma de poema sobre a poluição em Deli de um autor desconhecido.

O filho de Shilshi, de três anos, tinha constantemente o nariz a pingar, o que o pediatra atribuiu ao ar de Deli. O seu pai lutava contra uma tosse constante. Por isso, após 25 anos a viver na cidade, Shilshi deixou o emprego de jornalista televisiva e, em Abril, mudou-se com o marido, o filho e os pais para a zona sul de Goa. Os problemas respiratórios do filho e a tosse do pai de Tracy melhoraram numa semana. Os purificadores de ar que usavam em Deli estão agora a ganhar pó dentro de caixas.

As empresas de mudanças e os recrutadores de trabalhadores confirmam que os habitantes de Deli estão a abandonar a cidade devido à má qualidade do ar, ainda que não

possam quantificar a tendência. Suresh Raina, sócio da empresa de recrutamento Hunt Partners, disse que o inverno se tornou o momento ideal para persuadir executivos que não têm raízes profundas em Nova Deli a aceitar empregos noutras cidades. Estes executivos "acordam a cada Novembro, quando a poluição se adensa e o céu escurece, começam a fazer telefonemas a dizer: 'Não vou ficar aqui'", disse Raina.

Shilvani Aggarwal, directora executiva do Formula Group, especialista em recolocações, disse que encontrou vários exemplos em que a poluição expulsou as pessoas da cidade: uma família que no ano passado se mudou para Hyderabad, porque o filho pequeno tinha dificuldade em respirar em Deli; um casal de Bombaim que chegou há dois meses, mas já está à procura

de forma de partir devido à poluição; um terceiro casal decidiu viver separado - ele em Deli, ela em Goa - por causa da má qualidade do ar.

Há cerca de um mês, disse Aggarwal, o seu próprio marido pôs a hipótese de se ir embora. Por agora não vão a lado nenhum.

Refugiados

"Esta espécie de migração das pessoas com possibilidades económicas está a começar", admitiu Vinodhya Tripathi, que se define como uma "refugiada da poluição" em Goa. Deixou Deli em Dezembro do ano passado com os dois filhos, após rumorar sobre a hipótese durante anos: o marido ainda trabalha na cidade e voa para sul ao fim-de-semana.

A sua casa fica numa colina acima do rio Mapusa, com vista para um vasto vale verde. "Gostaria de acredi-

tar que as coisas vão mudar [em Deli]", disse Tripathi, de 39 anos. "[Mas essa mudança] não vai acontecer nos próximos cinco anos, enquanto os meus filhos são crianças."

Outros têm mala esperança. Melhorar a qualidade do ar pode demorar meio século ou mais, mas "não há nada que não possa ser feito", considerou Joshua Joshi, de 37 anos, sentada no alpendre da sua casa numa pequena aldeia de Goa.

Anoitecia e as suas gêmeas de três anos corriam por ali descalças. Joshi deixou Deli em Setembro e pretende ficar em Goa até Março, quando a poluição na capital diminuir um pouco. "[Nova Deli] tem uma boa energia, adoro-a, é a minha casa - disse - mas não posso viver em negação."

**Exclusivo PÚBLICO/
The Washington Post**

Figura 8: Continuação da notícia número 6.

"Somos bruxas"

Escândalo de abuso sexual na Igreja divide paróquias e política na Polônia

O padre de Kalinowka violou cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas"

Andrew R.C. Marshall
e Marcin Bocłowski

O antigo padre católico de Kalinowka está a cumprir o seu dever: não violar crianças. Mas Maria Bieda, mãe de uma das vítimas, e outros membros do conselho paroquial não estão de acordo. O padre de Kalinowka violou cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

Maria Bieda, mãe de uma das vítimas, e outros membros do conselho paroquial não estão de acordo. O padre de Kalinowka violou cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

Maria Bieda, mãe de uma das vítimas, e outros membros do conselho paroquial não estão de acordo. O padre de Kalinowka violou cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

nao da cidade principal, embora para a maioria dos paroquianos, a Igreja Católica é o centro da vida. Em 1989, foi a primeira vez que o papa visitou a Polónia, e desde então a Igreja Católica tem sido uma das principais forças políticas do país.

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

nao da cidade principal, embora para a maioria dos paroquianos, a Igreja Católica é o centro da vida. Em 1989, foi a primeira vez que o papa visitou a Polónia, e desde então a Igreja Católica tem sido uma das principais forças políticas do país.

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

nao da cidade principal, embora para a maioria dos paroquianos, a Igreja Católica é o centro da vida. Em 1989, foi a primeira vez que o papa visitou a Polónia, e desde então a Igreja Católica tem sido uma das principais forças políticas do país.

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".



nao da cidade principal, embora para a maioria dos paroquianos, a Igreja Católica é o centro da vida. Em 1989, foi a primeira vez que o papa visitou a Polónia, e desde então a Igreja Católica tem sido uma das principais forças políticas do país.

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

O padre de Kalinowka, que morreu em 2011, foi acusado de violar cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. Num dos países mais devotos da Europa, e onde a Igreja Católica tem grande influência política, as vítimas "começam a perceber que não estão sozinhas".

Figura 9: Notícia número 20 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.



Em Kaliszewka, a maior parte dos habitantes considera que o padre é inocente

mico artístico e jornalístico", disse Garmuch.

De acordo com um estudo do Instituto de Estatística da Igreja Católica, um centro de investigação sediado em Varsóvia, cerca de 12 milhões de pessoas, ou seja, quase um terço da população polaca, vai à missa regularmente. Os ministros distribuíam ligketons entre 2015 e 2016.

O "colapso" do país

A maioria das crianças frequentam aulas de religião, mas agora os números também têm decido. Em Lodz, a terceira maior cidade da Polónia, os números caíram de 80% em 2005 para menos de 50% actualmente, de acordo com dados do governo local citados pelo jornal *Islandski Łódź*.

Em Novembro do ano passado, a igreja disse que estas tendências podem ter graves consequências. "Abandonar a fé católica e os princípios cristãos que governam a nossa vida nacional é o funcionamento do Estado (podem levar ao colapso da Polónia)", afirmou a Igreja Católica polaca numa carta pastoral.

Em Kaliszewka, o Rosner falou com sete pastores locais. A maior parte deles apoiou o padre condenado. "Tenho um primo cujo filho lá de aulas do padre e eles não vieram nada", disse Wiesław Schewig, um reformado que estava junto à igreja de Kaliszewka.

Jolanta Jytk, cuja filha de nove anos está entre as vítimas, disse que os vizinhos começaram a contactar a sua família. "Eu cumprimentei sempre as pessoas, mas algumas delas desistiram a casa."

Jolanta, entre outras, tem quem a Rosner falou, disse que a filha dele não de comer depois do julgamento do padre. "Ela não comia porque uma mulher disse que o padre estava na prisão por causa dela." Jolanta contou que deixou de ir à missa - as pessoas começaram a pensar que ela não durasse o ritual em que todos se cumprimentam em sinal de paz e concórdia.

O actual padre de Kaliszewka, Piotr Łosiarz, não quis prestar declarações, remeteu a Rosner para o diocese de Łódź-Lubaczewo, a que pertence a sua paróquia.

Michał Mackolik, o padre que é porta-voz da diocese, disse que foi oferecida ajuda pastoral e psicológica às vítimas e às suas famílias. Estas rejeitaram. Mas não foi feita qualquer proposta de indemnização, disse, porque "a diocese não pode assumir a responsabilidade pelos actos do padre". Reuters

Tradução de Raquel Ordo

“
A filha de Jezula deixou de comer depois do julgamento do padre. “Ela não comia porque uma mulher disse que o padre estava na prisão por causa dela”

credibilidade em todo o mundo.

A igreja pode também ter consequências políticas na Polónia, segundo Łutnicki e outros observadores. O país deve eleger um novo Parlamento até Dezembro de 2019.

A Igreja Católica desempenha há muito um papel importante na política polaca, o que torna os seus 20 mil sacerdotes influentes junto dos eleitores.

Igreja e política

Em Dezembro, o jornal diário polaco *Gazeta Wyborcza*, de referência, publicou uma reportagem que notifica acusações de abuso sexual de uma mulher, Barbara Nowicka, contra o padre de Gdanisk Henryk Janikowski, que morreu em 2010 e foi esta figura icónica do clero católico mais conhecido.

O presidente da Câmara de Gdanisk, a cidade berço do Solidarnosc, pediu à igreja que investigasse as

acusações. O arcebispo Polak disse à Rosner que as acusações contra Janikowski "devem ser investigadas para o bem da igreja" e disse que caber ao bispo de Gdanisk resolver o caso.

Em 2015, o partido que ate patrão e político, o Lei e Justiça (PiS), chegou ao poder, o que fez passar no país o nacionalismo religioso da Igreja Católica polaca. Em Outubro do ano passado, o ex-ministro do PiS Antoni Macierewicz afirmou à igreja polaca parte do esforço feito para o partido ser o vencedor nacional das eleições municipais.

Joanna Schewig Wielgos, deputada do pequeno partido da oposição Nowa, organizou uma escuta independente para investigar os crimes sexuais cometidos por padres na Polónia. E disse que a igreja não se pode envolver e si própria. A deputada explicou que a sua lista não recebeu qualquer apoio por parte

do Lei e Justiça ou de qualquer outro grande partido.

No dia 18 de Janeiro, houve uma conferência de imprensa em Varsóvia, Joanna Schewig Wielgos anunciou que o relatório seria quase pronto e que vai ser entregue ao Vaticano em fevereiro, o mês do encontro marcado pelo papa Francisco.

"Quando se soube que aconteceram os crimes de pedofilia, os bispos católicos perderam o seu trabalho. O mesmo devia acontecer a muitos bispos polacos", disse, citada pelo Rosner.

A Rosner não obteve resposta do PiS ao pedido para comentar. Macierewicz Garmuch, deputado do Lei e Justiça no Parlamento Europeu, respondeu: perguntou por que razão a igreja estava a ser posta em causa assim. "Não percebo a razão de não estarmos a debater sobre um ou grupo, quando nos dá respeito a todos - por exemplo, ao

Figura 10: Continuação da notícia número 20.



Breve

Congresso europeu PPE lança aviso a Viktor Orbán

O Partido Popular Europeu (PPE) lançou um aviso que tem como destinatário o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán: o seu partido, Fidesz, pode ser expulso, por não cumprir as regras do Estado de direito. Embora a Hungria não seja mencionada, o congresso do PPE aprovou uma resolução em que exige respeito pelos valores fundamentais da Europa, que diz estarem em risco.

Salvini consegue aprovar a lei de segurança, mas adensa-se a tensão com o 5 Estrelas

Itália

"Fui bom e educado, mas isso vai acabar", disse Luigi di Maio, no dia em que Salvini aprovou a sua polémica lei da segurança

O Senado italiano aprovou um projeto de lei de segurança que dificulta a concessão de asilo e prevê expulsões dos imigrantes considerados "um perigo social" ou que foram condenados em primeira instância. "É um dia histórico", disse o vice-primeiro-ministro Matteo Salvini.

Esta vitória não diluiu a tensão na coligação governamental, composta pela Liga de Salvini e pelo Move-

mento 5 Estrelas, que governa a Itália desde Junho. O polémico projeto de lei de Salvini, que é ministro do Interior, adensou a relação turbulenta. Face a um debate aceno, foi pedido ao Senado que votasse uma moção de confiança ao projeto.

A lei — que segue agora para a câmara baixa do Parlamento — foi aprovada por 163 votos contra 59, com cinco senadores do 5 Estrelas a recusarem-se a votar. O Governo podia cair, se a lei não fosse aprovada.

Mas a maior fonte de discórdia é o enfraquecimento do 5 Estrelas para flexibilizar os prazos para o julgamento de vários crimes, incluindo a corrupção.

A Liga, de extrema-direita, considera que a flexibilização do estatuto de limitações significa que os réus podem enfrentar batalhas legais inacabi-



Matteo Salvini está a abalar a coligação de governo

velmente longas. O 5 Estrelas (anti-sistema) diz que devido aos prazos muitos casos ficam sem veredicto.

O jornal *Corriere della Sera* cita fontes da Liga que admittiram haver sinais crescentes de que poderá haver eleições antecipadas em Março.

Hi outras divergências a debilitar a coligação, incluindo uma proposta do 5 Estrelas para um programa de apoio às rendas de casa para os mais pobres. Foi uma das suas promessas eleitorais e está no Orçamento de 2019, que foi chegado pela União Europeia. E a Liga questionou a reforma dos apoios sociais.

Luigi di Maio, líder do 5 Estrelas e vice-primeiro-ministro, disse ao jornal *Corriere* que estava cansado de tantas tensões: "Fui bom e educado, mas isso vai acabar." **Reuters**

Figura 11: Notícia número 2 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.

“Ordem! Ordem!” O *speaker* de língua afiada está a mudar as regras – e talvez o “Brexit”

Perfil

William Booth e Karla Adam

O presidente da Câmara dos Comuns, John Bercow, é um figurão. Ergue-se, aponta, sacode os papéis e grita “ordem” vezes sem conta

O Reino Unido vai ficar de novo colado à TV Parlamento, para ver o próximo episódio da comédia de sucesso chamada “Brexit”. O canal de serviço público da BBC tornou-se tão popular que superou a MTV. É a estrela da comédia é John Bercow, de 56 anos, um pequeno disciplinador e mestre em chacota que é a 157.^ª presidente do Parlamento. Bercow é o *speaker* mais tático e proativo dos tempos modernos.

Tradicionalmente, o presidente da Câmara dos Comuns apenas mantém a ordem na barulhenta câmara, escolhe quem pode fazer perguntas ao primeiro-ministro e que perguntas – para além de controlar o tempo. Mas o “Brexit” virou tudo do avesso e Bercow transformou-se numa personagem extraordinária, que interpreta de forma solta as regras parlamentares.

“Ele não se pode comparar a nenhum outro *speaker*”, disse Bobby Friedman, autor da biografia Bercow, Mr. Speaker: *Rough Living in the Tory Party*. “A palavra *speaker* [orador] é enganosa. Antes de Bercow, não se esperava que o *speaker* falasse. Mas Bercow transformou o cargo”, disse Friedman.

O *speaker* é odiado pelos defensores do “Brexit”, convencidos de que tem agido para impedir a saída do Reino Unido da UE. Depois de Bercow ter permitido, no início do mês, uma votação que deu apenas três dias úteis a Theresa May

para apresentar o “Plano B” do “Brexit”, o jornal Daily Mail criticou Bercow, acusando-o de “pôr descaradamente o seu preconceito anti-Brexit à frente do interesse nacional”. O *The Sun* chamou-lhe “*Speaker do Diabo*”. Os *speakers* devem descartar a sua filiação partidária e mostrar-se neutros. Mas o Governo de May ameaçou punir as “inclinações antigovernamentais” de Bercow, tornando-o o primeiro *speaker* em 230 anos a ver negada a nomeação para a Câmara dos Lordes.

Bercow é tão estragante como as suas gratais com padrões esquisitos. Uma vez, sugeriu a Philip Hammond, o ministro das Finanças e segunda figura mais poderosa do Governo –, que se limitasse a usar “o seu *blazer*”.

Bercow aconselha regularmente os deputados mais agitados a tomarem os medicamentos para o stress. Certa vez, dirigiu-se a um deputado barulhento: “Você é um indivíduo muito entusiasmado. Tem de escrever mil vezes: ‘Vou portar-me bem durante as perguntas à primeira-ministra’.” Na semana passada, para acalmar o barulhento na sala, gritou: “Acalmem-se,

pratiqueem logo!” Noutro momento, após gritar “ordem”, proferiu a sua citação habitual: “Calma. Moderação. Paciência.” Bercow luta contra a “gritória habitual”. E já acusou os legisladores de serem “delinquentes incorrigíveis”. Um deles sugeriu que Bercow dorme com um dicionário. O *speaker* não teme os ministros. Na verdade, parece deliciar-se a pôr água na fervura. Uma vez, uniu os seus dons oratórios contra Jeremy Hunt, ministro dos Negócios Estrangeiros, por ter olhado para o relógio durante o debate. “Meser ostentadamente um dispositivo electrónico desrespeita a câmara.” E acrescentou: “É tão óbvio que só uma pessoa extraordinariamente inteligente e sofisticada poderia não o compreender.”

Em resposta a uma reclamação de Andrea Leadsom, a líder dos conservadores na Câmara dos Comuns, Bercow argumentou: “A nobre senhora pode dizer ‘poor’ se quiser. A nobre senhora aceitará a decisão do *speaker* e comporta-se ou sai da câmara. Não me importo com o que escolhe.”

O correspondente do jornal *The Guardian* em Bruxelas escreveu que os europeus adoram Bercow,

dando como exemplo o título de um perfil do *speaker* feito pelo jornal holandês *De Volkskrant*:

“Ninguém na ilha britânica consegue gritar ‘ordem, ordem’ de forma mais bela que Bercow.”

John Bercow não nasceu num meio privilegiado. É filho de um taxista do norte de Londres. Iniciou a carreira como conservador de extrema-direita. Mas voltou-se para a esquerda e começou a defender questões socialmente liberais, como os direitos dos homossexuais, muito antes de isso ser moda entre os conservadores. A sua mudança para a esquerda, em conjunto com uma tendência para provocar brigas, resultou em relações tensas com alguns companheiros de partido. Friedman disse que Bercow é “confiável, amigável, muito pomposo” e “irrita as pessoas com muita facilidade”.

Nun debate recente, um deputado disse que a imparcialidade de Bercow devia ser questionada devido a um autocarro que dizia “Bollocks para o ‘Brexit’” (olgos do movimento anti-“Brexit”) no seu carro. Bercow disse que o autocarro em questão estava no carro da sua mulher. “Tenho a certeza de que o ilustre cavalheiro não sugeriria que as mulheres são propriedade dos seus maridos”, disse, provocando uma onda de aplausos da oposição. “Ela tem direito às opiniões dela.”

Tony Travers, da London School of Economics, disse que Bercow não se verá com o papel de impedir os sonhos dos defensores do “Brexit”, mas sim a “dar poder ao Parlamento” num momento em que “Governo e Parlamento não concordam com o que o ‘Brexit’ significa”. Ou pode dizer que se vê apenas a restaurar a “ordem”.

Exclusivo PÚBLICO/
Washington Post



Figura 12: Notícia número 28 traduzida na versão impressa do PÚBLICO.

ANEXO G: TEXTOS DE PARTIDA

TP ²⁶Número 1

The caravan on the road in Mexico is the size of a small town. But it's a town under pressure.

They fall asleep on borrowed blankets, curled up on a floor someone has loaned for the night. They share meals of chicken soup and tortillas. They wash laundry in rivers or sinks, and when they fall sick after more than 20 days on the road, the people in the migrant caravan turn to the nuns trailing them with medicines and bandages.

With 4,000 to 5,000 people, the first and largest group trudging slowly to the U.S. border is bigger than some of the municipalities it has descended on in Mexico, doubling their population overnight. They are fleeting guests, a gathering bound by a single goal: seeking asylum or work in the United States.

"It's practically a walking town," said Edgar Corzo Sosa, a national human rights official in Mexico monitoring the caravan. As he spoke this weekend, the group was traveling through the southern state of Veracruz, several hundred miles southeast of Mexico City.

Like any town, the caravan has had its share of milestones and tragedies. Babies have been born, one man died after falling from a crowded truck, and several women have had miscarriages, according to Mexico's Red Cross and rights officials. The migrants rise together at dawn, travel in clumps of families or friends from the same hometowns and hold nightly assemblies to decide where to go next.

It can be a fragile alliance, frayed by exhaustion and uncertainty - and they had hoped it would have ended by now, with buses ferrying them to Mexico City and then north to the U.S. border. But the buses never came.

By Sunday, the caravan had split into groups, as faster-moving travelers hitched rides and jumped ahead on the route. At sunrise, more than 1,500 left the small city of Isla and

²⁶ Os TP apresentam-se neste relatório como foram recebidos na medida em que podem conter erros ortográficos, gramaticais, entre outros.

headed toward Cordoba, also in Veracruz but closer to the capital, while others had scattered into the neighboring state of Puebla and other cities along the way.

Most of the migrants are from crime-ridden Honduras, where the caravan hastily assembled in mid-October as people jumped at the chance to travel safely through Mexico without having to pay smugglers thousands of dollars. Since then, some have turned back. Others have sought asylum in Mexico.

Still others have walked until their shoes fell off along the long, hot road.

Their movements are coordinated by megaphone-wielding members of the U.S.-Mexican activist collective Pueblo Sin Fronteras, although organizers say the caravan governs itself. But the crowds also depend on Mexican cities and towns that offer up community centers where they can sleep and church groups willing to slap together tamales and barbecue in the middle of the night.

President Donald Trump has portrayed the caravan - and others forming behind it - as "very bad thugs and gang members," noting that on Oct. 19, thousands of migrants had pushed and kicked their way through a border gate from Guatemala to Mexico. His claims were inflamed on the internet by misleading images, including one of a bloodied Mexican police officer that was taken elsewhere in 2012.

Trump has ordered thousands of troops to the southern border and has said he would consider sending as many as 15,000 - roughly the size of the U.S. military's presence in Afghanistan.

In Mexico, police and government human rights observers say they have seen no examples of terrorists or extreme violence.

"He can say a thousand things," Corzo Sosa said of Trump's claims about bad actors. "We're here in the caravan. . . . We haven't identified any."

On Friday, shortly after they crossed into the state of Veracruz, home to stunning beaches but also deadly cartel-fueled violence, rain-soaked migrants cheered when Gov. Miguel Angel Yunes said he would provide buses to take them to Mexico City.

But Yunes quickly changed his mind, citing a water shortage in the capital. Critics claimed he was pressured to stand down to avoid a clash at the U.S. border before the U.S. elections on Tuesday.

Dejected, the migrants headed north the next day on blistered feet, taking a narrow ribbon of road one organizer said is a frequent site of robberies and attacks, calling it the "route of death."

Pueblo Sin Fronteras urged them to stick together. But some rushed to hitch rides on tractor-trailer trucks, cramming into the open doors or clinging to the sides.

Oscar Lopez, 31, hung back with his wife and three children, including 3-year-old Elias, who sat in a stroller wearing blue Crocs adorned with racecars.

"That's dangerous," Lopez, 31, said shaking his head as others hoisted themselves into the truck. In the tumult of the caravan, his 12-year-old son went missing for 33 hours, he said, and he wasn't willing to risk it again.

As they waited for safer rides, the food brigade swooped in from Our Lady of the Rosary Church.

The night before, the church's young priest, Joel Campechano, had alerted his parish over WhatsApp that the caravan was coming. The next day, parishioners served homemade tamales, pots of rice and tortillas.

One of the volunteers was Marta Murgia, 43, who wore a hot-pink apron with a picture of Jesus. "I wonder what's waiting for them," she said of the families passing by.

Down the road went the Avaloses, the Lopezes and the Contrerases, including a feverish baby named Aaron, whose mother, Nataly, lowered his temperature with medicine and water-bottle baths by the roadside. Entire hometowns were grouped together, like the contingent from Siguatepeque, a mountain-ringed town in Honduras.

Without buses, it became clear that the journey would take much longer than they had hoped, and some mulled taking a different route. One young man said he was messaging a smuggler friend who told him it would cost \$7,500 to cross the U.S. border.

Some jumped in taxis. But many stayed, saying it was cheaper to travel together.

After the 44-mile trip from Sayula to Isla, brothers Arnulfo and Arnoldo Gomez stopped at a gas station to take stock. They had no money. Their cellphones were dead. Arnoldo, at 30 six years older than his brother, wore plastic sandals because his boot soles had fallen off.

Arnoldo Gomez, who left a wife and two children in Tocoa, Honduras, said several women had offered to take him in. He refused to leave his brother and the friends he had made on the road.

"These are the temptations," he said.

"We have to stay together," said Jose Guillen, 22, standing near his new friend Alejandro Carvajal, an 18-year-old singer. They were traveling with a group from San Pedro Sula.

At a stop between Isla and Cordoba, Orlando Rodas Martinez, a 22-year-old organizer with Pueblo Sin Fronteras, advised people against splitting up and hitching rides.

"Compañeros, we can't skip ahead like this," he told a group. "If there are few of you, it's easier for the authorities to come and round you all up."

"Some say one thing, and others say something else," one man said, and took off.

By Saturday night, the remaining migrants packed Isla's cavernous social center and spilled onto the streets outside.

Inside the social center, usually reserved for weddings and dances, the caravan rearranged itself as a small village. Families and migrants slept blanket-to-blanket, on blowup mattresses and wooden pallets. Others pitched tents. Laundry was strung from poles.

Maynor Chavez, a 44-year-old father from Copan, set up shop on a yellow tarp, selling shampoo, lollipops and cigarettes he had bought with money donated along the way.

On Venustiano Carranza Street, residents with houses still decorated for the Day of the Dead let migrants sleep on their patios or take showers. The air filled with the sounds of barking dogs and crying children.

Hours later, they were gone.

TP Número 2

Italy government wins confidence vote amid coalition tensions

Italy's coalition government comfortably won a confidence vote on Wednesday in the upper house Senate on a contested security decree, but tensions between the two ruling parties remain on a raft of issues.

The bill, championed by Deputy Prime Minister Matteo Salvini, head of the far-right League, tightens immigration regulations, limits the right to asylum, and bolsters anti-terrorism and anti-mafia rules.

Despite some misgivings within the ranks of the League's coalition ally, the anti-establishment 5-Star Movement, the government won the vote by 163 to 59, with only five 5-Star senators refusing to cast a ballot.

"This is a historic day," said a delighted Salvini, who has pinned his credibility on the package he says will cut the number of migrants staying in Italy.

The bill must now go to the lower chamber for approval.

Had it lost the motion, the government would have been forced to resign.

The decision to call a confidence vote, which is a way to force legislation through by truncating debate, signalled turbulence within the coalition which took office in June and has shaken financial markets with its economic policies.

While the security bill caused some internal discomfort, there is greater friction within the government over efforts by the 5-Star to loosen time limits imposed on the prosecution of numerous crimes, including corruption.

The League says easing the statute of limitations means defendants could face unacceptably long legal battles. Five-Star says that as things stand too many cases are rubbed out without a verdict ever being reached.

Corriere della Sera newspaper quoted anonymous League sources as saying there was a growing prospect of a snap election in March.

Salvini looked to calm the tensions, telling reporters: "I am convinced that within a few hours we will have reached a deal (on the statute of limitations). People who have common sense always strike a deal.

"The jackals should resign themselves to the fact that this government will carry on working for the next five years."

Other policy differences are straining the coalition, including a 5-Star proposal to introduce an income support scheme next year for Italy's many poor and unemployed.

That was a key 5-Star election promise and was included in the 2019 budget. However, the European Union has told Rome to reduce its spending plans and the League has questioned the welfare reform.

League politician Giancarlo Giorgetti said at the weekend that implementing the "citizens' wage" would be "complicated".

5-Star head Luigi Di Maio, was quoted as saying by Corriere that he was tired of all the strains: "I have been good and nice, but that's going to stop."

TP Número 3

Rohingya crisis, Suu Kyi under the microscope at Southeast Asia summit

The customary cordiality of Southeast Asian summits may be missing when the region's leaders meet next week due to sharp differences over Myanmar, whose military has been accused of genocide against the country's Rohingya Muslim minority. Myanmar leader Aung San Suu Kyi is due to attend the Nov. 11-15 Singapore meeting, and Malaysian Prime Minister Mahathir Mohamad, a doyen of the group, has served notice he has lost faith in the Nobel peace laureate because of the Rohingya issue.

"We have made it quite clear we don't really support her anymore," Mahathir said in an interview with Turkish news channel TRT World just over a month ago. "Our policy in ASEAN is non-interference in the internal affairs of the countries, but this is ... grossly unjust," he said, referring to the 10-member Association of Southeast Asian Nations.

The Rohingya crisis is one of the biggest man-made disasters involving a member since ASEAN was founded in 1967, and it is one of the thorniest issues yet faced by a group that traditionally works by consensus. Many diplomats and rights activists say ASEAN's credibility is at risk if it fails to tackle the matter head-on.

A U.N. report in August detailed mass killings and gang rapes with genocidal intent in a military crackdown that began in 2017 and drove hundreds of thousands of Rohingya from Myanmar's Rakhine state into neighbouring Bangladesh. Outrage over what the United Nations branded "ethnic cleansing" has brought demands from Western nations for criminal charges and sanctions. "ASEAN credibility and its international standing would be severely tarnished if ASEAN remains indifferent to the Rakhine crisis," said Kavi Chongkittavorn, a former special assistant to the ASEAN secretary-general and a veteran Thai journalist who has worked in Myanmar.

The Rohingya issue comes at an important juncture for a region pushing for more economic integration in response to rising protectionism and a trade dispute between the United States and China. ASEAN's Muslim-majority members - Malaysia, Indonesia and Brunei - tend to take the toughest line on the Rohingya question, while Myanmar has close regional allies in Cambodia, Laos and Vietnam. Under military control in recent years, Thailand has also provided cover for Myanmar. In remarks delivered alongside Suu Kyi at a forum in Hanoi in September, Cambodian Prime Minister Hun Sen said countries outside Indochina were too critical of politics in the region and questioned whether they understood Myanmar. "UNCOMFORTABLE SCRUTINY"

Richard Horsey, a former U.N. diplomat in Myanmar and a political analyst based in Yangon, said leaders from outside the region who will attend the meetings in Singapore will be asking difficult questions about Myanmar. U.S. Vice President Mike Pence, Russian President Vladimir Putin, Chinese Premier Li Keqiang, Indian Prime Minister Narendra Modi and Japanese Prime Minister Shinzo Abe are among those expected to join ASEAN leaders in meetings later in the week. "Beyond this uncomfortable scrutiny, and possible distraction from other ASEAN priorities, some ASEAN elders also worry about the risk of the group polarising along religious lines," Horsey said. Singapore will deliver the chairman's remarks next week so its role in the tone that ASEAN strikes will be pivotal. A source close to pre-summit discussions, speaking on condition of anonymity, said Singapore is leaning towards a stronger stance because it is the most internationally

engaged member of ASEAN and feels responsibility as host to protect its credibility. Asked for comment, Singapore's Foreign Ministry said ASEAN leaders are expected to discuss the situation in Rakhine state when they meet next week and, as chair, Singapore supported discussions on the matter. "However, ultimately, it is the responsibility of the Myanmar government and the relevant stakeholders to reach a comprehensive, viable and durable political solution to this situation," a spokeswoman said in an email response to Reuters. Earlier this year, Singapore Minister for Foreign Affairs Vivian Balakrishnan said the group had urged Myanmar to give a full mandate to a commission of inquiry to hold accountable those responsible for the crisis in Rakhine state. That was a toughening of rhetoric that had previously focused on repatriation of displaced persons to Myanmar and reconciliation among communities. "The shift in language, especially the recent calls for more accountability, reflect to a certain extent that ASEAN views the Myanmar issue as an indicator of its own 'accountability' in dealing with a recalcitrant member," said Moe Thuzar, a lead researcher at Singapore's Institute of Southeast Asian Studies who specialises in ASEAN and Myanmar issues. A government source in Thailand, which takes over as chair of ASEAN next year, also said the group's credibility was at stake, especially after the U.N. report on the Rohingya crisis. A third source close to the discussions said the issue "is a problem and we know it is a problem." Myo Nyunt, spokesman for Suu Kyi's National League for Democracy, said Myanmar would explain the situation at the summit. "We accept there are different views, but we have to make decisions for further plans based on the real situation of our country. I want them to understand that there are some parts we cannot handle," he said. Suu Kyi has previously said her civilian government should not bear all responsibility for the crisis because the military retains a powerful political role under the constitution.

TP Número 4

European Commission calls on Romania to halt judicial overhaul

The European Union sought on Tuesday to increase pressure on Romania to freeze disputed judicial reforms and prevent any move away from democratic values as Bucharest prepares to take over the bloc's rotating presidency.

The EU's deputy chief executive said proposed changes to the judicial system and criminal code made by the ruling Social Democrats were wrong-headed and signalled a reversal of a decade of democratic and market reforms.

The European Parliament also passed a non-binding resolution urging a greater fight against corruption, condemning police brutality during anti-graft protests and demanding an end to what it called the erosion of the rule of law.

"The developments over the last 12 months sadly have called into question and sometimes even reversed the progress made over the last 10 years," Commission First Vice President Frans Timmermans told a news conference in Strasbourg.

"We need to stand firm and support the Romanian population," he said, setting out eight areas where Bucharest had to act quickly, including on press freedoms.

The Commission's concerns stem from a series of legal and personnel changes made by the Social Democrats in the two years since they took power that are seen as threats to judicial independence that could intensify a creep away from democratic values in some of the EU's eastern member states.

Transparency International ranks Romania as one of the EU's most corrupt states and Brussels has been keeping its justice system under special monitoring since its 2007 entry.

The EU, which is already considering sanctions against Poland and Hungary for weakening the rule of law, is concerned Romania is following suit.

While Timmermans stressed that unlike in Hungary or Poland, the Commission was not seeking to penalise Bucharest, Romania's turn as EU president for six months from January puts the country in the spotlight.

"Bucharest should use the opportunity of its presidency to lead on good governance and start by implementing reforms that strengthen the rule of law at home," said Ska Keller, a German EU lawmaker who leads the Greens in the parliament.

N.Korea's Kim inspects newly developed 'tactical' weapon, releases U.S. prisoner

North Korea's leader publicly inspected a new weapon for the first time in nearly a year, state media reported on Friday, while it also decided to release a U.S. prisoner, sending conflicting signals at a time of sensitive negotiations. Kim Jong Un's visit to the test site of a new "tactical weapon" threatened to sour the diplomatic atmosphere as negotiations between his country and the United States appear to have stalled.

"This result today is a justification of the party's policy focused on defence science and technology, another display of our rapidly growing defence capabilities to the whole region, and a groundbreaking change in strengthening our military's combat capabilities," Kim said.

In Washington, in response to the North Korean announcement, a U.S. State Department spokesman said, "We remain confident that the promises made by President Trump and Chairman Kim will be fulfilled."

The official was referring to an unprecedented summit in June between U.S. President Donald Trump and Kim in Singapore, where they agreed to work toward denuclearisation and peace on the Korean peninsula, and establish new relations. But the agreement was short on specifics, and negotiations have made little headway since.

In a possibly conciliatory gesture, however, North Korea also announced on Friday it was releasing an American citizen detained since October after "illegally" entering North Korea from China.

North Korea has often held previous American detainees for more extended periods. 'STEEL WALL'

The military test was successful and the weapon could protect North Korea like a "steel wall", its KCNA news agency said, adding that Kim had observed "the power of the tactical weapon".

The only picture released by state media showed Kim standing on a beach surrounded by officials in military uniforms, but no weapons were visible. International weapons experts said the officials around Kim included a leader of the

artillery corps of the Korean People's Army. South Korea's defence ministry said it did not have an immediate comment but was analysing the North Korean weapon test. Friday's understated announcement was more likely aimed at reassuring the North Korean military rather than trying to torpedo diplomatic talks, however, said Choi Kang, vice president of the Asan Institute for Policy Studies in Seoul. "North Korea is trying to show its soldiers that they are becoming high-tech and keeping a certain level of military capability, while trying to eliminate dissatisfaction and worries inside its military," he added. The test may also have been a response to recent joint military drills by the United States and South Korea, which North Korea said violated recent pacts to halt to "all hostile acts", said Yang Uk, an analyst at the Korea Defence and Security Forum. Kim said the weapons system tested was one in which his father, Kim Jong Il, had taken a special interest during his life, personally leading its development. Kim's last publicized military inspection was the launch of the Hwasong-15 intercontinental ballistic missile (ICBM) on Nov. 29 last year, though he engaged in at least eight other military related activities this year, the South's Unification Ministry said.

STALLED

TALKS

Kim this year declared his nuclear force "complete" and said he would focus on economic development.

North Korea has continued to showcase its conventional military capabilities, including at a large military parade in its capital, Pyongyang, on Sept. 9. But any testing of new weapons threatens to raise tension with Washington, which has said there will be no easing in international sanctions until North Korea takes more concrete steps to abandon its nuclear weapons or long-range missiles. North Korea has increasingly expressed frustration at Washington's refusal to ease sanctions, and recently threatened to restart development of its nuclear weapons if more concessions were not made.

"They're trying to signal that they are willing to walk away from talks and restart weapons testing," said Adam Mount of the Federation of American Scientists. "It is the most explicit in a series of escalating statements designed to send this message." A meeting in New York planned this month between U.S. Secretary of State Mike Pompeo and North Korea's Kim Yong Chol, a senior aide to Kim, was postponed.

On Thursday, U.S. Vice President Mike Pence said Trump planned to meet Kim again in 2019 and will push for a concrete plan outlining Pyongyang's moves to end its arms programmes.

TP Número 6

In India, people are fleeing Delhi because of the smoggy air

Quando Deepikah Bharadwaj era criança e vivia em Nova Deli, espera ansiosamente a chegada do Inverno indiano. As manhãs tornavam-se geladas, enquanto que as noites eram agradavelmente frescas. Porém, nos últimos anos, essa antecipação tornou-se um sentimento desagradável.

Com a descida das temperaturas chegou um nevoeiro poluído espesso, que a deixa sem ar e com medo de sair à rua. Depois do nascimento do filho em 2016, decidiu que era altura de agir. Agora, quando pensa em Deli, sente sobretudo alívio por ter saído de lá.

“Sinto-me mal por não poder voltar à minha cidade natal, nunca mais”, diz Bharadwaj, de 33 anos, sentada no seu apartamento luminoso em Goa, na costa ocidental da Índia, a mais de 1000 milhas (???? km) de Nova Deli. “É um sentimento de perda permanente, como se um amigo tivesse partido sem dizer adeus”.

Bharadwaj faz parte de um ainda pequeno mas cada vez mais volumoso contingente de pessoas a quem podemos chamar de refugiados ambientais: pessoas que decidiram que a desconcertante poluição em Deli é fugir de lá. Alguns, como Bharadwaj, deixaram a capital da Índia por Goa, outros preferiram Bangalore, Mumbai ou até o Canadá.

O fenómeno parece limitado a uma pequena elite — uma gota quando se compara com o influxo de gente que chega diariamente a Deli à procura de oportunidades económicas. Mas estas partidas são uma crítica às cada vez maiores ambições da cidade: quão grandiosa pode uma cidade ser quando o ar que lá se respira leva alguns dos lá vivem a fugir?

Segundo a Organização Mundial de Saúde, Deli tem o ar mais poluído de todas as maiores metrópoles do mundo. As causas são várias — o fumo dos tubos de escape dos veículos, o pó das construções, as emissões industriais, as queimadas nos estados vizinhos — e

potenciadas The causes are multiple - vehicle exhaust, construction dust, industrial emissions, crop burning in nearby states - and exacerbated by geographic factors.

The “pollution season” in greater Delhi, home to 29 million people, begins in October and persists for months. November and December bring the worst readings of the year: Last week, the level of the particulate matter considered most harmful to human health spiked for several hours to more than 40 times the level recommended by the WHO before receding. Such particles can lodge deep within the lungs and have been linked to high blood pressure, heart disease, respiratory infections and even cancer.

Those who can afford it do what they can to mitigate their exposure. They acquire face masks, buy air purifiers for their homes and plan trips outside the city with their children during school vacations. But for some in Delhi, such measures are inadequate at best. And they are willing to make difficult choices - such as quitting jobs and leaving behind family and friends - in search of cleaner air.

“It’s a national emergency,” said Mayur Sharma, the co-host of a popular food program who was born and raised in Delhi but left the city for good last year with his family. “The more we learned, the more scared we got.”

Sharma said that if his son ran around outside on autumn days, he would have difficulty breathing at night, requiring him to use a nebulizer. One afternoon two years ago, Sharma and his wife, Michelle Cornman, found themselves observing a surreal scene - a lavish outdoor children’s birthday party where all the kids were wearing pollution masks - and decided it was time to leave.

Their destination was a place they had visited on vacations: Goa, a tiny state popular for its beaches, coconut trees and relaxed pace of life. Now the family lives at the end of a quiet street in the Goan town of Porvorim. Their home sits next to a jungle, and they leave their windows open.

“You do feel like a defector,” said Cornman, 42, who spent a decade in Delhi. She said the couple tends not to discuss their decision or their new life with people back in the city. “It’s really hard to tell our friends, ‘Hey, it’s beautiful today, we went to the beach.’ “

For Tracy Shilshi, the breaking point came last November after the Hindu festival of Diwali. The holiday is often celebrated by setting off firecrackers, which adds another element to Delhi’s toxic mix of pollution. “It got so bad you could literally feel the smog

in your mouth,” said Shilshi, 37. On Facebook, she posted a plaintive poem about Delhi’s pollution by an unknown author.

Shilshi’s 3-year-old son had a constant runny nose, which her pediatrician attributed to Delhi’s air, while her father struggled with an ever-present cough. So after 25 years in the city, Shilshi quit her job as a television journalist and moved in April with her husband, children and parents to the southern part of Goa. Her son’s nasal issues cleared up within a week, as did her father’s cough. The air purifiers they once used in Delhi are now gathering dust in boxes.

Movers and headhunters confirm that people are leaving because of the bad air, even if they say they can’t quantify the trend. Suresh Raina, a partner at the search firm Hunt Partners, said that the winter has become an opportune time to persuade executives who do not have deep roots in Delhi to accept jobs in other cities. Such executives wake up “every November when the pollution deepens and the sky outside becomes darker, and they start making calls, saying, ‘I’m not staying here,’ “ Raina said.

Shiivani Aggarwal, chief executive of the Formula Group, a relocation specialist, said she had encountered several examples of pollution driving people out: One family moved to Hyderabad last year after their young child had trouble breathing in Delhi; another couple arrived in Delhi from Mumbai two months ago but is already looking to leave because of the pollution; a third couple decided to live apart - he in Delhi, she in Goa - because of the bad air.

About a month ago, Aggarwal said, her own husband even raised the idea of leaving. They’re not going anywhere for now.

“This kind of migration out for people who can afford it, I think it’s right at the beginning,” said Vindhya Tripathi, a self-described pollution refugee living in Goa. She and her two children left Delhi last December after ruminating about a move for years; her husband still works in the city and flies down on weekends.

Her home sits on a hill above the Mapusa River with a view of a wide green valley. “I would like to believe that things will change” in Delhi, said Tripathi, 39. But such change is “definitely not going to happen in the next five years, while my children are children.”

Others are more hopeful. It may take a half a decade or more for the air to improve, but “there’s nothing that can’t be done,” said Mrida Joshi, 37, as she sat on the veranda of her home in a small Goan village.

Dusk was falling and her 3-year old twin daughters were running around barefoot. Joshi left Delhi in September and plans to remain in Goa until March, when the pollution in the capital eases somewhat. Delhi “has a great vibe, I love it, it’s home,” she said, but “I cannot live in denial.”

TP Número 7

After Khashoggi murder, some Saudi royals turn against king’s favorite son

Amid international uproar over the killing of journalist Jamal Khashoggi, some members of Saudi Arabia’s ruling family are agitating to prevent Crown Prince Mohammed bin Salman from becoming king, three sources close to the royal court said.

Dozens of princes and cousins from powerful branches of the Al Saud family want to see a change in the line of succession but would not act while King Salman - the crown prince’s 82-year-old father - is still alive, the sources said. They recognize that the king is unlikely to turn against his favorite son, known in the West as MbS.

Rather, they are discussing the possibility with other family members that after the king’s death, Prince Ahmed bin Abdulaziz, 76, a younger full brother of King Salman and uncle of the crown prince, could take the throne, according to the sources.

Prince Ahmed, King Salman’s only surviving full brother, would have the support of family members, the security apparatus and some Western powers, one of the Saudi sources said.

Prince Ahmed returned to Riyadh in October after 2-1/2 months abroad. During the trip, he appeared to criticize the Saudi leadership while responding to protesters outside a London residence chanting for the downfall of the Al Saud dynasty. He was one of only three people on the Allegiance Council, made up of the ruling family’s senior members, who opposed MbS becoming crown prince in 2017, two Saudi sources said at the time.

Neither Prince Ahmed nor his representatives could be reached for comment. Officials in Riyadh did not immediately respond to requests from Reuters for comment on succession issues.

The House of Saud is made up of hundreds of princes. Unlike typical European monarchies, there is no automatic succession from father to eldest son. Instead the kingdom's tribal traditions dictate that the king and senior family members from each branch select the heir they consider fittest to lead.

Senior U.S. officials have indicated to Saudi advisers in recent weeks that they would support Prince Ahmed, who was deputy interior minister for nearly 40 years, as a potential successor, according to Saudi sources with direct knowledge of the consultations.

These Saudi sources said they were confident that Prince Ahmed would not change or reverse any of the social or economic reforms enacted by MbS, would honor existing military procurement contracts and would restore the unity of the family.

One senior U.S. official said the White House is in no hurry to distance itself from the crown prince despite pressure from lawmakers and the CIA's assessment that MbS ordered Khashoggi's murder, though that could change once Trump gets a definitive report on the killing from the intelligence community.

The official also said the White House saw it as noteworthy that King Salman seemed to stand by his son in a speech in Riyadh on Monday and made no direct reference to Khashoggi's killing, except to praise the Saudi public prosecutor.

President Donald Trump on Saturday called the CIA assessment that MbS ordered Khashoggi's killing "very premature" but "possible", and said he would receive a complete report on the case on Tuesday. A White House official referred Reuters to those comments and had "nothing else to add at this time".

The Saudi sources said U.S. officials had cooled on MbS not only because of his suspected role in the murder of Khashoggi. They are also rankled because the crown prince recently urged the Saudi defense ministry to explore alternative weapons supplies from Russia, the sources said.

In a letter dated May 15, seen by Reuters, the crown prince requested that the defense ministry "focus on purchasing weapon systems and equipment in the most pressing

fields” and get training on them, including the Russian S-400 surface-to-air missile system.

Neither the Russian defense ministry nor officials in Riyadh immediately responded to Reuters requests for comment.

U.S. ROLE KEY

The brutal killing of Khashoggi, a prominent critic of the crown prince, in the Saudi consulate in Istanbul last month has drawn global condemnation, including from many politicians and officials in the United States, a key Saudi ally. The CIA believes the crown prince ordered the killing, according to U.S. sources familiar with the assessment.

Saudi Arabia’s public prosecutor has said the crown prince knew nothing of the killing.

The international uproar has piled pressure on a royal court already divided over 33-year-old Prince Mohammed’s rapid rise to power. Since his ascension, the prince has gained popular support with high-profile social and economic reforms including ending a ban on women driving and opening cinemas in the conservative kingdom.

His reforms have been accompanied by a crackdown on dissent, a purge of top royals and businessmen on corruption charges, and a costly war in Yemen.

He has also marginalized senior members of the royal family and consolidated control over Saudi’s security and intelligence agencies.

He first ousted then-powerful crown prince and interior minister Mohammed bin Nayef (MbN), 59, in June 2017. Then he removed Prince Miteb bin Abdullah, 65, son of the late King Abdullah, as head of the National Guard and detained him as part of an anti-corruption campaign.

Some 30 other princes were also arrested, mistreated, humiliated and stripped of their wealth, even as MbS splashed out on palaces, a \$500 million yacht, and set a new record in the international art market with the purchase of a painting by Italian Renaissance engineer and painter Leonardo Da Vinci.

The entire House of Saud has emerged weakened as a result.

According to one well-placed Saudi source, many princes from senior circles in the family believe a change in the line of succession “would not provoke any resistance from the security or intelligence bodies he controls” because of their loyalty to the wider family.

“They (the security apparatus) will follow any consensus reached by the family.”

Officials in Riyadh did not respond to a request for comment.

The United States, a key ally in economic and security terms, is likely to be a determining factor in how matters unfold in Saudi Arabia, the Saudi sources and diplomats say.

Trump and his son-in-law and adviser Jared Kushner have cultivated deep personal relationships with the crown prince. One Saudi insider said MbS feels he still has their support and is willing to “roll some heads to appease the U.S.”

But Trump and top administration officials have said Saudi officials should be held to account for any involvement in Khashoggi’s death and have imposed sanctions on 17 Saudis for their alleged role – including one of MbS’s closest aides.

U.S. lawmakers are meanwhile pushing legislation to punish Riyadh for the killing, and both Republican and Democratic senators have urged Trump to get tough on the crown prince.

King Salman, 82, is aware of the consequences of a major clash with the United States and the possibility that Congress could try to freeze Saudi assets.

Those who have met the king recently say he appeared to be in denial about the role of MbS in what happened, believing there to be a conspiracy against the kingdom. But they added that he looked burdened and worried.

ALLEGIANCE COUNCIL

When the king dies or is no longer be able to rule, the 34-member Allegiance Council, a body representing each line of the ruling family to lend legitimacy to succession decisions, would not automatically declare MbS the new king.

Even as crown prince, MbS would still need the council to ratify his ascension, one of the three Saudi sources said. While the council accepted King Salman’s wish to make MbS

crown prince, it would not necessarily accept MbS becoming king when his father dies, especially given that he sought to marginalize council members.

Officials in Riyadh did not respond to a request for comment.

The Saudi sources say MbS has destroyed the institutional pillars of nearly a century of Al Saud rule: the family, the clerics, the tribes and the merchant families. They say this is seen inside the family as destabilizing.

Despite the controversy over Khashoggi's killing, MbS is continuing to pursue his agenda.

Some insiders believe he built his father a new but remote Red Sea palace in Sharma, at the Neom City development site — thrown up in a record one year at a cost of \$2 billion — as a gilded cage for his retirement.

The site is isolated, the closest city of Tabouk more than 100 km (60 miles) away. Residence there would keep the king out of the loop on most affairs of state, one of the sources close to the royal family said.

Officials in Riyadh did not respond to a request for comment.

TP Número 8

Turkey's long crackdown casts shadow over EU meeting

Turkish police came for Yigit Aksakoglu before dawn, waking his young family and detaining him with a dozen other academics and activists accused of fomenting mass protests to overthrow President Tayyip Erdogan's government. Friday's arrests, days before Turkey holds talks with the European Union, caused alarm in the West and reinforced a belief that Ankara's long crackdown has crushed not just Erdogan's opponents but also Turkey's last hopes of joining the EU. The EU Commission's foreign affairs chief Federica Mogherini and the commissioner for candidate countries, Johannes Hahn, are expected to raise the issue of the activists during talks in Ankara on Thursday with Turkey's foreign minister. Ankara still says EU membership is one of its top strategic goals, but Hahn has said

several times it would be more honest to end the accession talks and try instead to forge an alternative partnership between Turkey and the union. Opposition in the EU to Turkish membership has been strengthened by Ankara's clampdown on critics of Erdogan since a failed military coup in 2016 and by fears that Turkey is sliding deeper into one-man rule. Aksakoglu's lawyer said he was one of 13 people detained on Friday, accused of supporting attempts by jailed businessman and rights advocate Osman Kavala to revive mass protests in Istanbul's Gezi Park in 2013 against Erdogan's rule. Police rang on his door at 6 o'clock in the morning. "Two officers dressed in special operations uniform, and half a dozen others in plain clothes entered the house and took Yigit to police headquarters," his lawyer Asli Kazan told Reuters. He testified for 10 hours before he was formally arrested and sent to prison. The 12 others detained on Friday have been freed, but Aksakoglu is now in a solitary cell in Silivri prison near Istanbul, his lawyer said. On the same day Aksakoglu was detained, Turkish media said that prosecutors ordered the arrest of 188 people, including 100 former air force personnel, over links to a U.S.-based cleric Ankara accuses of orchestrating the 2016 coup attempt. Since the failed putsch more than 77,000 people have been jailed pending trial, and widespread arrests are still routine. Authorities have suspended or sacked 150,000 civil servants and military personnel. Last week Foreign Minister Mevlut Cavusoglu told parliament almost a quarter of Turkey's career diplomats had been purged. In the same speech he said full EU membership remains "an inseparable part of our future target for a modern Turkey that supports political and social change".

LONG ROAD AHEAD

Turkey says the scale of its crackdown is justified by the gravity of events on July 15, 2016, when rogue soldiers commandeered tanks, planes and helicopters, bombing parliament and government buildings in their attempt to seize power. In July this year the government formally lifted a two-year state of emergency imposed after the coup, but critics say Erdogan has retained many of those powers under an executive presidency that came into effect when he won elections in June. Relations with the EU's leading power Germany particularly suffered in the last two years. Berlin has condemned the crackdown, including arrests of dozens of German nationals.

Erdogan compared the German government to Nazis. As Turkey's relations with the United States plunged into crisis earlier this year, helping drive the lira into meltdown in August, Erdogan's government sought to rebuild bridges with Europe. He made a state visit to Germany in September, and the Netherlands agreed to normalise ties after a year-long standoff. However an EU diplomat said any real improvement would take time: "You can't just turn a switch. You have to put the train back on track towards better relations". Turkey has also taken small steps to reverse a damaging rift with the United States caused partly by the detention of U.S. citizens and consular staff. A Turkish court ruling to free a detained U.S. pastor last month was praised by U.S. President Donald Trump and led both countries to lift symbolic sanctions against U.S. and Turkish government ministers. But sharp differences over Syria, U.S. sanctions on Iran and plans by NATO member Turkey to buy a Russian missile defence system remain an obstacle to rebuilding trust with Washington. An EU official, setting low expectations ahead of this week's talks in Ankara, said it was important to "keep open channels of communication" with Turkey. Work towards EU visa liberalisation for Turkish nationals has been slow, and even the modest goal of modernising a customs deal remains blocked after EU member states said work should be suspended. The EU official said their decision was linked to fears about rule of law and human rights in Turkey. "We do understand the concerns of Turkey and we don't want to prevent Turkey from fighting terrorism," the EU official said. However "if you lock up bloggers or journalists because of them saying something, then it becomes an issue."

TP Número 9

Border Patrol trainees prepare to enter one of the country's fiercest political battles

Erin Herrgott, a 20-year-old from small-town Michigan, was working at the county probation office and dreaming of becoming a federal law enforcement officer when she stumbled across a job listing for the U.S. Border Patrol.

She worried she was unqualified: Herrgott didn't speak Spanish. She had never been to the Southwest. And she wasn't "jacked" the way she expected border agents need to be to face off with drug smugglers in inhospitable desert terrain.

A few days after she submitted her application, an email arrived notifying her that she was to begin the vetting process. Now she is one of the newest recruits at the U.S. Border Patrol Academy, where a six-month training program funnels new cadets directly onto the front lines of one of America's fiercest political battles.

President Donald Trump has made a crackdown on illegal immigration a policy priority, pressing Congress to fund a border wall, 5,000 additional Border Patrol agents and 10,000 Immigration and Customs Enforcement officers. He deployed thousands of troops to the southern U.S. border to stop a caravan of Central American migrants, some of whom began arriving in the Mexican border city of Tijuana this month. Border agents needed backup, Trump said.

Hundreds of miles away, here in the desert flatlands of New Mexico, the men and women who stand next in line to become the nation's border enforcers are training to take on the mission.

The Border Patrol has long struggled with recruitment, currently lagging 2,000 agents short of its quota - not including the 5,000 agents that Trump wants to add. The agency loosened admission requirements after 9/11 to try to expand the force, decisions that critics now blame for a rash of corruption cases and allegations of misconduct.

Most of the 46 cadets in Herrgott's class, which arrived at the academy in late August, are in their 20s, with no prior law enforcement experience or college degrees. Many previously worked in non-professional jobs, as cashiers and security guards, manual laborers and sales people. Roughly half are Hispanic.

And many, like Herrgott, stumbled across a career in the Border Patrol by accident.

Trevor Osman, a 23-year-old who most recently worked as an aircraft fueler, found the agency while looking for a job with police departments near his home in Littleton, Colorado.

"Most or all of the departments require at least a two-year degree, and that's something I don't have yet," Osman said. "I saw Border Patrol, and I saw that they didn't require a degree. So I wanted to throw my hat in the ring and just see where it went. . . . And here I am."

For many of the recruits, the Border Patrol simply offers a steady job with good benefits, an opportunity to provide for one's family while performing a public service. Among Hergott's 45 classmates are those hoping to pay off student loans, experience adventure and find purpose in life.

They'll learn how to be border agents under an extended curriculum - lengthened from three months to six - that the academy introduced last year to strengthen training.

Over the past decade, agents have faced allegations of ties to drug cartels, cross-border shootings, abuse of immigrant detainees and illicit drug use.

The new curriculum seeks to produce better agents who are well-versed in the law, less likely to accept bribes from a drug cartel, and less likely to kill or be killed. And as the debate over the Border Patrol's role has intensified, the academy wants to produce agents who can maintain their composure in the face of adversity.

"If someone challenges them and puts that camera in their face and says, 'You're a scumbag. I can't believe you would do this. I can't believe you would do those kind of things,' we're going to have them react as a top-notch professional," academy chief Dan Harris said.

During its nearly 95-year existence, the Border Patrol has operated on the literal periphery of the country's more celebrated and visible law enforcement agencies. It is outranked in the popular imagination by the Federal Bureau of Investigation and the Drug Enforcement Administration, and it is off the radar for many Americans who live far from the border.

The starting salary for a Border Patrol agent with no prior military or law enforcement experience is \$41,187 - comparable, Harris says, with the other federal agencies with which Border Patrol competes for recruits.

But the requirements are less stringent - a successful applicant needs neither a college degree nor relevant work experience - and the job usually requires agents to live on the hot, desert border, where schools and services are often lacking.

Charged with preventing drugs and people from illegally entering the United States, Border Patrol agents are stationed between the country's ports of entry, often in remote stretches of mountains, deserts and forests, and in areas that can be reached only on foot or horseback.

To recruit, the Border Patrol goes to military bases, college campuses and career fairs. Recruiters also speak at special events.

"You'd be surprised how many applicants we get from the PBR," the Professional Bull Riders rodeos, Harris said. Such events are attractive to people who grew up on ranches and have a strong sense of "obligation to serve their country," he said.

Not all make it in. The most common disqualifier for applicants to the Border Patrol Academy is drug use or lying about drug use on the mandatory polygraph test. And attrition is common. About one in four leave before graduation day. Some drop out because of injuries or other personal issues. Others fail - the immigration law class tends to be the hardest.

Then there are those who finish the program and embark on their mission but leave the agency after a few years for more desirable jobs with other federal agencies.

"This will be the first year our hiring will outpace our attrition," Harris said.

TP Número10

Separated by travel ban, Iranian families reunite at border library

During the six-hour drive from New York City to a tiny town in northern Vermont, Iranian student Shirin Estahbanati cried at the thought of seeing her father for the first time in nearly three years. Since then, he had suffered a heart attack, and she hadn't dared leave America to comfort him.

But as she traveled north, she also couldn't stop worrying. What if she missed the turnoff and drove across the U.S.-Canadian border by mistake?

Estahbanati, like many Iranian students in the United States, has a single-entry visa and can't leave the country without risking that she won't be allowed back in. And her parents, as Iranian citizens, are blocked by U.S. President Donald Trump's travel ban from visiting her in the United States.

She didn't want to miss her destination: the Haskell Free Library and Opera House.

Estahbanati and her family had agreed to meet around 9 a.m. at the library, which through a historic anomaly straddles the U.S.-Canada border – and today has been thrust into an unlikely role as the site of emotional reunions between people separated by the administration's immigration policies.

The 31-year-old parked her car and, excitement battling with anxiety, walked to the entrance of the Victorian building. But two hours later, her parents and sister still had not appeared from the Canadian side, and her calls to her sister's cell phone went unanswered.

Finally, she saw them. Because of construction near the library, their GPS device had sent them to the line for the U.S. port of entry. Her parents had no U.S. visas, and they had been detained by American border agents. After approximately two hours, they were released and allowed to join Estahbanati at the library.

When they hugged each other, it felt as if her father had shrunk. He took a deep breath as he held his daughter tight. "I missed your smell," he told her.

Remembering the moment, her smile turned down with the effort not to cry. "The time I was just hugging my parents," she said, "I was thinking, I wish I could stop all clocks all over the world."

GEOPOLITICAL GRAY ZONE

This year, as migrant families from Latin America were separated at the U.S. southern border, a more nuanced reality has been playing out on the northern frontier with Canada. Here, dozens of Iranian families have reunited at the Haskell library. Drawn by word-of-mouth and a smattering of social media posts, they have come to the geopolitical gray zone at the rural frontier library, located at once in Derby Line, Vermont, and Stanstead, Quebec.

The Iranian families have undertaken fraught, costly journeys for the chance of a few hours together on the library's grounds. Although several Iranians said they hadn't faced any obstacles from immigration authorities, others said U.S. border officers have at times detained them for several hours, tried to bar them from entering the library, told them they shouldn't be visiting each other there or said they should limit their visits to just a few minutes. American and Canadian officials have threatened to shut the library over the visits, one library staff member said.

"This is a neutral area, but the U.S. government doesn't accept this situation, and they put a lot of pressure on us," said Sina Dadsetan, an Iranian living in Canada who traveled to the library to see his sister the same day Estahbanati saw her family.

The Trump administration says its travel ban is necessary to protect the United States, arguing that the countries in question – Iran, Libya, North Korea, Somalia, Syria, Yemen and, to a lesser extent, Venezuela – don't share enough information that would confirm their citizens are not a threat, or are the source of terrorism threats.

Officials with U.S. Customs and Border Protection, which oversees the Border Patrol, declined a request for an interview about the library. A spokesman, Michael McCarthy, declined to comment on the families' accounts of their interactions with U.S. border officials or on the library staff member's allegation that U.S. and Canadian authorities have threatened to close it.

"U.S. Border Patrol works closely with our Canadian counterparts, as well as the local community, to prevent illegal cross border activity," McCarthy said in a statement.

Eriq Gasse, a spokesman for the Royal Canadian Mounted Police, Canada's federal law enforcement agency, denied that the agency had threatened to shut the library down. "This is not the way we talk," he said. "We don't do that."

He insisted the RCMP doesn't patrol the area regularly and only goes there when called. "We don't have any problem with the library," he said.

Mahsa Izadmehr, an Iranian doctoral student in engineering at the University of Illinois-Chicago, had gone seven years without seeing her younger sister, who lives in Switzerland. In late September, they met at the library.

But as they approached each other at the border, demarcated outside the library by a line of flower pots, a U.S. Border Patrol agent quickly got out of a car parked close by.

“He said, ‘It’s been about a month that we’ve closed this; we don’t allow anyone to meet here,’” Izadmehr said. “I asked him, ‘Can you at least give me permission to hug my sister?’”

The agent allowed them to embrace but barred them from exchanging the gifts they had brought – dresses, Swiss chocolates and a watch – and kept a close eye on them as they talked from opposite sides of the flower pots.

The sisters finally entered the library when a staff member offered them a tour, but Border Patrol agents later chastised the staff member, said Izadmehr, who witnessed the exchange. McCarthy declined to comment on the incident.

Richard Creaser, chairman of the Derby Line village trustees, said he understands why the family visits would be a “point of tension” for Border Patrol officials, because the Iranians have to walk onto American soil to enter.

“I could see where that would be an issue,” Creaser said.

The Supreme Court upheld Trump’s travel ban this summer after a lengthy legal battle. Of the people affected by the ban, it is by far Iranians who study most frequently in the United States and who tend to be middle class and can afford international travel.

Several Iranians told Reuters they’ve also met in recent months at Peace Arch park, located at once in Washington state and British Columbia, on the western coast of North America. But for families with members in major eastern cities, the cost of crossing the continent can be prohibitive, leaving the Haskell library as their only choice.

Even so, Sina Dadsetan and his sister estimated their family spent more than \$1,600 on their two-day reunion at Haskell, not including their parents’ air travel from Iran, for what would be approximately 10 hours together.

The library is vulnerable to pressure from authorities because although the building sits on American and Canadian land, its entrance is on the U.S. side. U.S. officials allow staff and visitors from Canada to walk a few yards onto American soil without going through an official port of entry.

“Often there’s altercations with either RCMP or (U.S.) border security,” head librarian Joel Kerr said in a brief interview in early November, on a day in which two Iranian families reunited at the library. “They mostly harass us and threaten to shut us down.”

Kerr, who started in his position in October, said he couldn’t provide any details of how the agencies had threatened to shut down the library. Members of the library’s board of trustees, which recently issued a policy barring the visits, either did not respond to requests for comment or declined to comment at length.

A RELIC OF A TIME LONG GONE

The library is a relic of a time when Americans and Canadians, residents say, could cross the border with simply a nod and a wave at border agents. It was the gift of a local family in the early 1900s to serve the nearby Canadian and American communities.

“What we are so proud of is that we do have a library that is accessed by one single door,” said Susan Granfors, a former library board member. “You don’t need your passport. You park on your side, I’ll park on my side, but we’re all going to walk in the same door.”

But after the Sept. 11, 2001, attacks, the northern border hardened, and the law enforcement presence in the area is immediately visible. And in September, a Canadian man was sentenced to 51 months in prison for smuggling more than 100 guns into Canada, some of them through the Haskell library.

Still, inside the building itself – decorated with wood paneling, stained-glass windows and, on the Canadian side, a moose head – the old ways mostly prevail. Patrons and staff freely cross the international boundary, marked with a thin, flaking black line extending across the brightly decorated children’s reading room and the main hallway.

On the morning of Aug. 14, Estahbanati parked her car in the library’s small lot and walked to its gray granite entrance. That’s where she encountered Sina Dadsetan and his parents around 11 a.m., when they arrived at the library for their own reunion with his sister Saba, an Iranian student living in Pennsylvania.

As the Dadsetan family approached the library from the opposite sides of the border, Estahbanati, in tears, asked them if they had seen her family. They had not.

But when the Estahbanatis, too, had finally reunited, it was not the end of the families’ problems that day. Nearby construction had cut off water to the library, and it was

unexpectedly closed. A library staff member had given the families written permission to meet on its grounds, but Border Patrol agents objected to their meeting there.

“It was really stressful, because I just wanted to be with my parents,” Estahbanati said. She pleaded with the agents, and they relented, allowing them to meet outside the library for 20 minutes. That 20 minutes passed, and though the agents watched from close by, they allowed the families to meet for several hours that day.

On the second day the Estahbanatis and Dadsetans met at the library, at least two other Iranian families were also there, they said. Several of the mothers had cooked elaborate Iranian dishes for their children to enjoy.

Estahbanati had asked her mother to make her childhood favorite, a crunchy, layered rice dish called tahchin. Her mother had even brought some saffron from Iran to use in the dish.

“She was happy that she can cook for me,” Estahbanati said, “and I was glad that I could have that food that my mother had made herself.”

‘FAMILY GATHERINGS ARE NOT PERMITTED’

It is difficult to know exactly how many families have reunited at the library, but a signature book near the front entrance shows around 12 obviously Iranian names between March and November. Reuters identified seven other families, all Iranian, who had visited the library or tried to do so this year.

People with a close connection to the library were reluctant to speak about the visits, worried that publicizing them would draw more families, attract more pressure from authorities, or both.

“We are trying to be very neutral,” Patricia Hunt, a current board member, said in a brief phone interview. She declined to comment further.

Kerr, the librarian, said he planned to hold a meeting between library officials and both countries’ authorities to draw up a plan to deal with the visits.

“We don’t want to put a stop to it, necessarily, but we need to somehow control it in order for us to stay open,” Kerr said. “It’s basically only tolerated by both sides, because technically, it shouldn’t really be allowed.”

On a Saturday in early November, two Iranian families met at the library, chatting quietly in its two reading rooms. The normal business of the library continued amid the tearful reunions and goodbyes in its corners: Parents and children streamed in and out to return books and browse the stacks. Teenagers accessed the internet on library computers and leafed through its DVD collection.

The Iranians were mostly oblivious to signs stating in English and French that, by order of the library's board of trustees, "family gatherings are not permitted." Kerr said the signs had gone up just the week before.

TP Número 11

Family, former staff to accompany body of President Bush from Texas

Family and former staffers of former U.S. President George H.W. Bush will hold a brief ceremony Monday at a Texas Air National Guard base outside Houston, putting his casket onto Air Force One for a final trip to Washington. Two of his sons, former President George W. Bush and Neil Bush, will accompany the body of the 41st president on the presidential jet, called "Special Air Mission 41," for the flight to Joint Base Andrews outside of Washington. Bush will lie in state at the U.S. Capitol Rotunda from Monday through Wednesday, when a state funeral is scheduled at the National Cathedral. A contingent of former Bush staff members now living in Texas will join the mourners leaving Houston on Monday morning, former Ambassador Chase Untermeyer told Houston Public Media. The 41st president of the United States died at his Houston home on Friday night, seven months after his wife Barbara died. After services in Washington, there will be another funeral in Houston on Thursday followed by burial at the Bush Presidential Library in College Station, Texas. Bush served two terms as vice president under fellow Republican President Ronald Reagan before his own stint in the Oval Office from 1989 to 1993, a time that saw the end of the Cold War as well as the United States' routing of Iraqi President Saddam Hussein's army in the 1991 Gulf War.

He failed to win a second term after breaking a no-new-taxes pledge. Remembrances to George and Barbara Bush sprang up in the neighborhood where he made his home, at a memorial to President Bush at a city park and at the airport named in his honor. Christy Smith paused over the weekend to pay her respects to President Bush at a bronze statue of him at a Houston park. "He set a good example for all of us," said Smith, 39. "He always was caring and treated people equally."

TP Número12

Man who recruited the 9/11 hijackers is being held in Syria

There was nothing about the hungry, bedraggled man who surrendered at a remote desert checkpoint belonging to the United States' Kurdish allies this year to suggest he had once played a part in one of the biggest events in American history. He was limping from injuries to both knees, his beard was matted and teeming with lice, and he was fleeing from the Islamic State.

After he identified himself and checks were run, the confirmation came back. This was Mohammed Haydar Zammar, the man who recruited the hijackers who carried out the attacks on Sept. 11, 2001, killing over 2,900 people and propelling the United States into unending conflict.

In his first interview with a U.S. news organization since 2001, conducted in the presence of the Kurdish guards who are holding him at a prison on the outskirts of the Syrian city of Qamishli, Zammar recounted his extraordinary journey. It was one that took him from the earliest days of the al-Qaida camps in Afghanistan to the battlefields of the Islamic State in Syria, via a rendition suspected to have been ordered by the CIA.

By his own account, he played only a peripheral role in the events that unfolded along the way, a walk-on part in the history of the Islamist militant movement. Yet he was present for many of its milestones, showing up at key moments and meeting many of its key players.

His story demonstrates the extent to which the ever-evolving terrorist threat that continues to grip the United States has, to a large degree, been sustained by a core of now-aging Islamist militants who came of age in the orbit of Osama bin Laden.

Now age 57, Zammar, who holds dual Syrian and German citizenship, is a shrunken shadow of the hulking, heavily bearded man who once lectured young Muslims at al-Quds mosque in Hamburg on their duty to wage jihad. His captors do not allow prisoners to grow beards, and his had to be shaved off because of the lice, he said during the interview, conducted in the presence of two of his guards.

But one thing has not changed. Investigators of the 9/11 attacks remember him as talkative - perhaps too talkative to have been trusted with details of the plot.

He still likes to talk, at length, about himself, about his part in persuading the 9/11 hijackers to travel to Afghanistan for military training and about the litany of injustices he says the United States has committed against Muslims.

Zammar's family moved to Germany when he was 10, and he first tried to participate in armed conflict in 1982, far earlier than has previously been reported. He traveled to Jordan in an attempt to enter Syria to join the armed wing of the Muslim Brotherhood, the Fighting Vanguard, which was engaged in an earlier uprising against the ruling Assad family.

He was turned back by the Jordanian authorities, but on the trip he met a man who would play a big role in his future: Mohammed al-Bahaiya, known as Abu Khaled al-Suri, who would later become a key figure in the current Syrian war.

At Bahaiya's invitation, he made his first visit to Afghanistan in 1991, to receive military training at one of the militant camps being run by Bahaiya. Over the next decade, Zammar moved through the militant-Islamist circuit, traveling regularly to Afghanistan, volunteering for a stint with al-Qaida-affiliated militants in the war in Bosnia and visiting London, where he befriended the Jordanian Palestinian preacher Abu Qatada, a prominent figure long suspected by the United States of having links to al-Qaida.

Meanwhile, Zammar was developing a circle of followers at Hamburg's al-Quds mosque, which had become a magnet for young Muslims in the city. Zammar says he failed to qualify as an imam or preacher at the mosque because he was unable to memorize the Koran, but he held regular gatherings with small groups of the men who went there to

pray, seeking to convince them that they had a duty to wage jihad on behalf of Muslims worldwide and to travel to Afghanistan for military training.

The first member of the Hamburg cell he remembers meeting was Ramzi Binalshibh, a Yemeni citizen now being held in Guantanamo Bay on suspicion of involvement in the 9/11 plot. Next he met Mohamed Atta, the hijackers' ringleader, who piloted the first of the two planes that struck the World Trade Center towers. Zammar recalls Atta as a "good guy" with "high moral standards." Then came the others: Marwan al-Shehhi, a citizen of the United Arab Emirates who steered the plane that struck the second tower; Ziad Samir Jarrah, the Lebanese who piloted the plane that crashed in a Pennsylvania field after passengers overpowered the hijackers; and four others from the group whom Zammar also persuaded to travel to Afghanistan.

"It was not easy. It took time. They were studying at the university," he said. "I was telling them, for example, someone is going to attack you, your honor, your property, while you cannot even use a pistol. There is no country in the world that does not have an army to defend itself, while we Muslims do not."

Zammar's travels and contacts stirred the suspicions of the German authorities, who alerted the CIA and began monitoring his movements and telephone calls.

But he continued to travel widely. Toward the end of 1999, Zammar made another visit to Afghanistan, overlapping with Atta and other members of the Hamburg cell making their first visit to the country - and carrying with them their proposal to crash planes into American buildings, according to investigators.

Zammar says the timing of his visit so close to theirs was a coincidence. He arrived shortly after they did, had no contact with them and does not know where or how they spent their time, he said.

It was on this trip, he says, that he had his only encounter with al-Qaida leader Osama bin Laden, whom he recalls with reverence. He speculates that bin Laden summoned him to meet because of his association with the men who were being groomed for the 9/11 attacks and wanted to check him out.

He claims he had no further contact with bin Laden, Atta or the others and says he was as surprised as anyone when the attacks occurred.

Zammar continues to deny any foreknowledge of the 9/11 plot. "God knows, and in all honesty, I did not know anything about the 9/11 strike. They did not tell me anything," he said.

That was the conclusion reached at the time by German authorities, according to Guido Steinberg, who investigated Zammar's involvement in the attacks on behalf of the German government and is now a senior associate at the German Institute for International and Security Affairs.

The German investigation found that the members of the Hamburg cell had been suspicious of Zammar, in part because he was "very chatty," Steinberg said.

"We discovered that his passport was full of Syrian stamps. The members of the Hamburg cell did not trust him. There was chatter that he might work for the Syrians," he said.

U.S. investigators never reached a firm conclusion about Zammar's potential involvement but also suspect that he may have proved too talkative to be trusted with knowledge of the 9/11 plan, according to Ali Soufan, a former FBI agent who now runs the Soufan Center, which focuses on counterterrorism.

"These people who run their mouths usually don't get information in advance, and there's a possibility he did not know about the attacks," Soufan said. The U.S. government seems to have shown little interest in gaining custody of Zammar, Soufan said. "Maybe there was a lot of noise but no meat on the case against him," he said.

Zammar acknowledged that he was an unlikely candidate for inclusion in a sophisticated plot.

"It would be really idiotic for someone who is planning on bombing America to come to me, or someone like me, and tell them about it," he said. "Total stupidity."

The CIA, the FBI, the U.S. military and the Department of Justice declined to comment on his case.

The 9/11 attacks thrust Zammar briefly into the spotlight. German police questioned him, and he was sought by journalists for interviews.

Three months after the attacks, he dropped out of sight. While on a visit to Morocco, he was arrested by Moroccan police and deported to Syria. The CIA was reported at the time

to have played a part in his seizure and transfer, but Zammar says he does not recall meeting Americans during the process.

For the next 12 years, he was held in Syria's notorious Sednaya prison outside Damascus, where he says he was tortured and kept in solitary confinement for months on end. In 2008, he was sentenced to 12 years in prison, not for his association with al-Qaida but for membership in the outlawed Muslim Brotherhood, dating back to his attempt to join the armed rebellion in 1982.

In 2013, he was freed along with six other Islamists in a prisoner swap for Syrian army officers negotiated by his old friend Bahaiya - Abu Khaled al-Suri - who had moved to Syria to become a leading figure in the Salafist Ahrar al-Sham opposition group and was killed in a bombing a year later that was suspected to have been carried out by the Islamic State.

Once released, Zammar chose to join the newly formed Islamic State. In prison, he had met several of the leaders of the group, who had been freed by the Assad government in earlier prisoner swaps. Those associates helped him secure a succession of relatively minor jobs in Islamic State departments, providing food for gatherings, mediating domestic disputes and supervising the cleaning of facilities.

But his health was poor from the years he spent in prison, he says, and he injured his knees in a car accident. He denies that he played any prominent role in the group, and there is no available evidence that he did.

As the Islamic State was steadily driven out of the vast areas it once controlled in Syria and Iraq, Zammar moved with the fighters in their retreat, dodging American airstrikes along the way. He met and married two women, and he was with one of those wives outside the village of Darnij in the province of Deir al-Zour when he decided to surrender to the U.S.-backed Syrian Democratic Forces. Joining other families also seeking to run away, they sneaked across Islamic State lines to reach the SDF.

"I'm very sick. I didn't have a car. My wife was pregnant, so what could I do?" he said. "I didn't have any other option."

Now he languishes in another prison cell, alongside about 30 other Islamic State prisoners being held by the Kurds. The Kurds say they would like to be rid of him and all the Islamic

State captives they hold. Zammar says he would like to return to Germany, to reunite with his first wife, whom he said he hasn't seen since 2001.

But the German government has shown no interest in repatriating him or any of the other Germans who set out to fight for the Islamic State and are now in Kurdish custody.

As the interview ended and Zammar was led away, he was still talking, railing against the injustices of the world and saying he has a message for President Trump, the leaders of Europe and anyone else with a role.

"You must fear God. You must fear your creator. I swear they will be judged by God," he said, as he limped back to his cell.

TP Número 13

With clubs and churches berlin becomes home for migrants

Ali Mohammad Rezaie (pictured below) does not celebrate his birthday because his Afghan parents never noted the date he was born. Yet he knows exactly when he arrived in Berlin to seek asylum: Oct 15, 2015.

That day changed his life.

"It wasn't a special day. I was tired and had been on the road for two months," he told Reuters of his overland journey through the Balkans.

Since then he's sung in a choir and done internships and temporary work at a nursing home, a bakery, hotels and restaurants. It is a far cry from the village of his birth 26 years ago.

More than 1 million people have come to Germany as migrants since 2015 under Chancellor Angela Merkel's open door policy. Since then, migration has divided Europe and helped propel a rise of far right parties.

Rezaie is among those doing their best to make Germany home, but integration is a journey with many highs and lows and it requires more than simply finding a job and learning German.

One woman who helped him is Chris Wachholz. They met at the choir and she later invited him to cook and practice German at the home she shares with her husband. A common interest in motorbikes deepened their friendship.

"Meeting this family was like being given an opportunity for my birthday. They are like my ... mother and father," he said.

But his immigration status prevents him taking further steps. His asylum application was rejected and he can only stay on as a 'tolerated person', which means he will not be deported but lacks secure status.

As a result, it is unlikely the temporary job he has found preparing food and cleaning at the Lufthansa lounge at Berlin's Tegel airport will be made permanent.

"I have an apartment here. I know many nice people. If they deport me I'll lose everything," he said. His fear is exacerbated because his Afghan ethnic group, the Hazaras, have faced attacks from militants in Afghanistan.

Many migrants say they are welcomed by Germans but others say they have experienced hostility. At the same time, a handful of militant attacks by migrants have enabled some politicians to argue they represent a threat to German society.

For some, though, the move to Germany has meant new freedom.

Haidar Darwish was dancing in Schwuz, one of Berlin's oldest gay clubs, last year when Israeli student and drag queen Judy La Divana approached him and asked him to perform in her show.

He had never danced on stage in his homeland Syria, but La Divana convinced him to try.

"Now, many people ask me when and where my performances take place so they can come. Not to brag about it," he said.

Sexual freedom was not the main reason he left Syria in 2016 - the country is at war, after all - but it represents a discovery he would not trade.

For others, the quest for freedom has been fraught.

Joseph Saliba was nine when his father sent him to work for a friend in Damascus who restored wood and mosaics. He slowly fell in love with the craft and later become a wood restorer. His business was booming when war broke out in 2011.

Scared of being drafted into the Syrian army, he decided to flee to Europe three years ago.

His German language class went on a field trip to Berlin Cathedral and immediately he felt a connection. He offered to volunteer in restoration work at the church using tools he had made himself. A year later, the church offered him a paid job.

The church became a home but not Germany. Authorities refused to give him a refugee travel document and referred him to the Syrian embassy in Berlin.

Saliba said he did not want to enter the embassy of the government from which he had fled and he is suing the German government to get a refugee passport.

"I fled the lack of freedom to get freedom here," he said. "I didn't find this freedom here."

TP Número 14

(Texto sem título de partida)

Democratic Republic of Congo will vote on Dec. 23 in a long-delayed election that could enable the vast Central African country's first democratic transfer of power since independence from Belgium in 1960.

President Joseph Kabila is due to step down after 18 years in the office he inherited from his assassinated father, and two years after his constitutional mandate officially expired.

Here's what is at stake:
WHY DOES IT MATTER?

Congolese hope the election can help turn the page on a violent history - or at least head off an even darker turn.

Starting with the Belgian- and American-backed overthrow of independence leader Patrice Lumumba in 1960, every transfer of power has come at the barrel of a gun. That included autocrat Mobutu Sese Seko's overthrow in 1997 after 32 years in power and his successor Laurent-Desire Kabila's assassination in 2001.

Two regional wars between 1996 and 2003, triggered in part by the 1994 genocide in

neighbouring Rwanda, sucked in a half-dozen regional armies and resulted in millions of deaths.

Since then, Congo has remained a violent place and fighting between the government and rebel militia has sent hundreds of thousands of refugees fleeing across its borders. Regional powers such as Angola and Rwanda pushed for Kabila to step down after his refusal to do so when his mandate expired in 2016 caused violent protests and worsened militia violence.

WHAT ABOUT FOR INVESTORS?

Congo is the world's biggest producer of cobalt, a key component in batteries for electric cars and mobile phones. It is also Africa's top copper miner and a significant producer of gold.

That makes the election of keen interest to mining companies such as Glencore, Randgold and China Molybdenum, which are in dispute with the government over a new mining code passed this year that hikes taxes and royalties. Kabila's preferred candidate, Emmanuel Ramazani Shadary, would be likely to continue the recent hard line with foreign investors. His main challengers have said little on the subject.

WHO'S GOING TO WIN?

Twenty-one candidates will appear on the presidential ballot, but only three are considered serious contenders.

Shadary, a former interior minister, was little known before Kabila named him in August to run. But he has strong support from government institutions and a sizeable campaign war chest.

He faces a divided opposition, which agreed last month to back former ExxonMobil manager Martin Fayulu as its candidate, only for Felix Tshisekedi, the president of Congo's largest opposition party, to back out of the deal.

A rare national opinion poll in October showed Tshisekedi on 36 percent, with 16 percent for Shadary and 8 percent for Fayulu.

Besides the presidential race, voters will also elect representatives for provincial and national assemblies.

WHAT COULD GO WRONG?

A lot.

Violence last week in which security forces killed at least seven opposition supporters

and a fire that destroyed thousands of voting machines were timely reminders of how quickly things can turn sour. The disputed results of prior elections in 2006 and 2011 sparked violent protests, and there is every indication that losing candidates will again cry foul. Congo is sub-Saharan Africa's largest country and has a population somewhere around 80 million (the last official census was in 1984). The lack of roads across vast expanses of its forested interior, attacks by dozens of eastern militia groups and a worsening Ebola outbreak there mean the underfunded electoral commission (CENI) faces a Herculean task.

The government's decision to turn down international help, saying it would undermine national sovereignty, has not helped. CENI is rolling out tablet-like voting machines for the first time and they could be a source of controversy. Opposition candidates say they are vulnerable to rigging and could be compromised by unreliable power supplies.

WHAT CHALLENGES WILL THE NEW PRESIDENT FACE?

The new president will have his hands full. Nearly 13 million Congolese don't have enough to eat, militia continue to massacre civilians in the east, and the Ebola outbreak, already the second deadliest in history, isn't expected to be brought under control until at least mid-2019.

There is also the question of what Kabila will do after leaving the presidency. If Shadary wins, analysts say Kabila could try to pull the strings from behind the scenes. If an opposition candidate wins, he will have to contend with institutions stacked with Kabila loyalists.

TP Número 15

Candidates to succeed Kabila after Congo's presidential election

Democratic Republic of Congo will hold a presidential election on Sunday that could lead to the country's first democratic transfer of power, following decades marked by authoritarian rule, coups and deadly conflict. The outcome of the long-delayed vote to choose President Joseph Kabila's successor is

far from certain, after a campaign marred by violent crackdowns on opposition rallies and the destruction of thousands of the capital's voting machines in a fire last week. Kabila's preferred successor, Emmanuel Ramazani Shadary, is facing a credible challenge from two opposition leaders: Felix Tshisekedi, president of Congo's largest opposition party, and Martin Fayulu, a former Exxon Mobil manager and businessman. One poll conducted by New York University's Congo Research Group (CRG) in October showed opposition leaders were favoured by about 70 percent of voters. Tshisekedi came first with 36 percent support, ahead of his now coalition ally Vital Kamerhe (17 percent) and Shadary (16 percent). Fayulu ranked fourth with eight percent support. In all, 21 candidates will be running, including several other prominent Kabila critics, which risks diluting the opposition vote and boosting Shadary's chances. The results could also be compromised by accusations of fraud similar to those that tarnished the 2011 presidential election. The opposition has already cried foul over the use of untested electronic voting machines that they say will make it easier to rig the results.

Below are profiles of the main candidates.

THE INSIDER: EMMANUEL RAMAZANI SHADARY

The 58-year-old former governor of the eastern province of Maniema served as interior minister from late 2016 until this February, when he was named permanent secretary of Kabila's PPRD party.

He is a combative defender of the president and oversaw repeated crackdowns on protesters and pro-democracy groups as interior minister, especially in the aftermath of Kabila's refusal to quit power when his mandate expired in 2016. In May 2017, the European Union slapped a travel ban and asset freeze on him for his involvement in "planning, directing or committing acts that constitute serious human rights violations".

Kabila's choice of a die-hard loyalist suggests that the president intends to remain closely involved in national politics. He will be eligible to run again in 2023. A Shadary victory is likely to lead to a continuation of Kabila's policies, including a tough line on the mining sector, where foreign investors hope the government will rescind steep tax hikes approved earlier this year.

Shadary and his team did not respond to requests for comment.

THE OPPOSITION SCION: FELIX TSHISEKEDI

Felix Tshisekedi is the 55-year-old president of Congo's largest opposition party, the Union for Democracy and Social Progress(UDPS). He draws much of his political legitimacy from being the son of late veteran opposition leader, Etienne Tshisekedi, who died in Brussels aged 84 last year. In November, his decision alongside ally Kamerhe to pull out of an opposition agreement to back Martin Fayulu as a common candidate scuppered the opposition's hope of presenting a broadly united front in the race. Tshisekedi has said he would select Kamerhe as his prime minister if he wins the vote. In return, he will back a candidate from Kamerhe's Union for the Congolese Nation (UNC) party in the 2023 presidential election. "If I am elected president my priority will be to restore peace and security across the country," Tshisekedi told Reuters.

THE BUSINESSMAN: MARTIN FAYULU

Fayulu, 61, trailed both Shadary and Tshishekedi in the most recent October vote, but his nomination as a common opposition candidate in November may have since won him more public support. As the common candidate he has the backing of popular opposition heavyweights such as Jean-Pierre Bemba and Moise Katumbi, who have been barred by the authorities from running.

Fayulu has the most extensive business background of the election frontrunners, having spent almost two decades as a manager at U.S. oil giant Exxon Mobil. He has promised, without elaborating, to revise mining and oil contracts as president. "The people need leaders who will bring them development, who will bring them prosperity," Fayulu told reporters in Geneva after his candidacy was announced. "We are committed to achieving this work so that Congo ceases being the laughing stock of the world."

Fayulu is the president of the Engagement for Citizenship and Development (ECIDE) party.

TP Número 16

Kurdish-led forces in Syria may not be able to contain IS prisoners

Kurdish-led forces in northern Syria may not be able to continue hold Islamic State prisoners if the situation in the region gets out of control, top Syrian Kurdish official Ilham Ahmed said on Friday.

Speaking alongside her at a Paris news conference, Riad Darar, co-chair of the Syrian Democratic Council, said they hoped France would play a more active role in Syria after U.S. President Donald Trump decided to withdraw U.S. forces.

“Under the threat of the Turkish state, and with the possibility of Daesh (Islamic State) reviving once again, I fear the situation will go out of control and we no longer be able to contain them,” Ahmed said when asked if the SDF was considering releasing hundreds of IS detainees.

The two had earlier met advisers to French President Emmanuel Macron to discuss Trump’s decision, which took U.S. allies by surprise. French officials declined to immediately comment.

France has about 200 special forces personnel operating in Syria’s Kurdish areas as well as heavy artillery as part of efforts to rout Islamic State in its remaining pockets. It is also carrying out air strikes.

“We do not share the analyses that the territorial caliphate (of Islamic State) has been annihilated,” French Defence Minister Florence Parly said on RTL radio, disagreeing with Trump’s assessment.

“It’s an extremely grave decision and we think ... the job must be finished.”

TP Número 17

Sudanese police fire tear gas at crowds on third day of protests

Sudanese police fired tear gas at dozens of demonstrators on Friday in the cities of Omdurman and Atbara, witnesses said, where people gathered in a third day of protests driven by price rises and a nationwide cash shortage. The protests that began after noon prayers were smaller than those on Thursday, when at least eight people were killed as thousands took to the streets, some calling for the

overthrow of President Omar al-Bashir. A government spokesman blamed "infiltrators" for derailing peaceful demonstrations into "subversive activity."

The protests are among the biggest the country has seen in five years. They could put at risk moves to change the constitution and allow Bashir to stay in power into a fourth decade, while deepening turmoil in a nation of 40 million that slid into economic crisis after the south seceded in 2011. There were also small-scale demonstrations across at least eight neighbourhoods in the capital Khartoum on Friday, but they were short-lived, witnesses said. Police had stepped up their presence outside Khartoum's main mosques ahead of an anticipated third day of demonstrations. Hundreds of Sudanese web users reported issues with internet access, particularly on social networks like Facebook, Twitter and WhatsApp, late on Thursday and into Friday. Many believe the government may be attempting to stall protests. Some who were able to gain access using VPNs called for the demonstrations to continue. Demonstrators on Thursday torched ruling party offices in the cities of Dongola and Atbara, while security forces fired tear gas to disperse crowds in Khartoum, where small and scattered protests continued into the night. Public anger has been building over price rises, inflation and other economic hardships, including a doubling in the cost of bread this year and limits on bank withdrawals. Long lines continued to stretch outside of ATMs and bakeries in Khartoum early on Friday.

Sudan's economy has struggled to recover from the loss of three quarters of its oil output - its main source of foreign currency - when South Sudan seceded in 2011. The Education Ministry said on Friday it was shutting schools and kindergartens in Khartoum "for the safety of the children."

TP Número 18

For Shanahan, a very public debut in Trump's cabinet

Patrick Shanahan was thrust into the spotlight during his debut as acting U.S. defense secretary on Wednesday, sitting next to President Donald Trump as he publicly disparaged Shanahan's predecessor, lampooned the war in Afghanistan and called Syria a land of "sand" and "death." The former deputy defense secretary officially took office during the New Year's holiday on Tuesday, issuing a statement saying that he looked "forward to working with President Trump to carry out his vision." Trump's vision for the second half of his four-year term in office came into view on Wednesday as he spoke exhaustively during a cabinet meeting about America's wars, and his displeasure with them. Shanahan, a former Boeing executive, sat silently at Trump's side, often expressionless, as television cameras rolled. Trump suggested that former Defense Secretary Jim Mattis - who abruptly resigned last month over policy differences with Trump - had been essentially fired and that Mattis had failed in Afghanistan, where Taliban insurgents are becoming increasingly confident of ending the 17-year-old war on terms favorable to them. "I'm not happy with what he's done in Afghanistan and I shouldn't be happy," Trump said. The remarks put Shanahan in a difficult position from the start of what could be a long tenure at the Pentagon, where many staff were loyal to Mattis. Trump has suggested Shanahan could be acting as defense secretary for an extended period of time. Several candidates previously seen as potential successors to Mattis have recently indicated they don't want the job, officials say. Mattis' public resignation could also make Senate confirmation perilous for any hand-picked successor. Mattis implicitly criticized Trump in his resignation letter for failing to value allies who fight alongside the United States, including in places like Syria. Even Shanahan had been picked by Mattis for the deputy job and held him in high regard, officials say. As deputy, Shanahan often had to fill in for Mattis in meetings, including those with cabinet members. One reason Mattis resigned was Trump's surprise decision to order the withdrawal of U.S. forces from Syria. Although Trump has declared victory there, critics warn Islamic State still has a toehold, and could stage a comeback if U.S. forces depart. Trump said during the cabinet meeting that Islamic State militants should be combated

by nations in the region, including U.S. adversary Iran. "It's sand and it's death," he said. Shanahan has yet to detail his thoughts on the way forward in Syria, where the Pentagon plans a gradual withdrawal of U.S. troops over the coming months. He has also not commented on planning for a dramatic drawdown in Afghanistan. Seth Jones at the Center for Strategic and International Studies think-tank in Washington said Shanahan started the job from a somewhat weaker position, as he did not have the mandate of having been confirmed by the Senate. "Second, the president has made major decisions on a range of these (national security) issues," Jones said.

CHINA, CHINA, CHINA

In one of his first meetings of the day, Shanahan told civilian leaders of the U.S. military to focus on "China, China, China," even as America fights militants in Syria and Afghanistan, a U.S. defense official said.

The U.S. official, who spoke on condition of anonymity, did not elaborate on Shanahan's views on China or other guidance he gave.

Other officials have described Shanahan as an advocate of the Pentagon's toughening stance toward Beijing. The 2018 National Defense Strategy <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>, which Shanahan helped develop, branded China as a strategic competitor.

"While we're focused on ongoing operations, acting Secretary Shanahan told the team to remember China, China, China," the official said.

Relations between the world's two largest economies have plumbed new depths under Trump, with a trade war and disagreements over Taiwan and the South China Sea.

In Beijing on Thursday, a foreign ministry spokesman said China valued relations between the militaries of the two countries.

"If what we mutually seek is a partner, then we will likely get a partner. If what we seek is an adversary, then we will certainly get an adversary," Lu Kang told a regular news briefing, when asked about Shanahan's remarks.

Shanahan, best known for his focus on internal Pentagon reform and his private-sector experience, had spent three decades at Boeing and was general manager for the 787 Dreamliner passenger jet before he joined the Pentagon. During Shanahan's tense Senate confirmation hearing in 2017, the committee's then-

chairman, John McCain, voiced deep concern about giving the deputy job to an executive from one of the five corporations accounting for the lion's share of U.S. defense spending. "I have to have confidence that the fox is not going to be put back into the henhouse," said McCain, who died in August. Shanahan has recused himself from participating in Boeing-related issues, a spokesman said.

TP Número 19

UK plans rehearsals for no-deal Brexit amid fears of road, port chaos

Britain will begin rehearsals for the possible chaos of a no-deal Brexit on Monday by testing how the road network copes with a tailback of around 150 lorries caused by disruption at its most important trading gateway to continental Europe. Prime Minister Theresa May is trying to force her Brexit deal through parliament but if it is rejected then the United Kingdom will either leave without a deal at 2300 GMT on March 29 or have to delay Brexit. May has repeatedly warned that if lawmakers do not approve her deal then the world's fifth largest economy will leave the EU without one, a nightmare scenario for many big businesses who fear disruption to trade. Britain will hold a trial run on Monday of its plans for dealing with long queues of lorries at the port of Dover caused by disruption to cross-Channel traffic in the event of a no-deal Brexit, the Department for Transport said. The test will involve driving around 150 trucks between a local airport, which will be used as a lorry park, and Dover in southeast England to see if it clogs up the road network. "We do not want or expect a no-deal scenario and continue to work hard to deliver a deal with the EU," a spokeswoman for the Department for Transport said. "However, it is the duty of a responsible government to continue to prepare for all eventualities and contingencies, including a possible no-deal." May's government has repeatedly warned of the disruption a no-deal Brexit would unleash on everything from pet tourism to the import of crucial medicines and supply chains that criss-cross Europe and beyond.

Brexit supporters say that, while there may be some short-term disruption, in the long-term the UK will thrive outside what they cast as an undemocratic and excessively bureaucratic project dominated by Germany. Amid the uncertainty over the future course of Brexit, the British economy is showing clear signs of slowing. The housing market is stagnating, services companies have reported crisis-like pessimism and lending to British consumers grew in November at its slowest pace in nearly four years.

NO DEAL BREXIT?

Facing defeat in parliament last month, May postponed a vote on her deal and pledged to seek further political and legal assurances from the EU. The EU has signalled it may try to allay the fears of May's critics but will not renegotiate the deal. The parliamentary vote is now due to take place in the week of Jan. 14 and the government has repeatedly tried to underscore the economic dangers of a no-deal Brexit. May suffered a fresh blow on Friday when a survey showed most rank-and-file members of her Conservative Party oppose her Brexit deal and would prefer to leave the EU without one.

May needs 318 votes to get the deal she struck with Brussels in November through parliament, yet 117 of her Conservative Party's 317 lawmakers voted against her in a confidence vote on Dec. 12. This means she would need the support of some of the 257 lawmakers in the main opposition Labour Party, which has repeatedly said it will not back the deal. Of 1,215 Conservative Party members questioned in Friday's YouGov survey, 59 percent opposed May's deal and 76 percent said warnings over the risks of disruption in the event of a no-deal were "exaggerated or invented". Just 38 percent of those polled backed May's deal.

TP Número20

“We are witches”: Clerical abuse scandal divides parishes and politics in Poland

The former Catholic priest of the Polish village of Kalinowka is serving three years in jail for molesting five schoolgirls. But Marta Zezula, a mother whose testimony helped convict him, says the priest's victims are the ones made to feel guilty. "We are witches ... because we have pointed at the priest," Zezula fumed as she shovelled straw into a chaff cutter in her barn in the tiny settlement in eastern Poland. Many parishioners believe she and other mothers of those molested "simply convicted an innocent man", she said.

Home to about 170 people, Kalinowka is a short drive from the main road, but feels more remote. The Holy Cross church, built in 1880, sits on a hill overlooking rolling farmland and forests full of deer. Krystyna Kluzniak, hurrying into the well-kept church on a chilly November evening, said people should give the jailed priest a break. "The priest was cool and we miss him," she said.

The priest, who cannot be named under Polish law, is now on trial again, charged with molesting another child. His lawyer, Marek Tokarczyk, said he denies the allegations. "We need a fair trial," Tokarczyk said.

Similar scandals have shaken the Catholic Church and split communities in the United States, Ireland, Australia and elsewhere. But Poland is one of Europe's most devout nations, where most people identify as Catholics and the Church is widely revered. Priests were active in the fight against communism and in 1989, led by a Polish pope, John Paul II, the Church helped overthrow Communist rule.

Divisions over allegations of abuse are particularly stark here, said Marek Lisinski, the director of "Have no fear", a group that advocates for victims of clerical abuse. Parishioners often side with priests and ostracise victims and their families, Lisinski told Reuters.

LANDMARK

RULING

In October, "Have no fear" published a map that revealed the scale of the issue. It used black crosses to mark places where 60 priests had been convicted of abuses dating back to 1956. Afterwards, Lisinski said, people called in to report another 300 cases of suspected abuse by priests which they had not raised with the Church or police for fear they would be doubted or shunned.

The same month, a Polish court of appeal upheld a landmark ruling which granted a million zloty (\$260,000) in compensation to a woman abused by a priest as a child. Jaroslaw Gluchowski, a lawyer in Poznan who represents victims of clerical abuse, said the ruling set an important precedent. "We're now at a moment when all victims in Poland are realizing that they're not alone," he said.

In a November statement, Poland's bishops asked victims of clerical abuse for forgiveness and said the Church had begun collecting data to "identify the causes of these deeds and assess their scale". Archbishop Wojciech Polak, the primate of Poland, told Reuters the Church will publish its findings within six months. Polak encouraged victims of clerical abuse to talk to their bishops, who are "obliged to report to the prosecutors' service all credible cases they get knowledge of". He said he was aware the issue had caused rifts in some communities. "It is the Church's responsibility to act in a way that doesn't create divisions but heals them," he said. Senior bishops from around the world will meet Pope Francis at a conference in the Vatican in February to discuss protection of minors. Conference organisers have said everyone must be held accountable or the Church risked losing credibility worldwide. The issue could also have political ramifications in Poland, Lisinski and other observers say. The country is due to elect a new parliament by December 2019. The Catholic Church has long played a major political role in Poland, making its 25,000 priests not only revered but also influential with voters. In December, a report appeared in *Gazeta Wyborcza*, a leading Polish daily, containing molestation allegations from a woman, Barbara Borowiecka, against the late priest Henryk Jankowski, an iconic figure in the anti-communist Solidarity movement. The mayor of Gdansk, the birthplace of Solidarity, asked the Church to investigate the allegations. Archbishop Polak told Reuters the Jankowski allegations "should be investigated for the good of the Church" and said it was up to bishop of Gdansk to address them.

"POLAND'S

COLLAPSE"

The ruling Law and Justice (PiS) party won power in 2015 with a blend of patriotism and piety that echoed the religious nationalism of the Church. In October, a former PiS minister, Antoni Macierewicz, credited the Polish clergy with helping the party win local

elections that month. Joanna Scheuring-Wielgus, an MP for a small opposition party called Now, is seeking an independent inquiry into child abuse by priests because she says the Church cannot be relied upon to investigate itself. She says the idea has received no support from PiS or other big parties. A PiS spokesperson did not respond to several requests asking whether it supported the idea of an inquiry. Ryszard Czarnecki, a PiS MP for the European Parliament, responded to Reuters by asking why the Church should be singled out. "I don't know why we are focusing on one group, as this also concerns different groups - for example, artistic or journalistic ones," he said. About 12 million people, or almost a third of Poland's population, regularly attend Mass, according to a survey by the Institute for Catholic Church Statistics, a Warsaw-based research centre. The numbers slightly declined from 2015 to 2016, the survey showed. Most children attend religious classes, but their numbers are dropping, too. In Lodz, Poland's third-largest city, they fell from 80 percent in 2015 to fewer than 50 percent now, according to local government data quoted by the daily Dziennik Lodzki. In November, the Church said such trends could have dire consequences. "Abandoning the Catholic faith and the Christian principles governing our national life and state's functioning" could lead to Poland's collapse, it warned in a pastoral letter. In Kalinowka, Reuters spoke to seven parishioners. Most of them were sticking by the convicted priest. "I have a cousin whose son went to one of his classes and they didn't see it," Wieslaw Solowiej, a pensioner, said outside the Kalinowka church. Jolanta Zych, whose nine-year-old daughter was among those molested, said neighbours spurned the family. "I always greet people but some turn their faces from me," said Zych. The other mother Reuters spoke to, Zezula, said her daughter began refusing food after the court case. "She didn't want to eat because one woman told her the priest was in jail because of her." During Mass, Zezula said, people shrank away or refused to shake hands during a ritual greeting known as the sign of peace. She no longer goes to church. Piotr Lenart, the current priest, referred questions to the Zamosc-Lubaczow Diocese in which the Kalinowka parish lies. Michal Maciolek, a priest and spokesman for the diocese, said it had offered the victims and their families pastoral and psychological help, but this had been rejected. No financial

compensation was offered, because "the diocese can't take responsibility for the priest's actions".

TP Número 21

UK says will fight "inconvenient" plot to hobble no-deal Brexit

Britain's government will oppose a parliamentary bid to make it harder for Prime Minister Theresa May to leave the European Union without a deal, saying it was undesirable but, if approved, would be little more than an inconvenience.

Lawmakers are expected to vote later on Tuesday on a change to budget laws which would mean the government needs explicit parliamentary approval to leave the EU without a deal before it can use certain powers relating to taxation law.

"The amendment is not desirable but the effect of the amendment on no-deal preparations would be inconvenience rather than anything more significant," May's spokesman said.

A source in May's Conservative Party later confirmed the government would order its lawmakers to vote against the plan.

With less than three months until Britain leaves the European Union, May is struggling to win approval for her Brexit deal, increasing the chances that the country ends up leaving without an exit agreement.

A no-deal exit is the default scenario if May's deal is rejected, and the prospect of possible supply chain disruption, medicine shortage and blocked ports has in recent weeks pushed companies and the government to ramp up contingency planning.

A group of lawmakers from across the political spectrum opposed to a no-deal exit are trying to make it harder for the government to leave without a deal.

Their amendment to legislation implementing last year's budget states that powers to amend tax laws to make them work after Brexit could only be used if a deal was agreed, Brexit was cancelled, or, if the government had parliamentary approval to proceed with a no-deal exit.

Effectively this constrains the government's ability to act to keep its taxation systems working smoothly if it pursues a no-deal Brexit against the wishes of a majority in parliament.

It is not an absolute block to leaving the EU without a deal because it does not negate the legislation already in place stating that Britain will leave the EU on March 29.

But if passed, it would be a politically important victory for those opposed to no-deal, demonstrating that they have the ability to defeat the government. With a raft of other legislation still needing to be approved before Brexit day, that would signal further difficulties for the government.

May does not have an outright majority in parliament and her party is split over the best course to take.

With the support of the opposition Labour Party and others, only a handful of Conservative lawmakers would have to support the amendment for it to pass. Several have already indicated publicly they would do so.

TP Número 22

Israeli doctors ban gay conversion therapy as risks 'mental damage'

A ban on conversion therapy by Israeli doctors will help protect gay people from treatments that claim to make them straight, but more work needs to be done with religious groups that support controversial 'cures', activists said on Wednesday.

Members who perform conversion therapy could now be expelled from the Israel Medical Association (IMA), which represents 90 percent of the country's doctors, if a complaint is filed to its ethics committee, said IMA spokeswoman Ziva Miral.

"The treatments to change one's sexual orientation have been found to be ineffective and could cause mental damage, such as anxiety, depression and suicidal tendencies," the IMA said in a position paper on the practice.

Conversion therapy, which can include hypnosis and electric shocks, is based on the belief that being lesbian, gay, bisexual or transgender is a mental illness that can be cured.

It is used in many countries, except Malta, Ecuador and just over a dozen U.S. states that have outlawed it, according to the ILGA, a network of LGBT+ rights groups. Several states are considering bans, including Britain, New Zealand and Australia.

Ruth Gophen, one of the authors of IMA's paper, published on Monday, said it was impossible to estimate how many Israelis have undergone conversion therapy because it is usually done secretly as most doctors view it as unethical.

Israel is one of a handful of Middle Eastern countries - along with Jordan and Bahrain - that allow same-sex relations, in a region where several states impose a death penalty.

But many religious communities in Israel, where three-quarters of its 9 million-strong population are Jewish, are deeply conservative.

Chen Arieli, chairwoman of the Israeli LGBT Association, described the IMA's ban on conversion therapy as a "breakthrough" but said outlawing the practice could make it harder to eradicate in communities where it is prevalent.

"We need to have a holistic approach regarding conversion treatment," she told the Thomson Reuters Foundation.

"Our goal is to strengthen the religious LGBT organisations, to help them outreach (to) those youth that may be at risk of having conversion treatment."

Julien Bahloul, spokesman for the Association of Israeli Gay Fathers, which campaigns for gay couples to become parents, said he hoped parliament would now pass a law making conversion therapy illegal.

"The fact that professional people, doctors, say today that this kind of therapy ... is not acceptable and not in any way related to medicine is a huge victory for us," he said.

However, Bahloul cautioned that it would depend on the results of elections scheduled for April 9.

It is often not possible to form a government in Israel without going into coalition with smaller parties, many of which are religious.

Saudi-backed organization denounces countries for 'inciting' women to flee

An organization backed by Saudi Arabia accused several foreign countries of inciting young women to reject their families, the first public comments from Riyadh since a woman claiming domestic abuse was granted asylum in Canada over the weekend.

The National Society for Human Rights (NSHR) did not name 18-year-old Rahaf Mohammed al-Qunun, who grabbed international attention after barricading herself in a Bangkok airport hotel room and appealing for help on Twitter to resist being sent back to her family, which denies any abuse.

But in a statement late on Sunday NSHR head Mufleh al-Qahtani accused unspecified countries and international organizations of pursuing political agendas and “pushing (women) ultimately to be lost and maybe to fall into the arms of brokers and human traffickers”.

While NSHR says it is independent, the U.S. State Department describes it as “government-funded”.

Riyadh’s human rights record has been in the spotlight since the murder of Saudi journalist Jamal Khashoggi at its Istanbul consulate in October. There has also been growing international criticism of the Saudi-led coalition’s air strikes in Yemen that have caused heavy civilian casualties including children.

U.S. Secretary of State Mike Pompeo, in Riyadh on Monday, said he spoke with Saudi leaders about Yemen, Khashoggi and other human rights issues.

NSHR “was surprised by some countries’ incitement of some Saudi female delinquents to rebel against the values of their families and push them out of the country and seek to receive them under the pretext of granting them asylum,” Qahtani said.

He did not name Canada or Australia, which also considered offering Qunun asylum, or the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR), which granted her refugee status.

Qunun arrived in Toronto on Saturday, wearing a hoodie emblazoned with the word Canada, and a cap bearing the UNHCR logo. Canadian Foreign Minister Chrystia Freeland welcomed her at the airport, calling her “a very brave new Canadian.”

Canada's move comes amid tension with Riyadh after Ottawa demanded the immediate release of jailed rights activists last year, prompting Saudi Arabia to expel its ambassador to Canada, recall Saudis living there and freeze new trade.

The case has also drawn attention to Saudi Arabia's guardianship system, which requires women to have the permission of a male relative to travel, sometimes trapping them as prisoners of abusive families.

Qahtani said Saudi laws forbid mistreatment and allow women to report it, but international rights groups say in practice many Saudi women fear that going to the police would only further endanger their lives.

TP Número 24

Migrants depart from El Salvador as new U.S.-bound caravan forms

At least 150 Salvadoran migrants departed in a group for the United States on Wednesday, the latest in a string of such 'caravans' that U.S. President Donald Trump has used to build his case for a wall along the U.S.-Mexican border. The group, organized through social media, is following in the wake of a larger caravan that departed from Honduras this week.

On Wednesday morning, between 900 and 1,000 Hondurans gathered at the country's border with Guatemala, waiting to cross en-route to the United States, local police chief Jorge Rodriguez told Reuters.

Several hundred Honduran migrants already entered Guatemala on Tuesday, according to activists traveling with them.

Caravans from Central America have inflamed the debate over U.S. immigration policy, with Trump pointing at the migrants to try to win backing for his border security plan.

The U.S. government has been partially shut down for over three weeks as Democrats resist Trump's demand that Congress provide \$5.7 billion to fund a border wall.

In El Salvador, Jose Sorto, 30, said violence drove him to leave his home. Three years ago, he said, he was attacked by the Barrio 18 gang.

"I joined the caravan because here you can't live in peace. I have to run away and hide every day," said Sorto, who is unemployed and lives in the town of Ilobasco, about 56 kilometers (35 miles) northeast of the capital. In the United States, he said, he hopes to "live quietly and work to buy a house for my mom."

Walking through the streets carrying backpacks and water bottles, the migrants were escorted by immigration authorities and the police.

El Salvador is grappling with a wave of crime and violence. In 2018, the country's murder rate stood at 50.3 homicides per 100,000 inhabitants, one of the highest levels in the world, according to the United Nations.

The Salvadoran government estimates that some 2,700 people have left the country through half a dozen caravans over the past year. About 600 have returned voluntarily, and three have died, according to government figures.

TP Número 25

Braving outrage, Swedish liberal Loof dumps partners to block populists

Annie Loof, leader of Sweden's Centre Party, has been called a traitor for her decision to abandon her centre-right allies and back long-time political foe, Social Democrat leader Stefan Lofven, as prime minister after an inconclusive election. The 35-year old, who has named former British prime minister Margaret Thatcher as a role model, once said she would rather "eat her right shoe" than help ex-union leader Lofven, whose Social Democrats have dominated Swedish politics for a century. But on Friday Loof's Centre Party played a decisive role in allowing Lofven to win a second term by abstaining in a parliamentary vote on a new prime minister, ending more than four months of political deadlock. The reason for her abrupt U-turn is the rise of the Sweden Democrats, a populist, anti-immigration party with roots in the white supremacist fringe.

"The Sweden Democrats are a xenophobic party," Loof told Reuters. "It is a party the Centre Party will not negotiate with nor cooperate with." The Sweden Democrats have repeatedly denied the accusations and have adopted a zero-tolerance policy on racism. The Centre Party and the allied Liberal Party will not join Lofven's new Social Democrat-Green coalition but will support it in return for pursuing such centre-right policies as tax cuts and deregulation of the labour and property rental markets.

SWEDISH MODEL

The new government offers an alternative model to that seen in Norway, Denmark and some other European nations where mainstream parties have co-opted nationalist, populist movements, hoping to disarm them or capture their voters. For Loof, who espouses free markets, liberal social values, generous immigration rules and individual freedom, that was not an option. At school in the 1990s, she shared a class with children of refugees fleeing wars in the Balkans, reinforcing her belief in Sweden's humanitarian responsibilities. "There I got to know them and realized that no matter where you are from, you can become friends. That has shaped my views." Her economic views were shaped by an ethos of self-reliance and hard work she grew up with in southern Sweden. Under Loof's tenure, however, the party - originally a farmers' union strong in Sweden's conservative countryside - has sometimes been out of sync with voters and even its own members.

A policy outline from 2012 - a year after Loof became party leader - advocated open borders, flat taxes, and the right to take several spouses. It was withdrawn amid internal criticism.

Her decision to dump two centre-right partners - the Moderates and Christian Democrats - in favour of Lofven will test whether voters are ready to abandon the traditional left-right divide in Swedish politics. For some on the right, she is already a hate figure. Sara Skyttedal, the Christian Democrats' leading candidate for the European Parliament elections in May, called Loof and her liberal allies "crooks and Quislings". Vidkun Quisling was a Norwegian Nazi collaborator during World War Two. Loof's backing of the Social Democrats and Greens is fraught with danger as they are

ideologically poles apart, despite the joint policy platform they hammered out this month. "There are huge risks," said Fredrick Federley, a Centre Party member of the European Parliament and one of Loof's closest confidants. "If this deal does not deliver, I think we will see a conservative bloc run the country for many, many years." The last time the Centre Party backed the Social Democrats, 25 years ago, it nearly dropped out of parliament in the following election. And with the Centre and Liberals gone, the rump of the old centre-right Alliance grouping, the Moderates and the Christian Democrats, may begin forging new partnerships. "The Alliance is now dead, and some of its remnants are now bound to look instead at the possibility of an understanding with the Sweden Democrats," said political scientist Nick Aylott of Sodertorn University.

TP Número 26

Some 170 migrants missing in two Mediterranean incidents

An estimated 170 migrants have been lost in the Mediterranean in two incidents involving dinghies that left from Libya and Morocco, migrants organizations said on Saturday.

One dinghy was spotted sinking in rough waters on Friday by an Italian military plane on patrol. The plane dropped two safety rafts into the water but had to leave due to a lack of fuel, Rear Admiral Fabio Agostini told TV channel RaiNews24.

A naval helicopter was dispatched and rescued three people who were suffering from severe hypothermia and taken to hospital on the island of Lampedusa.

"During this operation at least three bodies were seen in the water who appeared to be dead," Agostini said.

The three survivors said they had left Gasr Garabulli in Libya on Thursday night as part of a group of 120 people, mainly from west Africa, according to Flavio Di Giacomo, spokesman for the International Organisation for Migration (IOM).

“After 10 to 11 hours at sea ... (the boat) started sinking and people started drowning,” Di Giacomo said, adding the passengers included 10 women and two children, one of whom was just two months old.

The Italian navy said it had alerted Libyan authorities who ordered a merchant ship to go to the site but the rescue effort was called off after the search proved fruitless.

FROM MOROCCO

In another incident, 53 migrants who left Morocco on a dinghy were missing after what one survivor said was a collision in the Alboran Sea, in the western Mediterranean, according to Spanish non-governmental organization Caminando Fronteras.

The United Nations’ Refugee Agency said in a statement it was deeply saddened by reports of an estimated 170 people dead or missing. It said it had been unable to independently verify the death toll.

Separately, the charity Sea-Watch said on Saturday it had rescued 47 people at sea, including eight unaccompanied minors, from a rubber boat in distress north of the Libyan city of Zuwara.

Matteo Salvini, Italy’s interior minister, who has closed off Italian ports to humanitarian boats since a populist government came to power in mid-2018, said the ports would remain closed to deter human traffickers.

“The latest shipwreck is proof that if you reopen the ports more people will die,” Salvini said in a video on Facebook on Saturday.

He said 100 people had reached Italy so far this year compared with 2,000 in the same period of 2018.

Migrant arrivals to Europe in the first 16 days of 2019 totaled 4,449, almost all by sea, compared with 2,964 in the same period of 2018, IOM data showed.

It said last year, some 2,297 migrants died or went missing in the Mediterranean while 116,959 people reached Europe by sea.

TP Número 27

Gabriel's journey: A transgender Spaniard makes the change

Gabriel Diaz de Tudanca is a 19-year-old Spaniard who, although born a girl, identified as male from early childhood.

“When I was three years old I came back from school and said to my mother that when I grew up I was going to be a man called Oscar,” he says.

Supported by his family and friends, he has undergone surgery and hormone treatments, changed his name and renewed his identity documents to reflect what he feels is his true gender.

Reuters photographer Susana Vera accompanied him for three years through his process of change.

In terms of lesbian, gay, bisexual and trans (LGBT) rights, Spain ranks relatively high in surveys. But authorities require a mental health diagnosis before allowing gender change on official documents, as being transgender is classed a mental illness.

This is the case in the majority of European countries.

“I didn’t take it that badly, being diagnosed as ‘mentally ill’,” he says. “But I feel angry that you have to get that diagnosis to be able to change documents, get hormone treatment or surgery.”

The World Health Organisation ruled in June that being transgender should no longer be classified as a mental disorder. It now considers “gender incongruence” under sexual health conditions.

At 17, Diaz de Tudanca started with hormone treatments aimed at developing secondary sex characteristics such as voice deepening and a masculine pattern of hair and fat distribution. Around two years ago he underwent surgery to remove his breasts.

“It was a huge change in my life,” he says of no longer having breasts. “It’s a great liberation.”

He is now accepted socially as a man, although he has received rejection from some. One childhood male friend said he would not consider him a man as he didn’t have a penis.

Now dating a girl, Diaz de Tudanca is proud of his transgender identity and has taken part in a Madrid council awareness campaign to prevent hate crime, putting his face to a series of posters that appeared around the city's metro network.

"The hate and intolerance of others comes from ignorance about trans people," he says.

TP Número 28

Order! Order! The sharp-tongued speaker of the House of Commons is changing the rules - and maybe Brexit

The speaker of the House of Commons doesn't bang a gavel. You might get the impression that he does. But no. John Bercow stands, he points a finger, he shakes his sheaf of papers, he projects to the cheap seats, bellowing the word "order" over and over.

Britain will be glued to Parliament TV again this week for the next episode of the hit dramedy known as Brexit. The BBC's public-service television channel has become such a ratings smash that it briefly bested MTV, purveyor of "Teen Mom." The star of it all is Bercow, 56, a pint-size disciplinarian and champion shade-thrower who is the 157th person to wield the ceremonial mace, but who is the most theatrical, sharp-tongued and proactive speaker in modern time.

Traditionally, the speaker of the House played a low-wattage role, charged with the not-easy-but-still-ordinary role of keeping order in the raucous chamber, choosing which members might ask the prime minister which questions, and controlling the clock.

Brexit has turned everything upside down, and Bercow has transformed into an extraordinary player, whose broad interpretation of parliamentary rules and upending of tradition have allowed backbenchers in Parliament to wrest partial control over which direction Brexit might go.

"He's like no speaker who has ever gone before," said Bobby Friedman, author of the biography "Bercow, Mr. Speaker: Rowdy Living in the Tory Party." "The name 'speaker' is misleading. Previously, the speaker wouldn't really be expected to speak at all. They chair debates. They keep order, make decisions about procedure and just allow everyone else to get on with saying their piece."

"Bercow changed the job," he said.

Prime Minister Theresa May's government on Tuesday will face debate and votes on a raft of amendments allowed by Bercow that could change the trajectory of Brexit. It is entirely possible the members will vote to delay the scheduled March 29 departure date or even stop Britain leaving the European Union without a deal.

Such wily moves are prized by the lowly backbenchers, whom Bercow has showered with attention, and by those who want Parliament to be more assertive in dealing with Downing Street.

But he has upset traditionalists and is loathed by Brexiteers who believe he is working to undermine Britain's departure from the E.U.

After Bercow earlier this month allowed for a vote giving the prime minister just three working days to present her Brexit "Plan B" after what turned out to be the crushing defeat of her withdrawal agreement, the Daily Mail blasted the speaker as "egotistical preening popinjay" who "shamelessly put his anti-Brexit bias before the national interest."

The Sun tabloid branded Bercow "Speaker of the Devil" and amplified the fury directed at his "bid to scupper Brexit."

Upon election, speakers must discard their party affiliation and are supposed to be neutral on policy. The Times reported this month that May's government was threatening to punish what they saw as Bercow's anti-government leanings by setting him up to be the first speaker in 230 years to be denied a peerage - and a seat in the House of Lords - upon his retirement.

But Bercow gives as good as he gets. The speaker is as colorful as his florid ties.

He once told Chancellor of the Exchequer Philip Hammond, the head of Her Majesty's Treasury and the second most powerful figure in government, "Stick to your abacus, man!"

He regularly advises raging members, many of them aging gents who enjoy a glass of claret with lunch, to take their medications and mind their stress levels.

He drilled into one noisy member by saying, "You really are a very overexcitable individual. You need to write out 1,000 times, 'I will behave myself at Prime Minister's Questions.' "

Last week, to quiet the braying from the benches, he roared, "Calm yourself, take up yoga!" In another moment, after shouting "order," he followed his usual exhortation with: "Zen. Restraint. Patience."

Bercow rails against "sedentary chuntering" and "finger-wagging" by members. He has chided jeering lawmakers as "incorrigible delinquents."

A lawmaker colleague suggested he slept with a thesaurus.

He's not afraid of top government ministers. In fact, he seems to delight in popping their corks.

Bercow once turned his oratorical guns on Jeremy Hunt, foreign secretary and former health minister, for glancing at his cellphone during debate. "Fiddling ostentatiously with an electronic device defies the established convention of the house."

The speaker continued: "It's a point so blindingly obvious that only an extraordinarily clever and sophisticated person could fail to grasp it."

In a retort to a complaint from Andrea Leadson, the Tory's Leader of the House of Commons, Bercow parried, "The honorable lady, she can say 'pooh' if she wants. The honorable lady will accept the ruling of the chair and either behave or get out of the chamber. I don't mind which it is."

The Guardian's Brussels correspondent last week wrote that the Europeans love him, noting the Dutch newspaper De Volkskrant headlined its profile of the speaker: "No one on the British island can call 'order, order' more beautifully than John Bercow."

Running for speaker in 2009, Bercow wrote in the Independent, "For far too long the House of Commons has been run as little more than a private club by and for gentleman amateurs."

He is not of the stereotypical MP mold: born into privilege, schooled at Oxbridge. Bercow grew up the son of a northern London taxi driver. He attended the University of Essex.

He started his career as a far-right, fire-breathing Conservative. But he drifted left and began advocating for socially liberal issues, like gay rights, long before it was fashionable among the Tories.

*His shift left, along with a wicked temper and a tendency to pick fights, resulted in strained relationships with some of his fellow party members. No one enjoys public humiliation.

Friedman said Bercow is "feisty, self-important, quite pompous" and "someone who rubs people up the wrong way very easily."

In its investigation into the treatment of House staffers, the BBC last year alleged Bercow to be a bully. An independent inquiry into bullying and harassment in the House, however, didn't mention Bercow but expressed doubts about how much could be fixed under the current leadership.

The Tory lawmaker Anne Main said at the time, "It's the old adage that the fish rots from the head."

Bercow has strenuously denied the accusations of bullying and pledged to better address staff members' concerns.

In a recent debate, one lawmaker charged that Bercow's impartiality should be questioned because of a "Bollocks to Brexit" bumper sticker on his car.

Bercow said the sticker in question was on his wife's car.

"I'm sure the honorable gentleman wouldn't suggest for one moment that a wife is somehow the property or chattel of her husband," he said, prompting a wave of applause from opposition lawmakers. "She is entitled to her views."

The speaker is married to Sally Bercow, a former advertising executive and Labour activist. She recently returned to Twitter, following a break after she defamed a Conservative politician, and describes herself in her bio as "100% partisan & political."

The couple lives in an apartment at the Palace of Westminster with their three children.

On the first day of a parliamentary session, the speaker commutes to work preceded by a doorkeeper and the sergeant at arms, followed by the chaplain, speaker's secretary and the trainbearer, who holds the hem of the speaker's gold-trimmed robe.

Bercow has dispensed with the traditional knee breeches, silk stockings and wig. He prefer suits and bold-patterned ties. Though he has suggested that ties are not compulsory in the House of Commons, which shocked the establishment.

Tony Travers, a politics professor at the London School of Economics, said Bercow would likely see himself not as trying to thwart Brexiteer dreams but as "empowering Parliament" at a time when "government and Parliament cannot between them agree on what Brexit really means."

Or he might say he's just trying to restore order.

TP Número 29

Even behind bars, El Chapo's 'Robin Hood' luster glows in Mexico drug capital

In Mexico's drug trafficking heartland, the northwestern state of Sinaloa, admiration for captured kingpin Joaquin "El Chapo" Guzman burns brightly even as the government makes progress in the fight against cartel violence.

Rising from humble origins to become Mexico's most wanted man, Guzman is on trial in a New York federal court, facing the prospect of spending his final years behind bars after an unparalleled career that made him a criminal sensation.

In his home state, the government says it has contained his Sinaloa Cartel, bolstered by military reinforcements.

During 2018, the first full year since Guzman was extradited to the United States, Sinaloa's share of Mexico's murder tally fell to its lowest since records began over two decades ago, bucking a trend of record murders sweeping the country.

Yet mistrust of government runs deep in the restive region split between inaccessible mountain villages and sunny beaches that has produced most of Mexico's top capos, and some residents say the cartel itself has sought to calm things down.

In the sprawling state capital Culiacan, where dazzling luxury rubs shoulders with stark poverty, support for Guzman is strong.

"He does what the police don't do. He protects the people," said of the capo Antonio Pinzon, a 45-year-old farm worker on a pilgrimage to the chapel of bandit folk saint Jesus Malverde.

By lauding Guzman in likening him to Malverde, a Robin Hood-like figure revered by some Roman Catholics and drug traffickers, Pinzon spoke for countless residents of Sinaloa, local politicians, journalists and security experts say.

Born in a poor mountain village in Sinaloa, where smugglers have grown opium and marijuana since the early 20th century, Guzman began rising through the ranks of the Mexican underworld in the 1980s as older kingpins fell.

Captured in 1993, Guzman broke out of jail eight years later and set about establishing his Sinaloa outfit as Mexico's top cartel. Eliminating rivals and buying off officials, he even earned himself a place on the Forbes rich list.

Security experts say the billions of dollars generated by the cartel give it power that cash-strapped local authorities are wary of challenging. That uneasy equilibrium has fed a widespread perception of political corruption.

Without the consent of capos, it was almost impossible to get elected in parts of Sinaloa, a senior politician from the state told Reuters, speaking on condition of anonymity.

Still, pointing to lower crime rates, Cristobal Castaneda, Sinaloa's minister of public security, said the government went after all gangs with equal determination.

While murders in Mexico leapt by a third to more than 33,000 last year, they fell in Sinaloa by nearly a fifth to 1,072 - or 3.2 percent of the total, according to interior ministry data.

A decade earlier, as Guzman's star was in the ascendant, the state accounted for nearly 9 percent.

Castaneda complained that depictions of traffickers in TV series like "Narcos" and "El Chapo" distracted from Guzman's crimes.

"They make him look like Robin Hood," he told Reuters. "Instead of exalting the authorities, they exalt the criminal."

'MAGNIFICENT PERSON'

After more than a decade on the loose, Guzman was finally caught again in 2014. But in a humiliating turn for the government, he broke out of his prison cell through a mile-long tunnel in July 2015. He was recaptured six months later.

Mexico extradited him in January 2017, and since November he has been on trial in Brooklyn, charged with trafficking cocaine, heroin and other drugs into the United States. A verdict is expected in the next few days.

Witnesses have alleged he spent millions of dollars bribing officials and ordered or personally carried out murders of rivals. His defense lawyers say the real mastermind behind the Sinaloa Cartel is his associate Ismael "El Mayo" Zambada, and that the 61-year-old Guzman is a scapegoat.

Few in Sinaloa dispute Guzman played a leading role, but Zambada's influence is also widely acknowledged.

"From what we Sinaloans can see, (Zambada) was the one in charge," said Manuel Clouthier, a Culiacan native and former independent federal congressman. "When (Guzman) fell, nothing changed, because the head didn't fall."

Since Guzman's arrest, Zambada has steadily consolidated the cartel's power, said Mike Vigil, a former chief of international operations at the U.S. Drug Enforcement Administration.

Diversification into other criminal activities, demand for newer drugs and blows to its main rival, the Jalisco New Generation Cartel, has enabled the gang to grow its business by about 15 to 20 percent, Vigil estimated.

Zambada has also kept a lid on violence, said a bookseller outside Culiacan cathedral named Ismael, who spoke wistfully of Guzman.

"We know he's involved in a bad business. But he himself is a magnificent person," he said. "It's such a pity he won't be able to escape from the United States."

BUSINESS AS USUAL

Castaneda said Sinaloa "ideally" needed 9,000 police to guarantee law and order - more than double its present tally. But he said the narcos have also become more discreet since Guzman's heyday.

"They're using compact cars now. They're not so ostentatious," he said. "It's evolved. It's mutated."

At the Jardines del Humaya cemetery, where some fallen kingpins are buried in pharaonic tombs, workers said Guzman's absence had not hurt business.

"We've got lots of work," said carpenter Santiago Rojo as he put finishing touches on an air-conditioned two-storey mausoleum with a marble staircase, bathroom and television screen.

Estimating up to 40 percent of Culiacan's economy drew on illicit funds, ex-lawmaker Clouthier said the Sinaloa Cartel had become expert at laundering money through legitimate avenues.

But cash of uncertain origin flows freely. Under colored parasols in the Mercadito area of downtown Culiacan, dozens of mostly female vendors buy and sell dollars below market rates - a practice widely believed to facilitate money laundering.

Periodic raids have been staged, but a dollar hawker named Juan estimated the number of selling posts had doubled in the past three years.

Here too, Guzman's shadow looms large.

Before becoming a drug trafficker herself, the protagonist of Spanish writer Arturo Perez Reverte's novel *La Reina del Sur* (The Queen of the South) sold dollars in the very same place.

The book became a successful TV show, and its star, Kate del Castillo, made headlines after it emerged she and U.S. actor Sean Penn had visited El Chapo while he was in hiding. DVDs of the series were found in Guzman's final hideout.

TP Número 30

Blackwater founder Erik Prince's new company building training center in Xinjiang

Frontier Services Group, the security contractor founded by Erik Prince, who created the controversial Blackwater company, will build a training base in Xinjiang, the western Chinese region where as many as one million Muslims have been put into extrajudicial detention camps.

The security company said the plans were at a "very early" stage and it could not say what kind of training would be carried out at the base, which will be built with a Chinese state-backed company.

Over the past two years, the Chinese government has been running a sweeping campaign to "sinicize" the Xinjiang area, which is home to a large Muslim population belonging to the ethnic Uighur minority. It has created "vocational training camps" to "de-radicalize" what it calls Islamic extremists.

Frontier Services Group signed a deal on Jan. 11 to build a training center in the Caohu industrial park in the Xinjiang city of Tumxuk, the company said in a Chinese-language statement on its website.

The signing ceremony was attended by officials from Tumxuk, a city that is controlled by a Xinjiang farming and paramilitary group known as the "bingtuan," and CITIC Guoan Construction, part of an enormous state-run conglomerate.

Hundreds of thousands of Uighurs in Xinjiang have been interned in the barbed wire-ringed camps, where they are forced to speak Mandarin Chinese and pledge allegiance to the Communist Party.

Western governments and human rights advocates have said the camps are prisons and that the state is trying to dilute Uighur language and culture, while strengthening its control over the region.

The deal was first reported by the Reuters news agency, and the statement disappeared from the company's website soon after, although a cached copy can still be viewed. A spokesman for the company, Marc Cohen, said that it had been a mistake to post the statement on the website and did not answer questions about what kind of training would be done at the center.

The group would invest \$6 million in the center, which would be able to train 8,000 people a year, according to the state-run Foshan News Network, which reported on the signing ceremony.

The now-deleted photo of the signing ceremony on Frontier's website showed Chinese officials but did not show company founder Prince, the brother of Education Secretary Betsy DeVos. Prince is a former Navy SEAL who founded Blackwater, a military contractor that was controversial for its actions in the wars in Iraq and Afghanistan.

A former Blackwater security guard was sentenced to life in prison and three others to 30-year terms in 2015 for killing 14 unarmed civilians in a Baghdad traffic circle in 2007.

Frontier, through its spokesman, tried to distance Prince from the Xinjiang project. "Mr. Prince is a minority shareholder in FSG and deputy chairman. He had no knowledge or involvement whatsoever with this preliminary memorandum regarding the company's activity in Xinjiang," Cohen said in an email. "Any potential investment of this nature would require the knowledge and input of each FSG board member and a formal board resolution," he said.

The U.S. Senate is considering putting sanctions on China over its mass internment and indoctrination program. The United Nations says as many as a million people have been detained there, but a State Department official last month put the number as high as two million.

"Reports suggest that most of those detained are not being charged with crimes and their families have little to no information about their whereabouts," Scott Busby, the deputy

assistant secretary for human rights said, according to The Hill. The apparent goal is to force detainees to renounce Islam and embrace the Chinese Communist Party", he said.

Frontier, which is headquartered in Hong Kong and listed on the Hong Kong Stock Exchange, has focused its business on China. It has an office in Beijing but also in the Xinjiang city of Kashgar.

In 2017, Frontier opened the International Security Defense College in Beijing, which it said aimed to become "the largest private security training school in China," but was meant to protect Chinese enterprises in Africa and Asia rather than support China's domestic police or military.

The company is also scouting for business in the countries that China is targeting for its "Belt and Road" initiative, which is building infrastructure and spreading China's influence around the world.

It has inked deals in countries including Kazakhstan and Myanmar, as well as across Africa. In December, Frontier received a license to operate a security business in Cambodia, and it will soon start offering "services such as cash escort, airport security, VIP close protection in Cambodia," the company said on its website.

TP Número 31

Venezuela's Guaidó wants China to see Maduro is bad for business

The young politician spearheading efforts to remove Venezuela's authoritarian leader called for a "transparent relationship" with China, a key investor in the country, saying any agreements made with the regime of Nicolás Maduro would be honored as long as they were done lawfully.

Juan Guaidó, the National Assembly leader, is at the forefront of a renewed push to remove Maduro who, with his grip on the military and courts, has presided over crackdowns on protesters, the opposition and a hollowing out of Venezuela's economy.

The desperate conditions for ordinary people struggling with skyrocketing prices and power outages has spurred one of the biggest mass migrations of modern times.

“I will be very clear: all agreements that have been signed following the law will be respected,” Guaido said in a written interview. “If previous agreements were signed by adhering to the due process of approval by the National Assembly, they will be accepted and honored.”

Guaido has the backing of countries including the U.S. and Brazil, and is seeking to put a noose around Maduro’s access to funds, primarily oil and gold exports and income from state-dominated businesses. China is one of the biggest investors in Venezuela, and while it has been an ally of socialist administrations dating back to Hugo Chavez, Guaido portrayed it as having suffered from Maduro’s corruption and financial mismanagement.

“We want to establish a transparent relationship with China and put an end to the plundering of our resources that has prevailed under Maduro’s government, which has ultimately also affected Chinese investors,” he said. “China’s development projects in Venezuela have been falling as they have been affected and destroyed by corruption or debt default.”

The stance of China and Russia is crucial to Maduro’s ability to hold onto power. The countries have filled the investment and security vacuum caused by Washington’s decades-long estrangement from Caracas. But the resurgent U.S. interest makes things more complicated.

Russia has strongly supported Maduro while China has been more equivocal, mostly falling back on citing a longstanding policy of noninterference in other states’ affairs.

Asked three times last week if China still saw Maduro as Venezuela’s president, foreign ministry spokesman Geng Shuang simply noted that a special envoy of President Xi Jinping attended his inauguration in January. On Friday, Geng said China has “maintained close communication with all parties” and ties “shouldn’t be undermined no matter how the situation evolves.”

China is the second-biggest importer of crude from the country, but receives its barrels as repayments of debt. Venezuela hasn't been able to send enough crude to meet its obligations in recent years as its production cratered and crude prices tumbled.

Beijing has invested more than \$62 billion in Venezuela, mostly through loans, since 2007. Last year, it imported 3.6 percent of its oil supply from the country, down from just over 5 percent in 2017. In the throes of a financial crisis last September, Maduro flew to Beijing to win a \$5 billion credit line from his "big sister" China. Chinese technology giants Huawei Technologies Corp. and ZTE Corp. have invested heavily in the country.

Not everyone views Beijing's behavior as benign. Ricardo Hausmann, an acclaimed Venezuelan economist and adviser to Guaido who runs Harvard University's Center for International Development, has called the China Development Bank a "disgrace."

Still, China has shown itself able to navigate doing business in difficult places before. And it has probably learned lessons from Sri Lanka, Malaysia and the Maldives, where it cozied up to authoritarian leaders only to be caught wrong-footed by quick power shifts that saw new governments launch probes of Chinese-funded projects and loans.

While investments often come with strategic objectives, Beijing's leaders are also pragmatic, and a change of leadership that incurred losses for China would be affordable for its \$12 trillion economy.

"China is in a wait-and-see mode," said Pang Zhongying, a former Chinese diplomat who is an international relations professor at the Macau University of Science and Technology. "People shouldn't assume that China will lend a hand based on the similarity in socialist systems."

Humanitarian aid would pour in in response to a change in government, and institutions like the International Monetary Fund and World Bank would probably play a role -- as the U.S. helped facilitate funding -- but Venezuela's economy would require funds for infrastructure that would be unlikely to generate a return for some time. That's where China, with its deep pockets and longer-term horizon, could come in.

"Any Venezuelan government will recognize the irreplaceable value of China as a large customer," said Mei Xinyu, a senior researcher at the Chinese Academy of International

Trade and Economic Cooperation affiliated with the Ministry of Commerce. “China’s lending is mutually beneficial for both sides.”

Russia in contrast probably cannot afford to keep its investments open-ended and has some payments already due from the current regime.

“There is a lot of work to do in this regard and we want to continue working closely with China,” Guaido said, referring to reconstruction. He cited sectors including oil and mining, plus light industry and assembly.

“With the reactivation of our country’s productivity we see a cooperation with China as an opportunity, rather than a threat,” he added. “We are ready to begin a constructive relationship and dialogue with China as soon as possible.”

Guaido did not confirm if there had been any outreach to Beijing, only saying he would like to meet with officials “in the shortest possible time to relaunch our relationship.” A person in Caracas with knowledge of the interactions said there had already been some contact with the Chinese embassy.

Those conversations center around a commitment to honor debts to China, plus Venezuela’s reconstruction needs, the person said, asking not to be identified talking about private conversations.

The outreach is being carefully done, the person added, because Guaido’s focus is on his relationship with the U.S., which views China’s presence in the region with suspicion. President Donald Trump has escalated trade tensions with China since coming to power, leading Beijing to claim the U.S. is increasingly attempting to contain it.

“If the regime changes quickly and peacefully, it will depend on whether the U.S.-backed government in Guaido recognizes the loans made under the past government,” said Gui Chenxi, an oil analyst at CITIC Futures. “For now, Guaido has signaled that payments will be maintained, but America will probably call the shots if he takes office.”

Guaido described the U.S. as both a commercial supporter and an important ally in the effort to oust Maduro. “Bilateral relationships are established on the basis of mutual respect and our relationship with the U.S. is historic,” he said.

Even so, he added “the fact that we have consolidated relationships with other nations does not mean that we cannot open ourselves up to establishing relations with other nations.”

“We live in an interconnected world where all nations have their own potential,” Guaido said. “Within that space, China has an important role to play because of its capabilities and flexibility as a commercial partner.”

ANEXO H: TEXTOS DE CHEGADA (EDITADOS)

TC Número 1

A caravana que atravessa o México rumo aos EUA é uma cidade sob pressão

Foi para não pagar aos contrabandistas que exigem milhares de dólares e não garantem a segurança que milhares de pessoas se juntaram para tentarem a sorte. Trump chama-lhes criminosos. A esperança torna-se cada vez mais pequenina.

Eles dormem em cobertores emprestados, enrolados no chão de algum local que lhes cederam para passarem a noite. Compartilham refeições de canja de galinha e tortilhas. Lavam a roupa em rios ou tanques e, quando adoecem, depois de mais de 20 dias na estrada, os imigrantes são ajudados por freiras que acompanham a caravana e lhes fornecem medicamentos e curativos.

Depois de uma penosa caminhada, o primeiro e maior grupo de imigrantes a chegar à fronteira dos Estados Unidos da América, de 4000 a 5000 pessoas, é maior do que alguns dos municípios no México, duplicando a sua população da noite para o dia. São passageiros fugazes, um encontro vinculado por um único objectivo: procurar asilo ou trabalho nos Estados Unidos.

“É praticamente uma cidade ambulante”, disse Edgar Corzo Sosa, um responsável pela defesa dos direitos humanos do México que monitoriza a caravana. No fim-de-semana passado, o grupo estava a viajar pelo estado de Veracruz, a centenas de quilómetros a sudeste da Cidade do México.

Como em qualquer cidade, a caravana teve a sua quota-parte de marcos e tragédias. Nasceram bebês, um homem morreu depois de cair de um caminhão lotado e várias mulheres sofreram abortos espontâneos, dizem a Cruz Vermelha do México e entidades de defesa dos direitos humanos. Os imigrantes levantam-se juntos de madrugada, viajam em grupos de famílias ou amigos das mesmas cidades e fazem assembleias nocturnas para decidir onde vão em seguida.

As alianças podem ser frágeis, desgastadas pelo cansaço e pela incerteza. Por esta altura esperavam que a viagem já tivesse terminado, com autocarros que os transportariam para a Cidade do México e depois para o norte, até a fronteira com os Estados Unidos, mas os autocarros nunca chegaram.

No domingo, a caravana dividiu-se em grupos. Alguns dos viajantes mais rápidos foram à boleia e adiantaram caminho. Ao nascer do sol, mais de 1500 pessoas deixaram a pequena cidade de Isla e dirigiram-se para Córdoba, também em Veracruz, mas mais perto da capital, enquanto outros se espalharam pelo estado vizinho de Puebla e por outras cidades no caminho.

Fuga aos contrabandistas

A maioria dos imigrantes vem das Honduras, um país devastado pela violência dos *gangs* criminosos e do Governo. Em meados de Outubro, a caravana formou-se, porque muitas as pessoas aproveitaram a oportunidade de viajar em segurança juntas pelo México, sem terem de pagar milhares de dólares aos contrabandistas. Desde então, alguns voltaram atrás, outros procuraram asilo no México.

Outros ainda caminharam até perderem os seus sapatos ao longo da estrada longa e escaldante.

Os seus percursos são coordenados por activistas mexicano-americanos da organização Pueblo Sin Fronteras, com megafones, embora os organizadores afirmem que a caravana se governa a ela mesma. Mas as multidões também dependem das cidades e vilas mexicanas que oferecem centros comunitários para poderem dormir e grupos de Igreja dispostos a prepararem *tamales* e a fazerem churrascos a meio da noite.

O presidente Donald Trump retratou os viajantes da caravana como “bandidos e membros de *gangs* muito perigosos”, e afirmou que a 19 de Outubro milhares de imigrantes tinham empurrado e pontapeado um portão da fronteira entre a Guatemala e o México. As

declarações de Trump foram difundidas na Internet com imagens falsas, incluindo uma de um polícia mexicano ensanguentado, tirada noutra local em 2012.

Trump ordenou a entrada de milhares de militares na fronteira sul e disse que consideraria o envio de até 15 mil, aproximadamente o mesmo número de militares americanos presentes no Afeganistão.

No México, polícias e observadores de direitos humanos do Governo dizem que não viram exemplos de terroristas ou de violência extrema. “Ele pode dizer mil coisas”, disse Corzo Sosa sobre as alegações de Trump. “Estamos aqui na caravana... Não identificámos nenhum.”

Na sexta-feira, pouco depois de atravessarem o estado de Veracruz, de casas e praias estonteantes mas também de violentos ataques de cartéis, imigrantes encharcados da chuva aplaudiram quando o governador Miguel Angel Yunes disse que providenciaria autocarros para os levar à Cidade do México.

Mas Yunes rapidamente mudou de ideias, referindo uma escassez de água na capital. Críticos observaram que foi pressionado para se distanciar para evitar um confronto na fronteira com os EUA antes das eleições intercalares de ontem.

Na “rota da morte”

No dia seguinte, os imigrantes desanimados, dirigiram-se para norte, com os pés cheios de bolhas, por uma estrada estreita, que um organizador disse ser uma zona onde há roubos e ataques frequentes. Chamou-lhe a “rota da morte”. A Pueblo Sin Fronteras pediu-lhes que ficassem juntos, mas alguns correram para apanharem boleia em camiões, amontoados nas portas abertas ou agarrados nas laterais.

Oscar Lopez, de 31 anos, voltou com a mulher e os três filhos, incluindo Elias, de três anos, que estava sentado num carrinho de bebé e usava umas Crocs azuis com carros de corrida.

“Isto é perigoso”, disse Lopez, ao abanar a cabeça, enquanto outros se penduravam no camião. Na confusão instalada na caravana, o seu filho de 12 anos desaparecera durante 33 horas, disse ele — e não estava disposto a arriscar de novo.

Enquanto esperavam poder viajar de forma mais segura, a brigada alimentar invadiu a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Na noite anterior, o padre mais jovem da igreja, Joel

Campechano, tinha alertado a sua paróquia através do WhatsApp de que a caravana estava a chegar. No dia seguinte, os paroquianos serviram *tamales* caseiros, panelas de arroz e tortilhas.

Uma das voluntárias foi Marta Murgia, de 43 anos, que usava um avental rosa-choque com uma fotografia de Jesus. “Interrogo-me sobre o que os espera”, disse sobre as famílias que passavam.

No fim da estrada estavam os Avalos, os Lopez os Contreras e um bebé em estado febril chamado Aaron. A mãe, Nataly, tentava baixar-lhe a temperatura com medicamentos e banhos de garrafa de água à beira da estrada. Cidades inteiras estavam juntas, como o contingente de Siguatepeque, uma povoação rodeada de montanhas nas Honduras.

As tentações

Sem os autocarros, ficou claro que a jornada iria demorar muito mais tempo do que esperavam e que alguns deles tomariam uma rota diferente. Um jovem disse que trocava mensagens com um amigo contrabandista que o informou de que custaria 7500 dólares americanos (cerca de 6570 euros) para atravessar a fronteira dos EUA.

Arnoldo Gomez, que deixou a mulher e dois filhos em Tocoa, Honduras, disse que várias mulheres se ofereceram para o acolher. Ele recusou deixar o seu irmão e os amigos que tinha feito durante a viagem. “Estas são as tentações”, disse ele.

“Temos de ficar juntos”, disse Jose Guillen, de 22 anos, ao lado do seu novo amigo Alejandro Carvajal, um cantor de 18 anos. Viajavam com um grupo de San Pedro Sula.

No sábado à noite, os restantes imigrantes lotaram o cavernoso centro social de Isla e espalharam-se pelas ruas. Dentro do centro social, geralmente reservado para casamentos e bailes, a caravana reorganizou--se como uma pequena aldeia.

Famílias dormiam em cobertores colados uns aos outros, em colchões insufláveis. Outros montaram tendas. A roupa lavada era pendurada em postes.

Maynor Chávez, um pai de 44 anos de Copan, montou uma loja debaixo de uma lona amarela, onde vendia champô, chupa-chupas e cigarros, que comprou com dinheiro doado ao longo do caminho.

Na Rua Venustiano Carranza, alguns moradores com as casas ainda decoradas para o Dia dos Mortos deixaram os imigrantes dormirem nos seus pátios ou tomarem banho. O ar encheu-se de sons de cães a ladrar e crianças a chorar.

Horas depois, foram-se embora.

TC Número 2

Salvini consegue aprovar a lei de segurança, mas adensa-se a tensão com o 5 Estrelas

“Fui bom e educado, mas isso vai acabar”, disse Luigi di Maio, do 5 Estrelas, no dia em que Salvini aprovou a sua polémica lei da segurança.

O Senado italiano aprovou nesta quarta-feira um projecto de lei de segurança e imigração que dificulta as condições para os requerentes de asilo e prevê expulsões dos imigrantes considerados “um perigo social” ou que foram condenados em primeira instância.

“Este é um dia histórico”, disse o vice-primeiro-ministro Matteo Salvini. Esta vitória não diluiu a tensão que se vive na coligação governamental, composta pela Liga de Salvini e pelo Movimento 5 Estrelas.

O polémico projecto de lei, defendido por Salvini, que é também ministro do Interior, veio adensar a relação turbulenta entre os parceiros de coligação que governa a Itália desde Junho. Para fazer aprovar a lei, e perante um debate aceso sobre o seu conteúdo, foi pedido ao Senado que votasse uma moção de confiança ao projecto.

A lei – que segue agora para a câmara baixa do Parlamento – foi aprovada por 163 votos contra 59, com cinco senadores do 5 Estrelas a recusarem-se a votar. Havia o risco de o Governo cair, se a lei não fosse aprovada.

Apesar de esta lei de segurança ter perturbado a coligação, a maior fonte de discórdia é o esforço do 5 Estrelas para flexibilizar os prazos impostos ao julgamento de vários crimes, incluindo a corrupção.

A Liga, que é um partido de extrema-direita, considera que a flexibilização do estatuto de limitações significa que os réus podem enfrentar batalhas legais inaceitavelmente longas.

O Movimento 5 Estrelas (partido anti-sistema) diz que devido aos prazos muitos casos ficam sem conclusão, sem que se chegue a um veredicto.

O jornal *Corriere della Sera* cita fontes da Liga que admitiram haver sinais crescentes de que poderia haver uma eleição antecipada em Março.

Salvini tem tentado baixar a tensão. “Estou convencido de que dentro de algumas horas teremos chegado a um acordo [sobre o estatuto de limitações]. Pessoas com bom senso chegam sempre a um acordo”, disse. “Os chacais têm de se resignar ao facto de que este Governo vai continuar a trabalhar nos próximos cinco anos.”

Mas outras divergências políticas estão a debilitar a coligação, incluindo uma proposta do 5 Estrelas para, no ano que vem, introduzir um programa de apoio às rendas de casa para os mais pobres e para os desempregados.

Foi uma das principais promessas eleitorais do 5 Estrelas e está incluída no Orçamento de 2019. Porém, a União Europeia está a pressionar o Governo de Roma para reduzir os planos de gastos e a Liga já questionou a reforma dos apoios sociais.

No final da semana passada, Giancarlo Giorgetti, da Liga, observou que a concretização do “salário mínimo” vai ser “complicada”.

Luigi di Maio, líder do 5 Estrelas e vice-primeiro-ministro, disse ao jornal *Corriere* que estava cansado de tantas tensões: “Fui bom e educado, mas isso vai acabar.”

TC Número 3

Crise em Arração: Suu Kyi “sob microscópio” na cimeira do Sudeste Asiático

Na próxima semana, em Singapura, a habitual cordialidade sentida nas cimeiras do sudeste asiático pode estar comprometida devido à reunião dos líderes, relativamente às incompatibilidades sobre a Birmânia, onde os militares foram acusados de genocídio contra a minoria muçulmana presente em Arração. A líder da oposição birmanesa, Aung San Suu Kyi, deve comparecer na cimeira de Singapura entre 11 e 15 de Novembro. O primeiro-ministro da Malásia, Mahathir Mohamad, um célebre membro do grupo, disse que perdeu a confiança no Nobel da Paz,

devido à crise de Arracão.

"Deixámos bem claro que não a apoiamos mais", disse Mahathir, numa entrevista ao canal de notícias turco, TRT World, há pouco mais de um mês.

"A política que praticamos na ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático) não interfere nos assuntos internos dos países, o que é totalmente injusto", disse Mahathir, referindo-se à associação dos dez membros plenos da ASEAN, do Sudeste Asiático. A crise sentida em Arracão é uma das maiores sinistralidades causadas pelo homem envolvendo um dos membros desde que a ASEAN foi fundada, em 1967 e é um dos assuntos mais delicados enfrentados por um grupo que, tradicionalmente, trabalha por consenso.

Muitos diplomatas e ativistas de direitos humanos dizem que a credibilidade da ASEAN pode ser posta em causa, caso não consigam encontrar uma solução. Em Agosto, um relatório da ONU alertou para os assassinatos em massa e violações coletivas, com intenção genocida durante uma repressão militar que começou em 2017 e levou centenas de milhares de arracaneses a fugirem para o estado vizinho do Bangladesh. A indignação face ao que as Nações Unidas apelidaram de "limpeza étnica", causaram algumas exigências por parte das nações ocidentais para que os responsáveis fossem juridicamente acusados e sancionados.

"A credibilidade da ASEAN e a sua reputação internacional seriam fortemente prejudicadas caso a associação permaneça indiferente à crise que se faz sentir em Arracão, disse Kavi Chongkittavorn, ex-assistente do secretário-geral da ASEAN e veterano jornalista tailandês que trabalhou na Birmânia.

A crise dos arracaneses, surge numa conjuntura política delicada numa região que se impulsiona por uma maior integração económica face às políticas proteccionistas emergentes e a uma disputa comercial entre os EUA e a China. A maioria muçulmana dos membros da ASEAN, Malásia, Indonésia e Brunei, tendem a assumir uma posição sólida na tragédia de Arracão, enquanto a Birmânia conta com o Camboja, Laos e Vietname como aliados. Sob o controlo militar, nos últimos anos, a Tailândia também providenciou protecção à Birmânia. Durante o fórum económico de Hanói, o primeiro-ministro do Camboja, disse que os países fora da Indochina são demasiado críticos com a sua política interna e não compreendem verdadeiramente o que se passa na Birmânia.

Escrutínio atribulado

Richard Horsey, um ex-diplomata, da Birmânia, da ONU e analista político em Rangum, disse que os líderes estrangeiros que vão estar presentes na cimeira de Singapura serão confrontados com algumas questões sobre a Birmânia. Ao longo da semana, espera-se que o vice-presidente dos EUA, Mike Pence, o presidente russo Vladimir Putin, o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi e o primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, marquem presença na reunião com os membros da ASEAN. "Além do escrutínio atribulado e possível distração com outras prioridades da ASEAN, alguns predecessores da associação também se preocupam com o risco do grupo se polarizar em termos religiosos", disse Horsey. Na próxima semana, o governo de Singapura vai entregar as declarações do presidente para que possa ter um papel crucial na reunião com a ASEAN. Uma fonte anónima próxima às discussões pré-cimeira, afirmou que Singapura vai assumir um papel de destaque, sendo que é o membro anfitrião da ASEAN e está preocupado em manter a sua credibilidade. O Ministro dos negócios estrangeiros de Singapura comentou que, espera que os líderes da ASEAN discutam a crítica situação no estado de Arracão, quando se reunirem na próxima semana e como organizador da cimeira, apoia a discussão do assunto. "No entanto, a responsabilidade de alcançar uma solução política viável e duradoura para a crise dos arracaneses é do governo da Birmânia e das partes interessadas", disse uma porta-voz por correio electrónico à Reuters. No início deste ano, o Ministro dos negócios estrangeiros, Vivian Balakrishnan, disse que o grupo solicitou à Birmânia que completasse o mandato legislativo, a uma comissão de inquérito, para se responsabilizarem os causadores da crise no estado de Arracão. Uma afirmação retórica referente à anterior repartição dos arracaneses para a Birmânia e da reconciliação das comunidades. "A mudança na linguagem, especialmente os recentes apelos por mais responsabilidade, refletem que a ASEAN vê a situação da Birmânia como um indicador da sua própria responsabilidade ao lidar com um membro desobediente ", disse Moe Thuzar, investigador especialista em assuntos da ASEAN e da Birmânia, do Instituto de Estudos

do Sudeste Asiático de Singapura. Uma fonte do governo na Tailândia, que assume o secretariado da ASEAN no próximo ano, também afirmou que a credibilidade do grupo estava em risco, especialmente depois da denúncia sobre a crise de Arração feita pela ONU. Uma terceira fonte do governo, declarou também sobre este assunto "é um problema, temos plena consciência de que é um problema". Myo Nyunt, porta-voz da Liga Nacional pela Democracia de Suu Kyi, disse, que a Birmânia iria abordar este assunto na cimeira. "Aceitamos que existam pontos de vista diferentes mas temos que tomar decisões para planos futuros com base na situação real do nosso país. Quero que entendam que existem algumas questões que não conseguimos resolver". Suu kyí, disse previamente, que o governo civil não devia assumir a responsabilidade total pela crise devido ao papel político influente que os militares mantêm sob a constituição.

TC Número 4

Comissão Europeia preocupada com alteração dos valores democráticos na Roménia

O vice-presidente da Comissão Europeia está "preocupado" com as alterações propostas no sistema judicial pelos social-democratas e diz que elas põem em causa o Estado de Direito.

A União Europeia pressionou o governo romeno, esta terça-feira, a suspender as reformas do sistema judicial e impedir a alteração dos valores democráticos, agora que Bucareste se prepara para assumir a presidência europeia rotativa.

O vice-presidente da Comissão Europeia diz que as alterações no sistema judicial e no Código Penal feitas pelos social-democratas são inadequadas e simbolizam o retrocesso de uma década democrática e de reformas de mercado.

O Parlamento Europeu também aprovou uma resolução não vinculativa que apela a uma maior eficácia na luta contra a corrupção e condena a violência policial sentida durante os protestos anticorrupção, exigindo o fim da “erosão do Estado de Direito”, comentou.

“Os progressos dos últimos dez anos foram postos em causa devido aos acontecimentos e retrocessos dos últimos 12 meses”, disse o primeiro vice-presidente da Comissão, Frans Timmermans, durante uma conferência de imprensa, em Estrasburgo

"Temos de nos manter firmes e apoiar a população romena", disse, chamando a atenção para oito áreas em que Bucareste tem de agir rapidamente, incluindo a liberdade de imprensa.

As preocupações da Comissão resultam de uma série de alterações jurídicas e substituições de responsáveis de cargos importantes feitas pelos social-democratas desde que chegaram ao poder, há dois anos. Estas mudanças são vistas como ameaças à independência judicial que poderiam constituir um maior afastamento dos valores democráticos em alguns Estados-membros de Leste.

A transparência internacional classifica a Roménia como um dos Estados mais corruptos da UE. Bruxelas tem mantido uma preocupação especial com o sistema judicial romeno, desde a sua entrada em 2007.

A UE, que sancionou a Polónia e a Hungria por enfraquecerem o Estado de Direito, está preocupada com o facto de a Roménia poder estar a tomar o mesmo rumo dos dois países da Europa central.

Timmermans ressaltou que, ao contrário do que aconteceu com a Hungria e com a Polónia, a Comissão não quis penalizar Bucareste. A presidência da UE pelo governo romeno coloca o país sob especial atenção a partir de Janeiro.

"Bucareste deve aproveitar a oportunidade da presidência para liderar uma boa governação e começar a implementar reformas que fortaleçam o Estado de Direito no país", disse Ska Keller, eurodeputada alemã líder dos verdes.

TC Número 5

Testes da nova arma nuclear da Coreia do norte podem "abalar" as negociações com os EUA.

A imprensa estatal norte coreana reportou esta sexta-feira, que o líder Kim Jong Un supervisionou publicamente os testes de uma nova arma nuclear, enquanto decidiu libertar um prisioneiro norte-americano.

A visita de Kim ao local de testes desta nova "arma táctica" ameaçou “abalar a atmosfera diplomática” já que as negociações entre a Coreia do Norte e os Estados Unidos parecem estar estagnadas.

"O resultado dos testes de hoje é uma prova política de que partido está focado na ciência e na tecnologia de defesa, uma demonstração das nossas capacidades de defesa e desenvolvimento para toda a região, além de uma mudança inovadora no fortalecimento das capacidades militares de combate", disse Kim.

"Continuamos confiantes de que as promessas feitas pelo presidente Trump e pelo presidente Kim serão cumpridas", disse um porta-voz de departamento de estado dos EUA em Washington, referindo-se à cimeira de Junho em Singapura, entre o presidente Trump e o líder norte-coreano, onde chegaram a acordo sobre a desnuclearização e a paz na península coreana e na criação de novas relações, contudo, a escassez de detalhes sobre este acordo levou a que não existissem progressos nas negociações desde Junho.

Num gesto de “boa-fé” por parte de Kim, a Coreia do Norte anunciou também na sexta-feira que ia proceder à libertação de um cidadão americano, detido desde Outubro depois de ter entrado ilegalmente na Coreia do Norte a partir da China.

PAREDE DE AÇO

O teste militar foi bem-sucedido e a nova arma nuclear poderia proteger a Coreia do Norte como uma "parede de aço", disse a agência central de notícias da Coreia (KCNA), acrescentando que Kim tinha presenciado o poder da nova “arma táctica”.

A única foto divulgada pelos *media* estatais sobre a presença de Kim durante os testes, mostram que o líder norte-coreano assistiu aos testes numa praia, cercada por oficiais militares, mas sem nenhuma “arma à vista”.

Especialistas internacionais em armas afirmaram que as autoridades que escoltavam Kim faziam-se acompanhar de um comandante do corpo de artilharia do Exército Popular da Coreia.

O Ministério da Defesa da Coreia do Sul não comentou a notícia mas está a analisar o ensaio norte-coreano.

O comunicado de sexta-feira tinha o objectivo de tranquilizar as tropas norte coreanas e não de “abalar” as negociações diplomáticas entre a Coreia do Norte e os EUA, disse Choi Kang, vice-presidente do Instituto Asan de Estudos políticos em Seul.

"A Coreia do Norte está a tentar mostrar aos seus soldados que são detentores de altas tecnologias e que mantêm um nível de capacidade militar acima da média, de forma a acabarem com a insatisfação e preocupações instaladas dentro das suas forças armadas", acrescentou.

O teste pode ser uma resposta aos recentes esforços militares conjuntos entre os Estados Unidos e a Coreia do Sul, que a Coreia do Norte afirma violarem os recentes acordos para suspender "todos os actos hostis", disse Yang Uk, analista do Fórum de Defesa e Segurança da Coreia.

O sistema de armas nucleares testado foi o que o seu pai, Kim Jong Il, abraçou durante a sua vida, liderando pessoalmente todo o seu desenvolvimento. A última supervisão militar divulgada por Kim foi o lançamento do míssil balístico intercontinental Hwasong-15 (ICBM) a 29 de Novembro do ano passado, embora este ano, Kim se tenha envolvido em pelo menos oito actividades militares segundo números do Ministério da Unificação do Sul.

NEGOCIAÇÕES ESTAGNADAS

Kim declarou este ano que as suas forças nucleares estavam “completas” e que pretendia concentra-se no desenvolvimento económico do seu País. A Coreia do Norte continuou a mostrar as suas capacidades militares convencionais, incluindo uma grande parada militar em Pyongyang, a nove de Setembro, mas qualquer teste de novas armas ameaça aumentar a tensão com Washington, que afirmou que não haverá flexibilização das sanções internacionais até que a Coreia do Norte tome medidas mais concretas para abandonar as suas armas nucleares ou mísseis de longo alcance.

A Coreia do Norte tem expressado de forma cada vez mais clara a sua frustração com a recusa de Washington em aliviar as sanções, e recentemente ameaçou reiniciar o desenvolvimento do seu programa de armas nucleares se não houver uma maior abertura. “Estão a tentar avisar que estão dispostos a abandonar as negociações e a recomeçar os testes de armas nucleares”, disse Adam Mount da Federação de Cientistas Americanos. Uma reunião prevista para este mês em Nova Iorque, entre o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo e Kim Yong Chol, da Coreia do Norte, um dos assessores de Kim, foi adiada.

Na quinta-feira, o vice-presidente dos Estados Unidos, Mike Pence afirmou que o presidente Trump planeia reunir-se com o líder norte-coreano Kim em 2019 e que o vai pressionar para a elaboração de um plano mais concreto sobre as medidas de Pyongyang para erradicar os seus projectos de armas nucleares.

TC Número 6

Os habitantes de Nova Deli estão a fugir para Goa por causa da poluição

Pode uma cidade ser grandiosa quando o ar que lá se respira leva os que podem a fugir? Por enquanto, os migrantes da poluição são uma pequena elite, mas a capital da Índia é cada vez mais irrespirável.

Quando Deepikah Bharadwaj era criança e vivia em Nova Deli, esperava ansiosamente a chegada do Inverno indiano. As manhãs tornavam-se geladas, enquanto as noites eram agradavelmente frescas. Porém, nos últimos anos, esse anseio tornou-se um sentimento desagradável. Com a descida das temperaturas chegou um nevoeiro poluído e espesso, que a deixa sem ar e com medo de sair à rua. Depois do nascimento do filho em 2016, decidiu que era altura de agir. Agora, quando pensa em Nova Deli, sente, sobretudo, alívio por ter saído de lá.

“Sinto-me mal por não poder voltar à minha cidade natal, nunca mais”, diz Bharadwaj, de 33 anos, sentada no seu apartamento luminoso em Goa, na costa ocidental da Índia, a mais de 1600 quilómetros de Nova Deli. “É um sentimento de perda permanente, como se um amigo tivesse partido sem dizer adeus”.

Bharadwaj faz parte de um ainda pequeno mas cada vez mais volumoso contingente de pessoas a quem podemos chamar refugiados ambientais: pessoas que decidiram que a melhor resposta para a inacreditável poluição de Nova Deli é fugir de lá. Alguns, como Bharadwaj, trocaram a capital da Índia por Goa, outros preferiram Bangalore, Bombaim ou até o Canadá.

O fenómeno parece limitado a uma pequena elite — uma gota quando se compara com o influxo de gente que chega diariamente a Nova Deli à procura de oportunidades económicas. Mas estas partidas são uma crítica às cada vez maiores ambições da capital indiana: quão grandiosa pode uma cidade ser quando o ar que lá se respira leva alguns habitantes a fugir?

A pior metrópole

Segundo a Organização Mundial de Saúde, Nova Deli tem o ar mais poluído de todas as maiores metrópoles do mundo. As causas são várias — o fumo dos canos de escape dos veículos, o pó das construções, as emissões industriais, as queimadas nos estados vizinhos — e potenciadas pelos factores geográficos.

A “época de poluição” na Grande Nova Deli, com cerca de 29 milhões de habitantes, começa em Outubro e estende-se durante meses. Novembro e Dezembro são os meses piores. Há poucas semanas, o nível de partículas consideradas mais nocivas para a saúde humana saltou para 40 vezes acima do nível recomendado pela Organização Mundial de Saúde. Essas partículas podem alojar-se profundamente nos pulmões e têm vindo a ser relacionadas com hipertensão, doenças cardíacas, infecções respiratórias e cancro.

Os mais abastados fazem o que podem para reduzir a sua exposição ao ar poluído. Compram máscaras, purificadores de ar para as casas e planeiam viagens para a época das férias escolares para saírem da cidade com os filhos. Mas, para muitos, essas medidas não bastam. E estão dispostos a optar por medidas difíceis — abandonar os empregos e deixar a família e os amigos para trás para procurarem ar mais limpo.

“É uma emergência nacional”, disse Mayur Sharma, um dos apresentadores de um popular programa de televisão sobre alimentação que nasceu e cresceu em Nova Deli mas, no ano passado, deixou a cidade com a família. “Quanto mais sabemos, mais assustados ficamos”.

Sharma disse que quando o filho dava corridas na rua nos dias de Outono, tinha problemas para respirar durante a noite e tinha que usar um nebulizador. Foi durante uma tarde, há dois anos, que Sharma e a mulher, Michelle Cornman, se depararam com um cenário surreal — uma festa de anos infantil ao ar livre onde todas as crianças usavam máscaras contra a poluição. Decidiram que estava na hora de deixarem Nova Deli.

O seu destino foi um local que visitaram em férias: Goa, um pequeno estado conhecido pelas praias, coqueiros e um ritmo de vida descontraído. Agora, a família de Sharma vive numa rua tranquila da cidade goesa de Porvorim. A sua casa fica perto da floresta e deixam as janelas abertas.

“Sentimo-nos como desertores”, disse Michelle Cornman, de 42 anos, que viveu uma década em Nova Deli. Diz que o casal tenta não falar sobre a sua mudança de vida com as pessoas da sua antiga cidade. “É muito difícil dizer aos nossos amigos: ‘Olhem, hoje esteve um dia lindo, fomos à praia’”.

Para Tracy Shilshi, o ponto de ruptura foi em Novembro do ano passado, depois do Diwali [a maior festa hindu]. O feriado celebra-se com foguetes e outro fogo-de-artifício, o que acrescenta mais um elemento à mistura tóxica de poluição de Nova Deli. “O ar ficou tão mau que sentíamos a poluição na boca”, disse Shilshi, de 37 anos. No Facebook, Tracy publicou uma queixa em forma de poema sobre a poluição em Nova Deli de um autor desconhecido.

O filho de Shilshi, de três anos, tinha constantemente o nariz a pingar, o que o pediatra atribuiu ao ar de Nova Deli. O seu pai lutava contra uma tosse constante. Por isso, após 25 anos a viver na cidade, Shilshi deixou o emprego de jornalista televisiva e, em Abril, mudou-se com o marido, o filho e os pais para a zona sul de Goa. Os problemas respiratórios do filho e a tosse do pai de Tracy melhoraram numa semana. Os purificadores de ar que usavam em Deli estão agora a ganhar pó dentro de caixas.

As empresas de mudanças e os responsáveis por empresas de recrutamento de pessoal confirmam que os habitantes de Nova Deli estão a abandonar a cidade devido à má qualidade do ar, ainda que não possam quantificar a tendência. Suresh Raina, sócio da empresa de recrutamento Hunt Partners, disse que o Inverno se tornou o momento ideal para persuadir executivos que não têm raízes profundas em Nova Deli a aceitar empregos noutras cidades. Estes executivos “apercebem-se [do problema] a cada Novembro,

quando a poluição se adensa e o céu escurece. Começam a fazer telefonemas a dizer: ‘Não vou continuar aqui’”, disse Raina.

Shiivani Aggarwal, directora executiva do Formula Group, especialista em recolocações, disse que encontrou vários exemplos de pessoas expulsas da cidade pela poluição: uma família que no ano passado se mudou para Hyderabad, porque o filho pequeno tinha dificuldade em respirar em Nova Deli; um casal de Bombaim que chegou há dois meses mas já está à procura de forma de sair devido à poluição; um terceiro casal decidiu viver separado — ele em Nova Deli, ela em Goa — por causa da má qualidade do ar. Há cerca de um mês, disse Aggarwal, o seu próprio marido levantou a hipótese de se irem embora. Por agora, não vão a lado nenhum.

Refugiados

“Esta espécie de migração das pessoas com possibilidades económicas está a começar”, disse Vindhya Tripathi, que se define como uma “refugiada da poluição” em Goa. Deixou Nova Deli em Dezembro do ano passado com os dois filhos, depois de pensar sobre a hipótese durante anos: o marido ainda trabalha na cidade e viaja para sul, de avião, ao fim-de-semana.

A sua casa fica numa colina acima do rio Mapusa, com vista para um vasto vale verde. “Gostaria de acreditar que as coisas vão mudar” em Nova Deli, disse Tripathi, de 39 anos. Mas essa mudança “não vai acontecer nos próximos cinco anos, enquanto os meus filhos são crianças”.

Outros têm mais esperança. Melhorar a qualidade do ar pode demorar meio século ou mais, mas “não há nada que não possa ser feito”, disse Joshua Joshi, de 37 anos, sentada no alpendre da sua casa numa pequena aldeia de Goa.

Anoitecia e as suas gémeas de três anos corriam por ali descalças. Joshi deixou Nova Deli em Setembro e pretende ficar em Goa até Março, quando a poluição na capital diminui um pouco. Nova Deli “tem uma boa energia, adoro-a, é a minha casa”, disse, “mas não posso fazer de conta que o problema não existe”.

Na Casa de Saud já se fala em substituir o príncipe herdeiro M.B.S.

A família discute entre si se depois da morte do rei Salman não deve ser o seu irmão Ahmed bin Abdulaziz assumir o trono. Os EUA podem ter uma palavra a dizer.

Por entre o alvoroço internacional devido ao assassinio do jornalista Jamal Khashoggi, vários membros da família que governa a Arábia Saudita estão a movimentar-se para evitar que o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman se torne rei, disseram três fontes próximas da corte.

Dezenas de príncipes e primos de ramos poderosos da família Al Saud querem mudar a linha de sucessão, mas não vão agir enquanto o rei Salman – o pai de 82 anos do príncipe herdeiro – ainda estiver vivo, disseram as fontes. Reconhecem que é improvável que o rei se volte contra o seu filho predilecto, conhecido pela sigla M.B.S..

Porém, a família discute entre si se depois da morte do rei, o príncipe Ahmed bin Abdulaziz, de 76 anos, irmão mais novo de Salman e tio do príncipe herdeiro, deve assumir o trono, segundo as fontes.

O príncipe Ahmed, único irmão (há outros mas são meios-irmãos) que resta ao rei Salman, teria o apoio dos membros da família, das forças de segurança e de algumas potências ocidentais, afirmou uma das fontes sauditas.

O príncipe Ahmed regressou a Riad em Outubro, após dois meses e meio no estrangeiro. No período em que esteve em viagem, este irmão de Salman criticou a liderança saudita em resposta aos manifestantes que, no exterior de uma residência em Londres, pediram a queda da dinastia de Saud. Ahmed foi um dos três membros do Conselho de Aliança, formado pelos membros mais velhos da família, que em 2017 se opuseram à ascensão de MBS à posição de herdeiro, disseram duas fontes sauditas na altura.

Nem o príncipe Ahmed nem os seus representantes puderam ser contactados para prestar declarações. As autoridades em Riad não responderam aos pedidos da Reuters para comentários sobre a sucessão.

Centenas de príncipes

A Casa de Saud é composta por centenas de príncipes. Ao contrário das típicas monarquias europeias, não há sucessão automática do pai para o filho mais velho. Em vez

disso, as tradições tribais do reino ditam que o rei e os membros mais velhos de cada ramo escolham o herdeiro que consideram mais apto à liderança.

Altos funcionários norte-americanos disseram aos conselheiros sauditas nas últimas semanas que vão apoiar o príncipe Ahmed, que durante quase 40 anos foi vice-ministro do Interior, como potencial sucessor do rei, segundo fontes sauditas com conhecimento directo das reuniões.

As fontes sauditas disseram estar confiantes em que o príncipe Ahmed não vai alterar ou reverter as reformas sociais e económicas promulgadas por M.B.S. e que honrará os contratos militares existentes, além de que irá restaurar a união da família.

Um alto funcionário americano disse que a Casa Branca não tem pressa em distanciar-se do príncipe herdeiro, apesar da pressão dos legisladores e da avaliação da CIA de que M.B.S. ordenou o assassinio de Khashoggi. Nesta terça-feira, o Presidente recebeu um relatório definitivo dos serviços secretos e disse que não vai cortar os laços com a Arábia Saudita.

Esta fonte afirmou também que a Casa Branca considerou digno de nota que o rei Salman tenha apoiado o filho durante um discurso na segunda-feira em Riad, quando não fez qualquer referência directa ao assassinio de Khashoggi, excepto para elogiar o procurador-geral saudita.

Armas mantêm fidelidade de Trump

No sábado, o Presidente Donald Trump tinha dito que a conclusão da CIA sobre M.B.S. ter ordenado a morte de Khashoggi era “possível”, mas “muito prematura”.

As fontes sauditas disseram que as autoridades americanas tinham refreado a sua posição sobre M.B.S. não apenas pela suspeita do seu papel no assassinio de Khashoggi, mas também porque o príncipe herdeiro pediu recentemente o Ministério da Defesa para procurar na Rússia alternativas para o fornecimento de armamento.

Numa carta com a data de 15 de Maio, vista pela Reuters, o príncipe herdeiro pediu ao Ministério da Defesa para “se centrar na compra de sistemas de armamento para as áreas

mais urgentes” e garantir treino na sua utilização, incluindo o sistema de mísseis terra-ar russo S-400.

Nem o Ministério da Defesa Russo nem as autoridades em Riad responderam de imediato aos pedidos da Reuters para declarações.

O violento assassinio de Khashoggi, um proeminente crítico do príncipe herdeiro, no consulado saudita em Istambul no mês passado, provocou a condenação global, inclusivamente a de muitos políticos e responsáveis dos EUA, um importante aliado da Arábia Saudita. A CIA acredita que o príncipe herdeiro ordenou o assassinio, segundo fontes norte-americanas próximas da investigação.

O procurador-geral saudita afirmou que o príncipe herdeiro não sabia nada acerca do assassinio.

O alvoroço internacional pressionou uma corte já dividida sobre a rápida subida do príncipe Mohammed, de 33 anos, ao poder. Desde a sua ascensão, o príncipe ganhou o apoio popular com reformas sociais e económicas, incluindo o fim da proibição de as mulheres conduzirem e com a abertura de cinemas no país muito conservador.

Reformas e repressão

Mas as reformas foram acompanhadas da repressão dos dissidentes, do afastamento de figuras de topo na hierarquia da família real e de empresários acusados de corrupção e de uma dispendiosa guerra no Iémen.

Também marginalizou alguns importantes membros da família real e assumiu o controlo dos departamentos de segurança e dos serviços secretos. Primeiro, em Junho de 2017, afastou o outrora poderoso príncipe herdeiro e vice-ministro do Interior, Mohammed bin Nayef, de 59 anos. Depois retirou do cargo de chefe da Guarda Nacional o príncipe Miteb bin Abdullah, de 65 anos, filho do anterior rei, Abdullah, e deve-o no âmbito da sua campanha de anticorrupção.

Outros 30 príncipes também foram presos, maltratados, humilhados e privados das suas riquezas, enquanto M.B.S. esbanjava dinheiro em palácios, num iate de 500 milhões de dólares, além de ter estabelecido um novo recorde no mercado internacional de arte na compra de um quadro de Leonardo Da Vinci.

Toda a Casa de Saud saiu fragilizada com a actuação do príncipe.

De acordo com uma fonte saudita muito próxima da família real, muitos príncipes dos círculos mais poderosos da família acreditam que uma mudança na linha de sucessão “não teria qualquer resistência nos órgãos de segurança que [M.B.S.] controla” porque são leais ao conjunto da família. “Os órgãos de segurança vão acatar qualquer decisão consensual da família”.

Os Estados Unidos, enquanto importante aliado da Arábia Saudita em termos económicos e de segurança, serão determinantes sobre o que se passará, disseram as fontes sauditas e diplomatas.

Trump e o seu genro e conselheiro, Jared Kushner, criaram relações pessoais profundas com o príncipe herdeiro. Uma fonte saudita disse que M.B.S. sente que ainda tem o apoio de Trump e Kushner e está disposto a “fazer rolar cabeças para apaziguar os Estados Unidos”. Mas o Presidente Trump e importantes fontes da sua Administração disseram que as autoridades sauditas deveriam ser responsabilizadas por qualquer envolvimento na morte de Khashoggi e impuseram sanções a 17 sauditas pelo seu envolvimento, incluindo um dos colaboradores mais próximos de M.B.S..

Os legisladores americanos estão, entretanto, a avançar com legislação para punir Riad pela morte, e senadores republicanos e democratas pediram a Trump para endurecer o tom em relação ao príncipe herdeiro.

Salman nega

O rei Salman, de 82 anos, está ciente das possíveis consequências de um confronto com os Estados Unidos e da possibilidade de o Congresso congelar bens sauditas.

Algumas pessoas que estiveram recentemente em contacto com o rei disseram que Salman parece negar o envolvimento do filho no caso, acreditando que há uma conspiração contra o reino. Acrescentaram que o rei parece estar sobrecarregado e preocupado.

Quando o rei morre ou fica incapaz governar, o Conselho da Aliança, composto por 34 membros, um representante de cada um dos ramos da família real de forma a dar legitimidade às decisões sobre a sucessão, não declaram automaticamente M.B.S. como novo rei.

Mesmo sendo o príncipe herdeiro, M.B.S. precisa que o Conselho aprove a sua ascensão, disse uma das três fontes sauditas. Embora o Conselho tenha acatado o desejo do rei Salman de tornar M.B.S. o herdeiro, não o aceitará automaticamente como rei, sobretudo depois de ter marginalizado tantos deles.

As fontes sauditas dizem que M.B.S. destruiu os pilares institucionais que sustentaram quase um século de governo da Casa de Saud: a família, os religiosos, as tribos e as famílias que se dedicam ao comércio. Dizem que para a família é um destabilizador.

Apesar da polémica sobre a morte de Khashoggi, M.B.S. continua com a cumprir a sua agenda.

Fontes de dentro do palácio real dizem acreditar que o príncipe construiu um novo palácio para o rei na remota Sharma, no mar Vermelho – na cidade de Neom, construída num ano com o custo de dois mil milhões de dólares –, uma gaiola de ouro para se retirar. O local é isolado, a cidade mais próxima é Tabouk, a mais de 100 km de distância. Os habitantes manteriam o rei afastado dos assuntos de Estado, disse uma das fontes próximas da família real.

As autoridades em Riad não responderam aos pedidos de declarações.

TC Número 8

O clima de repressão na Turquia afasta a sua entrada na EU

A polícia turca chegou a casa de Yigit Aksakoglu durante a noite acordando os seus filhos pequenos. Deteve-o juntamente com uma dezena de outros académicos e activistas, acusados de incentivar protestos em massa numa tentativa de golpe de estado. As prisões de sexta-feira, dias antes de a Turquia entrar em conversações com a União Europeia, causaram alarme no Ocidente e reforçaram a crença de que a longa repressão sentida em Ancara reprimiu não só os opositores de Erdogan, como destruiu as últimas esperanças da entrada da Turquia na UE. Espera-se que a Alta Representante da UE para Política Externa e Segurança, Federica Mogherini, e o comissário europeu dos países candidatos, Johannes Hahn, abordem a questão dos activistas durante as negociações em Ancara, na

quinta-feira, com o Ministério dos Negócios Estrangeiros. O governo de Ancara diz ainda que a adesão à UE é um dos seus principais objectivos estratégicos, mas Hahn defende que se devia por fim às negociações de adesão e devia tentar criar-se uma parceria alternativa entre a Turquia e a UE. A oposição da UE à adesão da Turquia foi reforçada pela repressão na capital turca contra os críticos de Erdogan desde o fracassado golpe militar em 2016, e por medo da crise instalada na Turquia. Yigit foi uma das 13 pessoas detidas na sexta-feira, acusadas de apoiar as tentativas do empresário Osman Kavala de resgatar os protestos em massa no Parque Gezi, em 2013, contra o governo turco, afirmou o seu advogado. A polícia dirigiu-se à porta de casa de Aksakoglu às seis horas da manhã. "Dois agentes com uniformes das operações especiais e mais meia dúzia vestidos à paisana entraram em casa de Yigit e levaram-no para a sede da polícia", disse o seu advogado Asli Kazan à Reuters.

Yigit testemunhou durante dez horas antes de ser formalmente preso. Os restantes 12 detidos de sexta-feira foram libertados, mas Aksakoglu encontra-se na solitária da prisão de Silivri, perto de Istambul, afirmou o seu advogado. No mesmo dia em que Aksakoglu foi detido, a imprensa local disse que os procuradores ordenaram a prisão de 188 pessoas, incluindo 100 ex-membros da força aérea, devido a ligações com um líder religioso turco radicado nos EUA há vários anos que Ancara acusa estar por trás da tentativa de golpe de 2016. Desde a tentativa do golpe de estado, mais de 77 mil pessoas foram presas e encontram-se a aguardar julgamento. As detenções em massa continuam a ser rotina na Turquia. As autoridades turcas suspenderam ou demitiram 150 mil funcionários públicos e militares. Na semana passada, o ministro dos negócios estrangeiros, Mevlut Cavusoglu, disse no parlamento que quase um quarto dos diplomatas turcos foi obrigado a deixar os cargos nas purgas que se seguiram à tentativa de golpe. A plena adesão à UE continua a fazer parte do plano futuro da Turquia para que se torne num país moderno que apoia a mudança política e social.

Longo caminho a percorrer

A Turquia afirma que a magnitude da repressão sentida no país deve-se à gravidade dos acontecimentos de 15 de Julho de 2016, quando as forças armadas bombardearam o Parlamento e edifícios do governo na tentativa de tomar o poder.

Em Julho deste ano, o governo declarou formalmente o fim do estado de emergência que já durava há dois anos após a tentativa do golpe de estado, mas os críticos afirmam que Erdogan deteve muitos desses poderes sob a presidência executiva que entrou em vigor quando ganhou as eleições em Junho.

As relações entre a Turquia e a Alemanha, o país mais influente da UE sofreram particularmente nos últimos dois anos. Berlim condenou a repressão, que incluiu a prisão de dezenas de cidadãos alemães. Erdogan comparou o governo alemão aos nazis.

Quando a crise diplomática entre a Turquia e os Estados Unidos levou a lira a colapsar, em Agosto, o governo de Erdogan começou a trabalhar na reconstrução dos laços com a Europa. O presidente da Turquia fez uma visita de estado à Alemanha em Setembro, e acordou com a Holanda em restabelecer relações depois de um impasse de um ano.

No entanto, um diplomata da UE disse que qualquer melhoria nas relações entre a Turquia e a UE levaria tempo: "não podemos esperar que as mudanças sejam automáticas é necessário melhorar as relações entre os estados".

A Turquia tem dado pequenos passos para tentar reverter o conflito com os Estados Unidos causado em parte pela detenção de cidadãos dos EUA e funcionários do consulado americano.

A decisão por parte do tribunal turco de libertar um pastor americano, detido no mês passado, foi elogiada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e levou os dois países a suspender as sanções simbólicas contra ministros do governo dos EUA e da Turquia. Contudo, as discórdias significativas em relação à Síria, as sanções dos EUA com o Irão e os planos da Turquia como estado membro da NATO, de comprar um sistema de defesa antimísseis russo continuam a ser um obstáculo para a reconstrução de uma relação de confiança com Washington. "É importante manter uma boa relação de comunicação com a Turquia", comentou um funcionário da UE sobre as negociações desta semana em Ancara. A tentativa de alcançar a liberalização de vistos da UE para os cidadãos turcos tem sido lenta, e até mesmo a tentativa de modernizar um acordo alfandegário permanece estagnado após os membros da UE afirmarem que esta, era uma questão a ser suspensa, devido aos receios dos estados membros, em relação ao Estado de Direito e aos direitos humanos na Turquia, afirmou o funcionário da EU.

" Entendemos as preocupações da Turquia e não queremos impedir que a Turquia lute contra o terrorismo", disse o funcionário da UE. No entanto, "se prender bloggers ou jornalistas por abordarem o assunto, tornar-se-á num problema".

TC Número 9

Agentes da Patrulha de Fronteira preparam-se para entrar numa das mais violentas batalhas políticas do país.

Erin Herrgott, uma jovem de 20 anos de idade, de uma pequena cidade do Michigan, trabalhava no departamento de liberdade condicional, que sonhava ser agente federal quando se deparou com uma oportunidade de emprego de recrutas para a Patrulha de Fronteira dos EUA.

Herrgott temia não ser qualificada para o trabalho por não saber falar espanhol nem nunca ter estado no sudoeste americano. A aspirante a agente não foi "recrutada" da mesma forma que os agentes de fronteira costumam ser, para defrontar os traficantes de droga no inóspito solo desértico/ deserto.

Poucos dias depois de ter enviado a sua inscrição, recebeu um email a pedir que iniciasse o processo de verificação. Erin faz agora parte dos novos recrutas da Academia de Patrulha de Fronteiras dos EUA, inserida no programa de treino com a duração de seis meses com o objectivo de preparar os novos cadetes para combaterem directamente nas linhas de frente de uma das batalhas/guerras políticas mais violentas dos Estados Unidos.

O presidente Donald Trump fez da repressão da imigração ilegal uma prioridade política, o presidente tem colocado o Congresso dos EUA sob pressão para obter financiamento para a construção de um muro fronteiriço, contratar cinco mil agentes adicionais de patrulha de fronteira e dez mil funcionários dos serviços de imigração e alfandegários. Trump enviou milhares de militares para a fronteira sul dos EUA para que os agentes impedissem a entrada de uma caravana de imigrantes da América Central, alguns dos quais começaram a chegar à cidade de Tijuana, na fronteira mexicana, este mês. “ Os agentes de fronteira precisavam de apoio”, afirmou o presidente Trump.

A centenas de quilómetros, nas grandes planícies desérticas do Novo México, os futuros novos agentes da Patrulha de fronteira têm vindo a treinar para se prepararem para a nova missão da Patrulha fronteiriça.

A Patrulha de Fronteira, tem vindo a debater-se com a questão do recrutamento, actualmente com menos de dois mil agentes à margem do número habitual de forças militares/ abaixo da sua quota, sem incluir os cinco mil agentes que Trump quer acrescentar. A academia reduziu os requisitos de admissão, após o 11 de Setembro, numa tentativa de expandir a sua força militar, uma decisão que agora alguns críticos culpabilizam pela onda de casos de corrupção e alegações de má conduta no país.

A maioria dos 46 cadetes colegas de Herrgott, que entraram na academia no final de agosto, está na casa dos 20 anos, sem qualquer experiência na área nem têm cursos superiores. Antes de entrarem na academia, a maioria dos cadetes/ recrutas trabalhava em empregos precários, como operadores de caixas, seguranças, artesãos ou vendedores. Cerca de metade dos cadetes/recrutas são hispânicos e muitos deles, tal como Herrgott, esbarraram na carreira de agente de Patrulha de Fronteira por acaso.

Trevor Osman, um jovem de 23 anos que trabalhava como abastecedor de aeronaves, encontrou a academia enquanto procurava um emprego no departamento da polícia perto da sua casa em Littleton, no Colorado.

"A maioria ou todos os departamentos exigem pelo menos um diploma de dois anos, isso é algo que eu ainda não tenho", afirmou Osman. "Vi que para entrar na Patrulha de Fronteira não era necessário ter um diploma, por isso, quis arriscar e tentar a minha sorte...e aqui estou eu".

Para muitos dos recrutas, a Patrulha de Fronteira é sinónimo de um emprego estável com benefícios, uma oportunidade de sustentar a família enquanto fazem serviço público. Os 45 colegas de Hergott são na maioria recrutas que precisam de pagar os empréstimos escolares, ou que querem experienciar novas aventuras ou até encontrar um propósito na vida.

A duração do treino dos futuros agentes de fronteira é extenso como uma duração de três a seis meses, que a academia introduziu no ano passado, para intensificar a preparação dos cadetes.

Na última década, os agentes de fronteira depararam-se com denúncias sobre ligações entre cartéis de narcotráfico, tiroteios entre fronteiras, detenções abusivas de imigrantes e uso de drogas ilícitas.

O novo programa de treino procura formar melhores agentes que conheçam bem e respeitem a lei, que sejam menos propensos a aceitar subornos de cartéis de droga e menos propensos a matar ou mesmo a serem mortos. A discussão sobre o papel da Patrulha de Fronteira tem-se intensificado, a academia quer formar novos agentes que possam manter a compostura diante das adversidades que possam encontrar.

"Caso alguém os desafie, coloque uma câmara na cara deles ou digam coisas como: "Você é desprezível". "Não acredito que é capaz de fazer isso", o nosso objectivo é fazer com que eles reajam como profissionais de topo ", disse Dan Harris, director da academia.

Durante os seus quase 95 anos de existência, a Patrulha de Fronteira actuou na periferia do país onde operam as forças de segurança mais célebres e visíveis do país. O trabalho das agências de segurança como o FBI (Serviço Federal dos EUA) e a DEA (Órgão administrativo de combate às drogas) superam a imaginação dos populares e estão fora do alcance para muitos americanos que vivem longe da fronteira.

O salário inicial de um agente da Patrulha de Fronteira sem experiência militar ou em forças de segurança é de 41.187 dólares (cerca de mais de 36 mil e trezentos euros) semelhante às outras agências federais com as quais a Patrulha de Fronteira compete por recrutas, afirmou Hergott, mas os requisitos do recrutamento para a patrulha de fronteira são menos rigorosos, um candidato promissor não precisa de ter um curso universitário nem experiência. O trabalho exige que os agentes vivam perto da fronteira, no deserto, onde as escolas e os serviços, muitas das vezes, não existem ou são escassos.

O trabalho dos agentes centra-se em impedir que drogas e pessoas entrem ilegalmente nos Estados Unidos, os agentes da Patrulha da Fronteira colocam-se entre as portas de entrada do país, muitas vezes esses locais são montanhas, desertos ou florestas, em áreas que só se conseguem atravessar a pé ou a cavalo.

Para a recruta de novos agentes, a Patrulha da Fronteira desloca-se a bases militares, campus universitários, feiras de emprego ou em alguns eventos.

"Ficaria surpreendido com a quantidade de candidatos que recebemos da *Professional Bull Riders* (uma empresa de competições internacionais de montaria de touros)", "Esses

eventos atraem pessoas que cresceram em fazendas e que sentem um forte sentido de obrigação em servir o seu país", afirmou Harris.

Nem todos conseguem entrar, o factor de desqualificação mais comum para os candidatos à Academia de Patrulha da Fronteira é o uso de drogas ou mentiras sobre o uso das mesmas no teste obrigatório do polígrafo. O desgaste também é comum. Cerca de uma em cada quatro abandona a agência/ academia antes do dia da formatura, alguns desistem devido a ferimentos, problemas pessoais, ou chumbam na disciplina de direito de imigração que tem por norma a ser a mais difícil.

No entanto, alguns conseguem concluir o programa de treino e embarcam na sua missão enquanto agentes, mas deixam a agência/academia depois de alguns anos para empregos mais desejáveis noutras agências federais.

"Este vai ser o primeiro ano em que as contratações vão ultrapassar os limites ", afirmou Harris.

TC Número 10

Famílias separadas por Trump reúnem-se em biblioteca atravessada pela linha de fronteira

Uma biblioteca situada em cima da fronteira entre os EUA e o Canadá tornou-se num ponto de encontro entre pais, filhos e irmãos iranianos separados pelo veto migratório republicano. Oficialmente, estas reuniões de família não são permitidas, mas acabam por ser toleradas. Não sem gerar tensão.

Durante a viagem de carro de seis horas de Nova Iorque até uma pequena cidade no norte do estado norte-americano do Vermont, a estudante iraniana Shirin Estahbanati emocionou-se ao pensar que estaria prestes a rever o seu pai pela primeira vez em quase três anos. O pai de Shirin sofreu um ataque cardíaco desde a última vez que estiveram juntos, mas a sua filha não se atreveu a sair da América para o ir visitar.

Mas ao viajar rumo a norte, Shirin não conseguia evitar preocupar-se com algo em específico. E se se enganasse na estrada e atravessasse a fronteira dos Estados Unidos com o Canadá por engano? Estahbanati, tal como muitos estudantes iranianos que vivem

nos EUA, tem um visto de entrada única e não pode sair do país sem correr o risco de não ser autorizada a reentrar. Os seus pais, enquanto cidadãos iranianos, estão impedidos de entrar nos EUA devido ao veto migratório, dirigido a cidadãos de países de maioria muçulmana, que foi decretado pelo Presidente norte-americano Donald Trump.

Estahbanati e a sua família combinaram encontrar-se por volta das nove da manhã na biblioteca, que devido a uma anomalia histórica está localizada em cima da fronteira dos EUA com o Canadá (a linha divisória atravessa literalmente o edifício), e que entretanto se transformou num improvável ponto de encontro de famílias separadas pelas políticas de imigração da actual administração norte americana.

A iraniana de 31 anos estacionou o seu carro e, lutando para controlar a ansiedade que sentia, dirigiu-se até a entrada do edifício vitoriano. Duas horas depois, os seus pais e a sua irmã ainda não tinham aparecido no lado canadiano da biblioteca e as chamadas que Shirin fez para o telemóvel da sua irmã permaneciam sem resposta.

Finalmente, Shirin avistou-os. Devido a obras perto da biblioteca, o seu aparelho de GPS mandou-os seguir para o posto fronteiriço dos EUA. Como os pais de Shirin não tinham o visto de entrada nos EUA, foram detidos pelos agentes fronteiriços. Depois de aproximadamente duas horas, foram libertados e autorizados a juntar-se a Estahbanati no lado canadiano da biblioteca.

Quando se abraçaram, parecia que o seu pai tinha encolhido. Respirou fundo enquanto abraçava a sua filha com força. "Senti saudades do teu cheiro", disse ele.

Shirin não queria por isso arriscar a errar o seu destino: a biblioteca Haskell em Derby Line, no Vermont.

Uma zona geopolítica neutra

Este ano, e ao mesmo tempo que famílias de imigrantes da América Latina são separadas na fronteira sul dos EUA, uma história semelhante mas com algumas nuances desenrola-se na fronteira norte com o Canadá, onde dezenas de famílias iranianas têm-se reunido na biblioteca Haskell. Atraídos pelo poder do "passa a palavra" e por um conjunto de publicações nas redes sociais, foram parar a esta zona geopolítica neutra situada numa

biblioteca na fronteira rural entre Derby Line, Vermont e Stanstead, na província canadiana do Quebeque.

As famílias iranianas fazem viagens árduas e dispendiosas para terem a possibilidade de passarem algumas horas juntas nos espaços da biblioteca. Ainda que vários iranianos tenham dito que não enfrentaram nenhum impedimento por parte das autoridades migratórias, outros afirmaram que os agentes de fronteira dos EUA detiveram-nos durante várias horas, tentaram impedi-los de entrar na biblioteca ou disseram-lhes que não deveriam encontrar-se naquele lugar, ou que deveriam limitar as suas visitas a apenas alguns minutos. E as autoridades americanas e canadianas já ameaçaram fechar a biblioteca devido a estes encontros, disse um funcionário do edifício.

"Esta é uma área neutra, mas o governo dos EUA não aceita essa situação, e colocam-nos sob muita pressão", disse Sina Dadsetan, um iraniano que vive no Canadá e que viajou até à biblioteca para ver a sua irmã, no mesmo dia em que Estahbanati se foi encontrar com a sua família.

A administração Trump diz que a proibição de entrada de cidadãos de países de maioria muçulmana é necessária para proteger os Estados Unidos, e argumenta que os países em questão, como o Irão, Líbia, Coreia do Norte, Somália, Síria, Iémen e também a Venezuela, não compartilham informações suficientes sobre os seus cidadãos que confirmem que os mesmos não são uma ameaça, ou uma possível fonte de ameaça terrorista.

O Departamento de Alfândega e de Protecção de Fronteiras dos EUA, que supervisiona a polícia fronteira, recusou um pedido de entrevista da Reuters sobre o caso desta biblioteca. Um porta-voz do departamento, Michael McCarthy, recusou-se a prestar quaisquer comentários sobre as famílias ou sobre a acusação feita pelo referido funcionário da biblioteca sobre as ameaças de encerramento.

"A polícia fronteira dos EUA trabalha em colaboração com os nossos colegas canadianos, bem como com a comunidade local, para impedir quaisquer actividades transfronteiriças ilegais", disse McCarthy num comunicado.

Erique Gasse, porta-voz da Real Polícia Montada do Canadá (RPMC), negou igualmente qualquer ameaça de fechar a biblioteca. "Não é assim que agimos", disse ele. "Não fazemos isso".

Gasse insistiu em dizer que a RPMC não patrulha a área regularmente e que só se desloca ao local quando é chamada. "Não temos nenhum problema com a biblioteca", afirmou.

Mahsa Izadmehr, uma estudante iraniana de doutoramento em engenharia da Universidade de Illinois-Chicago, passou sete anos sem ver a sua irmã mais nova, que vive na Suíça. No final de Setembro, as duas irmãs reencontraram-se na biblioteca.

Quando se aproximaram da fronteira, delimitada do lado de fora da biblioteca por uma linha de vasos de flores, um agente da Patrulha de Fronteira dos EUA saiu de imediato de um carro que estava estacionado nas proximidades.

“O agente disse-nos: ‘Fechámos a biblioteca há cerca de um mês, não permitimos que ninguém se encontre aqui’”, disse Izadmehr. “Perguntei-lhe: Permite-me, pelo menos, abraçar a minha irmã”? O agente permitiu que as irmãs se abraçassem, mas impediu-as de trocarem os presentes que trouxeram - vestidos, chocolates suíços e um relógio. O agente vigiou-as enquanto conversavam em lados opostos, afastadas pela linha de vasos de flores.

As irmãs conseguiram finalmente entrar na biblioteca quando um funcionário lhes ofereceu uma visita, mas os agentes da polícia fronteira criticaram posteriormente o funcionário, disse Izadmehr, que testemunhou o episódio. McCarthy recusou-se a comentar o incidente.

Richard Creaser, autarca da vila de Derby Line, disse que compreende o porquê das visitas familiares serem um "ponto de tensão" para os funcionários da polícia fronteira, uma vez que os iranianos pisam solo americano ao entrar na biblioteca.

“Percebo em que medida o reencontro das famílias na biblioteca possa ser um problema”, afirmou Creaser.

O Supremo Tribunal dos EUA aprovou em Junho o veto migratório a cidadãos de países de maioria muçulmana durante este Verão depois de uma longa batalha judicial. As pessoas mais afectadas por esta proibição têm sido estudantes universitários iranianos nos Estados Unidos, normalmente de famílias de classe média que conseguem suportar os custos de viagens internacionais.

Vários iranianos disseram à Reuters que também se têm encontrado com as suas famílias, nos últimos meses, no parque do Arco da Paz, localizado na fronteira entre o estado norte-

americano de Washington e a província canadiana da Colúmbia Britânica, na costa oeste da América do Norte. Mas para as famílias iranianas com membros a viver nas grandes cidades do leste, o custo de atravessar o continente é proibitivo, o que deixa a biblioteca de Haskell como a sua única opção.

Ainda assim, Sina Dadsetan e a sua irmã estimam que a sua família gastou mais de 1600 dólares (cerca de 1400 euros) no seu reencontro de dois dias em Haskell, sem incluir as viagens de avião dos seus pais que vieram do Irão, por um total de dez horas juntos.

A biblioteca é vulnerável a eventuais manobras de pressão por parte das autoridades porque, embora o edifício esteja situado em terras americanas e canadianas, a sua entrada fica do lado dos EUA. As autoridades americanas permitem que os funcionários e visitantes do Canadá se desloquem alguns metros em solo americano sem atravessarem um posto fronteiriço.

“Acontecem frequentemente altercações com a RPMC ou com a polícia fronteiriça”, disse o bibliotecário Joel Kerr durante uma breve entrevista no início de Novembro, num dia em que duas famílias iranianas se reuniram na biblioteca. “Tentam sobretudo assustar-nos e ameaçar-nos com o encerramento da biblioteca.”

Kerr, que assumiu o seu cargo em Outubro, afirmou não poder facultar detalhes sobre como as agências ameaçaram fechar a biblioteca. Os membros do conselho de administração da biblioteca, que recentemente se manifestaram contra as visitas, também não quiseram comentar a polémica.

Uma herança de outros tempos

A biblioteca é uma herança de uma época em que os americanos e os canadianos, dizem os moradores, podiam atravessar a fronteira simplesmente com um aceno aos guardas fronteiriços. Foi um presente de uma família local, no início de 1900, para as comunidades vizinhas canadianas e americanas.

“O que nos deixa orgulhosos é termos uma biblioteca com apenas uma porta de acesso”, disse Susan Granfors, ex-membro da direcção da biblioteca. “Não necessita do seu passaporte. Estaciona do seu lado, eu estaciono do meu lado, mas todos nós vamos entrar pela mesma porta”.

Depois dos ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001, a fronteira norte dos EUA passou a ser patrulhada mais intensamente, e a presença das forças de autoridade na zona tornou-se mais visível. Em Setembro deste ano, um cidadão canadiano foi condenado a 51 meses de prisão por fazer contrabando de mais de 100 armas para o Canadá, algumas delas através da biblioteca Haskell.

Ainda assim, dentro do edifício, decorado com painéis de madeira, vitrais e, no lado canadiano, uma cabeça de alce, predominam os velhos costumes. Utentes e funcionários atravessam livremente a fronteira internacional, delimitada por uma fina linha preta lascada que se estende ao longo da sala de leitura infantil e pelo corredor principal.

Na manhã de 14 de Agosto, Estahbanati estacionou o carro no pequeno lote da biblioteca e dirigiu-se até à entrada de granito cinza. Foi lá que encontrou Sina Dadsetan e os pais dele por volta das 11 da manhã, quando chegaram à biblioteca para se reencontrarem com Saba, a irmã de Sina, uma estudante iraniana que vivia na Pensilvânia.

Quando a família Dadsetan se aproximou da biblioteca em lados opostos da fronteira, Estahbanati, em lágrimas, perguntou-lhes se tinham visto a sua família. Não viram.

Mesmo quando os Estahbanatis chegaram finalmente à biblioteca, os seus problemas não ficaram por aí. Uma obra nas proximidades tinha causado o corte de água na biblioteca e esta foi inesperadamente encerrada. Um funcionário da biblioteca tinha dado permissão por escrito às famílias para se reunirem nas instalações da biblioteca, mas os agentes fronteiriços proibiram o encontro daquelas famílias no local.

"Foi muito angustiante, eu só queria estar com meus pais", disse Estahbanati. Estahbanati suplicou aos agentes, e estes acabaram por ceder e permitiram que se reunissem fora da biblioteca por 20 minutos. Passaram-se 20 minutos e, embora os agentes estivessem a controlar as famílias de perto, permitiram que as mesmas ficassem juntas durante várias horas naquele dia.

No segundo dia, os Estahbanatis e os Dadsetans reuniram-se na biblioteca e pelo menos duas outras famílias iranianas também lá estavam, disseram eles. Várias mães tinham, preparado pratos iranianos mais elaborados para os seus filhos.

Estahbanati pediu à mãe que fizesse o seu prato favorito de infância, um bolo de arroz crocante chamado tahchin. A mãe de Estahbanati até trouxe um pouco de açafrão do Irão para colocar na comida.

“Ela estava feliz por poder cozinhar para mim”, disse Estahbanati”, “e eu fiquei feliz por poder comer o que a minha mãe tinha cozinhado”.

'Não são permitidas reuniões familiares'

É difícil saber ao certo quantas famílias se reuniram na biblioteca Haskell, mas um livro de assinaturas perto da entrada mostra cerca de 12 nomes claramente iranianos entre os meses de Março e Novembro. A Reuters identificou outras sete famílias, todas iranianas, que visitaram a biblioteca ou que tentaram fazê-lo durante este ano.

Pessoas com uma ligação próxima à biblioteca mostraram-se relutantes em falar sobre as visitas, preocupadas que a divulgação dos encontros atraísse mais famílias, e consequentemente causasse mais pressão por parte das autoridades.

"Estamos a tentar manter-nos neutrais", disse Patricia Hunt, actual membro do conselho de administração da biblioteca, numa breve entrevista por telefone.

O bibliotecário Kerr disse que planeia fazer uma reunião entre os funcionários da biblioteca e as autoridades de ambos os países para elaborar um plano para conseguirem lidar melhor com as reuniões familiares.

"Não queremos acabar com as reuniões, necessariamente, mas precisamos de deter o controlo de alguma forma para que possamos permanecer abertos", afirmou Kerr. "As reuniões são apenas consentidas por ambos os lados, porque tecnicamente, não deveriam ser permitidas".

Num sábado, no início de Novembro, duas famílias iranianas reuniram-se na biblioteca, conversando em voz baixa nas duas salas de leitura. O funcionamento normal da biblioteca prosseguiu no meio de reuniões emotivas e despedidas nos cantos do edifício: Pais e filhos entravam e saíam para devolver livros e vasculhar as prateleiras. Os adolescentes acediam à internet nos computadores da biblioteca e consultavam a colecção de DVD's.

Os iranianos ignoravam os sinais em inglês e francês que, por ordem do conselho de administração da biblioteca, “as reuniões de família não são permitidas”. Kerr disse, que os sinais foram colocados apenas uma semana antes.

A última viagem de Bush para Washintgon

Air Force One transportou corpo do 41º Presidente dos EUA para a capital norte-americana, onde decorrem até quarta-feira as homenagens oficiais.

Uma guarda de honra militar acompanhou o corpo do ex-Presidente George H. W. Bush ao ser colocado esta segunda-feira em Houston no avião Air Force One para uma viagem final até Washington, e iniciar quatro dias de cerimónias fúnebres em homenagem ao Presidente que liderou os Estados Unidos no momento em que a

Foram dados tiros de canhões em tributo do 41º presidente dos EUA, que morreu em sua casa em Houston na noite de sexta-feira, aos 94 anos. O jacto presidencial partiu da base aérea da Guarda Nacional nos arredores de Houston, rumo à base Andrews, em Washington D.C. Dois dos seus filhos, o também ex-Presidente George W. Bush, e Neil Bush, juntaram-se ao voo, onde seguiram família, amigos e ex-membros da equipa presidencial do pai.

O velório de Bush vai realizar-se na Rotunda do Capitólio dos EUA de segunda a quarta-feira. O funeral de Estado está agendado para esse dia na Catedral Nacional. Na quinta-feira, haverá outro funeral, em Houston, e será enterrado na Biblioteca Presidencial em College Station, no Texas.

Bush cumpriu dois mandatos como vice-presidente durante a presidência do republicano Ronald Reagan antes do seu próprio mandato, de 1989 a 1993. Governou durante o fim da Guerra Fria e foi o Presidente que enviou o exército norte-americano para o Iraque, para derrotar Saddam Hussein na Guerra do Golfo de 1991, o que lhe deu enorme popularidade.

George H.W. Bush não conseguiu, no entanto, conquistar um segundo mandato depois de quebrar a promessa de não aumentar os impostos - algo que tinha prometido explicitamente não fazer.

Durante o fim-de-semana, surgiram pequenas homenagens a George e Barbara Bush surgiram no bairro em que habitava, junto ao memorial do Presidente Bush situado num

parque da cidade de Houston e no aeroporto Intercontinental George Bush em sua homenagem.

Christy Smith interrompeu o seu fim-de-semana para prestar homenagem ao presidente Bush junto à estátua de bronze do Presidente num parque em Houston. "Ele deu bons exemplos para todos nós", disse Smith, de 39 anos. "Foi sempre solidário e tratou sempre as pessoas de forma igualitária."

TC Número 12

Curdos dizem ter detido possível recrutador de atentados de 11 de Setembro

Mohamed Haidar Zammar pertenceria à célula de Hamburgo, liderada por Mohamed Atta. Não é claro se agora combateria pelo Daesh.

As forças curdas da Síria dizem ter detido Mohamed Haidar Zammar, um alemão nascido em território sírio suspeito de ter recrutado alguns dos terroristas envolvidos nos atentados do 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos.

Um comandante das Forças Democráticas da Síria, uma milícia apoiada pelos norte-americanos, disse à agência noticiosa AFP que Zammar estava sob a sua custódia e a ser questionado. Embora esta força faça parte da aliança que combate o Daesh, o comandante não especificou se Zammar fazia agora parte deste grupo jihadista, diz a BBC. Os atentados de 11 de Setembro foram organizados pela Al-Qaeda.

O relatório oficial do Congresso norte-americano sobre os ataques de 11 de Setembro identifica Zammar como um cidadão alemão nascido na Síria residente em Hamburgo e relaciona-o com a célula terrorista daquela cidade alemã, que era dirigida pelo egípcio Mohamed Atta, que pilotou o avião do voo 11 da American Airlines projectado contra a Torre Norte do World Trade Center de Nova Iorque.

O relatório do Congresso descreve Zammar como “um islamista ostensivo e falador”, “um possível recrutador” de alguns dos terroristas do 11 de Setembro.

TC Número 13

Entre discotecas e igrejas, Berlim torna-se casa para os migrantes

Ali, Haidar e Joseph chegaram a Berlim à boleia da política de portas abertas aos refugiados da chanceler Angela Merkel. Três histórias que mostram que a integração é uma jornada de altos e baixos.

Ali Mohammad Rezaie não comemora o seu aniversário porque os seus pais afegãos nunca registaram a data em que nasceu. No entanto, sabe exactamente quando chegou a Berlim para pedir asilo: 15 de Outubro de 2015. Aquele dia mudou a sua vida. "Não foi um dia especial, estava cansado e tinha andado na estrada durante dois meses", disse à Reuters, recordando a sua viagem, por terra, pelos Balcãs. Desde então, Rezaie cantou num coro, fez estágios e teve trabalhos temporários, por exemplo, numa casa de repouso, numa padaria, em hotéis e restaurantes.

Está muito longe da aldeia onde nasceu há 26 anos. Tal como o mais de um milhão de pessoas que, desde 2015, se deslocaram para a Alemanha como migrantes, no âmbito da política de portas abertas aos refugiados da chanceler Angela Merkel. Hoje, a Europa divide-se em relação à chegada de migrantes ao continente e, em vários países, novos partidos de extrema-direita condenam esta realidade.

Rezaie tem dado o seu melhor para tornar a Alemanha no seu lar, mas a integração é uma jornada de altos e baixos que vai para lá de encontrar um emprego e aprender alemão. Chris Wachholz foi a mulher que o ajudou. Conheceram-se no coro e, mais tarde, Chris convidou-o para cozinhar e praticar alemão na casa que partilha com o marido. Depois, a paixão em comum por motos consolidou a amizade.

“Conhecer esta família foi como ganhar uma oportunidade de celebrar o meu aniversário. Eles são como meus... pais”, confessa.

Mas o estatuto de imigrante impede-o de dar determinados passos. O seu pedido de asilo foi rejeitado e só pode permanecer no país como pessoa tolerada, o que significa que não será deportado, mas não está numa situação estável. Como consequência, é pouco provável que o trabalho temporário que arranjou a preparar comida e a fazer limpezas no lounge da Lufthansa, no aeroporto de Tegel, em Berlim, se torne permanente.

"Tenho um apartamento aqui. Conheço pessoas muito simpáticas. Se me deportarem, vou perder tudo", afirmou Rezaie. O seu medo é exacerbado porque os hazaras, o grupo étnico a que pertence, foram vítimas de ataques no Afeganistão.

A descoberta da liberdade sexual

Muitos migrantes afirmam ser bem recebidos pelos alemães, mas outros dizem ter sofrido alguma hostilidade. Ao mesmo tempo, uma série de ataques de fanáticos religiosos deu azo a que alguns políticos argumentassem que os migrantes representavam uma ameaça para a sociedade alemã.

Contudo, para alguns, a mudança para a Alemanha significou uma nova liberdade. No ano passado, Haidar Darwish estava a dançar na SchwuZ, uma das mais antigas discotecas gay de Berlim, quando Judy LaDivina, estudante israelita e drag queen, se aproximou dele e pediu que participasse no seu espectáculo. Darwish nunca tinha dançado em palco na sua terra natal, na Síria, mas LaDivina convenceu-o a tentar.

"Actualmente, muitas pessoas perguntam-me quando e onde são as minhas actuações para que possam vir assistir aos espectáculos. Não é para me gabar", diz ele.

Darwish trabalha ainda na Brunos, uma loja de moda e produtos eróticos que tem como principais clientes homens gays. "Descobri que o gerente da loja tinha ido aos meus espectáculos várias vezes e até dançámos juntos uma vez", comentou.

A liberdade sexual não foi a principal razão pela qual deixou a Síria em 2016 — afinal de contas, o país está em guerra — mas hoje é uma descoberta de que não abdicaria.

E uma liberdade inquietante

Para outros, no entanto, a busca pela liberdade tem sido inquietante. Joseph Saliba tinha nove anos quando o pai o mandou trabalhar para um amigo, que fazia restauros de madeira e mosaicos em Damasco. Apaixonou-se lentamente pela arte e mais tarde tornou-se num restaurador de madeira. O seu negócio estava em expansão quando a guerra na Síria começou em 2011.

Com medo de ser convocado para o exército sírio, decidiu voar para a Europa há três anos. E quando, numa visita de estudo da sua turma de alemão, visitou a Catedral de Berlim, sentiu imediatamente uma conexão. Ofereceu-se logo para ser voluntário nos trabalhos de restauração da igreja, usando ferramentas que ele próprio criara. Um ano depois, foi-lhe oferecido um emprego remunerado.

A igreja tornou-se um lar, mas a Alemanha não. As autoridades recusaram-se a entregar-lhe um documento de viagem e encaminharam-no para a embaixada síria em Berlim. Saliba disse que não queria entrar na embaixada do Governo de que fugiu e agora está a processar o Governo alemão para conseguir um passaporte para refugiados. "Eu fugi da falta de liberdade para obter liberdade aqui", disse ele. "Não encontrei essa liberdade aqui."

TC Número 14

Congo procura virar a página no meio da violência e de um surto de ébola

Joseph Kabila vai abandonar o poder ao fim de 18 anos, numas presidenciais marcadas por confrontos e decisões polémica da autoridade eleitoral. Eleições na República Democrática do Congo realizam-se no domingo.

A República Democrática do Congo vai a votos no próximo domingo, numa eleição há muito adiada e que pode resultar na primeira transferência democrática de poder no país da África Central, desde a independência da Bélgica em 1960.

Ao fim de 18 anos, o Presidente Joseph Kabila vai abandonar o cargo que herdou do seu pai, quando este foi assassinado. E dois anos depois de o seu mandato constitucional ter expirado.

As eleições foram sucessivamente adiadas nos últimos dois anos e têm sido marcadas por protestos violentos em vários pontos do país.

As cidades de Beni e de Butembo foram impedidas de participar na votação até Março, por causa da propagação do surto de ébola no Leste do Congo. A decisão originou

confrontos entre manifestantes e as autoridades, que esta quinta-feira utilizaram balas verdadeiras e gás lacrimogéneo para os dispersar.

E em Yumbi, a oeste, um conflito étnico violento já tirou a vida a mais de cem pessoas nas últimas semanas e levou igualmente à exclusão da cidade da votação de domingo.

As cidades em causa são reconhecidos bastiões de oposição a Kabila, pelo que os candidatos adversários acusam a Comissão Eleitoral Nacional Independente (CENI) de estar a orquestrar um plano para beneficiar o candidato escolhido pelo Presidente, Emmanuel Ramazani Shadary.

Qual a importância destas eleições?

Os congoleses esperam que a eleição possa ajudar a virar a página de uma história violenta – ou, pelo menos, iniciar uma reviravolta.

Iniciadas em 1960, com a deposição do líder da independência Patrice Lumumba, apoiada pela Bélgica e pelos Estados Unidos, todas as transferências de poder no país chegaram através da força das armas. Incluindo a derrota do autocrata Mobutu Sese Seko em 1997, após 32 anos no poder, e o assassinio do seu sucessor, Laurent-Desire Kabila, em 2001.

Duas guerras regionais entre 1996 e 2003, desencadeadas em parte pelo genocídio de 1994 no vizinho Ruanda, sugaram meia dúzia de exércitos regionais, que resultaram em milhões de mortes.

Desde então, o Congo continua a ser um lugar violento e a luta entre o Governo e as milícias rebeldes levou centenas de milhares de refugiados a fugirem através das fronteiras.

Quando o mandato de Kabila expirou, em 2016, provocando protestos violentos e o agravamento da violência por parte das milícias, poderes regionais como Angola ou Ruanda pressionaram o Presidente a renunciar o cargo.

E para os investidores?

O Congo é o maior produtor mundial de cobalto, um componente-chave nas baterias de carros eléctricos e telemóveis. É também o principal extractor de cobre em África e um importante produtor de ouro.

Isso faz com que estas eleições sejam particularmente importantes para as empresas mineiras, como a Glencore, a Randgold e a China Molybdenum, que estão em disputa com o Governo devido a um novo regulamento do código de mineração aprovado este ano, que aumentou os impostos e outros pagamentos ao Estado.

O candidato favorito de Kabila, Shadary, vai muito possivelmente continuar a batalha recente com os investidores estrangeiros. Os seus principais adversários não fizeram muitos comentários sobre o assunto.

Quem vai vencer?

São 21 candidatos na corrida à presidência, mas apenas três são considerados sérios candidatos.

Shadary, ex-Ministro do Interior, era pouco conhecido antes de Kabila o ter escolhido, em Agosto, para concorrer. O ex-ministro do Interior conta com o forte apoio de instituições do governo e um considerável orçamento de campanha.

Mas enfrenta uma oposição dividida, que concordou no mês passado em apoiar o ex-gerente da ExxonMobil, Martin Fayulu, como seu candidato, apenas para Felix Tshisekedi, o presidente do maior partido de oposição do Congo, desistir.

Uma rara sondagem de opinião nacional realizada em Outubro mostrou que Tshisekedi estava na frente com 36%, 16% para Shadary e 8% para Fayulu.

Os eleitores vão também eleger representantes para as assembleias provinciais e nacionais.

O que pode correr mal?

Muita coisa.

Os actos violentos das últimas semanas, com manifestações e conflitos que se tornarão mortíferos e um incêndio que destruiu milhares de máquinas de voto foram oportunos lembretes do quão rápido as coisas podem correr mal.

A contestação dos resultados de eleições anteriores em 2006 e 2011 provocaram violentas manifestações e há vários indícios de que a derrota dos candidatos possa dar azo a novos protestos.

O Congo é o maior país da África Subsariana e tem uma população de cerca de 80 milhões de pessoas (o último censo oficial realizou-se em 1984). A falta de estradas em vastas extensões das regiões de floresta do interior do país, os ataques de dúzias de grupos de milícias na zona oriental e um agravamento do surto de ébola, significam que a comissão eleitoral subfinanciada CENI enfrenta uma árdua tarefa.

A decisão do Governo em recusar a ajuda internacional, ao afirmar que iria comprometer a soberania nacional, também não ajudou.

O CENI vai utilizar máquinas de votação electrónicas pela primeira vez, que geraram enorme controvérsia. Os candidatos da oposição afirmam que estas máquinas são vulneráveis à manipulação de votos e podem ficar comprometidas pelo pouco fiável sistema de abastecimento energético do país.

Que desafios irá enfrentar o novo Presidente?

O próximo Presidente não vai ter mãos a medir. Quase 13 milhões de congoleses não têm o suficiente para comer, as milícias continuam a massacrar civis na zona Leste, e o surto de ébola, que já é o segundo mais mortal da história, não deve ser erradicado até meados de 2019.

Há ainda a questão do que Kabila fará depois de deixar a presidência. Se Shadary vencer, os analistas dizem que poderia continuar a interferir, mesmo estando fora de cena. Se um candidato da oposição vencer, terá que lidar com instituições repletas de seguidores de Kabila.

TC Número 15

Quem será o sucessor de Kabila na presidência do Congo?

Ao todo, são 21 os candidatos à presidência da República Democrática do Congo.

A República Democrática do Congo vai realizar domingo uma eleição presidencial que poderá levar à primeira transferência democrática de poder no país, após décadas marcadas por governos autoritários, golpes de estado e conflitos mortíferos.

A votação para escolher o sucessor do Presidente Joseph Kabila foi adiada várias vezes e o resultado é incerto, após uma campanha marcada por violentas repressões em manifestações da oposição e a destruição de milhares de máquinas de voto na capital, Kinshasa, durante um incêndio na semana passada.

O favorito de Kabila, Emmanuel Ramazani Shadary, enfrenta um enorme desafio por parte dos dois líderes da oposição: Felix Tshisekedi, presidente do maior partido de oposição, e Martin Fayulu, empresário e ex-administrador na Exxon Mobil.

Uma sondagem feita pelo Grupo de Pesquisa do Congo (CRG), da Universidade de Nova Iorque (EUA), em Outubro, mostrou que os líderes da oposição são os favoritos para cerca de 70% dos eleitores. Tshisekedi estava em primeiro com (36%) do apoio, à frente de Vital Kamerhe (17%) e Shadary (16%); Fayulu ficou em quarto, com 8% de apoio.

Ao todo, são 21 candidatos, incluindo vários críticos de Kabila, o que pode provocar a diminuição dos votos da oposição e aumentar as hipóteses de Shadary.

Os resultados também podem ficar comprometidos devido a acusações de fraude semelhantes às que mancharam a eleição presidencial de 2011. A oposição criticou o uso de máquinas de voto electrónicas não testadas onde, afirmam, é mais fácil manipular os resultados.

Emmanuel Shadary, o escolhido

O ex-governador da província de Maniema, de 58 anos, é ex-ministro do Interior desde o final de 2016 até Fevereiro deste ano, quando foi nomeado secretário permanente do PPRD (Partido Popular da Reconstrução e Democracia) de Kabila. É um feroz defensor do Presidente e foi responsável por repressões contra manifestantes e grupos pró-democracia enquanto Ministro do Interior, especialmente após a recusa de Kabila em deixar o poder quando o seu mandato terminou em 2016. Em Maio de 2017, a União Europeia acusou-o de "planear, dirigir ou cometer actos que constituam graves violações aos direitos humanos".

Foi escolhido por Kabila, o que sugere que o Presidente pretende permanecer envolvido na política nacional. Se vencer, pode dar continuidade às políticas de Kabila, nomeadamente no sector mineiro. No início do ano o Governo aumentou os impostos deste sector, apesar da oposição dos investidores estrangeiros.

Felix Tshisekedi, o herdeiro

Felix Tshisekedi, de 55 anos, é o presidente do maior partido da oposição do Congo, a União para a Democracia e Progresso Social (UDPS). A sua legitimidade política deve-se ao facto de ser filho (e herdeiro político) do histórico líder da oposição Etienne Tshisekedi, que morreu aos 84 anos no ano passado em Bruxelas.

Em Novembro, decidiu sair de uma aliança da oposição que visava ter um candidato único e eleger Martin Fayulu. Tshisekedi disse que, se ganhar, nomearia Vital Kamerhe primeiro-ministro. Em troca, diz, apoiará um candidato da União de Kamerhe na eleição presidencial de 2023. “Se for eleito, a minha prioridade será restaurar a paz e a segurança em todo o país”, disse Tshisekedi à Reuters.

Martin Fayulu, o empresário

Martin Fayulu, de 61 anos, tem o apoio de importantes nomes da oposição, como Jean-Pierre Bemba e Moise Katumbi, que foram impedidos pelas autoridades de concorrer às eleições. Foi durante quase duas décadas director da gigante petrolífera americana Exxon Mobil. Prometeu, sem dar pormenores, rever os contratos de mineração e petróleo.

“As pessoas precisam de líderes que lhes proporcionem desenvolvimento, e prosperidade”, disse Fayulu a jornalistas em Genebra, depois de a sua candidatura ter sido anunciada. “Estamos comprometidos em realizar este trabalho para que o Congo deixe de ser motivo da troça do mundo”. É o presidente do partido União pela Cidadania e Desenvolvimento (ECIDE).

TC Número16

Curdos sírios pedem a França que substituam os EUA

Se a situação se descontrolar, os curdos podem não conseguir manter em cativeiro os guerrilheiros do Daesh que hoje têm em seu território, avisam.

As forças curdas no norte da Síria podem não conseguir controlar os prisioneiros do Daesh que mantêm em cativeiro se a situação na região ficar fora do seu controlo, após a retirada norte-americana, afirmou na sexta-feira Ilham Ahmed, co-presidente do Conselho Democrático da Síria.

Ao lado de Ahmed, numa conferência de imprensa em Paris, Riad Darar, o outro co-presidente do braço político das Forças Democráticas da Síria (SDF) – que governam efectivamente o Norte da Síria, etnicamente curdo – afirmou esperar que França passe a desempenhar um papel mais activo na Síria depois de o Presidente dos EUA, Donald Trump, ter decidido retirar as forças norte-americanas que têm apoiado o combate ao Daesh naquele país.

“Sob a ameaça do Estado turco, e com a possibilidade de o Daesh se reerguer novamente, receio que a situação se descontrole e que não os consigamos conter”, disse Ahmed, quando questionada sobre se o SDF estava a considerar a possibilidade de libertar as centenas de guerrilheiros do Daesh que tem à sua guarda. O que tem implícita a ameaça de ataques terroristas na Europa, sobretudo em França, que tem sido especialmente martirizada.

Os dois líderes curdos já se tinham reunido com conselheiros do Presidente francês Emmanuel Macron para discutir a decisão de Trump de ordenar a retirada total das tropas norte-americanas, que tomou os aliados dos EUA de surpresa.

A França tem cerca de 200 militares das forças especiais que operam nas áreas curdas da Síria, bem como artilharia pesada, enviados como parte dos esforços para derrotar os últimos focos isolados do Daesh. Estão também a ser feitos ataques aéreos.

“Não compartilhamos as análises de que o califado do Daesh foi aniquilado em termos territoriais”, disse a ministra da Defesa francesa, Florence Parly, na rádio RTL, em desacordo com a avaliação de Trump.

“É uma decisão extremamente grave e achamos que o trabalho deve ser concluído.”

Polícia sudanesa usa gás lacrimogéneo contra multidões no terceiro dia de protestos

Manifestações na capital e noutras cidades contra o aumento dos preços. Presidente Bashir quer alterar a Constituição para ficar mais tempo no poder.

A polícia sudanesa atirou gás lacrimogéneo contra dezenas de manifestantes na sexta-feira, nas cidades de Omdurman e Atbara, afirmaram testemunhas, onde as pessoas se reuniram num terceiro dia de protestos motivados pelo aumento dos preços e pela escassez de dinheiro em todo o país.

Os protestos que começaram depois das orações do meio-dia foram inferiores aos de quinta-feira, quando pelo menos oito pessoas foram mortas quando milhares de manifestantes encheram as ruas. Algumas pediam o afastamento do Presidente Omar al-Bashir.

Um porta-voz do Governo culpou "infiltrados" por transformarem manifestações pacíficas em "movimentos turbulentos".

Estes protestos estão entre os maiores que o país já presenciou em cinco anos e podem pôr em causa as tentativas de alteração da Constituição que visam permitir que Bashir permaneça no poder uma nova década, enquanto aprofundam a turbulência numa nação de 40 milhões de habitantes que entrou em crise económica após a separação do Sudão do Sul em 2011.

Houve também manifestações em pequena escala em pelo menos oito bairros na capital Cartum na sexta-feira, mas foram de curta duração, afirmaram testemunhas. A polícia reforçou a sua presença fora das principais mesquitas da capital antes do terceiro dia de manifestações.

Centenas de utilizadores de Internet relataram problemas de acesso, particularmente em redes sociais como o Facebook, Twitter e WhatsApp, na quinta e sexta-feira.

Muitos sudaneses acreditam que o governo pode estar a tentar impedir os protestos. Alguns utilizadores que conseguiram aceder à Internet ao utilizarem VPNs pediram que as manifestações continuassem.

Na quinta-feira, os manifestantes incendiaram escritórios do partido no poder nas cidades de Dongola e Atbara, enquanto as forças de segurança atiraram bombas de gás lacrimogéneo para dispersar as multidões em Cartum, onde protestos dispersos e de pequena dimensão continuaram pela noite dentro.

A indignação pública tem vindo a agravar-se devido aos aumentos de preços, à inflação e a outras problemas económicas, incluindo o aumento do custo do pão para o dobro este ano, e às limitações em transacções bancárias. Continuaram a estender-se longas filas nas máquinas de multibanco e nas padarias em Cartum, na sexta-feira.

A economia do Sudão tem tentado recuperar devido à perda de três quartos da sua produção de petróleo - a sua principal fonte de capital estrangeiro - quando o Sudão do Sul se tornou independente em 2011.

O Ministério da Educação disse na sexta-feira ter encerrado escolas e os jardins-de-infância em Cartum "para a segurança das crianças".

TC Número18

A pesada herança do novo chefe do Pentágono

Trump faz troça das guerras da América e tenta desacreditar o general Mattis, que saiu do Governo batendo com a porta na cara do Presidente. de Patrick Shanahan, o número 2 catapultado a secretário da Defesa, pouco se sabe das suas ideias.

Patrick Shanahan foi catapultado para o centro das atenções na sua estreia como secretário da Defesa interino dos Estados Unidos, ao sentar-se ao lado do Presidente Donald Trump, enquanto este desacreditava publicamente o seu antecessor, o general James Mattis. Fez troça da guerra no Afeganistão e chamou à Síria uma terra de “areia” e “morte”.

O ex-vice-secretário da Defesa assumiu oficialmente o cargo durante o feriado de Ano-Novo na terça-feira e emitiu um comunicado a dizer que estava “pronto para trabalhar com Trump e em prática a visão do Presidente”.

A visão de Trump para a segunda metade do seu mandato de quatro anos foi divulgada esta quarta-feira, numa reunião do gabinete presidencial dedicada às guerras da América e o descontentamento do Presidente com a forma como estão a decorrer.

Shanahan, um ex-executivo da Boeing, sentou-se silenciosamente ao lado de Trump, um rosto muitas vezes sem expressão, com as câmaras de televisão a registar tudo.

Trump sugeriu que o ex-secretário de Defesa Jim Mattis – que se demitiu abruptamente no fim de Dezembro, devido a divergências políticas com Trump – foi demitido e que Mattis falhou no Afeganistão, onde os talibãs se sentem cada vez mais confiantes na possibilidade de a guerra de 17 anos chegar ao fim de uma forma que lhes seja favorável.

"Não estou satisfeito com o que Mattis fez no Afeganistão e não deveria estar", afirmou Trump.

As observações de Trump colocam Shanahan numa posição difícil desde o início do que pode ser um longo mandato no Pentágono, onde muitos funcionários são leais a Mattis. E até mesmo Shanahan tinha sido escolhido pelo ex-chefe do Pentágono.

Trump sugeriu que Shanahan pode ser secretário de Defesa durante muito tempo. Vários candidatos anteriormente vistos como potenciais sucessores de Mattis disseram não querer o cargo, dizem várias fontes do Pentágono.

A renúncia pública de Mattis poderia tornar a confirmação do Senado perigosa para qualquer sucessor escolhido a dedo.

Mattis implicitamente criticou Trump na sua carta de demissão por não valorizar os aliados que lutam ao lado dos Estados Unidos, inclusive na Síria. A decisão de Trump de ordenar a retirada das forças especiais norte-americanas na Síria foi o motivo imediato que fez Mattis renunciar ao cargo.

Embora Trump tenha declarado a vitória sobre o Daesh, os críticos alertam que o ainda tem raízes na Síria, e pode encenar um retorno se as forças dos EUA se retirarem.

Trump disse durante a reunião do gabinete que combate ao Daesh deveria ser deixado às nações da região, com nações da região, incluindo o Irão, adversário dos EUA. "Ali é só areia e morte", disse Trump.

Shanahan ainda não pormenorizou as suas ideias sobre qual o caminho a seguir na Síria, onde o Pentágono planeia uma retirada gradual das forças norte-americanas nos próximos meses. Também não fez comentários acerca do plano de uma retirada no Afeganistão.

Seth Jones, do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais em Washington, disse que Shanahan iniciou o seu trabalho a partir de uma posição mais fraca, visto que não foi confirmado no cargo pelo Senado. "E em segundo, lugar o Presidente tomou uma série de decisões importantes de segurança nacional", disse Jones.

China, China, China

Durante uma das suas primeiras reuniões do dia, Shanahan disse a dirigentes civis das Forças Armadas dos EUA que se concentrem na "China, China, China". Isto enquanto os Estados Unidos combatem militantes islâmicos na Síria e no Afeganistão. Não foi possível obter mais informações sobre as opiniões de Shanahan relativamente à China ou a outras orientações que tenha dado.

Outros funcionários militares descreveram Shanahan como um defensor da postura rígida do Pentágono em relação a Pequim. A Estratégia Nacional de Defesa de 2018, que Shanahan ajudou a desenvolver, caracteriza a China como um concorrente estratégico.

As relações entre as duas maiores economias do mundo atingiram novos abismos com a Administração Trump, com uma guerra comercial e divergências sobre Taiwan e o Mar do Sul da China.

Em Pequim, esta quinta-feira, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou que a China valoriza as relações entre os exércitos dos dois países.

"Se o que procuramos mutuamente é um parceiro, provavelmente conseguiremos um parceiro. Se o que procuramos é um adversário, então certamente teremos um adversário", disse Lu Kang, numa conferência de imprensa, quando questionado sobre os comentários de Shanahan.

TC Número 19

Reino Unido vai simular caos na fronteira de Dover por causa do "Brexit"

Antes da votação no Parlamento do acordo negociado por Theresa May com a Comissão Europeia, vai haver um teste sobre a capacidade das estradas britânicas de resistirem a um engarrafamento gigante.

O Reino Unido vai começar a fazer simulações de possíveis situações de caos no caso de uma saída da União Europeia sem acordo. O primeiro simulacro será na segunda-feira: vai ser testada a forma como a rede viária suporta um engarrafamento de cerca de 150 camiões provocado por interrupções na sua mais importante fronteira para a entrada de mercadorias provenientes da Europa continental, o porto de Dover.

A primeira-ministra Theresa May tem tentado forçar a aprovação do seu acordo do "Brexit" pelo Parlamento. Mas, se os deputados rejeitarem o documento negociado com a Comissão Europeia e aprovado pelo Conselho Europeu, ou o Reino Unido vai sair à mesma da UE sem nenhum acordo de comércio às 23h no dia 29 de Março ou terá que adiar o "Brexit".

May tem alertado constantemente que, se os deputados não aprovarem o acordo que negociou, a quinta maior economia do mundo deixará a UE sem ter um acordo para as trocas comerciais – um cenário de pesadelo para as grandes empresas.

Daí a simulação marcada para segunda-feira. O objectivo é testar as capacidades para lidar com longas filas de veículos pesados no porto de Dover, causadas pela interrupção do tráfego no Canal da Mancha em caso de serem totalmente repostos os controlos fronteiriços, se não houver um acordo de comércio após a saída do Reino Unido da União Europeia, informou o Departamento de Transportes.

Cerca de 150 camiões serão conduzidos entre um aeroporto local, que será usado como um parque de estacionamento, e o porto de Dover, no sudeste de Inglaterra, para verificar se obstruí a rede viária fica entupida com este tráfego.

"Não queremos nem esperamos um cenário de não-acordo e continuamos a trabalhar arduamente para chegar a um acordo com a UE", disse uma porta-voz do Departamento de Transportes. "No entanto, é o dever de um Governo responsável preparar-se para todas as eventualidades e contingências, incluindo um possível não-acordo".

O Governo de May alertou repetidamente no caso de não haver acordo sobre o “Brexit”, haveria uma ruptura em todas as áreas. Já os defensores do “Brexit” afirmam que, embora possa haver alguma perturbação no imediato, a longo prazo o Reino Unido vai prosperar fora do que consideram um projecto não democrático e excessivamente burocrático dominado pela Alemanha.

Com receio de uma muito provável derrota, Theresa May adiou a votação sobre o acordo no Parlamento no mês passado e comprometeu-se a procurar mais garantias políticas e legais da UE. A UE disse que poderia tentar dar mais garantias para acalmar as preocupações dos críticos de May, mas que não iria renegociar o acordo.

O documento voltará a votação na próxima semana e o Governo britânico tem repetidamente tentado ressaltar os riscos económicos de um Brexit sem acordo.

May sofreu um novo golpe esta sexta-feira, pois uma sondagem mostrou que a maioria dos membros do seu Partido Conservador se opõe ao acordo do Brexit e prefere sair da UE sem nenhum acordo. Dos 1215 *tories* interrogados na sondagem YouGov, 59% opuseram-se ao acordo e 76% disseram que os avisos sobre os riscos de interrupção em caso de não-acordo eram "exagerados ou inventados". Apenas 38% dos entrevistados apoiaram o acordo de May.

TC Número 20

“Somos bruxas”: abuso sexual na Igreja divide paróquias e política na Polónia

O padre de Kalinowka violou cinco alunas, mas a maior parte dos paroquianos está do seu lado. É um dos países mais devotos da Europa e é governado por um partido que decalca o nacionalismo religioso da Igreja Católica local.

O antigo padre católico da aldeia polaca de Kalinowka está a cumprir três anos de prisão por violar cinco alunas. Mas Marta Zezula, mãe de uma das vítimas cujo testemunho ajudou a condená-lo, diz que são as vítimas que se sentem culpadas.

“Somos bruxas... Porque denunciámos o padre”, disse Zezula enquanto cortava palha para o celeiro, no seu pequeno terreno no leste da Polónia.

Muitos paroquianos acreditam que Marta Zelula e as outras mães das vítimas de abusos sexuais “condenaram um homem inocente”, comentou.

Com cerca de 170 habitantes, Kalinowka fica a uma curta distância de carro da estrada principal, embora pareça mais distante. A igreja de Santa Cruz, construída em 1880, está localizada numa colina com vista para campos agrícolas e florestas cheias de veados.

Krystyna Kluzniak, que numa noite fria de Novembro se dirigia apressada para a bem conservada igreja, disse que as pessoas deviam deixar o padre em paz. “O padre era simpático, sentimos a falta dele”.

O padre, cujo nome não pode ser revelado de acordo com a lei polaca, está novamente a ser julgado, acusado de violar outra criança. O seu advogado, Marek Tokarczyk, disse que nega as acusações. “Precisamos de um julgamento justo”, disse Tokarczyk.

Escândalos semelhantes abalaram a Igreja Católica e dividiram comunidades nos Estados Unidos, Irlanda, Austrália, entre outros países.

Mas a Polónia é uma das nações mais devotas da Europa, onde a maioria das pessoas se identifica como católica e a Igreja é amplamente respeitada. Os padres lutaram activamente contra o comunismo e, em 1989, com a liderança de um Papa polaco, João Paulo II, a Igreja ajudou a derrubar o regime comunista.

As divergências quanto às suspeitas de abusos sexuais por parte de padres são particularmente recorrentes no país, disse Marek Lisinski, director da fundação Have no Fear (não tenhas medo), um grupo que defende vítimas de abusos sexuais agredidas por membros da Igreja.

É frequente os paroquianos aliarem-se aos padres e ostracizarem as vítimas e as suas famílias, disse Lisinski à Reuters.

A dimensão do problema

Em Outubro de 2018, a Have no Fear publicou um mapa que revelou a dimensão do problema. Foram utilizadas cruzes negras para assinalar os lugares onde 60 padres foram condenados por abusos sexuais desde 1956. Lisinski disse que posteriormente as pessoas

telefonaram a revelar mais 300 casos de suspeita de abusos por parte de padres que não denunciaram à Igreja ou à polícia por medo de serem desacreditadas ou ostracizadas.

No mesmo mês, um tribunal de recurso polaco usou a jurisprudência para conceder uma indemnização de um milhão de zloty (cerca de 225 mil euros) a uma mulher alvo de abusos em criança por parte de um padre. Jaroslaw Gluchowski, advogado em Poznan que representa vítimas de abusos sexuais por membros da Igreja, disse que a decisão estabelece um importante precedente.

“Neste momento estamos na fase em que todas as vítimas na Polónia estão a perceber que não estão sozinhas”, disse Gluchowski.

Numa declaração em Novembro, os bispos polacos pediram perdão às vítimas de abusos sexuais e disseram que a Igreja começou a recolher dados para “identificar as causas desses actos e avaliar a sua dimensão”. O arcebispo Wojciech Polak, o primaz da Polónia, disse à Reuters que a Igreja vai publicar as suas conclusões dentro de seis meses, ou seja, em Maio.

Polak encorajou as vítimas a falar com os seus bispos, que são “obrigados a denunciar ao Ministério Público todos os casos de que tenham conhecimento”.

Wojciech Polak disse estar ciente de que o tema causou discórdia em algumas comunidades. “É Igreja tem a responsabilidade de agir de forma a não criar divisões nas comunidades, mas que união”, disse o arcebispo.

Bispos de todo o mundo vão reunir-se com o papa Francisco numa conferência no Vaticano entre 21 e 24 de Fevereiro, para debaterem a protecção de menores. Os organizadores da conferência disseram que todos devem ser responsabilizados ou a Igreja corre o risco de perder credibilidade em todo o mundo.

Papel político da Igreja

A questão pode também ter consequências políticas na Polónia, segundo Lisinski e outros observadores. O país deve eleger um novo Parlamento até Dezembro de 2019.

A Igreja Católica desempenha há muito um papel importante na política polaca, o que torna os seus 25 mil sacerdotes influentes junto deleitores.

Em Dezembro, o jornal diário de referência polaco *Gazeta Wyborcza* publicou uma reportagem que continha acusações de abuso sexual de uma mulher, Barbara Borowiecka,

contra o padre de Gdansk Henryk Jankowski, que morreu em 2010 e foi uma figura icónica do sindicato anticomunista Solidarnosc.

O presidente da câmara de Gdansk, a cidade berço do Solidarnosc, pediu à Igreja que investigasse as acusações. O arcebispo Polak disse à Reuters que as acusações a Jankowski “devem ser investigadas para o bem da Igreja” e frisou que cabe ao bispo de Gdansk resolver o caso.

Colapso

Em 2015, o partido que une patriotismo e piedade, o Lei e Justiça (PiS), chegou ao poder, o que fez ecoar no país o nacionalismo religioso da Igreja Católica polaca. Em Outubro do ano passado, o ex-ministro do PiS Antoni Macierewicz atribuiu à Igreja polaca parte do esforço feito para o partido ser o vencedor nacional das eleições municipais.

Joanna Scheuring-Wielgus, deputada do pequeno partido da oposição Nowa, faz parte de uma equipa independente que investiga os crimes sexuais cometidos por padres na Polónia. Entende que a Igreja não se pode investigar a si própria. A deputada explicou que a sua proposta não recebeu qualquer apoio por parte do Lei e Justiça ou de qualquer outro grande partido.

No dia 8 de Janeiro, numa conferência de imprensa em Varsóvia, Joanna Scheuring-Wielgu disse que o relatório estava quase pronto e que pretendem entregá-lo no Vaticano em Fevereiro, o mês do encontro marcado pelo papa Francisco para discutir os abusos sexuais na instituição.

“Quando se soube que bispos chilenos esconderam os crimes de pedofilia, perderam o seu trabalho. O mesmo devia acontecer a muitos bispos polacos”, disse, citada pela Reuters.

A Reuters não obteve resposta ao PiS ao pedido para comentar. Mas Ryszard Czarnecki, deputado do Lei e Justiça no Parlamento Europeu, respondeu: perguntou por que razão só estava a Igreja a ser posta em causa neste assunto. “Não percebo a razão de nos estarmos a debruçar sobre um só grupo quando isto diz respeito a vários – por exemplo, ao meio artístico e jornalístico”, disse Czarnecki.

De acordo com um estudo do Instituto de Estatísticas da Igreja Católica, um centro de investigação sediado em Varsóvia, cerca de 12 milhões de pessoas, ou seja, quase um

terço da população polaca, vai à missa regularmente. Os números diminuíram ligeiramente entre 2015 e 2016.

A maioria das crianças frequenta aulas de religião, mas aqui os números também têm descido. Em Lodz, a terceira maior cidade da Polónia, os números caíram de 80% em 2015 para menos de 50% atualmente, de acordo com dados do governo local citados pelo jornal *Dziennik Lodzki*.

Em Novembro, a Igreja disse que estas tendências podem ter graves consequências. “Abandonar a fé católica e os princípios cristãos que governam a nossa vida nacional e o funcionamento do Estado” podem levar ao colapso da Polónia, advertiu a Igreja Católica polaca numa carta pastoral.

Ostracizadas

Em Kalinowka, a Reuters falou com sete paroquianos. A maior parte deles apoia o padre condenado. "Tenho um primo cujo filho ia às aulas do padre e eles não viram nada", disse Wieslaw Solowiej, um reformado que estava junto à igreja de Kalinowka.

Jolanta Zych, cuja filha de nove anos está entre as vítimas, disse que os vizinhos começaram a ostracizar a sua família. “Eu cumprimento sempre as pessoas, mas algumas delas agora desviam a cara”, disse.

Zezula, outra das mães com quem a Reuters falou, disse que a filha deixou de comer depois do julgamento do padre. “Ela não comia porque uma mulher disse que o padre estava preso por causa dela”. Zezula contou que deixou de ir à missa – as pessoas começaram a recusar dar-lhe a mão durante o ritual em que todos se cumprimentam em sinal de paz e concórdia.

O actual padre de Kalinowka, Piotr Lenart, não quis prestar declarações, remeteu a Reuters para a diocese de Zamosc-Lubaczow, a que pertence a sua paróquia.

Michal Maciolek, o padre que é porta-voz da diocese, disse que foi oferecida ajuda pastoral e psicológica às vítimas e às suas famílias. Estas rejeitaram. Mas não foi feita qualquer proposta de indemnização, disse, porque “a diocese não pode assumir a responsabilidade pelos actos do padre”.

Governo britânico vai lutar contra plano "inconveniente" para bloquear "Brexit" sem acordo

Parlamento vota esta noite legislação para dificultar um "Brexit" sem acordo.

O governo britânico vai opor-se a uma proposta parlamentar que visa dificultar que a primeira-ministra, Theresa May, deixe a União Europeia sem um acordo, argumentando que a decisão dos deputados é indesejável mas, a acontecer, é apenas um inconveniente.

Os deputados devem votar na noite desta terça-feira uma alteração nas leis do orçamento que obrigam o Governo a ter a aprovação do Parlamento para concretizar um "Brexit" sem acordo.

"A alteração não é o mais desejável, mas o seu efeito nos preparativos para o não acordo será apenas um inconveniente e não uma coisa mais significativa", disse o porta-voz de May.

Uma fonte do Partido Conservador de May confirmou que o governo vai dar ordem aos seus deputados para votarem contra essa alteração das leis do orçamento.

A menos de três meses da saída do Reino Unido da União Europeia, Theresa May continua a lutar para obter a aprovação da sua proposta de "Brexit", aumentando as probabilidades do país sair sem acordo.

Uma saída sem acordo é o cenário provável caso o acordo de May seja rejeitado, e a possibilidade de haver uma interrupção na cadeia de fornecimentos e portos bloqueados devido à reposição de fronteiras fez com que as empresas e o Governo aumentassem os seus planos de contingências.

Um grupo de deputados de todos os partidos que se opõe a uma saída sem acordo tem tentado dificultar esta forma de "Brexit".

A emenda que vai ser votada esta noite à lei do orçamento em vigor propõe que a possibilidade de fazer alterações tributárias depois do "Brexit" só pode acontecer se houver acordo, se a saída for cancelada ou se o Governo tiver autorização dos deputados em caso de não acordo.

Este cenário limita a capacidade do Governo manter o sistema fiscal a funcionar correctamente se insistir numa saída sem acordo, que vai contra a vontade da maioria parlamentar.

Não se trata de um bloqueio ao "Brexit" sem acordo pois não anula a lei já aprovada que determina que o Reino Unido deixa a União a 29 de Março.

Porém, se a emenda passar, será uma importante vitória para os que se opõem ao não acordo, demonstrando que têm capacidade para derrotar o Governo. E é um sinal de que May vai enfrentar outros problemas uma vez que é preciso aprovar mais legislação relativa ao "Brexit" e May não dispõe de uma maioria e que o seu partido está dividido sobre o assunto.

TC Número 22

Médicos israelitas proíbem “terapia de conversão” para homossexuais por provocar danos psicológicos

A proibição da “terapia de conversão” ou de “reorientação sexual” feita por médicos israelitas vai ajudar a proteger os homossexuais dos “tratamentos” que alegam torná-los heterossexuais, mas há ainda muito a fazer nesse sentido, com os grupos religiosos que apoiam as polémicas "curas", disseram activistas na quarta-feira.

Os médicos que realizam a “terapia de conversão” podem agora ser expulsos da Associação Médica de Israel (IMA), que representa 90% dos médicos do país, caso seja apresentada uma queixa ao seu comité de ética, disse a porta-voz do IMA, Ziva Miral.

"Os tratamentos de ‘reorientação sexual’ foram considerados ineficazes e podem causar danos psicológicos, como ansiedade, depressão e tendências suicidas", disse o IMA num documento em que explica o seu posicionamento sobre a prática.

A “terapia de conversão”, que pode incluir hipnose e choques eléctricos, assenta na crença de que ser lésbica, gay, bissexual ou transgénero/transexual é uma doença mental que pode ser “curada”.

Esta “terapia” é utilizada em muitos países, excepto Malta, Equador e pouco mais de uma dezena de estados norte-americanos que a proibiram, segundo a ILGA, uma associação de defesa dos direitos LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais). Vários estados têm vindo a considerar a proibição da “terapia”, como a Grã-Bretanha, Nova Zelândia e Austrália.

Ruth Gophen, uma das autoras do artigo do IMA, publicado na segunda-feira, disse ser impossível estimar quantos israelitas passaram pela “terapia de conversão”, porque por norma é feita de forma secreta, já que a maioria dos médicos a considera antiética.

Israel é um dos poucos países do Médio Oriente – em conjunto com a Jordânia e o Barém - que permitem relações entre pessoas do mesmo sexo, numa região em que vários estados aplicam a pena de morte.

Contudo, muitas das comunidades religiosas em Israel, onde três quartos dos seus nove milhões de habitantes são judeus muito conservadores.

Chen Arieli, presidente da Associação Israelita LGBT, descreveu a proibição do IMA sobre a “terapia de conversão” como um “avanço”, mas afirmou que proibir a prática pode torná-la mais difícil de erradicar nas comunidades onde é predominante.

“Precisamos de ter uma abordagem holística em relação ao ‘tratamento de conversão’”, disse Arieli à Fundação Thomson Reuters.

“O nosso objetivo é fortalecer as organizações religiosas LGBT, de forma a ajudá-las a chegar até aos jovens que podem estar em risco de receber o “tratamento de conversão”.

Julien Bahloul, porta-voz da Associação de Pais homossexuais israelitas, que tem como objectivo apoiar as necessidades dos casais gays para que se tornem pais, disse que espera que o parlamento aprove uma lei que torne a “terapia de conversão” ilegal.

“O facto dos profissionais e médicos, actualmente afirmarem que este tipo de “terapia” não é aceitável e não está de forma alguma relacionada à medicina, é uma grande vitória para nós”, disse Bahloul.

No entanto, Julien Bahloul advertiu que iria depender dos resultados das eleições marcadas para nove de Abril.

TC Número 23

Organização diz que há quem incentive as sauditas a fugir do país

De uma organização financiada pelo Governo de Riad surge a única reacção à fuga de Rahaf Mohammed al-Qunun para o Canadá.

Uma organização saudita apoiada pelo Governo acusou vários países estrangeiros de incentivar jovens a renunciar às suas famílias e ao seu país - trata-se da primeira reacção de Riad ao caso da saudita que fugiu à família e conseguiu asilo no Canadá.

A Sociedade Nacional pelos Direitos Humanos (NSHR) não mencionou Rahaf Mohammed al-Qunun, de 18 anos, que chamou a atenção internacional após ter-se barricado num quarto de hotel no aeroporto de Banguecoque e de ter pedido ajuda através do Twitter para não ser fosse deportada e devolvida à família, que nega qualquer abuso.

No entanto, num comunicado divulgado na noite de domingo, o presidente da NSHR, Mufleh al-Qahtani, acusou vários países (não especificados) e organizações internacionais de terem uma agenda política quando "incentivarem mulheres a perderem-se e a caírem nos braços de traficantes de seres humanos".

Embora a NSHR afirme ser independente, o Departamento de Estado dos EUA descreve-a como uma organização "financiada pelo governo" de Riad.

O histórico de direitos humanos da Arábia Saudita tem estado no centro das atenções desde o assassinio do jornalista saudita Jamal Khashoggi, no consulado da Arábia Saudita em Istambul, a 2 de Outubro. Cresceram também as críticas internacionais aos ataques aéreos feitos pela coligação anti-Daesh liderada pela Arábia Saudita no Iémen, que causaram a morte de vários civis, incluindo crianças.

O secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, disse em Riad ter conversado com os líderes sauditas sobre o Iémen, Khashoggi e outras questões de direitos humanos.

A NSHR "ficou surpreendida por alguns países incentivarem as mulheres sauditas 'delinquentes' a revoltarem-se contra os valores familiares, por as encorajarem a fugir do país e a recebê-las sob o pretexto de lhes conceder asilo", disse Qahtani.

O presidente da NSHR não mencionou o Canadá nem a Austrália, que também ofereceu asilo a Qunun, ou o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), que lhe concedeu o estatuto de refugiada.

Qunun chegou a Toronto no sábado, vestida com uma camisola de capuz com a palavra Canadá e um boné com o logótipo do ACNUR. A ministra dos Negócios Estrangeiros do Canadá, Chrystia Freeland, deu-lhe as boas-vindas no aeroporto, apelidando-a de "nova canadiana muito corajosa".

Esta decisão do Canadá ocorreu num clima de tensão com Riad, depois de Ottawa ter exigido a libertação imediata de activistas dos direitos humanos detidos no ano passado, o que levou a Arábia Saudita a expulsar o canadiano, a chamar os sauditas que vivem neste país e a congelar futuros negócios.

O caso também chamou a atenção para o sistema de tutela masculina da Arábia Saudita, que exige que as mulheres necessitem da permissão de um familiar do sexo masculino para viajar, o que por vezes as mantém prisioneiras de famílias abusivas - Rahaf Mohammed al-Qunun disse ser este o seu caso.

Qahtani disse que as leis sauditas proíbem os maus-tratos e permitem que as mulheres os denunciem, mas as organizações de direitos internacionais afirmam que na prática muitas mulheres sauditas receiam que ir à polícia as deixe em risco de vida.

TC Número 24

Há uma nova caravana a caminho dos EUA formada em El Salvador

O grupo é mais pequeno do que aquele que partiu das Honduras dias antes. Trump continua a usar as viagens destes grupos para justificar a construção de um muro na fronteira.

Um grupo de pelo menos 150 pessoas partiu de El Salvador esta quarta-feira, na última de uma série de "caravanas" de gente que quer tentar alcançar os Estados Unidos e que o Presidente Donald Trump tem usado como justificação para insistir na construção de um muro ao longo da fronteira com o México.

Organizado através das redes sociais, o grupo já caminha para Norte, seguindo o percurso de uma das caravanas de maior dimensão até agora ter partido das Honduras esta semana.

Na manhã de quarta-feira foram a 900 a 1000 hondurenhos que se reuniram na fronteira do país com a Guatemala, confirma o chefe da polícia local, Jorge Rodriguez. Várias centenas já entraram na Guatemala na terça-feira, segundo activistas que os acompanham.

As caravanas vindas da América Central inflamaram o debate sobre a política de imigração dos EUA, com Trump a apontar o dedo a estas pessoas para tentar ganhar apoio para o seu plano de protecção de fronteiras. Na verdade, uma sondagem do Pew Research Center, divulgada na quarta-feira, indica que 58% dos americanos está contra o muro, com 40% a apoiar a sua construção.

O *shutdown* – encerramento de agências públicas norte-americanas –, provocado precisamente pela questão do muro, com o Partido Democrata, em maioria na Câmara dos Representantes, a recusar incluir no orçamento 5,7 mil milhões de dólares (quase 5 mil milhões de euros) para a sua construção, e Trump a recusar assinar qualquer orçamento que não incluía essas verbas, chegou esta quinta-feira ao seu dia 27, sendo já o mais longo de sempre nos EUA.

Em El Salvador, José Sorto, de 30 anos, diz que foi a violência que o levou a deixar a sua casa. Conta ter sido atacado há três anos pelo gangue Barrio 18, uma das mais perigosas organizações armadas do país.

"Juntei-me à caravana porque aqui não se consegue viver em paz. Tenho que fugir e esconder-me todos os dias ", descreve Sorto, que está desempregado e mora na cidade de Ilobasco, uns 56 quilómetros a nordeste da capital.

"Viver em paz e trabalhar para comprar uma casa para a minha mãe" é o que Sorto espera alcançar nos Estados Unidos.

Com mochilas e garrafas de água nas mãos, os salvadorenhos que andavam pelas ruas acabaram por ser escoltados pelas autoridades de imigração e pela polícia.

El Salvador vive há anos a braços com uma vaga de crime e violência. Em 2018, a taxa de homicídios no país foi de 50,3 por 100.000 habitantes, uma das mais elevadas do mundo segundo as Nações Unidas.

O Governo de Salvador estima que cerca de 2700 pessoas tenham deixado o país, organizadas em meia dúzia de caravanas, ao longo do ano passado. De acordo com dados do executivo, destas, 600 pessoas regressaram e três morreram no caminho.

TC Número 25

A aposta arriscada de Annie Loof, que antes dizia que preferia comer um sapato

Annie Loof, líder do Partido do Centro sueco, foi chamada traidora pela decisão de abandonar os aliados do centro-direita e apoiar o adversário político de longa data, o social-democrata Stefan Löfven.

A líder de 35 anos, que tem a ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher como inspiração, disse um dia que mais depressa “comeria o sapato direito” do que estaria disposta a ajudar o primeiro-ministro e ex-sindicalista Löfven, dos sociais-democratas, que dominam a política sueca há um século. Mas ontem o Partido do Centro de Loof teve um papel decisivo, ao permitir que o Governo de Löfven passasse, abstendo-se no Parlamento.

Os receios causados pela ascensão eleitoral dos Democratas Suecos, um partido populista, anti-imigração e com raízes na supremacia branca, estão na origem da reviravolta de Loof. “Os Democratas Suecos são um partido xenófobo”, disse Loof à Reuters. “O Partido do Centro não vai negociar nem colaborar com eles.”

O partido de Loof não se vai juntar à nova coligação social-democrata-verde de Löfven, mas apoiará o Governo, em troca da adopção de políticas de centro-direita. “Se este acordo não der certo, acho que teremos um bloco conservador a governar o país por muitos, muitos anos”, disse Fredrick Federley, eurodeputado do Partido do Centro próximo de Loof.

Há 170 imigrantes desaparecidos em dois naufrágios no Mediterrâneo

Segundo a OIM, nos primeiros 16 dias do ano chegaram à Europa 4449 pessoas por mar, quando em 2018 no mesmo período chegaram 2964.

Cerca de 170 imigrantes desapareceram no Mediterrâneo em dois naufrágios de botes que saíram da Líbia e Marrocos, informou a Organização Internacional para as Migrações (OIM).

Um bote foi visto a afundar-se em águas agitadas na sexta-feira por um avião militar italiano que patrulhava a zona. O avião mandou duas balsas salva-vidas à água, mas teve de abandonar o local devido à falta de combustível, disse o contra-almirante Fabio Agostini ao canal de televisão RaiNews24.

Um helicóptero naval foi enviado para o local, onde três pessoas com hipotermia grave foram resgatadas e transportadas para o hospital na ilha de Lampedusa.

“Durante o resgate, pelo menos três pessoas foram vistas na água aparentemente mortas”, disse Agostini.

Os três sobreviventes disseram ter deixado Gasr Garabulli, na Líbia, na noite de quinta-feira num grupo de 120 pessoas, provenientes maioritariamente de África ocidental, segundo Flavio di Giacomo, porta-voz da OIM.

“Ao fim de cerca de dez a 11 horas no mar o barco começou a afundar-se e as pessoas começaram a afogar-se”, disse Di Giacomo, que acrescentou que entre os passageiros estavam dez mulheres e duas crianças, uma delas um bebé com dois meses.

A Marinha italiana disse ter informado as autoridades libanesas, que ordenaram que um navio comercial se dirigisse ao local, mas a tentativa de resgate foi cancelada após as buscas se terem revelado ineficazes.

Noutro naufrágio, 53 imigrantes que partiram de Marrocos num bote desapareceram depois do que um sobrevivente descreveu como uma colisão no mar de Alborán, no Oeste do Mediterrâneo, segundo a organização não governamental espanhola Caminando Fronteras.

A Agência das Nações Unidas para os Refugiados da ONU (ACNUR) disse num comunicado ter ficado profundamente entristecida com os relatos sobre a morte ou o desaparecimento de cerca de 170 pessoas. A agência informou não ter sido capaz de verificar de forma independente o número de mortos.

A organização não governamental Sea-Watch disse também no sábado que resgatou 47 pessoas do mar, incluindo oito menores não acompanhados, de um outro bote que se encontrava em problemas, a norte da cidade líbia de Zuwara.

Matteo Salvini, ministro do Interior de Itália, que fechou os portos italianos aos barcos humanitários desde que o Governo populista e anti-imigração chegou ao poder em meados de 2018, afirmou que os portos vão permanecer fechados para deter os traficantes de seres humanos.

“O mais recente naufrágio é a prova de que, se reabirmos os portos, mais pessoas vão morrer”, disse Salvini num vídeo publicado sábado na rede social Facebook.

Salvini disse que este ano chegaram a Itália 100 pessoas, quando no mesmo período em 2018 chegaram duas mil.

A chegada de imigrantes à Europa nos primeiros 16 dias de 2019 totalizou 4449 pessoas, quase todas por via marítima, em comparação com 2964 pessoas no mesmo período de 2018, atestam os dados da OIM.

No ano passado, cerca de 2297 imigrantes morreram ou desapareceram no Mediterrâneo, e 116.959 imigrantes chegaram à Europa por via marítima.

TC Número 27

Soy trans: em criança queria ser Óscar, hoje é Gabriel

No metro de Madrid um rosto a preto e branco diz, orgulhoso, *soy trans*. Com 20 anos, Gabriel sente-se finalmente bem no seu corpo: "É uma grande libertação".

Gabriel Diaz de Tudanca é um espanhol de 20 anos que, embora tenha nascido biologicamente mulher, soube desde cedo que se identificava com o sexo

masculino. “Quando tinha três anos, voltei da escola e disse à minha mãe que, quando crescesse, seria um homem chamado Óscar”, recorda o jovem.

Com o apoio da família e amigos, passou por tratamentos cirúrgicos e hormonais, mudou o nome e renovou os documentos de identidade para reflectir o que sente ser o seu verdadeiro género — e, durante três anos, Susana Vera, fotógrafa da Reuters, acompanhou todo o processo.

Espanha encontra-se relativamente avançada no que toca aos direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero), mas, ainda assim, as autoridades exigem um diagnóstico médico antes de permitir a mudança de género nos documentos oficiais, já que a transexualidade é classificada como uma doença mental. “Não levei a mal, ser diagnosticado como ‘mentalmente doente’”, diz Gabriel. “Mas sinto-me revoltado por ter que fazer o diagnóstico para poder alterar documentos, fazer tratamento hormonal ou uma cirurgia.”

A Organização Mundial de Saúde determinou em Junho que ser transexual não deveria ser classificado como um transtorno mental — a transexualidade é agora considerada como uma “incongruência de género”, uma condição relacionada à saúde sexual. Em Portugal, com a nova lei de identidade de género, para mudar o sexo e o nome no registo civil só os jovens “trans” entre os 16 e os 18 anos é que têm apresentar um atestado de um psicólogo ou médico que confirme a vontade, sem a carga patológica da disforia de género.

Gabriel iniciou aos 17 anos os primeiros tratamentos hormonais para desenvolver características secundárias — a sua voz ficou mais grave, ganhou mais pêlo, a gordura corporal ficou distribuída de outra forma. Depois fez também uma cirurgia de remoção de peito. “Foi uma grande mudança na minha vida”, sublinha Gabriel. “É uma grande libertação”.

Hoje em dia, já é socialmente aceite como homem, embora tenha sido rejeitado por algumas pessoas. Um amigo de infância disse que não o considerava um homem porque Gabriel não tinha pénis.

Actualmente, o jovem tem namorada e sente-se orgulhoso da sua identidade. Participou inclusive numa campanha de sensibilização da Câmara Municipal de Madrid para a prevenção de crimes de ódio contra transgénero — o seu rosto pôde ser visto numa série

de cartazes colocados ao longo da rede de metro da cidade com a frase *Soy trans* ("Sou trans"). Porque é preciso informar e sensibilizar: "O ódio e a intolerância dos outros são resultado da ignorância das pessoas sobre os transexuais."

TC Número 28

Ordem! Ordem! O *speaker* de língua afiada da Câmara dos Comuns tem vindo a mudar as regras - e talvez o Brexit

O *speaker* (orador em português europeu) da Câmara dos Comuns não utiliza um martelo. Embora possa ter a impressão de que o faz. Mas não. John Bercow fica de pé, aponta o dedo, sacode o maço de papéis, dirige-se para as cadeiras baratas e grita a palavra "ordem" vezes sem conta.

O Reino Unido vai ficar mais uma vez colado ao canal do Parlamento esta semana para o próximo episódio da comédia de sucesso conhecida como Brexit. O canal de televisão de serviço público da BBC tornou-se tão popular que superou por instantes a MTV, a transmissora de "Teen Mom". A estrela da comédia é John Bercow, de 56 anos, um "pequeno" disciplinador e mestre em fazer chacota que é a 157ª pessoa a carregar uma maça cerimonial, mas que é o *speaker* mais teatral, de língua afiada e proactivo nos tempos modernos.

Tradicionalmente, o presidente da Câmara dos Comuns desempenhava um papel embora difícil, mas de baixo destaque, encarregava-se de manter a ordem na barulhenta Câmara, escolhia quais os membros que podiam fazer perguntas ao primeiro-ministro e que perguntas, além de controlar o tempo.

O Brexit virou tudo de cabeça para baixo e Bercow transformou-se numa personagem extraordinária, de quem a vasta interpretação das regras parlamentares e o renascimento da tradição permitiram que os deputados do parlamento perdessem parcialmente o controlo sobre que direcção o Brexit poderia tomar.

"Ele não é como nenhum *speaker* anterior", disse Bobby Friedman, autor da biografia "Bercow, Mr. Speaker: Rowdy Living no Partido Tory". "O nome *speaker* é falacioso. Antes de Bercow, não se esperava que o *speaker* falasse. Os *speakers* presidem os

debates. Mantêm a ordem, tomam decisões sobre o procedimento e apenas permitem que todos falem ordeiramente".

"Bercow transformou o cargo", disse Friedman.

O governo da primeira-ministra Theresa May vai enfrentar na terça-feira debates e votos numa série de alterações permitidas por Bercow que poderiam mudar a trajectória do Brexit. É muito possível que os membros votem para adiar a data de saída marcada para 29 de Março ou até mesmo impedirem que o Reino Unido deixe a União Europeia sem acordo.

Tais movimentos astutos são valorizados pelos humildes deputados, que Bercow prestou atenção, e por aqueles que querem que o Parlamento seja mais assertivo ao lidar com *Downing Street*.

Mas o *speaker* da Câmara dos Comuns aborreceu os tradicionalistas e é odiado pelos *brexistas* que acreditam que ele tem actuado com o objectivo de impedir a saída do Reino Unido da UE.

Após Bercow ter permitido no início do mês uma votação em que deu apenas três dias úteis a Theresa May para apresentar o seu "Plano B" do Brexit depois de ter resultado numa derrota esmagadora do acordo de saída, o jornal britânico Daily Mail criticou Bercow chamando-o de "egoísta, presunçoso e arrogante " e quem "descaradamente colocou o seu preconceito anti-Brexit à frente do interesse nacional".

O jornal Sol rotulou Bercow como o "Orador do Diabo" e aumentou a fúria dirigida à sua "tentativa de arruinar o Brexit".

Após a eleição, os *speakers* devem descartar a sua filiação partidária e devem mostrar-se neutros em relação à política. O *New York Times* informou este mês que o governo de May ameaçou punir o que interpretaram como inclinações anti-governo de Bercow ao estabelecer que seria o primeiro *speaker* em 230 anos a ser negado um pariato e uma cadeira na Câmara dos Lordes, na sua aposentadoria.

Mas Bercow faz o melhor que consegue. O *speaker* é tão extravagante quanto as suas gravatas com padrões.

Uma vez, disse ao Ministro das finanças, Philip Hammond, a segunda figura mais poderosa do governo: "Cinja-se ao seu ábaco, homem"!

Bercow dá regularmente "conselhos" a membros tempestuosos, muitos deles senhores idosos que apreciam um copo de vinho ao almoço, para tomar os medicamentos e cuidar dos níveis de stresse.

Bercow dirigiu-se a um membro barulhento e disse: "Você é realmente um indivíduo muito entusiasmado. Tem de escrever mil vezes: 'Vou comportar-me durante as perguntas ao primeiro-ministro' ".

Na semana passada, para acalmar o burburinho na sala, gritou: "Acalmem-se, pratiquem ioga!" Noutro momento, após gritar "ordem", disse a sua citação habitual: "Calma. Moderação. Paciência".

Bercow luta contra a "gritaria habitual" e o "apontar de dedos" dos membros. Apelidou os legisladores de "delinquentes incorrigíveis".

Um colega legislador sugeriu que Bercow dormia com um dicionário.

O *speaker* não teme os principais ministros de Estado. Na verdade, parece deliciar-se ao por água na fervura.

Bercow uma vez utilizou as suas armas oratórias contra Jeremy Hunt, Ministro dos negócios estrangeiros e ex-ministro da saúde, por ter olhado para o telemóvel durante o debate. "Mexer ostensivamente num dispositivo electrónico desrespeita a convenção estabelecida da câmara."

O *speaker* ainda acrescentou: "É um ponto tão óbvio que apenas uma pessoa extraordinariamente inteligente e sofisticada poderia deixar de compreendê-lo."

Em resposta a uma reclamação de Andrea Leadson, a Líder do partido Conservador na Câmara dos Comuns, Bercow argumentou: "A nobre senhora, pode dizer 'pooh' se quiser. A nobre senhora aceitará a decisão do presidente e comporta-se ou sai da câmara. Não me importo com o que escolhe"

O correspondente do jornal The Guardian em Bruxelas na semana passada escreveu que os europeus adoram-no, notando que o jornal holandês De Volkskrant fez uma manchete sobre o perfil do do *speaker* que dizia: "Ninguém na ilha britânica pode gritar 'ordem, ordem' de forma mais bela que John Bercow".

Candidato a *speaker* em 2009, Bercow escreveu no Independent, "Durante muito tempo a Câmara dos Comuns foi administrada como pouco mais do que um clube privado por e para cavalheiros amadores".

John Bercow não é como um PM comum, nascido num meio privilégio, educado em Oxbridge. É filho de um taxista do norte de Londres e frequentou a Universidade de Essex.

Iniciou a sua carreira como conservador de extrema-direita. Mas voltou-se para a esquerda e começou a defender questões socialmente liberais, como os direitos dos homossexuais, muito antes de estarem na moda entre os conservadores. A sua mudança para a esquerda, em conjunto com um temperamento perverso e uma tendência para criar brigas, resultou em relações tensas com alguns dos seus companheiros de partido. Ninguém gosta de humilhação pública.

Friedman disse que Bercow é "conflituoso, arrogante, muito pomposo" e "alguém que irrita as pessoas com muita facilidade".

Na sua investigação sobre o tratamento dos funcionários da Câmara, a BBC alegou no ano passado que, Bercow era um *bullie*. Num inquérito independente sobre intimidação e assédio na Câmara, Bercow não foi mencionado, mas foram expostas algumas dúvidas sobre o quanto deveria ser alterado na liderança actual.

A legisladora do partido Tory, Anne Main, disse na altura: "É o velho ditado de que o peixe apodrece pela cabeça".

Bercow nega fortemente as acusações de bullying e prometeu tratar melhor as preocupações dos membros.

Durante um recente debate, um parlamentar disse que a imparcialidade de Bercow devia ser questionada devido a um autocolante que dizia "*Bollocks ao Brexit*" (slogan do movimento anti-Brexit) no seu carro.

Bercow disse que o autocolante em questão estava no carro da sua esposa.

"Tenho certeza de que o ilustre cavalheiro não sugeriria nem por um momento que as mulheres são, de forma alguma, propriedade dos seus maridos", disse ele, provocando uma onda de aplausos dos legisladores da oposição. "Ela tem direito às suas opiniões".

John Bercow é casado com Sally Bercow, ex-publicitária e activista política. Sally regressou recentemente à rede social *Twitter*, após uma pausa devido à difamação que fez a um político conservador, na sua biografia descreve-se como "100% partidária e política".

O casal vive num apartamento no Palácio de Westminster com os três filhos.

No primeiro dia de uma sessão parlamentar, o *speaker* apareceu para trabalhar, precedido por um porteiro e o sargento de armas, seguido pelo capelão, secretário do *speaker* e por um funcionário que segurava a bainha do manto dourado do *speaker*.

Bercow dispensou as tradicionais culotes, meias de seda e peruca. Prefere fatos e gravatas com padrões. Embora tenha sugerido que as gravatas não são obrigatórias na Câmara dos Comuns, o que chocou os membros.

Tony Travers, professor de política da London School of Economics, disse que Bercow provavelmente não se via com o papel de impedir os sonhos dos brexistas, mas sim com o papel de "empoderar o Parlamento" num momento em que "o governo e o Parlamento não podem concordar com o que o Brexit realmente significa".

Ou pode dizer que está apenas a tentar restaurar a ordem.

TC Número 29

Atrás das grades, "El Chapo" ainda é o “Robin Hood” de Sinaloa

Joaquín Guzmán tornou-se um mito da cultura popular mexicana e um fantasma para as autoridades do país, numa história de drogas, violência e lutas políticas no México.

No estado de Sinaloa, o coração do narcotráfico mexicano, a admiração pelo “traficante mais poderoso do mundo” ainda vive, apesar do progresso do governo na luta contra a violência dos cartéis.

Joaquín "El Chapo" Guzmán passou de um rapaz de origens humildes ao homem mais procurado do México. Enfrenta agora um processo de julgamento no Tribunal Federal de Brooklyn, em Nova Iorque, e a possibilidade de passar os seus últimos anos atrás das

grades, depois de uma carreira inigualável que fez dele um dos maiores criminosos das últimas décadas.

No estado de Sinaloa, onde Guzman nasceu e se afirmou, o governo garante que o cartel de "El Chapo" está "contido" e que é hoje controlado por forças militares.

Durante 2018, o primeiro ano completo desde que Guzmán foi extraditado para os Estados Unidos, a participação do Cartel de Sinaloa na contagem de assassinatos no México caiu para o menor número desde que se iniciaram os registos, há duas décadas.

No entanto, a desconfiança pelo governo permanece nesta região dividida entre aldeias montanhosas inacessíveis e praias soalheiras. Daqui saíram boa parte dos principais líderes do crime mexicano. Alguns moradores dizem mesmo que o próprio cartel tem tentado tranquilizar os ânimos.

Em Culiacán, a capital e a maior cidade do Estado de Sinaloa, onde o luxo convive de perto com a pobreza extrema, o apoio a Guzmán é forte. "Ele faz o que a polícia não faz, protege as pessoas", afirma Antonio Pinzon, um trabalhador rural de 45 anos durante uma peregrinação à capela de Jesús Malverde. Pinzón fala por inúmeros moradores de Sinaloa quando compara Guzmán a Malverde, um santo popular semelhante a Robin Hood, venerado por alguns católicos e traficantes de droga.

Nascido numa vila montanhosa pobre de Sinaloa, onde os traficantes cultivam ópio e marijuana desde o início do século XX, Guzmán começou a subir na hierarquia do submundo mexicano nos anos 1980 à medida que os chefes mais velhos se retiravam.

Droga, política e mortes

Preso em 1993, Guzmán fugiu da prisão oito anos depois e começou a estabelecer a sua rede criminosa de Sinaloa como o maior cartel do México. Eliminou rivais, subornou funcionários e até conseguiu um lugar na lista dos mais ricos do mundo elaborada pela revista *Forbes*.

Especialistas em segurança afirmam que os milhares de milhões de dólares gerados pelo cartel dão à organização criminosa o poder que as pobres autoridades locais receiam desafiar. Instalou-se a ideia generalizada de que os políticos são controlados pelos traficantes através da corrupção.

Sem o consentimento dos chefes do cartel, era quase impossível ser-se eleito em alguns sítios de Sinaloa, confirma um político do estado que falou com a Reuters sob condição de anonimato.

Acenando com a diminuição da taxa de criminalidade, o ministro de Segurança Pública de Sinaloa, Cristóbal Castañeda, afirma que o governo perseguiu todos os cartéis com a mesma determinação.

Enquanto os assassínios no México aumentaram um terço para mais de 33 mil no ano passado, em Sinaloa diminuíram quase um quinto para 1072 (3,2% do total), segundo dados do Ministério do Interior. Uma década antes, nos anos de domínio de Guzmán, Sinaloa representava 9% do número de homicídios no México.

Castañeda afirmou que as representações de traficantes em séries televisivas como *Narcos* e *El Chapo* desviaram a atenção dos crimes de Guzmán. "Em vez de enaltecerem as autoridades, enaltecem o criminoso, fazem com que se pareça a Robin Hood", disse Castañeda à Reuters.

"Uma pessoa magnífica"

Depois de mais de uma década à solta, Guzmán foi novamente preso em 2014. Mas, numa reviravolta humilhante para o governo mexicano, em Julho de 2015, fugiu da sua cela na prisão através de um túnel de um quilómetro e meio. Foi recapturado seis meses depois.

Guzmán foi extraditado em Janeiro de 2017. Desde Novembro do ano passado, está a ser julgado em Nova Iorque, acusado de tráfico de cocaína, heroína e outras drogas com destino aos Estados Unidos. Nos próximos dias é esperado um veredicto.

Testemunhas alegam que Guzmán gastou milhões de dólares para subornar funcionários públicos e ordenou ou cometeu ele mesmo assassínios contra rivais. Os seus advogados de defesa contrapõem que o verdadeiro cérebro por trás do Cartel de Sinaloa é o seu sócio Ismael "El Mayo" Zambada, e que Guzmán, hoje com 61 anos, é um mero bode expiatório. Em Sinaloa, poucos disputam a liderança de Guzman, mas a influência de Zambada também é amplamente reconhecida.

"Do que podemos testemunhar em Sinaloa, Zambada era o responsável", afirma Manuel Clouthier, cidadão de Culiacán e ex-congressista federal independente. "Quando [Guzmán] foi detido nada mudou porque o verdadeiro responsável não foi capturado".

Sabemos que Guzmán está envolvido em maus negócios, mas ele é uma pessoa magnífica. É uma pena que não vá conseguir escapar dos Estados Unidos.

Ismael, vendedor de livros

Desde a detenção de Guzmán, Zambada consolidou de forma constante o seu poder dentro do cartel, defende Mike Vigil, ex-chefe de operações internacionais da DEA (Drug Enforcement Administration), um órgão de polícia federal do Departamento de Justiça dos EUA de combate ao tráfico de droga.

Desde a diversificação de crimes até à procura de novas drogas, passando por golpes contra o seu principal rival, o Cartel de Jalisco Nova Geração, tudo permitiu que o cartel de Zambada aumentasse os seus negócios em cerca de 15% a 20%, estima Vigil.

Zambada também conseguiu manter a violência sob controlo, afirma Ismael, um vendedor de livros no exterior da catedral de Culiacán. "Sabemos que Guzmán está envolvido em maus negócios, mas ele é uma pessoa magnífica", acrescenta. "É uma pena que não vá conseguir escapar dos Estados Unidos."

Traficantes com “carros pequenos”

Segundo Castañeda, Sinaloa precisava "idealmente" de cerca de nove mil polícias para fazer cumprir a lei e manter a ordem – mais do dobro do que actualmente –, mas garante que os narcotraficantes se tornaram mais discretos desde a retirada de Guzmán. "Agora usam carros pequenos. Não são tão ostensivos", disse ele. "A situação mudou. Está diferente".

No cemitério dos Jardines del Humaya, onde alguns chefes do narcotráfico estão enterrados em túmulos faraónicos, os trabalhadores contam que a ausência de Guzmán não prejudicou os negócios. "Temos muito trabalho", diz o carpinteiro Santiago Rojo enquanto dá os últimos retoques num mausoléu de dois andares com ar condicionado, escada de mármore, casa de banho e televisão.

Estima-se que até 40% da economia de Culiacán se baseie em dinheiro ilícito. O ex-deputado Manuel Clouthier afirma que o Cartel de Sinaloa se tornou especialista em lavagem de dinheiro através de vias legais.

Mas dinheiro de origem incerta circula de forma livre. Debaixo de guarda-sóis coloridos na zona do Mercadito, no centro de Culiacán, dezenas de vendedores, na maioria

mulheres, compram e vendem dólares abaixo das taxas de mercado – uma prática que, acredita-se, facilita a lavagem de dinheiro.

A polícia faz rusgas com regularidade, mas Juan, um vendedor de dólares, estima que o número de postos de venda tenha duplicado nos últimos três anos.

Aqui também, é grande a sombra de “El Chapo”. Antes de se tornar traficante de droga, a protagonista de *La Reina del Sur*, do escritor espanhol Arturo Pérez-Reverte, vendeu dólares exactamente no mesmo sítio. O livro acabou por se tornar num programa de televisão de sucesso e a sua heroína, Kate del Castillo, foi a protagonista de várias manchetes quando se descobriu que juntamente com o actor norte-americano Sean Penn tinha visitado El Chapo enquanto este estava escondido.

DVDs da série foram encontrados no último esconderijo de Guzmán.

TC Número 30

Fundador da Blackwater cria centro de treino em Xinjiang... para quê?

O polémico fornecedor de serviços de segurança, que se tornou famoso com o caso dos seus funcionários que mataram civis em Bagdad, está na província chinesa de maioria muçulmana onde há campos de "reeducação".

A Frontier Services Group, empresa de segurança fundada por Erik Prince, o criador da polémica empresa *Blackwater*, vai construir o que é designado como um centro de treino em Xinjiang, na região ocidental da China, onde cerca de um milhão de muçulmanos foram colocados em campos de detenção extrajudicial.

A empresa de segurança disse que o projecto se encontra ainda numa fase inicial e não pode revelar que tipos de treino serão prestados na base, que vai ser construída por uma empresa chinesa apoiada pelo Estado.

Nos últimos dois anos, o Governo chinês tem feito uma campanha abrangente para “tornar mais chinês” o Xinjiang, onde vive uma população muçulmana da minoria étnica Uigure. Foram criados “campos de treino vocacional” para “desradicalizar” o que Pequim designa como extremistas islâmicos.

Centenas de milhares de uigures em Xinjiang foram detidos em campos cercados por arame farpado, onde são obrigados a falar mandarim e a prometer fidelidade ao Partido Comunista Chinês. Estes campos são denunciados pela ONU, Governos ocidentais e defensores de direitos humanos como prisões, onde o Estado chinês está a tentar forçar a erradicação da língua e a cultura uigure, enquanto fortalece o controlo sobre a região.

A 11 de Janeiro, a Frontier Services Group assinou um contrato para a construção de um centro de treino no parque industrial de Caohu, na cidade de Tumxuk, em Xinjiang, disse a empresa num comunicado em chinês no seu *site*. A cerimónia de assinatura contou com a presença das autoridades de Tumxuk, uma cidade controlada por um grupo agrícola e paramilitar de Xinjiang conhecido como "bingtuan", e pela empresa de construção CITIC, parte de um enorme conglomerado estatal.

O acordo foi divulgado pela agência Reuters, e de imediato a declaração desapareceu do *site* da empresa. Contudo, ainda é possível aceder a uma cópia armazenada em *cache*. Marc Cohen, um porta-voz da empresa, disse que foi um erro divulgar o comunicado *online* e não respondeu a perguntas sobre que tipo de treino seria feito na base.

O grupo iria investir cerca de cinco milhões de euros no centro, que teria a capacidade de treinar oito mil pessoas por ano, de acordo com a rede noticiosa estatal Foshan News, que reportou a cerimónia de assinatura.

A foto da cerimónia de assinatura, agora apagada do *site* da Frontier, mostrava autoridades chinesas mas não o fundador da empresa, Prince, irmão da Secretária da Educação norte-americana Betsy DeVos. Erik Prince, o fundador da *Blackwater* é um ex-SEAL da Marinha, que com a *Blackwater* assumiu contratos de fornecimento serviços militares para para o Departamento de Estado e Pentágono nas guerras do Iraque e do Afeganistão, e que gerou séria polémica pelo comportamento do seu pessoal.

Um ex-segurança da *Blackwater* foi condenado a prisão perpétua e outros três a 30 anos em 2015 por matar 14 civis desarmados numa rotunda de Bagdad em 2007.

O porta-voz da Frontier tentou distanciar Prince do projecto de Xinjiang. "O senhor Prince é um accionista minoritário da FSG e vice-presidente. Não tinha conhecimento nem esteve envolvido neste memorando preliminar sobre a actividade da empresa em Xinjiang", disse Cohen através de *email*. "Qualquer potencial investimento desta natureza

iriar requerer o conhecimento e a contribuição de cada membro da direcção da FSG além de uma deliberação formal", disse o porta-voz.

O Senado dos EUA está a considerar sancionar a China devido ao programa de detenção e doutrinação em massa. As Nações Unidas afirmam que cerca de um milhão de pessoas foram detidas, mas um funcionário do Departamento do Estado dos EUA no mês passado elevou o número para dois milhões.

"Os relatórios indicam que a maioria dos detidos não vão ser acusados de nenhum crime e que as suas famílias têm pouca ou nenhuma informação sobre a sua localização", disse Scott Busby, vice-secretário assistente de direitos humanos, segundo o jornal *The Hill*. O objectivo aparente é forçar os detidos a renunciar ao Islão e a abraçar o Partido Comunista Chinês", disse Busby.

A empresa Frontier, com sede em Hong Kong e listada na Bolsa de Valores de Hong Kong, concentrou os seus negócios na China. Há um escritório em Pequim e outro na cidade de Kashgar, em Xinjiang.

Em 2017, a Frontier abriu a escola International Security Defense em Pequim, que pretendia tornar-se "a maior escola privada de treino em segurança da China". O objectivo anunciado era o de proteger as empresas chinesas em África - tem negócios em Moçambique, por exemplo - e na Ásia, em vez de dar apoio à polícia ou militares da China.

A empresa também está à procura de negócios nos países em que a China ambiciona espalhar a iniciativa *Belt and Road*, que consiste na construção de infra-estruturas e a propagação da influência chinesa no mundo.

A empresa assinou acordos em países como o Cazaquistão e Birmânia, assim como, em toda a África. Em Dezembro, a Frontier recebeu uma licença para explorar um negócio de segurança no Camboja, e vai em breve começar a oferecer "serviços como escolta de dinheiro, segurança aeroportuária e protecção VIP no Camboja", informou a companhia no seu site.

Guaidó quer que a China perceba que Maduro é mau para os negócios

O auto-proclamado Presidente interino da Venezuela quer manter Pequim como parceiro na reconstrução da delapidada economia do país. A Rússia fica em desvantagem se a mudança de regime acontecer.

O jovem político venezuelano que lidera os esforços para afastar Nicolás Maduro pede uma "relação transparente" com a China, um importante investidor no país, e afirma que quaisquer acordos feitos com o regime serão honrados desde que tenham sido realizados de forma legal.

Juan Guaidó, presidente interino da Assembleia Nacional da Venezuela, está na frente de uma nova tentativa para afastar Maduro, que, devido ao controlo que exerce sobre os militares e os tribunais reprimiu manifestantes e opositores, e provocou a quebra da economia da Venezuela. O clima de desespero numa população que luta contra o aumento de preços e os cortes de energia motivaram uma das maiores migrações em massa dos tempos modernos.

"Serei muito claro: todos os acordos que tenham sido assinados de acordo com a lei vão ser respeitados", disse Guaidó numa entrevista por escrito. "Se os acordos assinados passaram pelo processo de aprovação na Assembleia Nacional, serão honrados".

Guaidó tem o apoio de países como os EUA e Brasil, e está a tentar pôr um ponto final no acesso de Maduro aos fundos provenientes sobretudo das exportações de petróleo, ouro e rendimento de negócios controlados pelo Estado. A China é um dos maiores investidores na Venezuela e, apesar de ter sido um aliado de governos socialistas desde Hugo Chávez, Guaidó considerou que também foi vítima da corrupção e da má gestão financeira de Maduro.

"Queremos estabelecer uma relação transparente com a China e acabar com o roubo dos nossos recursos que prevaleceu durante o governo de Maduro, que também afectou os investidores chineses", disse Guaidó. "Os projectos de desenvolvimento da China na Venezuela têm decaído devido à corrupção ou ao incumprimento da dívida".

A postura da China e da Rússia é crucial para Maduro se conseguir manter no poder. Estes países preencheram, durante décadas, o vazio deixado pelo afastamento de Washington. Mas o ressurgimento do interesse dos EUA torna as coisas mais complicadas.

A Rússia tem apoiado inequivocamente Maduro, enquanto a China tem sido mais ambivalente, refugiando-se na sua política de não ingerência em assuntos de outros Estados.

Ao longo da semana passada, perguntaram três vezes ao porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, Geng Shuang, se Pequim ainda via Maduro como Presidente da Venezuela. Geng respondeu que um enviado especial do Presidente Xi Jinping esteve na tomada de posse de Maduro, em Janeiro. Mas na sexta-feira, Geng disse que a China "mantém comunicação com todas as partes" e que os laços "não devem ser prejudicados, independentemente da forma como a situação evoluir".

A China é o segundo maior importador de petróleo do país, mas recebe os barris como forma de pagamento de dívidas. Nos últimos anos, porém, e à medida que a produção diminuiu e o preço do petróleo baixou, a Venezuela não conseguiu enviar petróleo suficiente para cumprir com as suas obrigações.

Pequim investiu mais de 54 mil milhões de euros na Venezuela, principalmente através de empréstimos, desde 2007. No ano passado, importou 3,6% do seu fornecimento de petróleo deste país, abaixo dos 5% de 2017. Em Setembro do ano passado, no auge da crise financeira, Maduro foi a Pequim pedir à "irmã mais velha", a China, uma linha de crédito de quatro mil milhões de euros. Os gigantes da tecnologia chinesa, as empresas Huawei e ZTE, investiram de forma considerável no país.

Nem todos vêem o comportamento de Pequim como benigno. Ricardo Hausmann, um prestigiado economista venezuelano e conselheiro de Guaidó, que dirige o Centro de Desenvolvimento Internacional da Universidade de Harvard, disse que o Banco de Desenvolvimento da China se portava de forma "vergonhosa".

A China já provou que é capaz de fazer negócios em lugares complicados. Provavelmente aprendeu a lição com o Sri Lanka, a Malásia e as Maldivas, onde se aproximou de líderes autoritários e foi apanhada de surpresa por rápidas alterações no poder, mas viu os novos governos aderirem a projectos e empréstimos chineses.

Embora os investimentos chineses tenham, geralmente, objectivos estratégicos, os líderes de Pequim também são pragmáticos, e a sua economia pode acomodar algumas perdas causadas por mudanças nas lideranças.

"A China está a esperar para ver", disse Pang Zhongying, um antigo diplomata chinês que é professor de Relações Internacionais na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau. "Não se pense que as ajudas chinesas são baseadas na semelhança dos sistemas socialistas".

Se houver uma mudança no Governo, a ajuda humanitária deverá aparecer, e instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial provavelmente poderão auxiliar - e os EUA. Mas a economia da Venezuela exigirá fundos para infra-estruturas que não vão gerar retorno durante algum tempo. É aí que a China, com os seus bolsos recheados e o seu investimento de longo prazo, poderá entrar.

"Qualquer governo venezuelano reconhecerá o valor insubstituível da China como grande cliente", disse Mei Xinyu, investigador da Academia Chinesa de Comércio Internacional e Cooperação Económica, afiliado do Ministério do Comércio. "Os empréstimos da China são benéficos para ambos os lados".

A Rússia, pelo contrário, possivelmente não se pode dar ao luxo de manter os seus investimentos em aberto e já conta com pagamentos em atraso do regime actual.

"Há muito trabalho a fazer nesse sentido e queremos continuar a trabalhar de perto com a China", disse Guaidó, referindo-se ao reerguer da Venezuela. Citou sectores como o do petróleo e da mineração, além da pequena indústria e da construção.

"Com a reactivação da produtividade do nosso país, vemos a cooperação com a China como uma oportunidade, ao invés de uma ameaça", acrescentou. "Estamos prontos para iniciar, o mais rapidamente que for possível, uma relação construtiva e um diálogo com a China".

Guaidó não confirmou se tem havido contacto com Pequim, disse apenas que gostaria de se reunir com os líderes de Pequim a curto prazo para "retomar as relações". Uma fonte próxima deste diálogo diplomático em Caracas disse que já existiram alguns contactos com a embaixada chinesa.

Essas conversas centram-se em compromissos para honrar as dívidas à China, além das necessidades de reconstrução da Venezuela, disse a fonte, que pediu para não ser identificada.

A aproximação está a ser feita com cautela, acrescentou a fonte, porque o foco de Guaidó está no seu relacionamento com os EUA, que vê a presença da China na região com desconfiança.

"Se o regime mudar de forma rápida e pacífica, veremos se o novo governo apoiado pelos EUA vai reconhecer os empréstimos feitos pelo governo [de Maduro]", disse Gui Chenxi, analista de petróleo da empresa CITIC Futures. "Para já, Guaidó deu indicações de que os pagamentos serão mantidos. Mas se ele assumir o cargo [de Presidente] os Estados Unidos podem passar a querer tomar as decisões."

Guaidó descreveu os EUA como um aliado comercial e um importante aliado no esforço para afastar Maduro do poder. "As relações bilaterais são estabelecidas com base no respeito mútuo e a nossa relação com os EUA é histórica", disse.

Ainda assim, acrescentou que o facto de a Venezuela ter "relações consolidadas com determinados países não significa que não possa abrir-nos para estabelecer relações com outros" "Vivemos num mundo interligado, onde todas as nações têm o seu próprio potencial", disse Guaidó. "Dentro desse espaço, a China tem um papel importante a desempenhar devido às suas capacidades e flexibilidade como parceiro comercial".